BF
1042
.K57
1961

LIBRARY OF PRINCETON
OCT 27 1993
THEOLOGICAL SEMINARY

BF
1042
.K57
1961

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/oreencarnacionis00boav

VOZES EM DEFESA DA FÉ

ESTUDOS 4

DR. BOAVENTURA KLOPPENBURG

O REENCARNACIONISMO NO BRASIL

ORIENTAÇÃO
PARA OS CATÓLICOS

EDITÔRA VOZES LTDA.
PETRÓPOLIS R.J.

O REENCARNACIONISMO

Espiritismo, Umbanda, Teosofia, Esoterismo, Rosacrucianismo, Ioguismo, Legião da Boa Vontade, Ocultismo e outros movimentos "espiritualistas" do Brasil — todos êles fizeram da teoria da pluralidade das existências, ou reencarnação, o ponto de partida de sua filosofia, o fundamento de suas construções intelectuais, a pedra angular de todo o seu edifício doutrinário e religioso. Como são tantos, neste Brasil católico, os que procuram difundir as idéias reencarnacionistas, e já que pretendem propagá-las também como doutrina de Cristo, era necessário que uma voz se fizesse ouvir, de crítica católica e serena, para submeter a filosofia da reencarnação à luz da lógica, da história, da filosofia, da psicologia e, sobretudo, à luz da mensagem cristã. Foi o que fêz Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M., Professor de Teologia em Petrópolis e conhecido por seus persistentes estudos sôbre o Espiritismo e movimentos afins. Ainda no início dêste ano de 1961 fêz êle um estágio no Laboratório de Parapsicologia, da Universidade de Duke (Durham, N. C.), nos Estados Unidos, onde estudou com o Prof. J. B. Rhine, que é hoje, sem discussão, o mais famoso e o mais competente parapsicólogo do mundo.

Os princípios, as pressuposições e as conseqüências práticas da doutrina reencarnacio-

O REENCARNACIONISMO NO BRASIL

VOZES EM DEFESA DA FÉ

ESTUDOS

1. O Espiritismo no Brasil
2. A Umbanda no Brasil
3. Ação Pastoral perante o Espiritismo
4. O Reencarnacionismo no Brasil
5. A Maçonaria no Brasil

VOZES EM DEFESA DA FÉ

ESTUDO Nº 4

FREI BOAVENTURA KLOPPENBURG, O.F.M.

O REENCARNACIONISMO NO BRASIL

ORIENTAÇÃO PARA OS CATÓLICOS

LIBRARY OF PRINCETON
JUL 30 1993
THEOLOGICAL SEMINARY

EDITÔRA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ
1961

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP, O.F.M. PETRÓPOLIS, 10-1-1961.

I M P R I M A T U R
Petrópolis, aos 18 de maio de 1960
Frei Heliodoro Mueller, O.F.M.,
Ministro Provincial

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Introdução

A palavra **Reencarnação,** composta do prefixo *re* (designativo de repetição) e do verbo *encarnar* (tomar corpo), significa etimològicamente: tornar a tomar corpo. Designa a ação do ser espiritual (espírito ou alma) que já animou um corpo no passado, foi posteriormente dêle libertado e agora torna a informar ou vivificar um corpo novo.

O mesmo têrmo é empregado também para indicar a doutrina filosófica daqueles que pensam que a alma humana (ser espiritual) passa por mais de uma existência corpórea ou terrestre, tendo à frente ainda longa série de sempre novas encarnações, para progredir sem cessar.

Muitas vêzes esta mesma doutrina é designada também pelo têrmo grego *metempsicose* (transmigração das almas) ou ainda, e mais exatamente, pela expressão de Platão: *metensomatose*: mudança de corpo; pois não é o corpo que muda de alma, mas a alma que muda de corpo. *Palingenesia* (nova existência) é outro têrmo grego muito em voga.

Em sentido bastante amplo podemos, pois, considerar como *sinônimas* as seguintes palavras ou expressões: Reencarnação, Metempsicose, Metensomatose, Palingenesia, Pluralidade das existências, Vidas sucessivas, Progresso contínuo, Mudança de corpo e Transmigração da alma.

O Reencarnacionismo no Brasil. — O órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, *Reformador,* no fascículo de setembro de 1953, p. 199, forneceu a seguinte notícia: "Graças à FEB (Federação Espírita Brasileira), ao seu trabalho de propaganda, 99,99% dos espíritas brasileiros aceitam a Doutrina de Kardec, incluída a realidade dos ensinamentos *reencarnacionistas*".

Com efeito, temos conhecimento apenas de um único grupo espírita do Brasil — "Jesus no Himalaia", de Niterói — que não admite a reencarnação.[1] Todos os mais, chamem-se ou não

---

[1]) Por isso mesmo êsse centro é atacado pelos outros espíritas. O Sr. Pedro Granja, no prefácio ao livro *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), referindo-se a êsse grupo não-reencarnacionista de Ni-

espíritas ou espiritualistas, kardecistas ou rusteinistas, ubaldistas ou ecléticos, redentoristas ou umbandistas, quimbandistas ou batuqueiros, teosofistas ou ocultistas; proclamem ou não seguir a Allan Kardec, a J. B. Roustaing, a Pietro Ubaldi, ao "mestre" Yokaanam, ao "Astral Superior", aos dirigentes das várias denominações umbandistas ou aos profetas da Teosofia: todos êles, aqui no Brasil, fizeram da teoria da pluralidade das existências o ponto de partida de sua filosofia, o fundamento de suas construções intelectuais, a pedra angular de todo o seu edifício doutrinário e religioso. A Reencarnação é para êles o "princípio básico da Filosofia Espírita",[2] a "base filosófica da doutrina".[3] Sem ela, "desmorona todo o edifício espírita".[4] Entre êles são freqüentes as declarações categóricas com êste teor: "A importância da Reencarnação é capital. Sem esta doutrina, o Espiritismo perderia tôda a sua base filosófica... Sem a Reencarnação estaríamos diante do mais completo vazio".[5]

a) Quanto aos k a r d e c i s t a s, não há nenhuma necessidade de provar que êles são reencarnacionistas. Ainda teremos inúmeras ocasiões para verificá-lo. Tôda a filosofia de Allan Kardec gira em tôrno desta idéia. Êle mesmo a tem como "uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo",[6] a tal ponto que, mais de uma vez, muito embora deteste profundamente a palavra, declara que a reencarnação é "dogma".[7] Quando morreu, os espíritas gravaram no seu monumento, no cemitério

---

terói, escreve: "Não é crível, portanto, que dirigentes da Doutrina dos Espíritos, conscientemente, permitam a divulgação dessa idéia anti-reencarnacionista, só porque uma insignificante, senão uma ridícula minoria, defende a inovação de um qualquer que se resume numa questão de "fé" (p. 20). Revela ainda o mesmo autor que aquêle centro tentou, várias vêzes, ingressar na Federação Espírita do Estado do Rio, "mas como eram contrários à reencarnação, os dirigentes e demais sócios da Federação se opunham pugnazmente a essa intervenção" (p. 21). — E', aliás, um aspecto bem interessante da sempre alardeada "tolerância" dos espíritas. Fala-se até mesmo dos "*dirigentes* da Doutrina dos Espíritos".

[2]) Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo, *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 68.

[3]) Ibidem, p. 33.

[4]) Ibidem, p. 24.

[5]) Carlos Imbassahy, em *Mundo Espírita,* Curitiba, 21-5-1953, p. 1.

[6]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 29. No correr do presente ensaio citaremos sempre as obras de Allan Kardec segundo as edições feitas pela Federação Espírita Brasileira (Rio de Janeiro).

[7]) Cf. *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 117 e 134; *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 264.

de Père Lachaise, em Paris, as seguintes palavras: *Naître, mourir, renaître encore et progresser toujours: telle est la loi.* E' uma síntese feliz de todo o pensamento kardecista: "Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre: esta é a lei". Também Leão Denis, que foi uma espécie de sucessor de Allan Kardec, viu na reencarnação "o ponto essencial do moderno espiritualismo".[8]

b) Os mestres do incipiente Espiritismo de Umbanda, que ùltimamente vêm fazendo intensa propaganda entre nós, endossaram globalmente a filosofia reencarnacionista de Allan Kardec. Foi esta, por exemplo, a quarta conclusão unânimemente aprovada pelo primeiro congresso do Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em outubro de 1941: "Sua doutrina baseia-se no princípio da reencarnação do Espírito em vidas sucessivas na terra, como etapas necessárias à sua evolução planetária". O *Catecismo de Umbanda* (Rio 1954), que quer expor apenas "o que é aceito pela maioria dos umbandistas" (p. 5), faz na p. 66 a seguinte pergunta: "Há alguma diferença entre Umbanda e Kardecismo?" Resposta: "Doutrinàriamente, não há diferença. A doutrina de Umbanda é a mesma que a de Allan Kardec. A sua base é a evolução, o progresso espiritual, através do sofrimento, no decorrer das reencarnações". O mesmo podemos ler na obra *Doutrina e Ritual de Umbanda* (Rio 1951), que se diz "aprovada e adotada oficialmente pela Confederação Espírita Umbandista": O Umbandista acredita na lei das reencarnações, na lei da evolução das almas" (p. 68). Também o Sr. Paulo Menezes, que se escondeu sob o pseudônimo de "Emanuel Zespo", e que por alguns já é considerado "o codificador de Umbanda", escreve que "o Espiritismo de Umbanda aceita integralmente a revelação kardeciana";[9] e particulariza: "Como os espíritas, o umbandista comunica-se com os desencarnados, aceita a lei das reencarnações".[10]

c) Mais veladamente embora, todavia com suficiente clareza, também Pietro Ubaldi, italiano, atualmente residente no Brasil, muito cortejado em certos ambientes espíritas e kardecistas, autor de numerosos livros que lhe foram ditados por uma misteriosa "voz", defende a reencarnação. Em *A Grande*

---

[8]) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 235.
[9]) Emanuel Zespo, *O que é a Umbanda,* Rio 1949, p. 47.
[10]) Ibidem, p. 51.

Síntese são freqüentes as alusões à pluralidade das nossas existências.[11] Assim, por exemplo, êle conclui na p. 286 um seu pensamento: "A lógica do Universo, a voz de todos os fenômenos, concordemente, vos conduzem a esta conclusão. Se, como está demonstrado, não obstante a mudança da forma, a substância é indestrutível, se é evidente a existência de um princípio psíquico, êsse princípio tem que ser imortal, e imortalidade não pode ser senão eternidade, equilíbrio entre passado e futuro, isto é reencarnação. Se tudo o que existe é eterno, vós, que existis, sois eternos. Coisa nenhuma pode jamais anular-se. Não há lei ou autoridade humana que possa destruir a lógica e a evidência dos fenômenos. Sobrevivência do espírito é sinônimo de reencarnação (sic!)".

d) O mesmo se poderia dizer e comprovar do "Espiritismo Racional e Científico (Cristão)", organizado pelo "Astral Superior", que dirige o Centro Espírita Redentor do Rio de Janeiro e seus filiados espalhados pelo Brasil. Também a Religião do Novo Mandamento, ou a Legião da Boa Vontade, do Sr. Alziro Zarur, faz questão cerrada de propagar o reencarnacionismo no Brasil. A Fraternidade Eclética Espiritualista Universal do Sr. Oceano de Sá ("Mestre Yokaanam.·."); a Ordem Mística Espiritualista Agla-Avid, da "Madre Yarandansam"; a Ordem dos Iluminados; a Ação Cristã Evolucionista e outras organizações semelhantes, mais ou menos ocultas e ocultistas pregam e difundem a filosofia da pluralidade das existências.

e) Nem podemos deixar de mencionar o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, fundado em 1909 pelo Sr. Antônio Olívio Rodrigues. Possui, espalhados pelo Brasil, mais de 1.400 centros ou "tattwas", com cêrca de 300.000 sócios, que juraram defender e propagar a doutrina da reencarnação como única filosofia capaz de resolver os problemas da humanidade. Veja-se sôbre êste Círculo nosso Caderno Nº 9 da coleção "Vozes em Defesa da Fé".

f) Reencarnacionista é também a Teosofia. Helena Petrovna Blavatsky, depois de 1863, encontra-se em Paris com Allan Kardec, de quem aprendeu a filosofia da pluralidade das existências. A Sociedade Teosófica, por ela fundada em 1875,

---

[11]) Pietro Ubaldi, *A Grande Síntese*, edição da LAKE, São Paulo (sem data), pp. 53, 91, 224, 244, 248, 285 s, 289, etc.

adotou a reencarnação como pedra fundamental. As lojas da Sociedade Teosófica no Brasil, como também as "ramas" da Sociedade Teosófica Brasileira (cismática) têm no seu programa a difusão desta filosofia.

g) E não nos esqueçamos também das várias organizações rosacrucianas que trabalham no Brasil: Tôdas elas são reencarnacionistas. Aí temos a AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis), a Fraternidade Rosacruz de Max Heindel, a FRC (Fraternitas Rosae Crucis) de Clymer, a FRA (Fraternitas Rosacruciana Antiqua) de Krumm-Heller ou a "Igreja Gnóstica" e a Ordem Kabbalística da Rosa-Cruz ("Igreja Expectante") do Sr. Léo Álvarez Costet de Mascheville ("Sevananda")... Também o Yoguismo quer espalhar as mesmas idéias.

Não são, pois, poucos os que, neste Brasil católico, procuram difundir as idéias reencarnacionistas. E' necessário que, nesta babel de intensa propaganda, uma voz se faça ouvir, católica e serena, para submeter a filosofia da reencarnação à luz da lógica, da história, da ciência e, sobretudo, da mensagem cristã.

Publicamos êste estudo, pela primeira vez, em 1955. Depois saíram mais duas edições, sempre sob o título: "A Reencarnação. Exposição e Crítica" e na coleção "Contra a Heresia Espírita". Por motivos técnicos tivemos que tirar a obra da mencionada série e integrá-la nesta nova coleção, adaptando-lhe também o título. Sem indicação de data, saiu em Curitiba uma tentativa de refutação (diz o autor que é "tréplica") sob o título "Como os Teólogos Refutam...", da autoria do Sr. Mário Cavalcanti de Mello. Inicialmente não tomamos conhecimento. Como, entretanto, os espíritas cantam vitórias dizendo que a refutação é irrespondível e não foi, de fato, respondida, resolvemos dar-lhe uma "tetráplica". Além de numerosas notas espalhadas pelos capítulos, redigimos também dois capítulos novos, para responder ao treplicista de Niterói. O tom da tréplica determinou um pouco o tom da tetráplica. Perdoe-nos o Sr. Mário Cavalcanti de Mello o eco de suas palavras. Com péssima formação filosófica e nenhum preparo teológico, é êle, todavia, um amigo sincero e agradável conversador. A confiante leitura das obras de Voltaire fechou-lhe os olhos para o progresso posterior. Nasceu neste século, mas ainda não viu a luz do século vinte...

I

Exposição da Doutrina da Reencarnação

Mostraremos mais adiante que não existe unanimidade entre os fautores da teoria da pluralidade das existências. A filosofia reencarnacionista se divide em várias escolas, havendo entre elas divergências bastante notáveis e numerosas. A exposição minuciosa de tôdas aquelas divergências entre os reencarnacionistas, além de nos levar para um complicado labirinto, seria desnecessária para a finalidade prática desta brochura. Basta-nos conhecer as linhas gerais da escola reencarnacionista mais propagada nos meios católicos do Brasil: a do Espiritismo kardecista. Pois, como vimos, "99,99% dos espíritas brasileiros aceitam a Doutrina de Kardec, incluída a realidade dos ensinamentos reencarnacionistas". O mesmo vale do Espiritismo de Umbanda que, segundo as declarações de seus mais destacados chefes e de suas obras oficiais, endossa plenamente a filosofia reencarnacionista de Kardec. Também a fundadora da Teosofia foi buscar suas idéias reencarnacionistas no círculo de Allan Kardec em Paris. E' a razão por que nos parece suficiente expor as principais idéias conexas com a reencarnação assim como foi concebida por Kardec e sua escola. Como todos os reencarnacionistas concordam no essencial, a crítica que faremos valerá substancialmente para todos êles.

A autoridade e competência doutrinária de Allan Kardec é reconhecida nos meios espíritas do Brasil. Nossos espíritas são incansáveis na exaltação dos méritos e das capacidades do "mestre". Eis uma das incontáveis vozes: "Para os espíritas, depois de Jesus Cristo, Allan Kardec é considerado o maior missionário que o Alto enviou ao mundo terreno, para dar cumprimento às sábias e imutáveis leis de Deus".[1] Outros sobem ainda muito mais nesta glorificação. Rangel Veloso,[2] por exemplo, proclama que Kardec é o Divino Mestre (pp. 12 e 15), o

---

[1]) *Revista Internacional do Espiritismo,* Matão, SP., out. de 1952, p. 173.

[2]) Kardec Rangel Veloso, *Pseudo-sábios* e *Falsos Profetas,* 1947.

Revelador por excelência (p. 18), Personagem reconhecidamente Divina (p. 19), o Único Mestre no Espiritismo (p. 91)...

Aliás, o próprio Allan Kardec narra que foi consultar a quiromante Cardone, tendo perpetuado nas pp. 258-261 de suas *Obras Póstumas* (10ª ed.) o que a vidente de Paris lhe revelou sôbre sua personalidade e missão: é êle o "chefe da Doutrina, reconhecido pelos espíritas do mundo inteiro", o "proclamado Fundador", digno dos títulos de "sumo sacerdote, de pontífice, mesmo de papa", pelo que é coroado "com a tiara espiritual"...

E', pois, a esta incontestada autoridade que haveremos de recorrer principalmente para expor as linhas gerais da filosofia das vidas sucessivas e do progresso contínuo do espírito.

O famoso epitáfio. — Já citamos o epitáfio do túmulo de Kardec e que sintetiza perfeitamente tôda a filosofia reencarnacionista do mestre espírita: "Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre: esta é a lei". A vida que ora levamos sôbre êste planêta não seria, segundo esta concepção, nossa primeira existência corpórea: já temos vivido inúmeras vêzes e outras muitas ainda teremos que sujeitar-nos, queiramos ou não, a idênticas condições. "A reencarnação — define Kardec — é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo".[3] Perguntando aos "espíritos superiores"[4] se as nossas diversas existências corporais se verificam tôdas na terra, o codificador do Espiritismo diz ter recebido como resposta o seguinte: "Não; vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição".[5]

---

[3]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 67.

[4]) A. Kardec apresenta *O Livro dos Espíritos* em perguntas e respostas: as perguntas são dêle e as respostas seriam dos espíritos superiores. Garante êle que esta obra básica da Doutrina Espírita "nada contém que não seja a expressão do pensamento dêles e que não tenha sido por êles examinado"; os espíritos lhe prometeram de rever tudo quanto Kardec escrevesse, "a fim de lhe verificarmos tôdas as minúcias" (cf. obra citada, 21ª ed., p. 47). — Veja-se sôbre isso o capítulo XI do nosso estudo *O Espiritismo no Brasil* (Editôra Vozes).

[5]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 118, n. 172. A mesma afirmação de que nós ainda deveremos encarnar muitas vêzes, também em outros mundos, é feita muitíssimas vêzes por A. Kardec e seus sequazes.

"Vivemo-las em diferentes mundos". — Para que os leitores não espíritas entendam bem essas referências a *outros* mundos, precisam saber que, entre os espíritas, é princípio assente e sustentado por todos os espíritos do além [6] que as estrêlas são habitadas: "Transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço além do arquipélago da nossa nebulosa, veremos em tôrno de nós milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas, contendo cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados".[7] De acôrdo com a lei geral do progresso, também os mundos progridem: [8] "O progresso material de um planêta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos espíritos e progredindo êstes mais ou menos ràpidamente, conforme o uso que façam do livre arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Dêste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que noutros orbes, havendo-os também mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria, relativamente, um mundo ditoso".[9]

A nós, habitantes dêste planêta, interessa êste último ponto: é um dos menos adiantados! Povoado de espíritos relativamente inferiores! Kardec insiste várias vêzes neste fato: Diz êle que na série progressiva dos mundos, o nosso "é um dos

---

[6]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 144, n. 105, pergunta se os vários mundos que circulam no espaço, terão habitantes como a Terra; e responde: "Todos os Espíritos o afirmam e a razão diz que assim deve ser". A mesma garantia nos dá A. Kardec em *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 66, n. 55, dizendo que todos os globos que se movem no espaço são habitados. — A nós, católicos, do ponto de vista religioso, pouco interessa se as estrêlas são ou não habitadas. E' uma questão que podemos deixar tranqüilamente aos cientistas. Pessoalmente pensamos que é bastante razoável supor que haja também outros mundos habitados. Mas não é com argumentos da razão que se vai resolver a questão. E' a experiência, a verificação, que deve dizer a última palavra.

[7]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. 1949, pp. 124 s., nota.

[8]) A. Kardec. *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., pp. 64-65; id. *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 67 e p. 122, n. 185.

[9]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. 1949, p. 206; cf. também *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 145.

mais materializados e atrasados".[10] Outra vez ensina que "o nosso mundo pode ser considerado, ao mesmo tempo, como escola de Espíritos pouco adiantados e cárcere de Espíritos criminosos".[11] Assim sendo, ou somos espíritos atrasados, ou criminosos...

Havendo, pois, "centenas de milhões de mundos habitados"; sendo mui diversos os mundos em perfeição; sendo o planêta Terra dos de habitantes menos adiantados, física e moralmente; devendo nós ainda progredir sempre, "porquanto o progresso é quase infinito"; [12] olhando para os milhões de mundos mais perfeitos do que êste, pelos quais teremos forçosamente que passar, sempre progredindo e ininterruptamente nos aperfeiçoando, sem haver possibilidade de estacionar definitivamente,[13] podemos imaginar o longo caminho que ainda nos resta a percorrer... "Nascer, morrer, renascer é o trabalho contínuo a que está sujeito o espírito, passando por tôdas essas transições, desde o minério até o homem e, daí por diante, desde o tipo boçal ao gênio. Não importa saber quantos milhares de anos foram precisos para tomar as feições humanas, o tempo que demorou na raça indígena e na preta, até chegar à branca, e nem as várias nacionalidades que adotou na sua trajetória... E o espírito passará a outro planêta mais adiantado. Daí, em escala sempre ascendente, de planêta em planêta..." [14]

"... **desde o minério até o homem...**" — Desta última citação queremos ressaltar uma expressão que já inclui um novo elemento e que tem certa importância na filosofia reencarnacionista: "... o espírito, passando por tôdas essas transições, *desde o minério até o homem...*" Reforcemos êste pensamento com uma expressão mais autorizada de Leão Denis, o "filósofo inconfundível do Espiritismo", também êle incontestada autoridade em nossos meios espíritas. A importância do assunto justifica a transcrição dêste passo mais longo: "Sabemos que, em nosso globo, a vida aparece primeiramente sob

---

[10]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 145; cf. *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 123, nota 1.

[11]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 153.

[12]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 117, n. 169.

[13]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 119, n. 175 e p. 351 n. 781.

[14]) Alexandre Dias, *Contribuições para o Espiritismo,* 2ª ed., Rio 1950, pp. 19 ss.

os mais simples, os mais elementares aspectos, para elevar-se, por uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até ao tipo humano, coroamento da criação terrestre. Pouco a pouco desenvolvem-se e depuram-se os organismos, aumenta-se a sensibilidade. Lentamente a vida se liberta dos liames da matéria; o instinto cego dá lugar à inteligência e à razão(...) A alma se elabora no seio dos organismos rudimentares. No animal está apenas em estado embrionário; no homem adquire o conhecimento, e não mais pode retrogradar (...) No dia em que a alma, libertando-se das formas animais e chegando ao estado humano, conquistar a sua autonomia, a sua responsabilidade moral, e compreender o dever, nem por isso atinge o seu fim ou termina a sua evolução. Longe de acabar, agora é que começa a sua obra real... Eterna viajora, a alma deve subir assim, de esfera em esfera... Através da sucessão dos tempos, na superfície de milhares de mundos, as nossas existências se desenrolam, passam, se renovam..." [15]

E' o evolucionismo em sua formulação mais extrema. — Êle faz parte integrante da concepção reencarnacionista do Universo. Mais prudente em suas formulações e no modo de as apresentar, Allan Kardec endossou, contudo, os princípios gerais do mais extremo evolucionismo. Não nos deteremos agora na exposição de suas idéias sôbre a gênese de universo,[16] ou sôbre a "gênese positiva", que êle irá opor à "gênese imaginária" da Bíblia.[17] Ao estudo da filosofia da reencarnação interessa mais diretamente acompanhar o desenvolvimento do espírito: Como e quando iniciou o espírito a sua longa trajetória através de sempre novas vidas?

Sempre que fala expressamente sôbre o problema da *origem* da alma, Allan Kardec refugia-se no mistério.[18] Muito embora seu racionalismo o faça repetir mais de uma vez que "para o Espiritismo absolutamente não há mistérios",[19] podemos ler

---

[15]) Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., pp. 139-143.

[16]) Kardec desenvolveu suas idéias a êste respeito principalmente em *A Gênese*. Dedicamos a êste aspecto da doutrina kardecista um artigo especial no capítulo XII de *O Espiritismo no Brasil* (Editôra Vozes).

[17]) Cf. *A Gênese*, ed. 1949, p. 82.

[18]) Cf. *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 78, n. 78 e 80; p. 294; *A Gênese*, ed. 1949, p. 110; *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 32.

[19]) A. Kardec, *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 201; cf. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 295, etc.

em suas obras também frases assim: "Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são *mistérios* que fôra inútil querer devassar".[20] Isso foi escrito em 1857. Onze anos depois Kardec publica sua *Gênese,* com abundantes mensagens do "espírito" de Galileu Galilei. Aí já encontramos um progresso notável no pensamento do mestre reencarnacionista. O "espírito" de Galilei dá a seguinte instrução sôbre a origem da alma: "O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultâneamente com o livre arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos sêres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a sua individualização".[21] Mais adiante o mesmo Kardec, falando então por conta própria, apóia a opinião dos que pensam que o princípio inteligente "se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus de animalidade... Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal".[22] Pensa Kardec que êste modo de explicar a origem da alma "corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador". E por quê? Porque "dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de sêres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos".

Aliás, nem compreendemos as prudentes reservas de Allan Kardec em *A Gênese,* uma vez que já onze anos antes, em *O Livro dos Espíritos,* não obstante os já lembrados apelos ao mistério, a questão se encontrava resolvida com meridiana clareza e com plena aprovação dos "espíritos superiores". Pois aí, depois de afirmar que os animais tiram o seu princípio inteligente "do elemento inteligente universal", Kardec pergunta: "Então emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais?", ao que recebe a resposta: "Sem dúvida alguma, porém no homem passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal". E logo, à questão "onde passa o Espírito essa primeira fase de seu desenvolvimento",

---

[20]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 294.

[21]) *A Gênese,* ed. de 1949, p. 111.

[22]) *A Gênese,* ed. de 1949, p. 204. Observe o leitor a última afirmação desta frase: "como há filiação (do animal para o homem) corporal". Pois na p. 200 Kardec já deixara sentado que o corpo humano vem provàvelmente do macaco.

vem a explicação: "Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade". O que equivale a dizer que a alma humana passou "pelos diversos graus da animalidade", porquanto logo continuam os "espíritos" o seu ensino darwiniano: "Nesses sêres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida. E', de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização",[23] período que "começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra".[24]

O espírita patrício Leopoldo Machado compendiou, pois, muito bem a doutrina de Allan Kardec, quando escreveu: "A vida orgânica e anímica vem, não tenhamos dúvida, de muito baixo e de muito longe, dos sêres inorgânicos, até chegar ao homem, ao espírito, ao anjo... A espécie humana provém material e *espiritualmente* da pedra bruta, das plantas, dos peixes, dos quadrúpedes, do mono. E, de homem, ascenderá a espírito, a anjo, indo povoar mundos superiores, ou voltando à terra já transformado em mundo angelical".[25]

Reencarnação e Metempsicose. — Allan Kardec insiste mais de uma vez na necessidade de distinguir entre a doutrina espírita da reencarnação e a metempsicose de certos filósofos antigos. Escreve, por exemplo: "A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, em não admitir aquêle a encarnação da alma humana nos corpos dos animais, mesmo como castigo. Os Espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre".[26] Em *O Livro dos Espíritos,* n. 612, pergunta: "Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?" Resposta: "Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente". Fique, pois, bem claro que o Espiritismo kardecista não concede a possibilidade de uma nova reencarnação em corpo animal. Ridicularizar a idéia espírita das vidas sucessivas com perspectivas de tornar a viver num corpo de burro, ou histórias semelhantes, é desconhecer

---

[23]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 290, n. 607 a.
[24]) Ibidem, p. 200, n. 607 a.
[25]) Na *Revista Internacional do Espiritismo,* Matão, SP, 1941, p. 193.
[26]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 97.

a verdadeira doutrina kardecista. As reencarnações são progressivas, dizem êles, jamais regressivas. Pode acontecer que, por sua má vida, o espírito embarace o progresso e fique assim estacionário.[27] Mas não progredir já merece castigo. E o castigo consistirá em reencarnar-se mais uma vez na mesma condição de vida da encarnação anterior.[28]

Impelido pela lei do progresso, o espírito não pode estacionar definitivamente em sua marcha à perfeição: "Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. E' uma fôrça viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más".[29] Temporàriamente, porém, pode-se impedir o progresso: "Os Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam. Em caso de estacionamento, a punição dêles consiste em não avançarem, em recomeçarem, em meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas".[30] E assim acontece que um espírito "pode viver muitas vêzes no mesmo globo se não se adiantou bastante para passar a um mundo superior".[31] Pode até reencarnar num mundo mais atrasado do que êste, e isso por dois motivos: ou em castigo, ou em missão especial.[32] Regra geral, porém, é que "o homem tem que progredir incessantemente".[33] E êste progresso "é quase infinito".[34] E, mais cedo ou mais tarde, de acôrdo com o esfôrço do espírito, a perfeição final há de ser alcançada por todos os espíritos. Muito insistem neste ponto nossos reencarnacionistas. Não só excluem a idéia dum possível regresso a um estado mais imperfeito; não apenas rejeitam a possibilidade de um definitivo estacionamento no

---

[27]) Ibidem, p. 351, n. 781.
[28]) Ib., n. 872.
[29]) Ib., p. 351, n. 781.
[30]) Ib., p. 120, n. 178.
[31]) Ib., p. 118, n. 173.
[32]) Em *castigo*: "Se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não valha mais do que a Terra e que talvez seja pior do que ela" (*O Livro dos Espíritos*, p. 119, n. 174); *em missão*: Pergunta: "Podem os Espíritos encarnar em um mundo relativamente inferior a outro onde já viveram?" Resposta: "Sim, quando em missão, com o objetivo de auxiliarem o progresso, caso em que aceitam alegres as tribulações de tal existência, por lhe proporcionar meio de se adiantarem" (ib., p. 120, n. 178).
[33]) Ib., p. 350, n. 778.
[34]) Ib., p. 117, n. 169.

meio da marcha à perfeição: todos excluem também vigorosamente qualquer idéia de um estado de condenação definitiva e sem fim, e que Jesus Cristo, nosso Senhor, denominou *inferno.*

O inferno não existe. — Muitas e muitas páginas gastaram os defensores das vidas sucessivas e do progresso contínuo em afirmar e reafirmar ser inadmissível a idéia dum lugar e estado de condenação sem fim chamado inferno. Allan Kardec, Leão Denis e nossos espíritas kardecistas, rusteinistas, redentoristas, ubaldistas e umbandistas, todos êles, a propósito e fora de propósito, se derramam em protestos para dizer que isso é impossível e inconciliável não apenas com a idéia da justiça e da bondade de Deus, mas sobretudo com o princípio básico do reencarnacionismo: a lei do progresso. Perderíamos tempo e papel, quiséssemos citar tudo e a todos. Allan Kardec fala sôbre isso em todos os seus livros e particularmente na obra que dedicou em grande parte a êste assunto: *O Céu e o Inferno.* Dêste livro transcrevemos algumas passagens apenas, a fim de que apareça claro seu verdadeiro pensamento.

Em primeiro lugar devemos assinalar que os reencarnacionistas não negam o castigo depois da morte. Já o vimos. "O Espiritismo, diz A. Kardec, não nega, antes confirma a penalidade futura. O que êle destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis".[35] "Seja qual fôr a duração do castigo, na vida espiritual ou na Terra, onde quer que se verifique, tem sempre um têrmo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: punição temporária e proporcional à culpa e recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, da eterna condenação. O inferno reduz-se à figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo têrmo é desconhecido",[36] mas virá. Pois "a felicidade da criatura deve ser o fito do Criador, ou Êle não seria bom. Ela atinge a felicidade pelo próprio mérito, que, adquirido, não mais se perde. O contrário seria uma degeneração".[37] "Por êste dogma (do inferno) a sorte das almas, irrevogàvelmente fixada depois da morte, é, como tal, um travão definitivo aplicado ao progresso. Ora, a alma progride ou

---

[35]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 63.
[36]) Ibidem, p. 64.
[37]) Ibidem, p. 75.

não? Eis a questão. Se progride, a eternidade das penas é impossível".[38] "O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Êsses dois princípios destróem-se, e a condição indeclinável da existência de um é o aniquilamento do outro. Qual dos dois existe de fato? A lei do progresso é evidente: não é uma teoria, é um fato corroborado pela experiência: é uma lei da Natureza, divina, imprescritível. E, pois, se esta lei existe inconciliável com a outra, é porque a outra não existe".[39]

Leão Denis é o porta-voz dos reencarnacionistas, quando grita: "Já não acreditamos num Deus colérico e vingativo, mas em um Deus de justiça e de infinita misericórdia. O Jeová sanguinário e terrível fêz sua época. O inferno implacável fechou-se para sempre".[40] Daí seu conselho: "Não deis, pois, crédito algum às sombrias doutrinas que vos falam de leis ferrenhas ou, então, de condenação, de inferno e paraíso, afastando uns dos outros e para sempre aquêles que se amaram".[41]

Se, não obstante, se fala em inferno, esclarecem os partidários do progresso contínuo, isso deve ser entendido da série de reencarnações dolorosas, pelas quais o espírito imperfeito ainda deve passar e pela qual por vêzes passa também um espírito já relativamente adiantado, mas que cometeu algum horroroso crime. A longa duração de semelhantes encarnações dolorosas pode dar aos espíritos a impressão de serem "sem fim": daí a idéia do eterno.[42]

A perfeição final. — Pergunta A. Kardec aos "espíritos superiores": "O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?" Resposta: "Espírito bem-aventurado; puro Espírito".[43] Para entendermos bem em que consiste êste estado do puro espírito, é necessário recordar alguns princípios gerais da antropologia kardecista. Segundo a Doutrina Espírita o homem

---

[38]) Ibidem, p. 77.
[39]) Ibidem, p. 78.
[40]) Leão Denis, *No Invisível*, 5ª ed., p. 400.
[41]) Leão Denis, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, 6ª ed., p. 436.
[42]) Cf. A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 63; Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., p. 94.
[43]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 117, n. 170.

é composto de três elementos: Alma, corpo e perispírito.[44] O corpo é essencialmente temporário ou transitório e em cada nova encarnação o espírito "reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar".[45] Êste corpo é novo, "especialmente formado e que nada tem de comum com o antigo".[46] Sua finalidade temporária é ajudar a alma na purificação: "O corpo é o alambique em que a alma tem que entrar para se purificar";[47] "o Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas".[48] A grande novidade na antropologia reencarnacionista é o *perispírito*: "E' um invólucro fluídico, leve, imponderável, servindo de laço e de intermediário entre o espírito e o corpo".[49] Na hora da morte, quando a alma se desprende do corpo, ela não abandona o perispírito; pois, ensina A. Kardec, sem o perispírito, o espírito não seria um ser concreto, determinado, real, mas seria um ser abstrato, indefinido, só possível de ser percebido pelo pensamento, seria, em suma, um ser mental, lógico apenas.[50] "Não se pode — declara êle — conceber o espírito isolado da matéria".[51] Mas "a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados".[52] Quanto mais o espírito se aperfeiçoa, menos grosseiro será o corpo e mais etéreo o perispírito. Por fim o espírito alcança um estado em que já não precisa de corpo e em que o perispírito se torna tão etéreo "como se não existisse: êsse o estado dos Espíritos puros".[53] E' a perfeição final.

---

[44]) Cf. A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 108; *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 100 s; *O Livro dos Médiuns,* 20ª ed., p. 61.

[45]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 198.

[46]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 67

[47]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 128, n. 196, nota de Kardec.

[48]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 64.

[49]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 108; cf. também *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 101, n. 135; sôbre êste perispírito veja-se nosso estudo em *O Espiritismo no Brasil,* cap. XII, artigo 7, inciso b.

[50]) Cf. A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 22; *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., pp. 107, 108, 109, 112.

[51]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 109. Sôbre isso veja-se o cap. XII, artigo 7, inciso c de *O Espiritismo no Brasil* (Editôra Vozes).

[52]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 264.

[53]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 123, n. 186.

Finalidade dos espíritos perfeitos. — Êstes espíritos puros e perfeitos "habitam certos mundos, mas não lhes ficam presos, como os homens à Terra; podem melhor do que os outros estar em tôda a parte".[54] Parece que o habitat normal dêstes espíritos perfeitos é mesmo no sol. Pois A. Kardec nos garante que, segundo os Espíritos, "o *Sol* não seria mundo habitado por sêres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam pensamentos para os outros mundos, que êles dirigem por intermédio dos Espíritos menos elevados, transmitindo-os a êstes por meio do fluido universal... Todos os sóis como que estariam em situação análoga".[55] A ocupação dêstes espíritos perfeitos está, pois, em "dirigir outros mundos". Todos os espíritos "concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus".[56] Todos estão incessantemente ocupados, mas esta constante atividade "lhes constitui um gôzo, pela consciência que têm de ser úteis".[57] Acontece também que certos espíritos perfeitos e puros recebem de Deus uma missão especial em algum mundo particularmente atrasado,[58] "com o objetivo de auxiliar o progresso" dos espíritos inferiores.[59] "A tôdas as raças humanas, em tôdas as épocas da História, enviou Deus missionários, Espíritos superiores, chegados, por seus próprios merecimentos, ao mais alto grau da hierarquia espiritual. Podem acompanhar-se, através dos tempos, os sulcos dos seus passos. Suas frontes dominam, sobranceiras, a multidão dos humanos que êles têm o encargo de dirigir para as altitudes intelectuais".[60] Assim, segundo o pensamento reencarnacionista, *Jesus Cristo,* por exemplo, foi um dêsses espíritos superiores e puros, enviado a esta terra com missão especial: "Jesus é um dêsses divinos missionários e é de todos o maior".[61]

---

[54]) A. Kardec, Ibidem, p. 123, n. 188.

[55]) Ibidem, p. 123, nota 1. Nesta mesma curiosa nota ainda se lê o seguinte: Muitos Espíritos, que na terra animaram personalidades conhecidas, disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição"...

[56]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 272, n. 558; p. 273, n. 562.

[57]) Ibidem, p. 273, n. 563.

[58]) Ibidem, p. 99, n. 132.

[59]) Ibidem, p. 120.

[60]) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 81.

[61]) Leão Denis, ibidem, p. 81; cf. idem, *Depois da Morte,* 6ª ed., p. 66.

E' assim que os espíritas entendem a natureza de Cristo que, segundo êles, não é Deus.[62] Jesus veio com a missão de proteger de modo especial os habitantes da Terra.[63] Êle é o "governador espiritual dêste planêta".[64]

Com relação ao estado do espírito perfeito, devemos assinalar ainda particularmente o seguinte:

O espírito perfeito não tem corpo. — Segundo os reencarnacionistas não há união substancial, mas, como vimos, apenas transitória e por isso acidental, entre corpo e alma. "O Espiritismo ensina-nos que a alma é independente do corpo, não passando êste de temporário invólucro: a espiritualidade é-lhe a essência, e a sua vida normal é a vida espiritual. O corpo é apenas instrumento da alma para exercício das suas faculdades nas relações com o mundo material; separada dêste corpo, goza dessas faculdades mais livre e altamente. A união entre alma e corpo, sem ser necessária aos primeiros progressos, só se opera no período que podemos classificar como da sua infância e adolescência; atingido, porém, que seja, um certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união é prescindível, o progresso faz-se na sua vida de Espírito".[65] Portanto o estado de separação do corpo "é o estado normal e definitivo" da alma.[66] "Não", escreve A. Kardec, referindo-se à união entre alma e corpo, "essa união mais não é na realidade do que um incidente, um estádio da alma, nunca o seu estado essencial".[67] E' esta a razão por que os reencarnacionistas rejeitam unânimemente a idéia de uma possível futura ressurreição do corpo ou a ressurreição final de todos os homens, com o mesmo corpo em que vivem agora.[68]

O espírito alcança a perfeição pelo mérito próprio. — E' outro ponto em que muito insistem os reencarnacionistas e que deve ser assinalado, para que se tenha uma noção nítida da fi-

---

[62]) A. Kardec, *Obras Póstumas*, 10ª ed., pp. 110-141, tôdas estas páginas foram escritas para "provar" que Cristo não é Deus. Confira-se sôbre isso também nosso capítulo XIV de *O Espiritismo no Brasil*.

[63]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 32; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 52.

[64]) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., p. 82.

[65]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 108.

[66]) Ibidem, p. 30.

[67]) Ibidem, p. 105.

[68]) Cf. A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 458; Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., pp. 100 s.

losofia das vidas sucessivas. A própria finalidade primária e objetiva das repetidas existências corpóreas exige esta conclusão. Pois, pergunta o codificador da doutrina reencarnacionista aos seus espíritos superiores, "qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?" E a resposta vem clara: "Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer tôdas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação".[69] E mais outra vez interroga o mestre aos seus mestres do além: "Qual é o fim objetivado com a reencarnação?" E outra vez respondem: "Expiação, melhoramento progressivo da humanidade".[70] Cada nova vida deve significar "um passo para diante na senda do progresso".[71] Também Leão Denis repisa neste ponto: "A reencarnação, afirmada pelas vozes de além-túmulo, é a única forma racional por que se pode admitir a reparação das faltas cometidas e a evolução gradual dos sêres".[72] Pois, ensina Allan Kardec, "tôda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não fôr em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes".[73] Reconhecem os reencarnacionistas a necessidade do arrependimento; mas esta atrição não basta ao pecador para obter o perdão divino. Segundo êles, a contrição é apenas o início da expiação e tem como conseqüência o desejo de "uma nova encarnação para se purificar".[74] "O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a expiação e a reparação";[75] mas expiação ou reparação, como se viu, *feitas pelo próprio espírito*: "Cada qual deve resgatar-se a si mesmo; resgatar-se da ignorância e do mal. Nada de exterior a nós poderia fazê-lo", insiste Leão Denis;[76] e êle acrescenta expressamente: "O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém". Sintetizando seus pensamentos a êste respeito, escreve Kardec: "Arrependimento, expiação e reparação, constituem, portanto, as três con-

---

[69]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 99, n. 132.
[70]) Ibidem, pp. 116 s, n. 167.
[71]) Ibidem, p. 117, n. 168.
[72]) Leão Denis, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, 6ª ed., pp. 180 s.
[73]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 88.
[74]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 446, n. 991.
[75]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 90, n. 16.
[76]) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., p. 88.

dições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça, não uma anulação",[77] e a graça é coisa que, para os reencarnacionistas, não existe, porque, como qualquer outro privilégio ou preferência, ela "seria uma injustiça",[78] visto que, segundo êles, não pode haver "nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é medido na balança rigorosa da justiça".[79] Deve-se por isso dizer que "todos são filhos de suas próprias obras".[80] Quando o homem "torna melhor o caminho, é por sua vontade (e não pela graça) e porque reconheceu os inconvenientes dos outros".[81] "Quis Deus que o homem ficasse sujeito à lei do progresso e que o progresso resulte do seu trabalho";[82] o Criador "quis que a perfeição resulte da depuração gradual do Espírito e seja obra sua".[83] A criatura, pois, "atinge a felicidade pelo próprio mérito".[84] "As almas não atingem o grau supremo senão pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação".[85]

Se persistimos com repetidas citações nesta tecla, é porque estamos diante dum ponto de doutrina muito importante e prenhe de conseqüências para tôda a filosofia reencarnacionista e também porque, como se pode fàcilmente verificar, os próprios fautores das vidas sucessivas repisam neste assunto. Allan Kardec pensa mesmo que a doutrina da inevitabilidade da expiação própria é inexistente nas outras religiões e foi pela primeira vez apresentada pelo Espiritismo: "A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça que se pode considerar verdadeira lei de reabilitação dos Espíritos. Entretanto, essa doutrina, religião alguma ainda a proclamou".[86]

---

[77]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 90, n. 16.
[78]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 76.
[79]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 32.
[80]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 28.
[81]) Ibidem, p. 28.
[82]) Ibidem, p. 70.
[83]) Ibidem, p. 70, nota.
[84]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 75.
[85]) A. Kardec, *O Livro dos Médiuns,* 20ª ed., p. 15.
[86]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 91, nota 1.

Imediatamente depois da morte a alma "volve" ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentâneamente",[87] conservando, porém, sua individualidade.[88] Mas a separação entre alma e corpo não se realiza instantâneamente[89] : "Os laços que prendem a alma ao corpo não se rompem senão aos poucos, e tanto menos ràpidamente quanto mais a vida foi material e sensual",[90] podendo a separação durar "algumas vêzes dias, semanas e até meses", coisa que se verifica particularmente com alguns suicidas".[91] Desprendida do corpo, a alma não adquire logo a consciência de si mesma, mas "passa algum tempo em estado de perturbação"[92]: "No momento da morte tudo se apresenta confuso; é-lhe preciso algum tempo para se reconhecer; ela conserva-se tonta, no estado do homem que sai de profundo sono e que procura compreender sua situação".[93] Mas êste tempo é muito variável: "Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos".[94] Depois de deixar o corpo a alma "vai perder-se na imensidade do infinito... erra no espaço".[95] E' o que os reencarnacionistas denominam estado de *erraticidade*. No intervalo das encarnações a alma é um "Espírito errante".[96] Êstes intervalos podem durar "desde algumas

---

[87]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 108, n. 149.

[88]) Assim, ao menos, segundo A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., pp. 108-109, nn. 150-152; *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 160, n. 148. Mas o primeiro congresso do Espiritismo de Umbanda, em sua quinta conclusão unânimemente aprovada, ensina que o ser humano é uma "partícula da divindade" e como tal "emanou" de Deus e nêle deve ser reintegrada. Semelhante teoria há de ser defendida também pelos chamados "espíritas do Redentor", que também são panteístas e para os quais o "Grande Foco" (Deus) é "parcelado por todo o universo", sendo a nossa alma uma "partícula da Inteligência Universal" (cf. a obra *Espiritismo Racional e Científico* (*Cristão*), 4ª ed., 1926, pp. 44, 45, 47, 52, 76, 112). Também a Teosofia é panteísta; Annie Besant, continuadora da obra de Blavatsky, declara sem rebuços: "A Teosofia em matéria religiosa é panteísta... Deus é tudo e tudo é Deus". No cap. XII, art. 1 de *O Espiritismo no Brasil*, insistimos mais neste aspecto panteísta da doutrina espírita.

[89]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 110, n. 155.

[90]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 158, n. 144.

[91]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 111.

[92]) Ibidem, p. 113, n. 163.

[93]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 158; *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 114.

[94]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 114.

[95]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 162.

[96]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 141, n. 224.

horas até alguns milhares de séculos",[97] dependendo isto geralmente do livre arbítrio do próprio espírito".[98] E' desde já manifesto que êste modo de conceber o estado e a atividade da alma depois da morte exclui a idéia muito corrente entre os cristãos de que nossa alma, depois da morte, deverá comparecer perante o tribunal de Deus para prestar contas de sua vida passada e ser julgada pelo Divino Juiz.

As divergências entre os reencarnacionistas. — São êsses os elementos que julgamos essenciais para uma exata noção da filosofia da reencarnação codificada por Allan Kardec e que está sendo agora amplamente divulgada entre a gente católica do Brasil. Dissemos logo de início não haver unanimidade completa entre os reencarnacionistas. Não queremos desenvolver agora amplamente todos os pontos divergentes. O que principalmente nos interessa é conhecer os princípios fundamentais dêste reencarnacionismo apregoado entre nós. Mas, para que os leitores tenham ao menos uma visão de conjunto, indicaremos a seguir brevemente os pontos em que os fautores da teoria da pluralidade das existências divergem. Assim, uns dizem que a reencarnação é lei geral para todos os espíritos, outros querem-na apenas para os espíritos muito atrasados ou para os perfeitos que devem cumprir alguma missão especial na terra; uns ensinam que a reencarnação tem lugar apenas na terra, outros admitem que se verifica também nas demais estrêlas e planêtas; uns sustentam que o ser humano se reencarna constantemente no mesmo sexo, outros reclamam uma variação alternativa; uns pensam que a gente reencarna imediatamente depois da morte, outros chegam a exigir um intervalo de exatamente mil e quinhentos anos; para uns a reencarnação seria um castigo de Deus em expiação de pecados cometidos em existência anterior, para outros não seria necessàriamente nem castigo nem expiação, mas um fenômeno de natureza puramente física sem relação alguma com a ordem moral; uns sustentam que a reencarnação é absolutamente livre, de sorte que só reencarna quem e quando quiser, outros pretendem que ela é de todo necessária, como são inevitáveis as leis naturais; uns ensinam que a série de reencarnações é ilimitada, outros pensam que se pode chegar a um estado

---

[97]) Ibidem, p. 149, n. 224.
[98]) Ibidem, p. 150, n. 224b.

definitivo e estável com um número de vidas relativamente pequeno; uns querem que a reencarnação seja não só progressiva, mas também regressiva, de modo que se poderia dar o caso de que um espírito que animou um corpo humano passe a tomar um corpo animal ou até vegetal, outros negam em absoluto que possa ser regressiva, mas apenas estacionária por algum tempo; uns ensinam que o espírito chegado à perfeição conserva sua individualidade, outros sustentam que êle torna a reintegrar-se em Deus; etc.

Os argumentos em favor da reencarnação. — E' evidente que a doutrina reencarnacionista nos atinge a cada um de nós pessoalmente e bem de perto. Temos por isso o direito a que se nos diga quais as razões em que se apóia tão estupenda e exorbitante doutrina que nos joga impiedosamente através de um número ilimitado de sempre novas provações e vidas difíceis. Êsses argumentos, ademais, não devem ser apenas meras ou vagas conjeturas, mas provas apodíticas, às quais ninguém pode resistir racionalmente. Só assim poderíamos decidir-nos a reconhecer uma doutrina com tão graves conseqüências pessoais.

Considerando a questão da reencarnação em si e a priori, por ser de inegável importância para a vida do homem, por ser uma questão fundamental para a reta orientação de todo o ser racional e pensante, dever-se-ia supor que o Criador, que assim teria disposto a carreira de suas criaturas racionais, também tivesse dado aos homens certeza total a êsse respeito, fornecendo-lhes argumentos absolutamente decisivos e irrefragáveis, que evidenciassem de modo inegável a pluralidade das nossas vidas terrestres ou planetárias. Mas já o mero fato de existirem numerosos homens que aprenderam a exercitar largamente a arte de pensar e que filosofaram durante tôda a vida sôbre o destino do homem e o sentido da vida terrestre e, todavia, não chegaram à conclusão das vidas sucessivas, só êste fato já vem a destruir pela base esta suposição apriorística, que em si pareceria tão natural.

Vejamos, no entanto, as razões que os partidários da reencarnação alegam em seu favor. Se bem entendemos a linguagem nem sempre clara e sistemática dos reencarnacionistas, são seis os grandes argumentos por êles aduzidos. Dêles daremos

primeiro um conspecto geral, deixando seu desenvolvimento ulterior para depois.

1) O argumento especìficamente espírita: Consiste essencialmente no seguinte: Os Espíritos, mensageiros da Terceira Revelação, são unânimes em revelar a lei da pluralidade das existências e do progresso contínuo depois da morte. Uma das principais finalidades desta Terceira Revelação[99] seria precisamente esclarecer a humanidade sôbre a reencarnação. Nos meios espíritas é êste o argumento decisivo e mais comum. E todo o Espiritismo Nacional, em qualquer de suas formas, gira em tôrno dêle. Deveremos, pois, estudá-lo com muita atenção.

2) O argumento histórico: A reencarnação teria sido, na antiguidade, ensino comum de todos os povos e dos filósofos mais destacados, que dela fizeram um postulado fundamental da religião do universo. Pois, escreve Allan Kardec, "ensinando o dogma (sic!) da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo".[100] E uma doutrina comum, de todos os tempos e povos, deve ter origem divina.

3) O argumento cristão: O próprio Cristo teria ensinado formalmente a pluralidade de nossas existências corporais. Porquanto, doutrina Kardec, "o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos Judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo".[101] Para nós, que nos professamos seguidores fiéis de Jesus e que fazemos absoluta questão de não negar uma só palavra de Nosso Senhor e Deus, êste argumento tem importância especial e por isso haveremos de passá-lo pelo crisol da mais rigorosa crítica.

4) O argumento patrístico: Também o Cristianismo primitivo, nomeadamente os Santos Padres, escritores cristãos dos primeiros séculos desta era, teriam ensinado abertamente a reencarnação.

---

[99]) Os espíritas consideram o Espiritismo a terceira das grandes revelações: a primeira teria sido feita por Moisés (Mosaísmo), a segunda por Cristo (Cristianismo) e a terceira pelos espíritos em geral (Espiritismo).

[100]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 138, n. 222.

[101]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 71.

5) O argumento psicológico: Alguns fatos inegáveis dos anais do psiquismo seriam provas incontestáveis de vidas anteriores. Assim: certas crianças que teriam reminiscências do passado; os chamados meninos-prodígios; inteligências precoces; o fenômeno da paramnésia; as recordações de alguns "iniciados"; os gênios; os instintos; as simpatias e antipatias "naturais"; as aspirações e tendências "inatas"; etc.

6) O argumento filosófico: O problema do mal, das desigualdades sociais e individuais, os sofrimentos, etc., só teriam sua explicação cabal como castigos de vidas anteriores e, por conseguinte, seriam provas destas mesmas vidas.

São êsses os argumentos. Passemos agora a examinar e analisar, com o rigor da lógica e a imparcialidade da crítica objetiva, o valor real e probativo destas razões. Vejamos se, de fato, nos levam necessàriamente a admitir como verdade insofismável a conclusão tão desejada pelos advogados da palingenesia.

II

O Argumento Especìficamente Espírita

Em que consiste. — O nome que damos a êste argumento é nosso. Mas não é arbitrário. Quando os reencarnacionistas dizem que a lei da pluralidade das existências foi revelada pelos espíritos, ou "pelo Espiritismo",[1] êles recorrem precisamente a êste argumento. Quando, por exemplo, Allan Kardec diz que "o dogma (sic!) da reencarnação se funda na justiça de Deus *e na revelação*",[2] explicando depois que "a razão no-la indica *e os Espíritos a ensinam*",[3] estamos precisamente diante daquilo que denominamos "argumento especìficamente espírita". Nossos reencarnacionistas dão-lhe um valor extraordinário. Assim escreve, por exemplo, Carlos Imbassahy, fecundo defensor e propagador da filosofia reencarnacionista no Brasil: "A reencarnação não nos veio dos povos orientais, visto que não foi dos povos orientais, nem foi de quaisquer povos que recebemos a doutrina. Veio do ensino dos Espíritos. Os Espíritos é que nos falam nas diversas existências. São êles que nos dizem ter encarnado em vários corpos. Não inventamos nada, nem a doutrina pode sair de nossas cabeças".[4] Não foi por causa das quatro mentiras aí contidas que citamos êste passo, mas para mostrar o alto valor que os reencarnacionistas dão ao argumento que ora focalizamos. Para responder à objeção de que "o fato do Espírito dizer que vai reencarnar não é prova", o mesmo Sr. Carlos Imbassahy faz a seguinte ponderação: "Mas o que é prova, então, em matéria doutrinária? Serão as opiniões pessoais, a maneira especial por que cada um encara o assunto? Teríamos, então, os conseqüentes pontos de fé, os dogmas, os

---

[1]) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 29.
[2]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 117, n. 171.
[3]) Ib., p. 118.
[4]) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 37. — "Quatro mentiras", dizíamos. E o Sr. C. Imbassahy (*Como os Teólogos Refutam*, p. 15) pergunta espantado: "Onde as mentiras? E logo quatro?" Respondemos: E' mentira 1) que os espíritas não receberam a reencarnação dos povos orientais; 2) que não a receberam de nenhum povo; 3) que a receberam dos "espíritos" que "falaram" aos espíritas; 4) que os espíritas não inventaram nada.

princípios sem base (sic!). O que forma a doutrina espírita não é a declaração de um Espírito. Ela provém do ensino concordante, simultâneo, universal, que os Espíritos nos trazem. Di-lo Allan Kardec: "A garantia única e séria da Doutrina dos Espíritos está na concordância existente entre as revelações feitas espontâneamente por meio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em diversas regiões". Imbassahy continua seu comentário: "A doutrina da reencarnação apresentada pelo codificador tem, pois, esta base: a concordância, a espontaneidade, a multiplicidade". E conclui: "Só pelo ensino espírita é que se conhece a doutrina espírita. Sem manifestação espírita não há Espiritismo nenhum".[5]

Aí está a prova. Aí está também o Espiritismo. Examinar a fundo o valor dêste argumento, seria investigar as bases de tôda a doutrina espírita. Já fizemos êste estudo.[6] Por isso contentamo-nos aqui com uma recapitulação sumária dos pontos principais. Pensamos poder resumir nossa crítica nos seguintes itens:

Princípios para uma sã crítica do argumento:

1) O argumento espírita, como, aliás, tôda a doutrina espírita, depende das seguintes quatro questões: a) se a evocação dos espíritos é um fato indiscutìvelmente demonstrado; b) se o médium ou os médiuns que servem ou serviram de instrumento para a revelação espírita eram pessoas de absoluta confiança e credibilidade, transmitindo apenas e exclusivamente as mensagens recebidas dos espíritos, sem recorrer, nem consciente, nem inconscientemente, ao depósito dos conhecimentos próprios; c) se para a codificação da doutrina espírita foram aproveitadas apenas as mensagens dos espíritos certamente sinceros, bons, sábios e competentes; d) se o codificador (Allan Kardec) era homem intangìvelmente honesto, correto e leal, codificando apenas as comunicações recebidas de espíritos superiores, bons e sábios, recebidas exclusivamente por médiuns moralmente inatacáveis e mediùnicamente competentes.

---

[5]) Ibidem, p. 59.

[6]) Cf. *Revista Eclesiástica Brasileira* (1952): Os fundamentos da Doutrina Espírita, pp. 273-303; veja também o cap. XI de *O Espiritismo no Brasil* (Vozes, Petrópolis 1960), onde desenvolvemos amplamente êste assunto.

2) O próprio fato da evocação dos espíritos, isto é: o fato de estarem os nossos reencarnacionistas em comunicação direta com os espíritos desencarnados, ainda não foi aceito pelo mundo dos cientistas e especialistas como fato comprovado. O máximo que até hoje se poderá conceder é que se trata de uma *hipótese* muito discutível. Por isso, tudo que se construir sôbre esta hipótese não pode, evidentemente, ser mais do que hipotético. Donde se infere que o argumento espírita é apenas hipotético, dependendo ainda de uma futura comprovação científica da evocação dos espíritos.

3) Admitindo mesmo a realidade da comunicação com o além-túmulo, permanece a dificuldade de encontrar um médium probo e capaz. Pois consta pela experiência que os médiuns recorrem com demasiada facilidade às fraudes conscientes e sobretudo — o que é muitíssimo mais comprometedor — às fraudes inconscientes, apresentando suas próprias idéias e conhecimentos subconscientes como mensagens de espíritos do além.

4) Suposto que os reencarnacionistas receberam de fato mensagens dos espíritos desencarnados; dado ainda que êles trabalharam apenas com médiuns absolutamente dignos de confiança e que transmitiram exclusiva e certamente comunicações de espíritos e não doutrinas hauridas do próprio inconsciente ou subconsciente (duas suposições que ainda esperam documentação cientìficamente aceitável), ficamos, todavia, com uma terceira dificuldade muito séria e que também compromete a aceitabilidade do argumento espírita: é que, segundo os próprios reencarnacionistas, há espíritos bons, sábios e superiores e também espíritos atrasados, ignorantes, brincalhões, zombeteiros e mesmo maus e todos êles — bons e maus, sábios e ignorantes — teriam contribuído com suas mensagens para o material que serviu de base para codificar a doutrina espírita. Ora, comprovamos com abundantes documentos,[7] que os três critérios adotados por Allan Kardec (o critério da linguagem digna e nobre, o critério da concordância dos espíritos e o critério da lógica e do bom-senso), para discernir as mensagens boas das más, as comunicações sérias das mentirosas, são insuficientes e levam, quando muito, ao mais extremo, puro e crasso racionalismo.

---

[7]) Cf. *O Espiritismo no Brasil,* pp. 324-334.

5) O próprio codificador Allan Kardec, apesar de se apresentar constantemente como homem sério, estudioso, científico e interessado em resolver os problemas mais fundamentais da humanidade, não merece nossa adesão, não só porque, como homem, era falível, não só porque não encontrou um critério seguro de seleção das mensagens, não só porque não nos deixou intactos todos os originais das comunicações recebidas, mas sobretudo porque êle mesmo confessa ter remodelado muitas vêzes as respostas recebidas do além.[8]

6) Os partidários das vidas sucessivas proclamam que uma doutrina só merece a qualificação de "espírita", quando é ensinada concordemente pelos espíritos desencarnados.[9] Allan Kardec insiste muito nesta condição. Permitam-nos os leitores que recordemos algumas incisivas passagens do codificador: "Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina (espírita), a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum dêles. *Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por êles dado.* Sòmente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal".[10] Aqui estamos, pois, diante de um ponto de capital importância para podermos avaliar o valor do "argumento especìficamente espírita": Só quando a coletividade dos espíritos concordemente ensinar certa doutrina, só então ela é e pode ser chamada "espírita"! Demos mais uma vez a palavra a Allan Kardec, para que êste ponto fique bem claro: "*Generalidade e concordância* no ensino, êsse o caráter essencial da doutrina, *a condição mesma da sua existência,* donde resulta que *todo princípio, que ainda não haja recebido a consagração do contrôle da generalidade, não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina.* Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabili-

---

[8]) Em suas *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 243, Allan Kardec fala da confecção do *Livro dos Espíritos,* e confessa o seguinte: "Da comparação e da fusão de tôdas as respostas, coordenadas, classificadas *e muitas vêzes remodeladas no silêncio da meditação,* foi que elaborei a primeira edição".

[9]) Veja a já citada página de C. Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 59 (cf. também p. 37).

[10]) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 10.

dade. Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a fôrça da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade".[11] As palavras são de Kardec; os grifos, nossos.

7) Aplicando êste princípio geral da epistemologia espírita à doutrina particular da reencarnação, temos evidentemente a seguinte conclusão: a pluralidade das existências só será doutrina espírita se resultar do ensino coletivo e concorde dos espíritos; se não fôr ensinada pela generalidade dos espíritos, não poderá ser considerada parte integrante da doutrina espírita: "Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade".

8) Pois bem, supondo mesmo (dato, non concesso!) que o codificador teve com certeza comunicações reais do além; supondo ainda (dato, non concesso!) que Kardec se serviu exclusivamente de médiuns competentes e dignos e que provadamente não recorreram ao próprio inconsciente ou subconsciente; supondo ainda (dato, non concesso!) que o ilustre "fundador da doutrina espírita" [12] soube efetivamente separar as mensagens dos espíritos bons e sábios dos maus e galhofeiros; supondo também (dato, non concesso!) que o próprio senhor Hipólito Leão Denizard Rivail não modificou substancialmente as mensagens recebidas; — tudo isso gratuitamente admitido e dado, provaremos a seguir que, de fato, *não houve concordância unânime e geral dos espíritos no ensino da reencarnação.*

9) Documentaremos nossa afirmação com três séries de provas. Demonstraremos: a) que boa parte do Espiritismo Internacional, baseada também, como alegam, nas mensagens do além, não aceita a teoria da pluralidade das existências terrestres; b) que o próprio Allan Kardec recebeu mensagens espíritas contrárias à reencarnação; c) que êste mesmo senhor Kardec não deu valor especial às mensagens dos espíritos. Apresentamos os seguintes documentos:

A falta de unanimidade entre os espíritas. — Por estranho que pareça a um leigo em doutrinas espíritas, a verdade é

---

[11]) Ib., p. 11. Veja também *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 21.

[12]) Cf. A. Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 260.

que uma grande porção do rebanho espírita mundial não admite a reencarnação. Precisamente sob êste aspecto o Espiritismo Internacional se divide em dois grandes grupos: os espíritas anglo-saxões, que não admitem a pluralidade das existências e os espíritas latinos, que fizeram da reencarnação a pedra angular de tôda sua filosofia. Os próprios espíritas concedem esta profunda divisão em dois campos.[13] Lembremos alguns documentos:

a) O conhecido espírita Stainton Moses, que foi para o Espiritismo inglês o que foi Allan Kardec para o francês, guiado pelos dois espíritos *Kabilla* e *Imperator,* pronunciou-se definitiva e decididamente contra a reencarnação.[14]

b) Outro famoso espírita inglês, Daniel Donglas Home, médium admirado por espíritas de tôdas as nações e que foi chamado por Conan Doyle "o maior dos missionários do Espiritismo", declarou-se abertamente contrário à doutrina reencarnacionista proposta por Kardec. Em sua obra *Lights and Shadows of Spiritualism* (1877, p. 224) diz até que Allan Kardec não era médium, nem soube servir-se bem dos médiuns e por isso tudo quanto deixou escrito em *O Livro dos Espíritos* não tem valor nenhum, porquanto reflete não a doutrina dos espíritos, mas seu próprio pensamento consciente ou subconsciente.[15] O mais curioso, entretanto, é que o principal argumento de Daniel Home é uma espécie de retratação feita pelo próprio Kardec no instante de sua morte. Home afirma, com efeito, ter recebido telepàticamente, em presença do conde de Dunraven, uma mensagem de cuja autenticidade não pode duvidar, na qual o mesmíssimo Kardec, ao entrar no outro mundo, teria dito textualmente: "Arrependo-me de ter ensinado a doutrina espírita". Aduz, em seguida, Home, vários argumentos para provar a autenticidade desta mensagem telepática...

c) Guilherme Howitt, em seu tempo reputado líder do Espiritismo inglês, condenou a teoria da reencarnação em têrmos

---

[13]) Veja-se, por exemplo, a êste respeito, a *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita,* editada pela Federação Espírita Brasileira em 1946, pp. 144-149.

[14]) Cf. Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo,* 2ª ed., p. 444.

[15]) Do mesmo modo severo Kardec foi criticado por outro autorizado espírita, Aksakof; veja-se o importante texto na já citada *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita,* ed. de 1946, pp. 144 s. Mais adiante transcreveremos a grave acusação de Aksakof.

veementes.[16] E o autor da *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita* acrescenta: "Quase todos os espíritas do mundo anglo-saxônio receberam mal *O Livro dos Espíritos*. Os periódicos usavam de certa linguagem, às vêzes violenta, contra os ensinos que Kardec anunciara, principalmente quanto ao que chamavam dogma da reencarnação".

d) O antagonismo entre os espíritas tornou-se particularmente notável no Congresso Espírita Internacional de Liège (26-29 de agôsto de 1923). Foi aí que M. Drouville levantou a seguinte questão filosófica: "Em geral se diz que a Reencarnação é uma lei graças à qual o espírito evolui, se eleva, expiando as faltas cometidas em existências anteriores. Agora, o que eu queria saber é o seguinte: por que o espírito teria necessidade da matéria para evoluir e elevar-se (falo do espírito consciente); e sobretudo como pode ser admitido por alguns que, não havendo recordação do passado, seja possível uma expiação? Esta última dificuldade sempre chamou a minha atenção. Se não há recordação, isto é, se o Eu consciente passado não existe, então o Eu atual de fato não tem relação nenhuma com o passado e, por conseguinte, não pode expiar". Comentando a questão levantada por Drouville, outro espírita, o Sr. A. Dragon, respondeu no mesmo Congresso: "Posso dizer que a Reencarnação, tal como tem sido exposta até agora, não passa de teoria boa para crianças de escola primária. Ùltimamente, nas Sociedades Sábias, manifestei-me contra esta filosofia, dizendo que a Reencarnação não é mais do que uma metáfora que jamais foi entendida por ninguém. E digo ainda: é impossível compreendê-la, enquanto não soubermos o que é o subconsciente do homem..., visto que o subconsciente, a natureza da alma humana e a reencarnação estão relacionados entre si e só podem ser explicados conjuntamente, pois separadamente são incompreensíveis".[17]

e) Mas o quinto Congresso Internacional de Espiritismo (Barcelona, 1934) manifestou de modo mais oficial e evidente a profunda cisão nos meios espíritas internacionais. Transcrevemos o original da última conclusão, aprovada pela secção de

---

[16]) Cf. *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, ed. de 1946. p. 144.

[17]) Veja êstes textos em Poodt, *Los Fenómenos Misteriosos del Psiquismo*, Barcelona 1930, p. 362.

Filosofia do mencionado Congresso: "Previsto que existen diferencias, de momento irreductibles, entre los que consideran la reencarnación como proceso necesario para la Evolución y entre los que creen que puede efectuarse la Evolución sin este proceso, há sido aprobada transaccionalmente y como prueba de tolerancia la conclusión siguiente: Los espiritistas de todo el mundo, reunidos en Congreso, afirman unánimemente la supervivencia de la personalidad humana después de la muerte corporal, considerándola científicamente probada como un hecho. Los espiritistas latinos e indúes, representados en este Congreso por los delegados de Bélgica, Brasil, Cuba, España, Francia, India, Méjico, Portugal, Puerto Rico, Argentina, Colombia, Suiza y Venezuela, afirman la Reencarnación como ley de vida progresiva, según la frase de Allan Kardec: *Nacer, morir, renacer e progresar siempre;* y la aceptan como una verdad de hecho. Los espiritistas no latinos, representados en el Congreso por los delegados de Inglaterra, Irlanda, Holanda y Sud-África, estiman que la demonstración no es suficiente para establecer la doctrina de la Reencarnación formulada por Kardec. Cada escuela, por tanto, queda en liberdad para proclamar sus convicciones respecto a la Reencarnación".[18]

f) Foi ainda por causa da filosofia reencarnacionista que os espíritas se desentenderam também no último Congresso Espírita Internacional realizado em Londres nos dias 10-17 de setembro de 1960. O delegado do Brasil Dr. Hélcio Pires, no relatório publicado no *Mundo Espírita* de 30-11-1960, p. 8, declara: "A reencarnação é ainda o ponto principal e o único obstáculo a um entendimento geral entre os espíritas de todo o mundo". Foi neste Congresso que, com grande espanto, os nossos patrícios verificaram que as obras de Allan Kardec nem sequer foram traduzidas para o idioma inglês...

Assim, pois, podemos considerar como bem documentada a falta de unanimidade entre os espíritas, num ponto essencial e fundamental da doutrina. Ora, também os espíritas anglo-saxões praticam a comunicação com os espíritos desencarnados e pretendem haurir suas doutrinas das mensagens recebidas do além. Se êles todos, ou ao menos a absoluta e representativa maioria dêles, negam a pluralidade das vidas corpóreas, é por-

---

[18]) Cf. o texto em F. M. Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo,* 2ª ed., 1950, p. 443.

que os espíritos que aí se manifestam são contra a reencarnação. Já em 1905 observava Richet êste curioso fato: "Quando o médium é de origem inglêsa, o espírito não crê na reencarnação; quando o médium é francês, ou alemão, ou italiano (ou brasileiro, acrescentamos), nos países de influência de Allan Kardec, o espírito admite a reencarnação".[19]

Admitindo mesmo que tanto os espíritas latinos como os anglo-saxões têm comunicações reais com o além e apenas se servem de médiuns capazes e probos, devemos inferir de tudo isso que a doutrina da reencarnação não é ensinada pela generalidade dos espíritos e, por conseguinte (apliquemos agora o postulado fundamental da epistemologia espírita!) a reencarnação "não pode ser considerada parte integrante da doutrina espírita". Se é verdade que a doutrina espírita deve provir, como ensina Carlos Imbassahy, "do ensino concordante, simultâneo, universal, que os Espíritos nos trazem por médiuns diferentes",[20] então deve ser verdade também que a reencarnação não é doutrina "espírita", já que não foi ensinada nem concordemente, nem simultâneamente, nem universalmente pelos espíritos desencarnados. Ao menos não na Inglaterra e nos Estados Unidos. E veremos mais:

O próprio A. Kardec recebeu mensagens contrárias à reencarnação. — Provaremos esta nossa segunda afirmação com três documentos:

a) Em *O Livro dos Espíritos,* capítulo V, n. 222, p. 139, Allan Kardec fala da pluralidade das existências, e escreve incidentalmente o seguinte: "Talvez fôsse aqui o caso de examinarmos por que *os Espíritos não parecem todos de acôrdo sôbre esta questão*". O grifo é nosso.

b) No capítulo 27, n. 8, p. 338 de *O Livro dos Médiuns* revela Kardec: "De tôdas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais frisantes é a que diz respeito à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que *nem todos os Espíritos a ensinam?*" O grifo é nosso. A pergunta de Kardec é dirigida

---

[19]) Cf. *Annales des sciences psychiques,* 1905, p. 33.

[20]) Veja o leitor a citação na parte correspondente à nota 4, dêste capítulo.

diretamente ao "Espírito da Verdade" (sic!), prometido por Cristo e com quem o ditoso Allan Kardec pretendia estar em habitual contacto. Temos, portanto, que o próprio codificador do Espiritismo concede que "nem todos os Espíritos ensinam a reencarnação". Por conseguinte, a reencarnação não possui aquêle imprescindível "caráter essencial da doutrina espírita", que consiste, como vimos, na "generalidade e concordância no ensino"; e nem é "a resultante do ensino coletivo e concorde dado pelos Espíritos". Portanto, sempre segundo os postulados teóricos do codificador,[21] esta teoria "não pode ser considerada parte integrante da doutrina espírita", mas será apenas "uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade"...

c) O espírita Aksakof pôs em dúvida a seriedade científica e a própria lealdade e sinceridade de Allan Kardec, quando escreveu: "Vê-se claramente que a propagação dessa doutrina (reencarnacionista), por Allan Kardec, foi assunto de sua maior predileção; a reencarnação não está em seus livros como tema de estudo, mas como dogma. Para sustentá-la recorreu sempre a médiuns escreventes, os quais, como é sabido, são fàcilmente influenciados por idéias preconcebidas, e o Espírito as há engendrado em profusão; no entanto, através dos médiuns físicos, as comunicações são objetivas, e não se tem notícia de que alguma tenha sido favorável à reencarnação. Kardec prescindiu sempre desta classe de mediunidade, sob o pretêxto de sua inferioridade moral. Os poucos médiuns físicos, franceses, que desenvolveram as suas faculdades, apesar de Kardec, jamais foram por êle mencionados; ao contrário, permaneceram desconhecidos aos espíritas, só porque em suas comunicações não sustentavam a doutrina da reencarnação".[22] A acusação é grave e não reclama maiores esclarecimentos. Aliás, o codificador do Espiritismo nem sequer deu tão decisiva importância às mensagens espíritas. Leia-se com atenção o seguinte:

---

[21]) Recorde o leitor os ensinamentos acima mencionados e que estão em *A Gênese*, ed. de 1949, pp. 10 e 11.

[22]) Veja-se êste gravíssimo lance no livro publicado pela Federação Espírita Brasileira: *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, ed. de 1946, pp. 144 s.

Allan Kardec julga-se superior aos Espíritos. — No capítulo quinto de *O Livro dos Espíritos,* n. 222, pp. 138-148, Allan Kardec intercala considerações próprias, não recebidas dos Espíritos, sôbre a reencarnação. Abstraindo de qualquer comunicação espírita, quer examinar apenas os motivos da razão pró ou contra a pluralidade das existências. Na p. 147 conclui suas considerações com palavras notáveis e que bem revelam a mentalidade do autor. "Temos raciocinado, diz êle, abstraindo, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. *Não é sòmente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. E' porque esta doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis".* O grifo é nosso. Destacamos estas palavras porque elas nos dizem que Allan Kardec é reencarnacionista não porque os espíritos revelaram, mas por razões de ordem filosófica. Estas e não o valor dos espíritos é que decidiram o codificador a aceitar a reencarnação! Isso é importantíssimo. O "sumo pontífice do Espiritismo" [23] continua ainda, para não deixar dúvidas a êste respeito. Atenda o leitor às palavras que seguem: "Ainda quando (a idéia da reencarnação) fôsse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos, igualmente, adotado e não houvéramos hesitado um segundo mais em renunciar às idéias que esposávamos. Em sendo demonstrado o êrro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma idéia falsa. *Assim, também, tê-la-íamos repelido,* **mesmo que provindo dos Espíritos,** *se nos parecera contrária à razão, como repelimos muitas outras..."* Os grifos e negritos são outra vez nossos. Portanto, "mesmo que provindo dos Espíritos", Kardec teria rejeitado a reencarnação se lhe parecera contrária à razão dêle, Kardec. O que vale é a razão, esta razão humana, da qual diz o mesmíssimo Kardec, quando lhe convém, que "tem um limite que não nos é possível transpor; querer ir além é, simultâneamente, perder tempo e cair em êrro"; [24] esta razão que, segundo Kardec, deve conceder que há muitas coisas que não compreendemos, porque temos limitada a inteligência; isso, porém, não é motivo para que as repilamos"; [25] esta razão, à qual em

---

[23]) Cf. A. Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 259.
[24]) A. Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 31.
[25]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 79.

outra oportunidade Kardec dera o conselho de "procurar em tudo a justiça de Deus e de curvar-se diante do que ultrapasse o seu entendimento" [26]; é a essa razão que Allan Kardec vai apelar contra o ensino dos Espíritos. As supracitadas e grifadas palavras mostram quanto valem para Kardec as comunicações dos espíritos: exatamente nada! Revelassem êles a reencarnação ou afirmassem êles o contrário, o codificador do Espiritismo, de qualquer jeito, seria reencarnacionista. Êle próprio o diz. Isso equivale a declarar a absoluta falência, a bancarrota total do valor doutrinário das mensagens do além e, portanto, do Espiritismo como tal. Para que ainda comunicações dos espíritos? O melhor que êles poderão fazer é confirmar a nossa opinião pessoal: se concordarem conosco, está bem; se não consentirem, repelimo-los... O exemplo vem de cima, da suprema autoridade em Espiritismo.

Os espíritas costumam apresentar sua doutrina como ciência e filosofia, sim, mas com êste característico que a distinguiria de tôdas as outras filosofias puramente humanas: é que se trata, dizem êles, duma filosofia revelada e confirmada pelo mundo dos espíritos superiores! Agora já sabe o leitor, instruído não por nós, mas pelo mestre dos mestres espíritas, quanto vale esta alegação. Agora o leitor está também capacitado para entender a mistificação que vai na frase de Carlos Imbassahy, citada no início dêste capítulo: "A reencarnação não nos veio dos povos orientais, visto que não foi dos povos orientais, nem foi de quaisquer povos que recebemos a doutrina. Veio do ensinamento dos Espíritos. Os Espíritos é que nos falam nas diversas existências. São êles que nos dizem ter encarnado em vários corpos. Não inventamos nada, nem a doutrina pode sair de nossas cabeças".[27] A estas palavras do mestre espírita brasileiro opomos outras do "papa do Espiritismo": [28] Não aceitamos a reencarnação porque nos veio dos espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica; e tê-la-íamos repelido, mesmo que provindo dos espíritos, se nos parecera contrária à razão...

E, de fato, o Sr. Leão Hipólito Denizard Rivail (aliás Allan Kardec) inspirou-se muito mais nos espíritos encarnados que nos

---

[26]) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 78.

[27]) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 37.

[28]) Quanto à expressão "papa" do Espiritismo, veja A. Kardec, *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 259.

desencarnados, para "descobrir" a reencarnação. As idéias reencarnacionistas surgiram pela primeira vez na França pelos anos 1830-1848, em certos ambientes socialistas e ìntimamente vinculados com os princípios do evolucionismo então em moda. Seus primeiros fautores foram Charles Fourier e Pierre Leroux, ambos socialistas, que recorreram à idéia da pluralidade das existências, precisamente para explicar assim o problema das desigualdades sociais. Êste argumento será depois, nas obras de Kardec, o mais forte e é ainda hoje, entre os espíritas, o mais freqüentemente invocado para "demonstrar" a realidade das reencarnações. Ora, foi dêste ambiente socialista que saíram os primeiros adeptos do movimento espírita francês. René Guénon mostra isso nas pp. 31-39 de seu estudo *L'Erreur Spirite* (Paris 1952) e nas pp. 116 ss. do *Le Théosophisme*. No ano de 1854, quando Kardec tomava os primeiros contactos com as mesas girantes, foram publicados mais dois livros reencarnacionistas: *Terre et Ciel* de Jean Reynaud e *Pluralité des Existences de l'Âme* de A. Pezzani. Assim, dois anos depois da publicação de *O Livro dos Espíritos,* em 1859, observava o Dr. Dechambre na "Gazette Hebdomadaire de Médicine et de Chirurgie", num artigo sôbre "La Doctrine Spirite", que os instrutores invisíveis do Sr. Kardec não tinham necessidade de conversar nos ares com o espírito de Porfírio: bastava-lhes conversar por alguns instantes com o Sr. Pedro Leroux, mais fácil de encontrar, ou ainda com o Sr. Fourier, que com muito prazer lhes teria ensinado que nossa alma revestirá um corpo cada vez mais etéreo à medida que fôr passando pelas oitocentas existências...

* * *

Conclusão: O argumento especìficamente espírita para provar a realidade das vidas sucessivas não tem valor demonstrativo e deve ser riscado do rol dos argumentos em favor da filosofia da reencarnação.

III

O Argumento Histórico

Exposição do argumento. — Quando Allan Kardec escreveu que a reencarnação "é uma das mais importantes leis *reveladas pelo Espiritismo*",[1] êle proferiu uma colossal mentira. Já o verificamos. E veremos agora que êle pronunciou outra inverdade de igual calibre nas seguintes palavras: "Ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo".[2]

O mesmo Sr. Carlos Imbassahy que categòricamente nos quis convencer que "a reencarnação não nos veio dos povos orientais, visto que não foi dos povos orientais, nem foi de quaisquer povos que recebemos a doutrina", mas que ela "veio do ensino dos Espíritos",[3] nem vinte páginas adiante vai sustentar não menos peremptòriamente que esta doutrina não só floresceu na Índia (portanto entre os povos orientais), mas "existiu de todos os tempos, em tôdas as regiões e em tôdas as seitas".[4] Na p. 202 dêste mesmo livro, outro reencarnacionista, amigo de Imbassahy, o Sr. Mário Cavalcanti de Mello,[5] defende o seguinte: "Por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base de fé". E depois informa: "Os Caldeus, os Hebreus, Jesus Cristo, e os primeiros cristãos, os filósofos gregos, Pitágoras, Esopo, Platão, Aristóteles, os Pais da Igreja, Orígenes, Clemente de Alexandria a tinham escrito como postulado fundamental da religião do universo. Saiu fora de forma, apenas, o Catolicismo, que, para assegurar à Igreja a dominação, substituiu a palingenesia por uma vida única, acrescida da legenda do céu e do inferno para coroamento. Isto se deu no ano de 533, no concílio realizado em

---

[1]) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 29.

[2]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed., p. 138.

[3]) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 37.

[4]) Ibidem, p. 56.

[5]) que, como nos revela, na p. 12, o prefaciador da obra, por sua "excessiva modéstia faz com que esconda os trabalhos... no fundo das gavetas", onde, a nosso ver, estariam muito bem guardadas...

Constantinopla. Foi nesta data que a Igreja cometeu essa imprudência... A Índia, o Tibet, o Mongol, a Pérsia, a China, o Egito, todos povos isolados uns dos outros, professavam a mesma crença". Eis aí, numa só tirada, muita afirmação do insigne discípulo de Voltaire e Leão Denis. Tudo isso merece detido exame. Mas a afirmação relativa a Jesus Cristo será examinada separadamente no próximo capítulo; e o que se diz dos primeiros cristãos, dos Pais da Igreja, de Orígenes e Clemente de Alexandria e do Catolicismo em geral, será assunto para o capítulo subseqüente. Pois não nos podemos conformar com a impossível mistura feita pelo citado autor.

Semelhantes afirmações são repetidas pelos demais defensores das vidas sucessivas. Assim, para darmos mais um exemplo, também o Sr. Campos Vergal, Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, insiste neste argumento: "Podemos assegurar, escreve êle, que a idéia da pluralidade das existências foi sempre o farol orientador de tôda a Antiguidade espiritualizada. Nunca se eclipsou em qualquer religião".[6]

Suspeitamos que todos êles foram inspirar-se principalmente em Leão Denis, *Depois da Morte* e em outras obras do mesmo autor francês.[7]

Ora, argumentam os defensores das vidas sucessivas com Allan Kardec, "a ancianidade e a universidade da doutrina da metempsicose e, bem assim, a circunstância de a terem professado homens eminentes, provam que o princípio da reencarnação se radica na própria Natureza".[8] Pois, pensa o falecido espírita Leopoldo Cirne, "um princípio que atravessa os séculos revela nesse fato a sua origem divina".[9]

---

[6]) Campos Vergal, *Reencarnação ou Pluralidade das Existências*, São Paulo 1936, p. 9.

[7]) Leão Denis estudou êste assunto principalmente em *Depois da Morte*. Temos desta obra a 6ª edição.

[8]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed., n. 613; p. 293; veja também a p. 138, n. 222, onde Kardec argumenta assim: "O que não padece dúvida é que uma idéia não atravessa séculos, nem consegue impor-se à inteligência de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor". Mas, acrescentamos nós, "ter algo de sério", ainda não se identifica com a verdade: o critério da seriedade nunca foi critério de verdade.

[9]) Encontramos o texto citado em Jerônimo Gueiros, *O Espiritismo Analisado*, 2ª ed., p. 313. Não possuímos, infelizmente, tôdas as obras de Leopoldo Cirne, de modo que não nos foi possível verificar a argumentação.

Examinemos o argumento. Detenhamo-nos um pouco nas "primeiras idades do mundo" a ver se em "todos os tempos, em tôdas as regiões e em tôdas as seitas" a idéia da pluralidade das existências era de fato um postulado tão geral e antigo como os modernos reencarnacionistas nos querem fazer crer.

O testemunho dos Vedas. — Concede-se geralmente que o testemunho escrito mais antigo sôbre a reencarnação se encontra nos hinos dos Vedas, na Índia.[10] A cronologia dos Vedas ainda é desconhecida. Mas sabe-se hoje ao certo que só no fim da época védica foi que definitivamente se estabeleceu na Índia a crença nas transmigrações.[11] Esta crença manifesta-se claramente nos hinos *Upanischads,* dos quais os mais antigos datam dos séculos 7º e 6º antes da era cristã.[12] O célebre orientalista Oldenberg declara ser um fato incontestável que a religião antiga da Índia, a qual se manifesta nos hinos do *Rig-Veda,* sempre se conservou alheia à idéia da transmigração e da alternação da morte e do renascimento.[13]

Uma conclusão de particular interêsse para o nosso caso é esta: a doutrina da metempsicose era totalmente estranha à religião primitiva dos hindus, estava ausente na primeira parte da época védica e é, portanto, de introdução relativamente recente. Discutem os autores sôbre os fatôres a que se deve atribuir esta introdução. Alguns pensam que a teoria da metempsicose teria sido introduzida pela casta dos *Brâmanes,* a fim de proteger seus privilégios e sua hegemonia: pois invocando as próprias reencarnações anteriores, êles pretenderiam atribuir

---

[10]) Também Leão Denis, *Depois da Morte,* 6ª ed., p. 22, o concede: "Os primeiros livros em que se encontra exposta a grande doutrina (da pluralidade das existências) são os Vedas".

[11]) R. Grousset, *Hist. de la philosophie orientale,* p. 48; cf. Paulo Siwek, S.J., *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, p. 31.

[12]) R. Grousset, ibidem, p. 39; *Histoire de l'Asie,* II: *L'Inde et la Chine,* p. 10, nota 2.

[13]) Oldenberg, *Le Boudha,* Paris 1934, p. 32; cf. Siwek, op. cit., p. 30. Emile Senart, *Les Castes dans l'Inde,* p. 8, observa o seguinte: "A metempsicose está completamente ausente dos Hinos. Quando a vemos aparecer, a princípio mais ou menos encoberta, mais ou menos explícita nos mais antigos Upanischads, estaremos diante dos primeiros ensaios de uma doutrina que tateia ao se elaborar? Estaremos diante da infiltração parcial, no meio esotérico, de uma crença que já dominava lá fora?".

antiguidade imemorial à sua origem. Outros orientalistas suspeitam que essa doutrina tenha sido transmitida aos poetas dos hinos Upanischads por algum outro povo ariano.[14]

O Budismo. — Gautama ou Siddhârta, posteriormente denominado Çâkya-Muni (o sábio dos Çâkya) ou *Buda* (o iluminado), nasceu cêrca de 560 antes de Cristo e faleceu pelo ano 480 a. C. E' o fundador do chamado Budismo. Sua filosofia depende do Bramanismo, donde colheu também a doutrina da metempsicose. Com a introdução do budismo na China, entrou também nesta grande nação a filosofia da reencarnação. Mas antes dessa época semelhantes idéias eram completamente desconhecidas na China. Ora isso aconteceu no quarto século depois de Cristo,[15] portanto também em época relativamente recente. No ano 372 depois de Cristo o bonzo Choen-tau introduziu o Budismo na Coréia, donde passou ao Japão[16]; também aqui, pois, em épocas bastante recentes.

No Egito. — Com muita ênfase sublinham os modernos advogados das vidas sucessivas as idéias reencarnacionistas que teriam florescido com particular vigor no antigo Egito.[17] No entanto, a verdade é que, no *antigo* Egito, não se conhecia a filosofia das várias existências terrestres. A escatologia egípcia já é bem conhecida e não permite semelhantes doutrinas.[18] A. Mallon, depois de descrever minuciosamente a primitiva escatologia daquele povo, condensa nestas palavras o resultado de seus estudos: "Em resumo, vida solitária no túmulo, vida em

---

[14]) Cf. Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* S. Paulo 1946, p. 31 s.

[15]) R. Hedde, *Métempsycose,* ed. no Dict. de Théol. Cath., X, col. 1575. Veja também o excelente estudo de L. Wieger, *Religiões e Doutrinas na China,* publicado nas pp. 153-210 da coleção *Christus,* vol. I (Pôrto 1941).

[16]) Cf. L. Wieger, *Religiões e Doutrinas na China,* p. 183. Sôbre o Budismo em geral pode consultar-se também o estudo de L. de la Vallée Poussin, *Budismo e Religiões na India,* traduzido para o português e publicado na coleção *Christus,* II, 65-147.

[17]) Confira-se, por exemplo, L. Denis, *Depois da Morte,* 6ª ed., pp. 35-42.

[18]) Veja-se o interessante estudo de A. Mallon, *A Religião dos Egípcios,* traduzido para o português e publicado na coleção *Christus,* III, pp. 7-131; sôbre a escatologia egípcia cf. pp. 66-84.

sociedade no *Amenti*,[19] vida com os deuses no céu, eis as três fases percorridas pela escatologia egípcia. Êstes três edens não se excluem, como se poderia pensar, mas coexistem e completam-se. Sem dúvida, de um a outro há evolução, marcha para diante, mas o progresso realiza-se sem detrimento das primeiras crenças, sem perda nem empobrecimento; a doutrina enriquece-se, não abandona coisa alguma. Para o primitivo, o defunto está na sepultura como em casa; depois, enquanto Faraó sobe diretamente ao céu, os seus vassalos vão formar um reino no ocidente; enfim, a todos os justos sem distinção se abrem as portas do olimpo azulado. Mesmo então é facultativo ao bem-aventurado rever o seu túmulo e nêle habitar, e aí provar as ofertas dos amigos; é-lhe permitido circular por onde lhe apraz, entre os espíritos e os deuses".[20]

Está claro que nesta escatologia não cabe a idéia de sempre novas vidas terrestres. Só poucas vêzes e excepcionalmente algumas almas eram condenadas por Osíris a retornar à terra, tomar o corpo dum porco e viver miseràvelmente. O famoso *Livro dos Mortos*, que todo egípcio queria levar consigo, depois da morte, e que é invocado pelos modernos teóricos da metempsicose, não é reencarnacionista: expõe apenas as regras da metamorfose, que permite à alma tomar, à vontade, a forma de qualquer espécie animal e até mesmo a do corpo que abandonou à hora da morte. Só em época posterior, "sob a influência da religião hindu", a doutrina da reencarnação entrou no Credo egípcio, o que também explica por que alguns historiadores e escritores gregos (Heródoto, Platão, Teofrasto, Plutarco) puderam dizer que os egípcios professavam a doutrina da metempsicose.[21]

Portanto, também no Egito, é relativamente recente a filosofia reencarnacionista. O Egito antigo, primitivo, ortodoxo, não a conheceu.

---

[19]) O *Amenti* dos egípcios era o lugar onde imaginavam vivessem as almas dos falecidos, e era considerado como um Novo Império, um segundo Egito, feliz e florescente, onde os antepassados, reunidos sob o govêrno de Osíris, se entregam às distrações preferidas. Pensavam os egípcios que o Amenti se estendia debaixo da terra em regiões indeterminadas, onde cresciam mesmo enormes cereais "com haste de cinco côvados e espigas de dois côvados"... (cf. A. Mallon, op. cit., p. 75).

[20]) A. Mallon, op. cit., p. 78.

[21]) P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, p. 13.

Na Grécia. — "Na aurora de sua existência — escreve Siwek — a Grécia ignora por completo a doutrina da reencarnação. Só pelo ano 543 a. C. é que nela a introduziu um certo Ferécides, segundo consta, mestre de Pitágoras. E' porém o próprio Pitágoras [22] que geralmente passa por ser o verdadeiro introdutor da teoria da reencarnação na Grécia. Esta teoria foi depois difundida por Empédocles, a base doutrinária do culto de *Diônisos,* dos hinos órficos e do mito fantasista da misteriosa roda da Fortuna.[23] Na realidade, na Grécia a teoria da reencarnação deve a forma científica a Platão; com variedade incomparável, para expô-la e defendê-la, êle despende tesouros de aguda observação psicológica, de poesia e de arte. E', porém, difícil averiguar até que ponto as belas imagens empregadas pelo grande filósofo-poeta correspondem às suas convicções íntimas. O que há de certo é que nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra. Em todo o caso, Platão soube evitar tôdas as extravagâncias que nos seus discípulos, sobretudo em Plotino,[24] caracterizam a exposição da teoria da reencarnação".[25]

---

[22]) Não só a tradição popular como também os sábios gregos consideravam Pitágoras como verdadeiro introdutor da teoria da reencarnação na Grécia. Cf. Aristóteles, *De Anima,* I, 3, 407 b 22. Segundo os ensinamentos de Pitágoras, os animais possuem alma semelhante à nossa. Só lhes faltam os órgãos necessários à manifestação de sua vida psíquica superior; a alma humana pode entrar também nas plantas.

[23]) Cada vez que a roda da Fortuna dá uma volta completa, tôdas as mudanças no mundo repetem-se na mesma ordem em que acabam de se produzir.

[24]) Assim como depois os Cabalistas, Plotino gostava de pôr em evidência a lei do talião: quem abusar da fortuna será pobre na reencarnação seguinte.

[25]) P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, pp. 14 s. — Segundo o pensamento de Platão, as almas, iguais em número às estrêlas, se encontram livremente por todo o céu, sem nenhuma tendência interna e predeterminada para unir-se a um corpo. Sòmente aquelas que, por vício ou preguiça, foram afastadas das celestes harmonias, desceram a esta terra. Uma vez chegadas aqui, são forçadas a encerrar-se num corpo como numa prisão involuntária. Depois desta primeira vida corporal segue o juízo. Algumas almas descem então a uma morada subterrânea para serem corrigidas e castigadas; outras retornam a certo lugar no céu. Depois dum período de mil anos é deixada às almas a liberdade de escolher, podendo passar novamente por uma forma humana, não por castigo mas para conquistar conceitos universais. Num dado momento uma alma pode passar de um corpo animal a um corpo humano. Tais são as idéias sôbre a transmigração esboçadas por Platão no *Fedro.* No *Timeo* o castigo de uma vida má consiste em passar primeiramente ao corpo duma mulher e, caso persistir no mal, ao corpo de um animal.

Mas antes de Ferécides (543 a. C.), por mais que nos embrenhemos no passado da Grécia, não encontramos nem vestígios de idéias reencarnacionistas. Homero revela-nos as doutrinas de seu tempo relativas à sobrevivência das almas, mas nêle não damos com um só texto que favoreça a metempsicose.[26]

E, por conseguinte, mais uma vez devemos concluir pela relativa novidade da reencarnação também na Grécia.

Em Roma. — Os antigos romanos acreditavam na sobrevivência da alma. Mas "nunca aceitaram com simpatia a teoria da reencarnação".[27] Apenas nos poetas Horácio, Vergílio e Ovídio encontramos referências a essa doutrina. Os escritores sérios, porém, não se ocuparam com ela. Só de Lucrécio sabemos que êle a combateu, como também investiu contra a imortalidade da alma.[28]

Na Pérsia. — Não se conhece absolutamente a metempsicose ou outra semelhante doutrina na filosofia ou religião da Pérsia antiga.[29] A própria Annie Besant, fundadora do reencarnacionismo teosofista, que procurou e mandou buscar sôfregamente idéias reencarnacionistas entre os povos antigos, viu-se obrigada a confessar: "A reencarnação não é ensinada nas obras traduzidas até o presente e esta crença também não se encontra entre os persas modernos".[30] E' verdade que ela acrescenta: "Mas encontramos entre êles a idéia de que o Espírito, no homem, é uma centelha destinada a transformar-se algum dia em chama e a reunir-se ao Fogo supremo. E isto deve supor uma certa evolução, para a qual é indispensável o renascimento". Mas é preciso ter o dom de simplificar as coisas, para ver aí o reencarnacionismo: neste caso deveríamos dizer que todos os panteístas admitem a palingenesia...

Conclusão. — São êstes os principais povos antigos, geralmente citados pelos reencarnacionistas e que seriam em favor

---

[26]) Cf. R. Hedde, *Métempsycose,* Dict. Théol. Cath., tom. X, col. 1578.
[27]) P. Siwek. *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, p. 16.
[28]) Cf. R. Hedde, *Métempsycose,* Dict. Théol. Cath., tom. X, col. 1585.
[29]) Cf. A. Carnoy, *A Religião dos Persas,* trad. port. publicada na coleção *Christus,* II, pp. 7-64; cf. também R. Hedde, *Métempsycose* Dict. Théol. Cath., tom. X, col. 1575; P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, p. 13.
[30]) Annie Besant, *La Sagesse Antique,* 1912, p. 41.

da doutrina da pluralidade das existências. Vimos resumidamente o que o conhecimento atual das fontes nos permite afirmar a êste respeito. Do que acabamos de ver, tiramos as seguintes conclusões:

1) A doutrina das sucessivas vidas corpóreas foi, realmente, defendida por vários povos antigos, muito antes do Espiritismo e da Teosofia de nossos dias: Encontramo-la antes da era cristã na Índia, no Egito, na Grécia e em alguns poetas de Roma; depois de Cristo, no século IV, foi introduzida pelo Budismo também na China, na Coréia e no Japão. Por conseguinte os "espíritos" do Espiritismo, que vieram para ensinar a doutrina reencarnacionista, não trouxeram nada de essencialmente novo.

2) Há vários povos antigos que, muito embora aceitassem a imortalidade da alma, jamais admitiram a doutrina da pluralidade das vidas terrestres.[31]

3) O documento escrito mais antigo de que temos conhecimento e que manifesta claramente idéias reencarnacionistas, data do século 7º ou 6 antes de Cristo e assinala o fim da época védica, na Índia. Não há notícia de um só documento que nos permita recuar mais.[32]

4) Mesmo entre os povos antigos apregoados como adeptos da palingenesia, as idéias reencarnacionistas foram introduzidas em épocas relativamente recentes: Pois tôda a literatura filosófica e religiosa da Índia pré-védica e do período inicial da

---

[31]) Não estudamos, evidentemente, as doutrinas de todos os povos: limitamo-nos a inspecionar os mais citados pelos reencarnacionistas. E mesmo entre êles vimos que os *persas* e os mais destacados pensadores de *Roma,* como, aliás, também grande número dos melhores filósofos *gregos* (como por exemplo Aristóteles, indubitàvelmente o maior de todos êles), não são reencarnacionistas. P. Siwek, *A Reencarnação d s Espíritos,* São Paulo 1946, p. 12, escreve: "São *muitos* os povos que *sempre* se conservaram refratários às concepções reencarnacionistas".

[32]) Os 58.000 anos antes da nossa era, de que fala Mário Cavalcanti de Mello na p. 202 de *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), não passam de pura fantasia do autor. Provàvelmente êle se inspirou numa mal digerida nota de Leão Denis, *Depois da Morte,* 6ª ed., p. 22, nota 2 (que, por sua vez, se apóia em Paul Gibier). — Em *Como os Teólogos Refutam,* p. 47, diz o Sr. Mário C. de Mello que o autor dêste ensaio teria tido a pretensão de provar que a reencarnação "não existiu nos Vedas, nem na Pérsia, nem no Egito, nem na Grécia, nem na Igreja primitiva". Mas não é exatamente isso o que nós afirmamos. Basta reler o capítulo. E' verdade que mais adiante mostraremos que a Igreja Primitiva não aceitou a reencarnação. E para isso apresentamos provas.

época védica; tôda a vasta literatura da China até a introdução do Budismo no século IV depois de Cristo; a escatologia do Egito antigo e ainda aquela da época florescente dos faraós; o pensamento da mais antiga literatura grega (Homero e tudo que foi anterior a êle) até o ano de 543 a. C.; os escritos sérios da Roma pagã; — todos ignoram completamente a doutrina das vidas sucessivas do homem sôbre a terra.

5) Há, pois, notáveis exageros e mesmo lamentáveis generalizações nas apressadas e otimistas afirmações dos modernos defensores da reencarnação e que citamos no início dêste capítulo:

a) Allan Kardec excedeu-se muito quando escreveu que a doutrina da pluralidade das existências "teve origem nas primeiras idades do mundo";

b) Carlos Imbassahy enganou-se certamente quando declarou que a reencarnação "não nos veio dos povos orientais"; e proferiu mais três erros quando pretendeu sustentar que esta doutrina "existiu de todos os tempos, em tôdas as regiões e em tôdas as seitas";

c) e o "excessivamente modesto" Sr. Mário Cavalcanti de Mello teria feito muitíssimo melhor em deixar "no fundo de suas gavetas" [33] as páginas em que escreveu o seguinte: "Por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base de fé" [34]; e aquelas outras em que lemos "que a doutrina das vidas sucessivas existe desde a mais remota antiguidade e pertencia a todos os povos"; e que "não houve, sequer, um só missionário de nosso mundo que não pontificasse com a certeza da fé que nos dá o raciocínio, a doutrina da pluralidade das existências".[35] Sic!

Concluir agora desta relativa ancianidade da doutrina reencarnacionista que ela deve provir de Deus, consoante o citado axioma de Leopoldo Cirne: "um princípio que atravessa os séculos revela nesse mesmo fato a sua origem divina", seria uma ilação inédita na história da filosofia.[36] Se assim fôsse, tería-

---

[33]) Cf. *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 12.
[34]) Ibidem, p. 202.
[35]) Ibidem, pp. 218 e 219.
[36]) Não se pode comparar êste argumento com o que em filosofia é denominado "argumento etnológico".

mos, na judiciosa observação de J. Gueiros,[37] que o sabeísmo dos egípcios, caldeus e demais povos pagãos da antiguidade, tendo atravessado os séculos, de modo que ainda hoje é praticado na Índia e noutros lugares do Oriente, seria de origem divina; ou que o materialismo, profligado já pelo Salmista e professado formalmente pela antiguidade clássica, por Epicuro, Lucrécio e outros, tendo atravessado os séculos, seria de origem divina; ou ainda que a idolatria, a feitiçaria e a demonolatria, praticadas já nos remotos tempos de Moisés, tendo atravessado os séculos, de modo que ainda hoje é florescente nos terreiros do Espiritismo umbandista do Brasil, seria de origem divina...

---

[37]) Jerônimo Gueiros, *O Espiritismo Analisado*, 2ª ed., p. 313. O autor é pastor protestante (presbiteriano), mas defende, contra os ataques espíritas, a inspiração divina da Bíblia, a Ssma. Trindade, a Divindade de Jesus, a eternidade do Inferno, e outras verdades básicas da fé cristã que os protestantes crentes ainda conservaram com fidelidade.

IV

O Argumento Cristão

Em que consiste. — Êste argumento apresentado pelos defensores da reencarnação, que, por viva fôrça, querem ter as aparências de Cristãos, resume-se essencialmente no seguinte: Jesus Cristo teria ensinado a pluralidade das nossas existências terrestres.

Falem-nos primeiramente os advogados da palingenesia. Allan Kardec insiste diversas vêzes neste ponto: "O princípio da reencarnação, escreve êle, ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho" [1] e cita Mt 17, onde Cristo teria declarado que João Batista é a reencarnação de Elias. Particularmente no *Evangelho segundo o Espiritismo* quer Kardec evidenciar que Cristo ensinou a pluralidade das existências corporais. Começa por dizer que "a reencarnação fazia parte dos dogmas dos Judeus, sob o nome de *ressurreição*... Êles designavam pelo têrmo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*",[2] e, para prová-lo, outra vez vem a história de João Batista como reencarnação de Elias e o colóquio entre Jesus e Nicodemos, onde encontramos estas palavras de Cristo: "Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer de novo não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 3). E com mais alguns vagos textos, segue então a triunfante conclusão: "Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos Judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que *negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo*";[3] e mais: "Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho".[4]

---

[1]) A. Kardec, *O Livro dos Espiritos*, 22ª ed., p. 146.
[2]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 67.
[3]) Ibidem, p. 71. O grifo é nosso.
[4]) Ibidem, p. 72.

Sistematizando, temos nas citadas palavras do mestre reencarnacionista cinco teses: 1) que a reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus; 2) que a palavra "ressurreição" é apenas outro têrmo para "reencarnação"; 3) que, em sua maioria, as máximas do Evangelho são ininteligíveis sem o princípio da reencarnação; 4) que João Batista era a reencarnação do profeta Elias; e 5) que em Jo 3, 3 Jesus ensinou formalmente a necessidade da reencarnação e que, por conseguinte, "negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo". Admitidas como verdadeiras estas cinco proposições, teríamos provada a reencarnação como parte essencial da doutrina cristã e, logo, sancionada pela autoridade divina.

Como Cristo e Sua mensagem é para nós o ponto central de nossa vida, de nossos interêsses, de nossas ocupações e preocupações; como estamos sincera e lealmente resolvido a seguir a Jesus e Suas doutrinas, para o que, a Seu expresso convite, abandonamos pai e mãe, irmão e irmã, casa e bens; como, por isso, fazemos absoluta questão de não negar um só ensinamento do Mestre Divino; e já que a doutrina reencarnacionista está sendo propagada, "por tôdas as maneiras que oferece a palavra escrita e falada",[5] nos meios católicos do Brasil *como doutrina cristã;* por tôdas essas razões é necessário que o presente argumento seja por nós estudado e analisado com particular atenção. E' o que tentaremos fazer nas seguintes páginas.

Note bem o leitor o que estudaremos agora: Queremos verificar se Cristo, nosso Mestre, era ou não reencarnacionista, se ensinou ou não a doutrina da pluralidade das nossas existências terrestres. Esta é a questão.

Já expusemos as linhas gerais da filosofia reencarnacionista. Para podermos saber agora se Cristo ensinou ou não esta doutrina, *será necessário verificar nos próprios ensinamentos de Jesus aquelas mesmas linhas gerais e essenciais da doutrina reencarnacionista.* Se o resultado de nosso inquérito fôr afirmativo, teremos que Cristo ensinou de fato a reencarnação; se fôr negativo, teremos que Jesus era contra a filosofia das vidas

---

[5]) Pois é esta a primeira finalidade da Federação Espírita Brasileira, como se lê em seus Estatutos, capítulo 1, artigo 1, parágrafo 1 e em quase todos os Estatutos das Sociedades Espíritas, dos Centros Espíritas e das demais agremiações espíritas.

sucessivas. Vamos, pois, primeiramente, recordar os pontos essenciais da doutrina reencarnacionista, para verificar em seguida se êles estão ou não contidos na mensagem de Jesus.

Conspecto dos pontos essenciais da doutrina reencarnacionista. — Atendendo à exposição que já fizemos, basta-nos agora formular brevemente os princípios básicos da filosofia da reencarnação. O leitor que desejar comprovação poderá encontrá-la com facilidade nas documentadas páginas do primeiro capítulo. Eis, pois, os elementos fundamentais da filosofia reencarnacionista:

1) Pluralidade das existências terrestres: nossa vida atual não é a primeira nem será a nossa última existência corporal; já vivemos e ainda teremos que viver inúmeras vêzes em sempre novos corpos materiais;

2) Progresso contínuo para a perfeição: a lei do progresso impele a alma para sempre novas vidas e não permite não só nenhum regresso, mas nem mesmo um estacionamento definitivo a meio caminho e muito menos comporta um estado definitivo de condenação sem fim: mais século, menos século, todos chegarão à perfeição final;

3) Conquista da meta final por méritos próprios: em cada nova existência a alma avança e progride na proporção de seus esforços; todo o mal cometido será reparado com expiações pessoais, sofridas pelo próprio espírito em novas e difíceis encarnações;

4) Definitiva independência do corpo: na proporção em que avança na incessante conquista para a perfeição final, a alma, em suas novas encarnações, assumirá um corpo sempre menos material, até chegar ao estado definitivo, em que viverá, para sempre, livre do corpo e independente da matéria.

Poderíamos lembrar outros pontos (por exemplo: evolucionismo lento e constante do espírito, passando pelo reino mineral, vegetal e animal; pluralidade dos mundos habitados, etc.). Mas bastam êstes, que nos parecem ser os essenciais. Sem os quatro mencionados elementos não há doutrina reencarnacionista, ao menos não no sentido em que ela é propagada entre nós.

Quem proclama a reencarnação também afirma a pluralidade das existências terrestres, sustenta o progresso contínuo para a perfeição, garante a conquista da meta final por méritos próprios e defende uma vida definitiva independente da matéria. Mas quem nega êstes pontos, quem contesta as vidas sucessivas do homem sôbre a terra, a marcha irreprimível e certa para o fim supremo, a necessidade de adquirir a perfeição final só por esforços pessoais e a definitiva independência da matéria, com isso mesmo recusará também a idéia da reencarnação. Por conseguinte, para sabermos se alguém é ou não reencarnacionista, teremos o seguinte infalível e necessário critério: basta verificar se aceita ou não aquêles quatro pontos. Quando, pois, queremos saber se Cristo era reencarnacionista, deveremos investigar se Êle ensinou a pluralidade das existências terrestres, o progresso contínuo para a perfeição, a conquista da meta final por méritos próprios e vida do espírito definitivamente livre da matéria e independente do corpo.

Ensinou Cristo a pluralidade das vidas terrestres? — Quem conhece, lê e medita habitualmente as sagradas páginas do Evangelho, verificará fàcilmente que Jesus, Nosso Senhor e Deus, quando fala desta nossa atual vida terrestre, costuma atribuir-lhe um valor decisivo para tôda a existência posterior à morte; verificará ainda que Jesus insiste, e muito, na importância culminante da hora da morte, advertindo-nos freqüentemente de estarmos sempre prontos e preparados para prestarmos conta da nossa vida ao Juiz Divino, prometendo aos justos recompensa imediata depois do desenlace e contestando abertamente a possibilidade de arrependimento e perdão, passados os umbrais da eternidade; verificará ainda que Jesus desconhece quaisquer vagabundeios pelos espaços ou na erraticidade, para "progredir contìnuamente". Vejamos alguns dos mais frisantes exemplos.

a) Em Lc 16, 19-31 lemos a parábola do pobre Lázaro e do rico epulão. São palavras de Cristo. Aí se oferece a Nosso Senhor uma excelente oportunidade para dar ensinamentos sôbre o que acontecerá aos homens depois da morte. Ambos morrem: primeiro o pobre Lázaro, que "foi levado pelos anjos ao seio de Abraão". A expressão "seio de Abraão" era corrente entre os judeus para significar o céu. E Cristo continua: "Morreu também o rico e foi sepultado no inferno. Aí ergueu os olhos,

no meio dos tormentos, e avistou ao longe a Abraão e Lázaro no seio dêle. E pôs-se a clamar: Pai Abraão, tem piedade de mim! e manda a Lázaro para molhar na água a ponta do dedo e refrescar-me a língua; porque sofro grandes tormentos nestas chamas. Replicou-lhe Abraão: Lembra-te, filho, que recebeste bens em tua vida, enquanto Lázaro sofreu males. Além disso, medeia entre nós e vós um grande abismo, de sorte que ninguém pode passar daqui para vós, nem daí para cá, ainda que quisesse". Paremos aqui. A parábola ainda continua, rica em ensinamentos sôbre as relações entre os falecidos e os que ainda vivem cá na terra. Vemos aí vários pronunciamentos diretamente contrários aos princípios da palingenesia. Se Jesus fôsse reencarnacionista, teria agora uma boa ocasião para insistir nesta doutrina: diria que a alma se desprende lentamente do corpo, permanecendo ainda por algum tempo em estado de perturbação e confusão; explicaria como ela readquire aos poucos um estado de consciência, lembrando as existências passadas; como vai depois perder-se na imensidade dos espaços, na erraticidade; como procura novas oportunidades para reencarnar; etc. Mas nesta parábola não encontramos nada disso: ambos morrem, ambos são julgados, um vai para o céu, outro para o inferno. Nada de sempre novas vidas, nada de andar pela erraticidade, nada de ininterruptos progressos depois da morte, nada de esperar novas vidas terrestres, nem mesmo nada de se comunicar com os vivos, como tanto queria o falecido epulão... E' que Jesus, ao menos nesta parábola, não era nem reencarnacionista, nem espírita, nem esoterista...

b) Em Lc 23, 39-43 contemplamos Jesus pregado e suspenso no alto da cruz, no meio de dois ladrões. Note-se que ambos tinham sido muito maus. Um dêles, o do lado direito, confessa-o abertamente, quando repreende seu colega com estas palavras: "Nem tu temes a Deus, quando sofres o mesmo suplício? Nós, é verdade, sofremos o que é justo, porque estamos recebendo a paga merecida das nossas obras" (Lc 23, 40 s). Pois bem, êste mesmo ladrão, depois daquele público reconhecimento de seus crimes, contrito e arrependido, dirige-se a Jesus com estas palavras: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino". E Jesus responde com a seguinte solene e extraordinária promessa: "Em verdade, te digo que ainda

hoje estarás comigo no paraíso". Naquele mesmo dia! "Ainda *hoje"!* Fôsse reencarnacionista, Jesus não poderia ter falado assim. Poderia ter consolado e animado o ladrão arrependido mais ou menos com estas palavras: "Fazes bem em arrepender-te, pois o arrependimento é o primeiro passo para a regeneração. Mas não basta. Deves ter paciência contigo mesmo. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo. Tu cometeste muitos crimes: tôda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída e que deverá ser paga. Já não o podes nesta existência: terás que reencarnar mais vêzes, deverás voltar a esta terra, em novo corpo, para expiar e resgatar teus crimes". Já vimos êsses e semelhantes textos de Allan Kardec na primeira parte. Mais ou menos assim deveria ter falado Cristo, se fôsse reencarnacionista. Mas falou de modo muito diferente. O que Cristo disse não entra na filosofia das vidas sucessivas. E' que Jesus não era reencarnacionista... Em sua Tréplica, p. 213, nos diz o Sr. Mário Cavalcanti que a história do bom ladrão não passa de lenda, e pergunta: "Será esta lenda verdadeira? E' o que Frei Boaventura precisa provar com argumentos sadios, sem recorrer às sutilezas de sua escolástica ultrapassada". Depois lembra que, segundo Mt 27, 44, ambos os ladrões insultavam a Cristo, portanto também o "bom ladrão"; e segundo Lc 23, 39 só um blasfemava. Para o Sr. Mário isso é flagrante contradição e permite logo esta conclusão definitiva: "São lendas, cuja veracidade é impossível provar e que só são aceitas por uma fé cega ou pelos que dão pouco valor à sua razão". Ora, Sr. Mário, raciocinemos! Quanto tempo durou a cena da cruz? Não era bem possível que, no início, ambos os ladrões, como nos diz S. Mateus, estivessem a blasfemar e a lamentar a sua sorte? E que, uma hora depois, ou mais, um dêles, vendo a paciência do Divino Salvador, entrasse em si e reconhecesse sua culpa para implorar o perdão? Haverá nisso "sutilezas da escolástica"? Mostraremos depois, em excursus especial, a autenticidade dêstes textos.

c) Do mesmo modo poderíamos analisar outras muitas passagens da mensagem cristã. Por exemplo a parábola das dez virgens, das quais cinco eram prudentes e vigilantes e cinco tôlas e indolentes e que não estavam preparadas quando "chegou o espôso". Depois bateram à porta e disseram: "Senhor,

Senhor, abre-nos!" Êle porém replicou: "Em verdade vos digo que não vos conheço!" E Cristo tira a conclusão: "Estai, pois, alerta, porque não sabeis nem o dia nem a hora" (Mt 25, 13) da morte. E outra vez admoesta: "Estai, pois, alerta! Vigiai e orai! Porque ignorais quando chegue êsse momento... se de tarde, se à noite, se ao canto do galo, se de madrugada. Que não apareça de improviso e vos encontre a dormir! O que digo a vós, digo-o a todos: Estai alerta!" (Mc 13, 33 ss). E ainda: "Vigiai, portanto, e rezai sem cessar, a fim de que vos torneis dignos de evitar todos êstes males, e de aparecer com confiança diante do Filho do homem" (Lc 21, 36). Pois, dirá Êle em outra oportunidade: "Se não vos converterdes, perecereis todos" (Lc 13, 3).

d) Particularmente claro é São Paulo, fiel discípulo e zelozo Apóstolo de Cristo e que nos assegura de ter recebido seu evangelho diretamente de Jesus (Gál 1, 12). Eis o que êle escreve aos hebreus: "Está decretado que o homem morra uma só vez, e depois disto é o julgamento" (Heb 9, 27). *Morra uma só vez!* Não mais vêzes, não muitas vêzes, não um número indefinido de vêzes: *uma só vez!* E' a afirmação explícita da unicidade da vida terrestre, contra o princípio reencarnacionista da pluralidade das existências. E', em outras palavras, a condenação formal, explícita, clara da teoria da reencarnação.[6] Por isso diz ainda a Sagrada Escritura: "A cada um, *no dia de sua morte,* o Senhor retribuirá, conforme as suas obras" (Ecle 11, 28). E' o que Nosso Senhor repete sem cessar: desde que o homem se arrependa sinceramente dos pecados cometidos, por maiores que tenham sido, e receba o perdão divino, "entra no gôzo do Senhor".

Unicidade da vida terrestre, julgamento imediatamente depois da morte, recompensa ou castigo posterior, sem liberdade

---

[6]) O Sr. Carlos Imbassahy, em *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), p. 29, vê e reconhece a fôrça dêste ensino do insigne Apóstolo das Gentes. "Mas, escreve êle, se se compreende o texto, não se compreende por que Paulo nos deva obrigar. Qual a razão por que devemos segui-lo?" Respondemos ao temerário reencarnacionista de Niterói que êle, evidentemente, pode deixar de segui-lo, como também pode deixar de seguir a Cristo (em Cafarnaum, ao anunciar a instituição da Eucaristia, Cristo permitiu que os cafarnaítas e os discípulos, que não queriam acreditar em suas palavras, porque a julgavam "linguagem dura", cf. Jo 6, 60, se retirassem). Mas quem assim abandona o ensino de Cristo seja conseqüente e não queira continuar a chamar-se cristão.

de vaguear pela erraticidade, sem promessa de novas vidas terrestres — eis o que Cristo opõe ao princípio reencarnacionista da pluralidade das existências; e eis, também, o que os reencarnacionistas não podem admitir na mensagem de Cristo. E eis, ainda, por que os esoteristas não são cristãos.

Ensinou Jesus a lei do progresso irreprimível e universal para a Perfeição? — A lei do progresso, assim como os reencarnacionistas a entendem,[7] é universal, uma fôrça viva da natureza, e não pode ser frustrada. O homem pode, talvez, fazer-lhe oposição por algum tempo, pode estacioná-la temporàriamente: mais dia, menos dia, porém, êle terá que continuar em sua marcha à perfeição final. Todos, absolutamente todos chegarão a ela: Não existe, nem mesmo é possível coexistir com a lei do progresso, um estado definitivo de condenação sem fim e sem esperança de conseguir esta meta. E' por isso que todos os reencarnacionistas, com uma unanimidade rara, rejeitam decididamente a tradicional doutrina cristã sôbre o *inferno*. E' a razão por que Allan Kardec, num texto expressivo que já vimos na primeira parte, declara que "o dogma da eternidade absoluta das penas é incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Êsses dois princípios (a eternidade do inferno e o constante progresso das almas) destróem-se, e a condição indeclinável de existência de um é o aniquilamento do outro".[8] O dilema proposto pelo patriarca dos nossos reencarnacionistas é claro e incisivo: ou admitimos a lei do progresso (e, portanto, a reencarnação), ou admitimos o dogma da eternidade do inferno (e, portanto, rejeitamos a palingenesia); os dois não podem coexistir: quem afirma a eternidade das penas negará a reencarnação, será contra a palingenesia. Assim sendo, querendo saber se Cristo era ou não reencarnacionista, podemos, agora, formular nossa pergunta da seguinte maneira: qual dêstes dois princípios (eternidade das penas ou progresso irreprimível e universal das almas) foi ensinado por Cristo? E a resposta nos parece absolutamente certa e indiscutível: *Cristo, de fato, ensinou a eternidade das penas do inferno*. Logo, concluirá o próprio Allan Kardec, se quiser ser

---

[7]) Cf. supra, nossa exposição.
[8]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 78.

conseqüente, a mensagem de Jesus é incompatível com a filosofia da reencarnação.

Já em várias oportunidades escrevemos sôbre a questão do inferno.[9] Arrolamos uma longa série de pronunciamentos de indubitável clareza, todos êles palavras textuais de Jesus, assim como nos foram conservados pelos Evangelistas, e em que Cristo fala do inferno como de um "suplício eterno", "fogo eterno", "fogo inextinguível, onde o verme não morre, nem o fogo se apaga", onde há "trevas", "chôro e ranger de dentes" e "grandes tormentos", etc. Respondemos também às principais dificuldades que se podem fazer contra a doutrina da eternidade do inferno.[10] Como não é possível resumir em duas palavras a teologia do inferno e como nos parece fastidioso repetir aqui o que em outro lugar foi conscienciosamente estudado, remetemos o leitor interessado para as páginas indicadas das nossas outras brochuras. Ressaltamos apenas que Cristo, de fato, não podia usar de palavras mais evidentes e incisivas para nos ensinar a existência e a eternidade do inferno. Pois, quase em cada sermão que fazia, Jesus apontava para os tremendos castigos depois da morte. Basta lembrar que, no Juízo Final, a sentença definitiva do Divino Juiz sôbre os maus será: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado ao demônio e seus companheiros" (Mt 25, 41); e Jesus acrescenta que "êstes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna" (Mt 25, 45). E mais uma passagem, aliás pouco lembrada, sirva de exemplo. Está em Lc 13, 23-28. Leia-se o texto.

"Perguntou-lhe alguém: Senhor, são poucos os que se salvam? Respondeu-lhe Êle: Esforçai-vos para entrar pela porta estreita; porque vos digo que muitos procurarão entrar, *e não o conseguirão*. Uma vez que o dono da casa se tenha levantado e cerrado a porta, ficareis vós da parte de fora, batendo à porta e clamando: Senhor, abre-nos! Êle, porém, vos responderá: Não sei donde sois vós. Então começareis a dizer: Nós comemos e bebemos em tua presença, e tu andaste ensinando pelas nossas ruas. Êle todavia vos tornará: Não sei donde sois vós; apartai-

---

[9]) Cf. *Ação Pastoral Perante o Espiritismo,* Editôra Vozes, Petrópolis 1961, pp. 251-261; veja-se também nossa *Resposta aos Espíritas,* Petrópolis 1960, pp. 37-48.

[10]) Veja *Resposta aos Espíritas,* 4ª ed., pp. 37-48.

vos de mim, todos vós, malfeitores! Então haverá chôro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus a Abraão, Isaac e Jacob e todos os profetas e vós serdes expulsos".

Não adianta negar tão claros ensinamentos divinos. Contra aquêles que negam a reencarnação, Allan Kardec teceu, do seu ponto de vista, uma mui judiciosa ponderação: "Como quer que opinemos acêrca da reencarnação, quer a aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la, desde que ela exista, mau grado a tôdas as crenças em contrário",[11] pois, considera êle no mesmo contexto: "Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos para regular o Universo". E' isso mesmo. Parafraseando, diremos: Como quer que se opine acêrca do inferno, quer o aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para não sermos condenados a êle, desde que êle exista, mau grado tôdas as vontades humanas em contrário, pois Deus sabe o que faz e não consulta nosso parecer. As admoestações divinas estão aí, nos Evangelhos. Deus, evidentemente, quer a salvação de todos. A todos dá as graças necessárias e a ninguém nega os auxílios suficientes. E' certo que só vai para o inferno quem voluntária, consciente e gravemente ofende a Deus e neste estado morrer impenitente. Mas êstes irão mesmo. Não adiantará choramingar. Deus lhes dirá, como lemos no Sagrado Livro dos Provérbios, 1, 24 ss: "Mas, visto que eu vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me; visto que estendi a mão, e não houve quem olhasse para mim; visto que desprezastes todos os meus conselhos, e não fizestes caso das minhas repreensões, também eu me rirei da vossa ruína, e zombarei de vós, quando vos suceder o que temíeis. Quando vos assaltar a calamidade repentina e colhêr a morte como um temporal; quando vier sôbre vós a tribulação e a angústia, então me invocarão e eu não os ouvirei; levantar-se-ão de madrugada, e não me encontrarão; porque êles aborreceram as minhas instruções, e não abraçaram o temor do Senhor, nem se submeteram ao meu conselho e desprezaram tôdas as minhas repreensões. Comerão, pois, os frutos de seu mau proceder e fartar-se-ão dos seus conselhos"...

Acêrca do inferno apraz-nos repetir aqui um pensamento que já expusemos alhures: Não há dúvida — concedemo-lo de

---

[11]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 147.

bom grado — existem aspectos bem difíceis de entender na doutrina de Cristo sôbre a tremenda possibilidade de sermos condenados para sempre à exclusão da visão beatífica (inferno significa em primeiro lugar "exclusão do céu"; as penas são secundárias). Mas quem compreende a vocação natural e sobrenatural de todos os homens; quem conhece a necessidade, o valor e o risco da liberdade; quem procurou penetrar na natureza do pecado grave, consciente e deliberadamente perpetrado; quem se deu conta da necessidade de um limite do tempo de prova; êste verificará fàcilmente que o aspecto mais difícil ou misterioso não é pròpriamente a existência do inferno, nem sua eternidade, mas o triste fato de existirem sêres racionais que, não obstante, abusam da sua liberdade para enfrentar a eventualidade do inferno. O verdadeiro problema, a dificuldade principal, está na existência da culpa grave consciente e livremente cometida por uma criatura de Deus! Como e por que permite Deus que sua criatura racional, o homem, possa, desgraçadamente, decidir-se para a culpa grave? Eis aí a verdadeira raiz do "mistério do inferno". E exatamente êste problema existe também para os negadores do inferno e para os reencarnacionistas. Pois ninguém pode racionalmente contestar a realidade do pecado grave e livremente cometido pelo homem e, por conseguinte, existe para todos o indicado e difícil problema. Também para os reencarnacionistas nem tudo é claro. O próprio Allan Kardec indaga dos "espíritos superiores": "Por que há Deus permitido que os Espíritos possam tomar o caminho do mal?" E a resposta do "além" se resolve, afinal, também, num apêlo ao mistério. Eis a resposta que Allan Kardec garante ter recebido: "Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios?" (*O Livro dos Espíritos,* 22ª ed., p. 94). A resposta é boa, mas não é nada espírita...

Muito iludidos estão os que pensam que o Cristianismo é a religião da comodidade e do puro sentimentalismo: "Não penseis — disse Cristo — que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, senão a espada. Vim para fazer separação entre filho e pai, entre filha e mãe, entre nora e sogra... Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim. Quem não tomar a sua cruz e me seguir não é digno de mim.

Quem procurar possuir a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, possuí-la-á" (Mt 10, 34-39).

Allan Kardec ilude-se conscientemente a si mesmo e a todos os seus sequazes, quando escreve que Cristo "se limitou a falar vagamente da vida bem-aventurada, dos castigos reservados aos culpados, *sem referir-se jamais nos seus ensinos a castigos e suplícios corporais*".[12] Sic! Iludem-se também nossos espíritas, quando anunciam triunfalmente que "o Espiritismo forneceu a chave que permite ler o Evangelho sem calafrios e provou que Deus é, em verdade, justo e bom".[13] Iludem-se ainda tremendamente, quando não apenas sustentam que a Bíblia não se refere ao sofrimento eterno do condenado, mas ainda blasfemam da seguinte maneira: "Se conseguissem convencer-nos de que é isso o que a Bíblia afirma, nós a renegaríamos como falsa; e se nos provassem que ela é autêntica (isto é: que ela vem de Deus), nós renegaríamos o próprio Deus, porque não podemos adorar uma entidade cujos sentimentos de amor, justiça e misericórdia sejam inferiores aos nossos. E se há um Deus capaz de condenar uma de suas criaturas a sofrer eternos horrores por uma falta momentânea, cometida contra quem fôr, então êsse Deus está muito abaixo das solas dos nossos sapatos. Nós nos julgaremos, por isso, muito superior a um tal Deus!..."[14]

Aí já não há remédio...

Mas, perguntamos, isso ainda é Cristianismo?

Ensinou Cristo a necessidade de conquistar a perfeição final por esforços e méritos pessoais? — Segundo os reencarnacionistas,[15] a alma deve reencarnar primàriamente por dois motivos: para expiar seus pecados e para progredir sem cessar. Aí está tôda a razão de ser das vidas sucessivas. Tanto a expiação, como também o progresso devem ser méritos pessoais, conquistados por esforços próprios e não pelo interêsse, pelo

---

[12]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 41.

[13]) *Almenara* (jornal kardecista e reencarnacionista), Rio, janeiro de 1954, p. 8.

[14]) Cf. Carlos Imbassahy, *À Margem do Espiritismo*, 2ª ed., p. 162 — O Sr. Mário C. de Mello, em sua tréplica *Como os Teólogos Refutam...*, concede que os textos acima lembrados, que nos falam do inferno, estão realmente no Evangelho; mas, diz êle, nas pp. 224 e 226, todos aquêles textos foram, posteriormente, interpolados...

[15]) Cf. o que escrevemos no primeiro capítulo sob o título: "O espírito alcança a perfeição pelos méritos próprios".

amor ou pela misericórdia alheia, mesmo que êsse outro seja Deus. Leão Denis o enuncia cruamente: "Não, a missão de Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da Humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. E' o que os Espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo".[16] E a revista oficial, órgão máximo da propaganda reencarnacionista no Brasil, *Reformador,* ensina: "A salvação não se obtém por graça nem pelo sangue derramado por Jesus no madeiro", mas "a salvação é ponto de esfôrço individual que cada um emprega, na medida de suas fôrças".[17]

Para os nossos espíritas há ainda uma razão de ordem sentimental para corroborar a mesma tese: "A nós espíritas nos estarrece que a divindade tenha podido encarnar e morrer para resgatar uma humanidade tão pouco digna de tamanho benefício. Não compreendemos uma tamanha solicitude (refere-se à doutrina cristã da redenção dos homens pela paixão e morte de Cristo) para com os habitantes de uma esfera das menos importantes do universo".[18]

Em resumo, diria A. Kardec, "tôda a falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não fôr em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes".[19] Cada qual deverá expiar suas próprias culpas: não há salvação vicária ou redenção feita por outrem; todos deverão conquistar a perfeição por esforços e merecimentos pessoais: a graça divina e os méritos de Cristo seriam privilégios e injustiças.[20] Deus não perdoa nem mesmo pode perdoar pecados sem que preceda expiação e reparação feita pelo próprio pecador.[21] E' esta a essência da soteriologia reencarnacionista.[22]

---

[16]) L. Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 88.

[17]) *Reformador,* outubro de 1951, p. 236.

[18]) *Revista Internacional do Espiritismo* (Matão, SP), janeiro de 1954, p. 257.

[19]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 88.

[20]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 76.

[21]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 90; *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., pp. 446-450.

[22]) Além do que escrevemos a êste respeito no primeiro capítulo, veja também nosso estudo sôbre "a soteriologia espírita" no cap. XIV, art. 2, de *O Espiritismo no Brasil.*

Ora, todos êsses postulados são, outra vez, totalmente incompatíveis com a grande novidade do Evangelho, com a própria medula da "boa nova" (é o sentido da palavra "evangelho", de origem grega), que consiste precisamente nisso: Cristo, por sua vida, paixão e morte, reconciliou a humanidade com Deus, satisfazendo superabundantemente pelos pecados de todos os homens e de todos os tempos. E' o cerne da mensagem cristã. Nossa redenção por Cristo é a medula do Evangelho e da vida neotestamentária. Está em tôdas as páginas. E' a mensagem que os profetas predisseram; é a mensagem que os anjos anunciaram na primeira noite de Natal; é a mensagem de João às margens do Jordão; é a mensagem em que o próprio Cristo insistiu; é sobretudo a mensagem que os Apóstolos foram depois levar a todos os povos do mundo; é a mensagem mais cara que a Igreja nos conservou através dos séculos; é a mensagem que se tornou como o símbolo do Brasil religioso e cristão: Cristo Redentor no alto do Corcovado.

Vejamos ao menos algumas das passagens mais expressivas,[23] porquanto é impossível transcrever para estas páginas tôda a "boa nova" do Evangelho:

a) Já o profeta Isaías predisse, falando do Messias: "Verdadeiramente êle foi o que tomou sôbre si as nossas fraquezas, e êle mesmo carregou com as nossas dores... foi ferido por causa de vossos crimes; foi atribulado por causa de nossas maldades... Deus pôs nêle as iniqüidades de todos nós" (Is 53, 4-6; Mt 8, 17).

b) Quando nasceu Jesus, os anjos o anunciaram aos pastôres: "Eis que venho comunicar-vos uma grande alegria: Nasceu o Salvador!" (Lc 2, 10). E João Batista o apresentou com estas palavras: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1, 29).

c) Também o próprio Jesus declarou diversas vêzes ter vindo para "dar a sua vida como preço de resgate por muitos" (Mc 10, 45; Mt 26, 28; Lc 19, 10; 22, 20; Jo 10, 15).

d) E São Pedro nos admoesta: "Fôstes remidos não pelo ouro e prata corruptíveis, mas pelo sangue de Cristo imaculado"; "o qual levou no seu corpo os nossos pecados sôbre o

---

[23]) A importância do assunto nos obriga a repetir o que já dissemos nas pp. 240-243 de *Ação Pastoral Perante o Espiritismo* (Petrópolis 1961).

lenho, a fim de que, mortos para o pecado, vivamos para a justiça" (1 Ped 1, 18; 2, 24).

e) As epístolas de São Paulo, então, só se entendem à luz desta idéia, animada, ademais, pelo conceito do Corpo Místico de Cristo, pelo qual a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo se tornam nossos, como é nosso o pecado de Adão. A epístola aos hebreus é tôda uma teologia da redenção. Aos efésios escreve: "E' n'Êle que temos a redenção, devido à riqueza da sua graça, que em torrentes derramou sôbre nós" (1, 7). 'Foi do agrado do Pai que residisse nêle tôda a plenitude, e que por êle fôssem reconciliados consigo tôdas as coisas, pacificando, pelo sangue da sua cruz, tanto as coisas da terra, como as coisas do céu" (Col 1, 20). E a Timóteo, depois de lhe lembrar que Jesus "se entregou como resgate por todos", escreve o grande Apóstolo das gentes: "Tal é a mensagem da salvação que em boa hora se anunciou e da qual fui eu constituído arauto e apóstolo — digo a verdade e não minto — para ser doutor dos gentios, fiel e verídico" (1 Tim 2, 5-7). E aos romanos declara que "fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho" (5, 10).

f) Também São João é claro e explícito: "Êle mesmo é a propiciação pelos nossos pecados, não pelos nossos sòmente, mas também pelos de todo o mundo" (1 Jo 2, 2).

g) Foi assim também que a Igreja o entendeu sem interrupção. Já o discípulo de João São Policarpo escreve aos filipenses: "Cristo Jesus que tomou os nossos pecados sôbre o Seu corpo no lenho da cruz, êle que não fêz pecados, tudo sofreu por nossa causa, para que nêle vivamos" (cap. 8). E ainda hoje o ensino oficial da Igreja é que Nosso Senhor Jesus Cristo, "pela nímia caridade com que nos amou" (Ef 2, 4), "satisfez por nós ao Eterno Pai com Sua santíssima Paixão no lenho da Cruz".[24]

E' a soteriologia cristã.

Estamos assim diante de duas soteriologias opostas: a cristã e a reencarnacionista. Uma defende a hetero-redenção e outra a auto-redenção. Ambas se excluem por natureza, sendo de todo impossível sua coexistência. Quem afirma uma contestará a outra. E' por isso que os reencarnacionistas estão também unâ-

---

[24]) Concílio de Trento, Sessão VI, cap. 7 (DZ 799).

nimes em negar a nossa redenção por Cristo. A filosofia da reencarnação revela-se desta maneira como um sistema radicalmente contrário ao próprio cerne da mensagem de Cristo. E por isso é uma filosofia anticristã, pagã.

E mais uma vez devemos concluir: Cristo não era reencarnacionista.

Ensinou Jesus uma vida definitivamente independente do corpo? — Sustentam os reencarnacionistas que a alma ou, como êles preferem dizer, o espírito, chegado afinal à perfeição, viverá para sempre livre do corpo material. Isso já foi exposto no primeiro capítulo. Coerentes com seus princípios, êles rejeitam decididamente a doutrina da ressurreição da carne:[25] que a alma tornará a vivificar *o mesmo corpo* para, assim, unida ao corpo, viver eternamente. De fato, também estas duas doutrinas (vida definitivamente independente do corpo ou vida definitiva no corpo ressuscitado) excluem-se mùtuamente: quem sustenta uma contestará lògicamente a outra.

Ora, ainda nesta questão Jesus falou claro: todos, bons e maus, bem-aventurados e condenados, hão de ressuscitar com seus próprios corpos. "Virá a hora — ensina Jesus — em que todos os que jazem nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus e ressurgirão para a vida os que praticaram o bem e ressurgirão para a condenação os que praticaram o mal" (Jo 5, 28-29). Outra vez Cristo defende a ressurreição contra as objeções ridículas dos saduceus (Mt 22, 23-33). Também os Apóstolos pregaram abertamente e muitas vêzes a ressurreição.[26] São Paulo dedica todo o longo capítulo 15 da primeira epístola aos coríntios à defesa e explicação da ressurreição. "Se não há ressurreição dos mortos — argumenta o Apóstolo — também Cristo não ressuscitou.[27] Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, vã é também a vossa fé; e nós aqui estamos como falsas testemunhas de Deus, porque contra Deus depusemos que ressuscitou a Cristo... Pois se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou". E depois o Apóstolo passa a explicar a transformação por que há de passar o corpo ressusci-

---

[25]) Veja A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 458; L. Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., pp. 100 s.

[26]) Cf. At 4, 2; 17, 18; 17, 32; 23, 6 ss; 24, 15; 26, 6, 23; etc.

[27]) Os reencarnacionistas, de fato, negam também a ressurreição de Cristo; cf. A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 333.

tado: "O que se semeia é (um corpo) corruptível, o que ressuscita é (um corpo) incorruptível; o que se semeia é humilde, o que ressuscita é glorioso; o que se semeia é fraco, o que ressuscita é forte; o que se semeia é um corpo material, o que ressuscita é um corpo espiritual".

Convém adiantar aqui rápida explicação sôbre uma dificuldade que os reencarnacionistas não se cansam de repetir. Querendo ridicularizar a fé e a esperança cristã na ressurreição, lembram que os corpos se desfazem, se transformam e passam a constituir outros corpos... Leão Denis recorda que, segundo êste nosso dogma, "os átomos do nosso corpo carnal, disseminados, dispersos por mil novos corpos, devem reunir-se um dia, reconstituir nosso invólucro e figurar no juízo final".[28] Ora, conclui êle muito bem, isso é impossível. Em outra ocasião já respondemos a semelhante objeção.[29] Resumindo agora nossa resposta, queremos lembrar apenas que, de fato, sustentamos a identidade entre o corpo ressuscitado e o corpo que a alma deixou na hora da morte. Pois o ensino de Cristo é demasiado explícito a êste respeito e não pode ser violentado ou contestado. Mas não precisamos ir logo ao extremo de afirmar também uma identidade de átomos e moléculas! Dizem muito bem os teólogos que basta sustentar uma identidade relativa. E' conhecido o fenômeno biológico do metabolismo, segundo o qual o corpo humano, pela contínua assimilação e desassimilação das substâncias, de tempo em tempo, se renova inteiramente, de tal modo que os átomos ou as moléculas que anos atrás integravam o nosso corpo, já hoje estão totalmente substituídos por outros. Não obstante, costumamos dizer, e com razão, que o nosso corpo de hoje é o *mesmo* de dez ou vinte anos atrás. E' uma identidade material relativa, mas real. Por conseguinte, para conservarmos uma verdadeira identidade corporal, não é necessário reter sempre os mesmos elementos materiais. A dispersão da matéria não impossibilita a identidade material do corpo humano.

Precisamos referir-nos a mais uma curiosa alegação de Allan Kardec. Vimos no início dêste capítulo que, segundo Kardec, os judeus "designavam pelo têrmo ressurreição o que o Espiri-

---

[28]) L. Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 100.
[29]) Cf. nossa *Resposta aos Espíritas,* 4ª ed., pp. 61-63.

tismo, mais judiciosamente, chama reencarnação".[30] Eis aí uma afirmação simplesmente arbitrária. Não há seriedade nisso. Nem podemos imaginar como pôde Kardec chegar a semelhante asserção. Não conhecemos um só elemento que nos permita estabelecer esta identidade. E' evidentíssimo que as ressurreições narradas na Bíblia, a de Elias ressuscitando o filho da viúva de Sarepta, a de Eliseu ressuscitando o filho da Sunamitis, as de Jesus ressuscitando o jovem de Naim, a filha de Jairo ou a Lázaro, tudo isso nada tem a ver com o que hoje os espíritas entendem por reencarnação. Nem os judeus pensavam em reencarnação, quando Jesus lhes anunciava que depois de três dias haveria de ressuscitar, visto que mandaram pôr guardas no sepulcro. Basta ler o capítulo 15 da primeira carta aos coríntios, para saber o que os judeus entendiam quando falavam em ressurreição. Basta ler atentamente as palavras de Jesus em Jo 5, 28-29 e que acabamos de citar. Enfim, seria suficiente re-

---

[30]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 67. — A respeito da outra alegação de Allan Kardec, de que a reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, lembramos as seguintes observações de P. Siwek (*A Reencarnação dos Espíritos*, S. Paulo 1946, p. 14): "Os livros sagrados dos judeus mencionam várias vêzes a prática da evocação dos espíritos (Lev 20, 6. 27; 19, 31; Deut 18, 9. 10. 11. 12; 1 Reis 28, 3; 4 Reis 21, 6). Mas esta não tem relação nenhuma com a reencarnação. Só se excetua a *Cabala*: os livros desta, *Zohar* (ou Livro dos Esplendores), *Zohar-Haddach, Tiqqunim* expõem a doutrina da reencarnação, que assim faz parte integrante do esoterismo místico da Cabala. Mas é preciso notar que o Zohar só foi acrescentado à Cabala no fim do século XIII e que nela a reencarnação se apresenta como um episódio fragmentário, sem conexão íntima com o resto do sistema filosófico da Cabala; mais ainda, acha-se em contradição flagrante com os dogmas fundamentais da religião judaica, admitidos pela Cabala". — A êste respeito pode-se consultar também R. Hedde, *Métempsycose*, Dict. Théol. Cath., X, 1585. — Sôbre a Cabala, veja-se também a col. 1586. — Em outra ocasião Allan Kardec concede que Jesus não falou muito claro a respeito da reencarnação, pois, diz êle, Cristo "não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa", porque "faltavam aos homens (daquele tempo) conhecimentos que êles só podiam adquirir com o tempo, sem os quais não o compreenderiam" (*A Gênese*, ed. de 1949, p. 26) e por êsse motivo Jesus não insistiu muito na pluralidade das existências: "A grande e importante lei da reencarnação foi um dos pontos capitais que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não se achavam suficientemente preparados para idéias dessa ordem e para as suas conseqüências" (ib. p. 368). Ora, se é verdade, como quer Kardec, que a doutrina das vidas sucessivas era comumente ensinada pelos povos antigos e era até "ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus" (veja o texto acima), não se compreende absolutamente tanta prudência da parte de Cristo no ensino duma verdade tão difundida...

cordar que a reencarnação se faz, como ensina Kardec, em sempre novos corpos "que nada têm de comum com o antigo",[31] enquanto a ressurreição, assim como era entendida pelos judeus, consiste na revivificação dêste mesmo corpo abandonado pela alma na hora da morte.

* * *

Afoitamente, com a esperança de encontrar leitores bastante simplórios e que acreditassem ingênuamente em suas afirmações, Allan Kardec pontificou certa vez que, "sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho".[32] Estamos agora habilitados a inverter a frase e declarar que, se admitimos a pluralidade das existências terrestres, a garantida salvação final de todos os sêres racionais, a necessidade de conquistar a perfeição por esforços e méritos próprios e a vida espiritual definitivamente independente do corpo, se, em suma, admitimos o princípio da reencarnação, então, sim, seriam de fato ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho.

Mas João Batista seria a reencarnação do profeta Elias! — E' o argumento mais explorado pelos reencarnacionistas para dizer que também Jesus foi partidário das vidas sucessivas. Que diremos a isso? Pensamos que as seguintes considerações respondem cabalmente à dificuldade proposta:

1) O que acabamos de ver acêrca da soteriologia e da escatologia de Jesus garante-nos com certeza que Cristo era positivamente contrário à palingenesia. Diremos por isso a priori que esta simples e superficial objeção não destrói o valor probativo das doutrinas opostas à reencarnação e que acabamos de estudar.

2) Concedemos que, de fato, existe alguma relação entre o intrépido João Batista, precursor da primeira vinda de Jesus e o corajoso profeta Elias, o anunciado precursor do segundo advento de Cristo. Já o anjo que veio anunciar a Zacarias o nascimento de João explicou: "Seguirá diante dêle no espírito e na virtude de Elias" (Lc 1, 17). Referindo-se a êste texto,

---

[31]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 67.
[32]) Ibidem, p. 72.

escreveu S. Agostinho que só a "perversidade herética" pode ver aí uma afirmação da reencarnação.[33]

3) Sabiam os fariseus e escribas que, segundo a profecia de Malaquias (4, 5), a aparição de Cristo seria preparada por Elias. Ora, Jesus de Nazaré declarava ser o Messias: como era isso possível se Elias ainda não apareceu? Eis a formidável objeção que os fariseus alegavam contra a autenticidade da missão messiânica de Jesus (cf. Mt 17, 10). Êles confundiam de fato as duas aparições efetivas de Cristo: a primeira como Redentor e a segunda como Juiz. Malaquias profetizara a vinda de Elias "antes que venha o dia grande e terrível" do Juízo Final, referindo-se, pois, ao segundo advento de Cristo. O precursor da primeira aparição seria João Batista que, consoante as citadas palavras do anjo, apareceria "no espírito e na virtude de Elias". Daí dizer Jesus, para refutar a objeção dos fariseus e tranqüilizar os discípulos: "*Se quiserdes compreender,* êle mesmo (João Batista) é Elias que deve vir. Quem tiver ouvidos ouça" (Mt 11, 14-15). Portanto, uma afirmação bastante enigmática. E S. Agostinho explica: "Quia quod Elias secundo, hoc Ioannes primo adventui fuit".[34] As palavras de Cristo: "Elias já veio" (Mt 17, 12), têm realmente no contexto o sentido de que o enviado de Deus, que devia preceder a primeira vinda do Messias (e que os judeus confundiam com Elias), já apareceu. E o evangelista acrescenta: "Então compreenderam os Apóstolos que Jesus se referia a João Batista" (Mt 17, 13).

4) Outra vez Jesus mesmo se encarrega de dizer que João não era Elias, pois João era seu contemporâneo e Elias "há de vir" (Mt 11, 14), portanto ainda não veio.

5) Aliás, conforme a tradição dos judeus, o profeta Elias ainda não morreu, não "desencarnou", e por isso nem mesmo poderia "reencarnar".

6) Note-se também que no monte da transfiguração, apareceu, ao lado de Jesus, Moisés e Elias; ora naquele tempo João já fôra executado por Herodes, já morrera e, portanto, segundo as regras reencarnacionistas, deveria aparecer João e não Elias. Pois o espírito, quando aparece ou se "materializa"

---

[33]) S. Agostinho, *In Heptateuchen,* IV, 18; PL 31, 725.
[34]) S. Agostinho, *In Ioannis Evang.* IV, 1, n. 6; PL 35, 1408.

(segundo êles dizem), sempre se apresenta na forma da última encarnação.

7) Afinal, diretamente interrogado por uma comissão de judeus se era Elias, o próprio Batista respondeu categòricamente: "Não o sou" (Jo 1, 21), com o que êle mesmo, João Batista, dirimiu a questão.[35]

Mas Jesus disse a Nicodemos: "Se alguém não nascer de novo, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 3). Êste texto é o segundo argumento apresentado pelos reencarnacionistas para mostrar que Cristo estaria do lado dêles. Podemos encontrar estas palavras nos cabeçalhos de revistas e jornais espíritas, como se fôsse a mais insofismável afirmação da reencarnação. No entanto, a coisa não é tão evidente. E primeiramente chamamos a atenção para a tradução, que não é de todo exata. São João escreveu seu Evangelho em grego. A palavra que interessa no caso é o "nascer de novo". No original grego diz *ánoothen* que quer dizer: nascer do alto. Por isso a tradução exata da passagem seria assim: "Quem não nascer do alto não pode entrar no reino de Deus". Já se vê que assim a dificuldade é sensìvelmente menor, se é que já não desapareceu de todo. E se lermos o texto inteiro, em seu contexto, veremos que o próprio Nicodemos não o entendera bem e êle pedira maiores esclarecimentos. E então Jesus explica seu pensamento: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do alto (outra vez: *ánoothen*), por meio da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do espírito é espírito". Jesus insiste: é preciso nascer do alto, sim, mas "por meio da água e do Espírito". E isso, evidentìssimamente, não é reencarnação. Também em outros lugares a Sagrada Escritura fala desta necessidade de "nova" vida, da regeneração espiritual: "*Renovai-vos* pois no espírito do vosso entendimento, e vesti-vos do *homem novo,* criado segundo Deus na justiça e na santidade verdadeira" (Ef 4, 23-24);

---

[35]) Os reencarnacionistas respondem a isso que João Batista *esquecera* ser a reencarnação de Elias (cf. C. Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 57 e p. 208). Aliás, nesta página, como também na p. 211, o autor (Cavalcanti de Mello) mostra que conhece muito mal a cena no Jordão: não foi Elias o interrogado (como diz o autor), mas João.

"despojando-vos do *homem velho* com tôdas as suas obras e *revestindo-vos do novo,* aquêle que *se renova* para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Col 3, 9-10); "se não vos converterdes e vos não *fizerdes como crianças,* não haveis de entrar no reino dos céus" (Mt 18, 3). Por isso o sacramento do Batismo, instituído por Cristo (cf. Mt 28, 19; Mc 16, 16), mas negado pelos reencarnacionistas, foi sempre chamado de "sacramento da regeneração".

São Paulo a Tito nos dá um eco fiel das palavras de Cristo a Nicodemos e da verdadeira doutrina cristã: "Pois também nós dantes fomos néscios, desobedientes, extraviados, escravos de tôda a sorte de concupiscências e prazeres, vivendo na maldade e na inveja, dignos de ódio e odiando-nos uns aos outros. Mas apareceu então a benignidade e o amor humanitário de Deus, nosso Salvador. Não movido pelas obras justas que houvéssemos feito nós [durante as reencarnações], mas pela Sua misericórdia, Êle nos salvou mediante *o batismo da regeneração e renovação do Espírito Santo,* que Êle abundantemente derramou sôbre nós... (Tito, 3, 3-6; cf. Gál 3, 27; 1 Cor 6, 11). Por isso, para São João, quem foi batizado é "nascido de Deus". E isso é *ánoothen*: "nascer do alto" ou "nascer de novo". Mas não é, nem de longe, a reencarnação dos espíritas ou "espiritualistas".

Conclusão. — Em 1953 publicamos na *Revista Eclesiástica Brasileira* um artigo sôbre a teoria espírita da reencarnação, mostrando que esta teoria não encontra fundamento nenhum na Sagrada Escritura, mas que, pelo contrário, as doutrinas centrais da mensagem cristã são positivamente contra a palingenesia. Um dos dirigentes da Federação Espírita Nacional, o Sr. Ismael Gomes Braga, escreveu-nos então uma carta (datada de 17 de dezembro de 1953) muito lacônica, porém marcante e expressiva, que, com o generoso perdão de seu autor, vale a pena arquivar:

"Li nas páginas 581 a 611 da "Revista Eclesiástica Brasileira", de setembro dêste ano, o erudito artigo de V. Revma., e me parece que será necessário corrigir as velhas escrituras, para que se tornem mais claras a favor da reencarnação. Respeitosamente de V. Revma. I. G. Braga".

As "velhas escrituras", a que se refere nosso reencarnacionista, são, evidentemente, os livros da Sagrada Escritura. Nesta carta está claramente manifestada a atitude geral dos reencarnacionistas perante a Bíblia. No livro de Imbassahy-Cavalcanti de Mello, *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), mais de uma vez por nós citado,[36] damos constantemente com semelhante atitude de soberano desdém. Eis alguns exemplos: "O Espiritismo não se baseia na Bíblia, que não tem consistência".[37] "E' preciso dizer a coisa como é. E' preciso provar que os textos não têm nenhum valor probante; que não há por onde justificar a intangibilidade bíblica; que se trata de um livro como outro qualquer; que não existe motivo que nos obrigue a segui-lo, mormente quando os maiores bíblicos proclamam que a verdade não existe no que está escrito, mas no que se acha oculto".[38] São palavras de C. Imbassahy.[39] Seu colega, Mário Cavalcanti, anda em boa companhia: "A Bíblia", grita êle, "tem que ser posta

---

[36]) A respeito desta obra lemos em *Mundo Espírita* (jornal reencarnacionista publicado agora em Curitiba) de 28 de fevereiro de 1955, o seguinte: "Grande obra escrita no Brasil e para o mundo, grande obra do século, a êste livro sòmente se pode, sem chaleirismo fanático, dizer que é "o cisne de longo vôo do século"...

[37]) p. 32. Entretanto, neste mesmo livro os autores pretendem sustentar que a reencarnação é doutrina bíblica, lamentando apenas falta de tempo para mostrá-lo: "Não nos é possível, pela absoluta falta de tempo, pôr em ordem cronológica as citações que comprovam a existência da doutrina reencarnacionista no velho e no Novo Testamento" (p. 214).

[38]) p. 47. Esta última afirmação é simples e ousada fantasia do Autor.

[39]) O mesmo Autor, em outras obras e numerosos artigos de jornais, aproveita tôdas as oportunidades para manifestar seu desprêzo pela Bíblia. Eis, por exemplo, uma confissão muito preciosa: "Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. O Espiritismo não é um ramo do Cristianismo como as demais seitas cristãs. Não assenta os seus princípios nas Escrituras. Não rodopia junto à Bíblia... A nossa base é o ensino dos Espíritos, daí o nome — Espiritismo" (*À Margem do Espiritismo*, 2ª ed., p. 219). E mais isso, no mesmo livro: "Gostamos pouco da Bíblia, porque, além de a conhecermos mal (concordamos inteiramente com tão singela confissão), encontramos nela, como já dissemos e provamos, de mistura com os mais santos e sábios ensinamentos, os mais descabidos e inaceitáveis absurdos". Num de seus artigos define a Bíblia como "traço do estado selvagem de uma época, reflexo de impulsos e instintos, onde se identificam incisos bárbaros, ferozes, cruéis" (*O Poder*, jornal espírita de Belo Horizonte, 20-3-1953, p. 1).

à margem, pois não progrediu, não satisfaz mais as exigências da ciência contemporânea e se, como a Igreja romana, tomarmo-la como padrão de moral e de conhecimentos, estaremos expostos a cometer os mesmos erros e a manchar-nos com as mesmas nódoas".[40]

E' por isso que o órgão oficial do reencarnacionismo kardecista no Brasil define a posição dos espíritas perante a Bíblia nos seguintes têrmos: "Do Velho Testamento já nos é recomendado sòmente o Decálogo e do Novo Testamento apenas a moral de Jesus: Já consideramos de valor secundário, ou revogado e sem valor algum, mais de 90% do texto da Bíblia. Só vemos na Bíblia tôda um livro respeitável pelo seu valor cultural, pela fôrça que teve na formação cultural dos povos do Ocidente".[41]

Já Allan Kardec iniciou esta campanha de revolta contra a Bíblia nos meios espíritas e reencarnacionistas. Em outro estudo tivemos oportunidade de denunciar as numerosas passagens dêste mestre reencarnacionista e de seu fiel discípulo Leão Denis.[42] Não diferem, no modo de falar, da linguagem de Imbassahy e de Cavalcanti de Mello.

Quando, em outro capítulo, falarmos do problema do mal e da existência do pecado, veremos como Deus permite que os homens possam revoltar-se contra Êle, possam pecar e abusar da liberdade. A vida do homem sôbre a terra é passageira e provisória e visa primordialmente colocar o homem num ambiente de provação. O Criador quer ver a boa vontade de suas criaturas racionais. O homem deve decidir-se pró ou contra Cristo. Mas deve ser uma decisão *livre,* não imposta por coação física.

---

[40]) *A Reencarnação e suas Provas,* p. 173. Na p. 175 lemos: "Se o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, segundo a Bíblia, *cujos ensinamentos são quase sempre suspeitos e contraditórios...*" O grifo é nosso.

[41]) *Reformador,* órgão da Federação Espírita Brasileira, jan. de 1953, p. 23. Note-se ainda a seguinte declaração da Redação da mencionada Revista: "O Diretor de nossa revista assume a responsabilidade de tudo o que nela é publicado, ainda mesmo do que se contém nos artigos redigidos e assinados pelos nossos colaboradores" (*Reformador,* set. de 1953, p. 199).

[42]) Veja-se o que escrevemos e documentamos a êste respeito no cap. XIII de *O Espiritismo no Brasil.*

Podemos aceitar e podemos também rejeitar a mensagem de Jesus. Podemos usar e podemos abusar da liberdade que Deus nos deu. O essencial é que a nossa adesão seja um ato nosso, pessoal, resolução livre de nossa vontade. Só assim pode haver decisão. Vemos no Evangelho que Cristo, mais de uma vez, colocou os homens diante desta alternativa tremenda e decisiva: crer ou não crer, nêle.[43] Quando enviou seus Apóstolos pelo mundo para anunciar a todos os povos o seu Evangelho, Jesus salientou o seguinte: "Quem crer e fôr batizado será salvo; mas quem não crer será condenado" (Mc 16, 16). Os homens, portanto, têm liberdade de crer ou não crer, de seguir ou não seguir a Cristo. "Quem não está comigo, disse Jesus, está contra mim" (Lc 11, 23). Concedemos, por isso, também aos reencarnacionistas, a liberdade de não aceitar a mensagem de Cristo, de divergir dos ensinamentos de Jesus e até de desprezar os Sagrados Livros do Evangelho e, mesmo, de revoltar-se contra o próprio Deus. Podem continuar a gritar e a blasfemar, como vimos: "Se há um Deus, capaz de condenar uma de suas criaturas a sofrer eternos horrores... então êsse Deus está muito abaixo das solas dos nossos sapatos: nós nos julgaremos, por isso, muito superior a um tal Deus".[44] E' o clássico "non serviam" dos revoltados. Isso também é uma espécie de decisão...

---

[43]) Leia-se, por exemplo, o capítulo sexto do Evangelho de São João. Mas os que em Cristo só querem ver o "doce Jesus", o "meigo Nazareno", o divino modêlo da tolerância", estão proibidos de ler êste capítulo... Sofreriam tremenda desilusão...

[44]) Quando, em janeiro de 1954, pronunciamos em Curitiba uma conferência sôbre a reencarnação e recordamos a doutrina de Cristo sôbre o inferno, houve verdadeiras cenas de revolta contra Deus por parte dos espíritas que aí estavam. Um dêles, major-aviador da Aeronáutica, o Sr. Rafael de Sousa Pinto, repetiu numa alocução radiofônica uma série das blasfêmias que já tivéramos o desgôsto de ouvir no salão. Esta mesma alocução foi publicada no dia seguinte na *Gazeta do Povo* (12-1-1954). Eis aí apenas algumas amostras, transcritas do mencionado jornal: "Quando Deus criou as penas eternas e lá os lançou (fala dos demônios), o que demonstrou? Ser cruel, vingativo, injusto, arrogante e covarde". Mais adiante, dirigindo-se a mim: "O seu Deus também é incompreensivo e estúpido... Deus na sua onisciência é um monstro ou um louco". No final fala do "Deus católico que hoje eu renego com tôdas as fôrças da minha alma"... Aí a apostasia é evidente. Infelizmente nem sempre os reencarnacionistas falam de modo tão claro. Por isso iludem muita gente que, então, pensa poder continuar cristã e ser reencarnacionista.

Mas não lhes concedemos a liberdade de, apesar dessas negações e revoltas abertas, continuarem a proclamar-se pùblicamente cristãos e fiéis seguidores de Cristo. Isso não! E' contra essa deslealdade, contra tão grave falta de sinceridade, que reagimos.

Os reencarnacionistas não são cristãos, não têm a seu favor nenhum argumento cristão: são negadores do cristianismo. A filosofia da reencarnação não é cristã: é anticristã, é uma filosofia de oposição, de sublevação, de rebeldia contra Cristo Jesus, Nosso Senhor e Deus.

EXCURSUS

O Valor dos Evangelhos

1) **As dificuldades dos reencarnacionistas** nos levam a uma digressão. Argumentamos no capítulo anterior com textos da Sagrada Escritura e particularmente do Novo Testamento. Na tréplica que o Sr. Mário Cavalcanti de Mello lançou contra êste livro sob o título *Como os Teólogos Refutam...*, vem, à p. 58, a seguinte grave acusação: "O nosso antagonista... fala sôbre o Inferno, estribando-se nos Evangelhos, como se êsses livros sagrados não fôssem adulterados, interpolados, històricamente errados em alguns pontos e cheios de contradições". Mais adiante, na p. 159, volta a tese na seguinte formulação: "Os Evangelhos estão cheios de contradições, de erros históricos, de interpolações e de traduções *piedosamente mentirosas,* e que não devem ser atribuídos a Cristo". E outra vez, na p. 218: "Não esqueçamos que os Evangelhos canônicos sofreram muitos cortes e muitas interpolações". Em seguida o autor cita a autoridade de um certo F r e r e t, *Examen crit. des apologistes de la rélig. chrét.*, Paris 1893, para dizer que os primeiros Pais da Igreja se serviram de Evangelhos hoje perdidos e tornados apócrifos; e que há provas para afirmar que "nem Jesus, *nem seus apóstolos,* escreveram uma só palavra e que nenhuma versão evangélica viu o dia antes do II século". Baseado em Th. Pascal, sustenta-se na mesma p. 218 que foi no século II "que as questões religiosas fizeram sair do nada centenas de evangelhos que seus autores assinavam com o nome de um apóstolo ou mesmo de Jesus, depois de os haver forjado mais ou menos inteligentemente". Confiando sempre no mesmo Sr. Th. Pascal, sustenta o Sr. Mário Cavalcanti de Mello que o autor da "Revelação" (Apocalipse?) é um cabalista; que o "Evangelho de S. João" foi escrito por um gnóstico ou um neoplatônico; que a "Epístola aos Coríntios" (primeira ou segunda?) é uma clara reminiscência dos Mistérios Iniciáticos de Elêusis; e que havia "um só Evangelho autêntico": "o Evangelho secreto ou hebraico de Mateus", reencontrado mais tarde por S. Jerônimo numa livraria de Cesaréia. De tudo isso tira o Sr. Cavalcanti de Mello uma grande conclusão: "Estas considerações provam que mãos interessadas e parciais tiraram, da massa das tradições existentes, o que lhes pareceu de natureza a escorar suas vistas es-

pirituais e materiais, e que delas fizeram não sòmente o que recebemos como os quatro Evangelhos canônicos, mas o edifício dogmático todo inteiro" (p. 220).

Pesando e isolando tôdas as afirmações, temos que o Sr. Mário Cavalcanti de Mello deveria provar as seguintes teses:

1) Os Evangelhos foram adulterados e interpolados;

2) Os Evangelhos contêm erros históricos;

3) Os Evangelhos estão cheios de contradições;

4) Os Evangelhos sofreram muitos cortes;

5) Os apóstolos não escreveram uma só palavra;

6) Nenhuma versão evangélica apareceu antes do segundo século;

7) Os primeiros Pais da Igreja usaram Evangelhos hoje perdidos;

8) O autor da "Revelação" (Apocalipse?) é um cabalista;

9) O Evangelho de São João foi escrito por um gnóstico ou neoplatônico;

10) A Epístola aos Coríntios é uma reminiscência dos Mistérios de Elêusis;

11) No início havia um só Evangelho autêntico;

12) São Jerônimo reencontrou o Evangelho "secreto" de Mateus.

Estamos em pleno século passado. São as mesmas ousadas afirmações dos liberais e racionalistas do século XIX. Tôdas as investigações e descobertas posteriores são solenemente ignoradas. A própria escola liberal-racionalista do início dêste século, dirigida e orientada por Harnack, desmentiu as apressadas afirmações anteriores. Mas para o nosso treplicista de Niterói,[1] que fala com ufania dos progressos e da evolução, ainda vivemos nos tempos de Voltaire. Qualquer manual de Apologética ou de Teologia Fundamental mais recente poderá mostrar-nos abundantes documentos históricos que comprovam definitivamente a integridade, a genuinidade e a credibilidade dos Evangelhos e demais livros do Novo Testamento. Tenhamos a paciência de

---

[1]) O Sr. Carlos Imbassahy, amigo e companheiro do Sr. M. Cavalcanti de Mello, defende as mesmas teses baseado em idênticas fontes. Veja-se, por exemplo, *Sepe* (Revista da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas) de agôsto-setembro de 1956, pp. 5-6. Aliás é um patrimônio comum dos nossos espíritas.

cuvir o que nos dizem. E' certo que isso nada tem a ver com a reencarnação. Como, entretanto, no capítulo anterior argumentamos com o Novo Testamento, e como os reencarnacionistas alegam que não há base para semelhante argumentação, daremos lugar a êste forçado excurso. O leitor que já estiver plenamente convencido da genuinidade e integridade dos Evangelhos poderá fàcilmente saltar estas páginas.

2) A integridade dos textos evangélicos. — Comparando os Evangelhos com os outros livros da antiguidade, verificar-se-á logo sua posição absolutamente privilegiada e única, do ponto de vista da crítica textual. Não há outro livro que possa apresentar uma tradição literária igual em antiguidade, em publicidade, em universalidade e em constância. Não há nem mesmo comparação possível com obras de escritores profanos que, entretanto, não são postas em dúvida. Exemplo: de todos os autores latinos (Vergílio, Cícero, etc.) se conservam nas bibliotecas da Europa apenas 30 manuscritos que chegam ao século IV. De Vergílio só temos 3 códices unciais (ou maiúsculos). Dos discursos de Cícero temos um só códice completo, que é do século VII. Mas dos Evangelhos temos três classes de rica documentação:

a) *Códices gregos*: num total de 2610, dos quais 210 são unciais ou maiúsculos (designados pelas letras A, B, C, etc.), sendo êstes os principais: B ou Vaticano (do século IV) S ou Sinaítico (do séc. IV), A ou Alexandrino (séc. V). Além disso possuímos numerosos fragmentos ou *papiros,* anteriores ao século quarto, designados pela letra P. As recentes descobertas de Qumrâm, que ainda não foram sistemàticamente coordenadas, aumentaram enormemente o número dos fragmentos. São valiosíssimos documentos que comprovam a integridade do Antigo Testamento e mostram com quanta fidelidade a Igreja nos transmitiu aquêles livros. Mas os nossos reencarnacionistas nada sabem de Qumrâm: não está em Voltaire, nem em Th. Pascal, nem em Leão Denis... Mais importante, para o Novo Testamento, é a recente descoberta do P^{66}, publicado em 1956 por Victor Martin: "Papyrus Bodmer II". O P^{66} não é uma fôlha enrolada sôbre si mesma (como os papiros em geral) mas se apresenta como um livro. Compõe-se de cinco cadernos, dos quais o 1º, 3º e 4º contém cada qual cinco fôlhas de papiro.

A numeração chega até a página 108. Uma das fôlhas se perdeu, de maneira que está faltando o cap. 6, 11-35. As páginas têm a altura de 16,2 cm e a largura de 14,2 cm. Depois de cuidadosamente examinado por especialistas em paleografia, chegou-se à conclusão de que foi escrito entre os anos 150 e 250. Nêle encontramos nada menos que catorze capítulos do *Evangelho de São João*. Tendo sido êste o Evangelho mais atacado pela crítica racionalista, compreende-se o extraordinário alcance desta recente descoberta, que vem mostrar como o Evangelho de São João não só era conhecido, o que já sabíamos do P^{52}, mas que o quarto Evangelho, já no fim do II século contém uma série de variantes contidas nas várias famílias de códices e que, portanto, *já tem após si uma longa série de transcrições*. Diz Victor Martin que, em vista destas variantes comuns a tantos outros códices, se tem a impressão de estar diante dum documento que escolheu o seu caminho através de um já grande número de lições diferentes então existentes. Portanto o texto já existiu muito antes. Diante dêste documento caem tôdas as teorias que queriam colocar a origem do quarto Evangelho nos fins do segundo século.

b) *Traduções*: Possuímos traduções antiqüíssimas, das quais algumas chegam ao segundo século. Há, pois, traduções anteriores aos mais antigos códices gregos. Supondo mesmo que nalgum códice tenha entrado a mão humana para cortar ou interpolar, teríamos então o recurso às traduções anteriores. As principais traduções são: 1) As versões *siríacas*: o Diatessáron" de Taciano, discípulo de S. Justino (fins do segundo século), com grande autoridade na antiga Síria; o "Peshitta", de fins do IV século. 2) As versões *latinas*: as "Antiquae" (ou pré-vulgata), uma na África ("Afra", do II século), outra na Europa ("Itala", do século III); e a "Vulgata", feita por S. Jerônimo.[2] 3) As versões *cópticas*: a "Sahídica" (do alto Egito,

---

[2]) Os espíritas citam muitas vêzes as perplexidades de São Jerônimo, manifestadas numa carta ao Papa S. Dâmaso, como se, entre tantos exemplares e tanta variedade de textos, nem o próprio São Jerônimo soubesse quais eram os Evangelhos verdadeiros e quais os falsos. Tiram os espíritas seus conhecimentos a êste respeito da obra de Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, capítulo II. Na realidade os apuros de São Jerônimo se relacionavam apenas com as variedades das *versões latinas* então em voga. Acêrca destas traduções dizia S. Agostinho, contemporâneo de Jerônimo, que os tradutores do hebreu para o grego podem contar-se; mas os tradutores latinos são incontáveis. Mal alguém conse-

do séc. III), a "Boháirica" (do baixo Egito, do séc. 4/5) e mais três outras em vários dialetos. 4) A versão *armena,* feita da versão siríaca, em fins do quarto século.

c) *As citações nos autores antigos*: As citações são numerosas e têm importância porque muitas delas são mais antigas que os códices e as traduções. Assim encontramos em Justino 330 citações, muitas delas bem longas; em Ireneu damos com 1.819 citações; Clemente de Alexandria nos dá 2.406 citações; Orígenes 9.239, Tertuliano 7.258, Hipólito 1.378, Eusébio 5.176 e assim por diante.

Ora bem, a crítica textual comparou e confrontou o texto atualmente corrente dos Evangelhos com o texto dos códices gregos, das antigas traduções e citações e verificou que existe perfeita identidade substancial. Surgiram dúvidas principalmente nas seguintes passagens: Mt 28, 19; Mc 16, 9-26; Lc 1, 46; 22, 43-44; Jo 5, 4; 7, 53; 8, 2. Encontraram, é certo, numerosas variantes como transposições de palavras, substituições de sinônimos, diferenças ortográficas, fàcilmente explicáveis e muito humanas em *manuscritos*. No mais, tudo substancialmente igual. Os "muitos cortes" e as "muitas interpolações" de que nos fala com tanta insistência o Sr. Mário Cavalcanti de Mello e seus amigos reencarnacionistas, não existem. Por exemplo: Argumentamos no capítulo anterior com Lc 23, 39-43 (a cena do bom ladrão). Nosso opositor, na p. 213, qualifica a cena, sem mais, como "lenda" e pergunta: "Será esta lenda verdadeira? E' o que Frei Boaventura precisa provar com argumentos sadios, sem

---

guia um conhecimento mediano do grego e logo se metia a traduzir qualquer códice grego (*De Doctr. Christ.* 2, 16; PL 34, 430). Estas numerosas traduções improvisadas propagaram-se ràpidamente e discordaram muitas vêzes dos melhores códices gregos, pois seus autores não selecionavam os códices traduzidos e usavam os primeiros que lhes caíam nas mãos. Santo Agostinho lamenta esta situação. E São Jerônimo, com um senso crítico mais fino, impressionou-se sèriamente com êste defeito e concebeu a idéia de unificar tôdas as traduções latinas em voga de acôrdo com os melhores códices gregos. O Papa São Dâmaso deu-lhe todo o apoio. No ano de 383 São Jerônimo iniciou êste trabalho em Roma e viu então como os códices latinos discordavam entre si. Para seu trabalho São Jerônimo conseguiu códices gregos do segundo século. Com êstes códices por modêlo, corrigiu os latinos sempre que dêles se separavam no sentido, mas conservava as palavras e frases latinas antigas quando não falseavam a idéia. Assim nasceu a "Vulgata" que não era pròpriamente uma nova tradução, mas a correção dos Velhos Latinos. São Jerônimo fêz, pois, um autêntico trabalho crítico, quase nos moldes da nossa crítica textual de hoje.

recorrer às sutilezas de sua escolástica ultrapassada". Pois bem, eis um "argumento sadio": 2610 códices gregos, dos quais 210 unciais, e as mais antigas versões siríacas, latinas e cópticas, algumas das quais do segundo século, nos dão o texto, sempre substancialmente igual; logo o texto não foi interpolado. Outro exemplo: Na p. 216 diz o Sr. Cavalcanti de Mello que a resposta de Jesus acêrca do cego de nascença (Jo 9, 3), "é, com tôda a certeza, uma interpolação". Como conseguiu nosso treplicista tão grande certeza? Foi êle examinar os códices e as antigas versões? Descobriu êle, entre os 2.610 códices, *um só* que não tivesse a passagem em questão? Pôde êle indicar ao menos uma versão antiga sem a fantasiada interpolação? Nada disso! Pura arbitrariedade e mero apriorismo do nosso reencarnacionista de Niterói. Pois as edições críticas de Nestle, Lachmann, Tischendorf, Merk, Bover, nos garantem que Jo 9, 3 está em todos os códices e em tôdas as antigas versões, e, podemos acrescentar, inclusive no Papiro 66 descoberto em 1956 e que é do segundo século. Um terceiro exemplo: Lembramos contra os reencarnacionistas as numerosas passagens dos Evangelhos nas quais o Divino Mestre nos fala do inferno. Que nos opõe o Sr. Cavalcanti? Falando na p. 224 do texto particular de Mt 5, 22, declara que se trata dum texto "interpolado com muito pouca habilidade"; depois, na p. 226, referindo-se ao conjunto das perícopes que falam do inferno, declara: "é pura e simplesmente uma interpolação das mais grosseiras". Não sabe o nosso reencarnacionista o que diz. Se todos aquêles textos (que são bem numerosos e alguns dêles extensos) se encontram perfeitamente incorporados em todos os antigos manuscritos e em tôdas as versões, inclusive do século segundo, quem teria sido o criminoso interpolador? Diz o Sr. Mário que as interpolações foram feitas "com muito pouca habilidade" e de modo "grosseiro". Diríamos nós: o interpolador deveria ter tido muitíssima habilidade, para conseguir meter tantos textos em tão grande número de manuscritos dispersos por todo o mundo então conhecido e de um modo tão fino que ninguém, vendo o manuscrito, percebesse a interpolação. Não, Sr. Mário: o crime de tão numerosas interpolações supõe tanta habilidade que nem sequer era possível.

Conclusão: as interpolações, cortes e adulterações de que nos fala o Sr. Cavalcanti de Mello não existem: são fantasias

e arbitrariedades apriorísticas; são sutilezas de um método racionalista superado. Nestes casos não é a razão que deve resolver os problemas, mas os manuscritos, os documentos e os monumentos históricos.

3) A autenticidade dos Evangelhos. — Afirmamos que os Evangelhos foram escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João. Contra isso sustenta nosso treplicista que os Apóstolos não escreveram uma só palavra e que "nenhuma versão evangélica viu o dia antes do II século" (p. 218). Sic! Diz êle ainda que os primeiros Pais da Igreja usaram Evangelhos hoje perdidos. Em outras palavras: os nossos Evangelhos de hoje não seriam genuínos ou autênticos, mas falsificados e espúrios.

O problema, como é fácil de ver, é uma questão da história e não da razão. Há de ser resolvido, por isso, com testemunhos históricos e não com suposições da razão. Veremos apenas alguns documentos; outros poderão ser encontrados em livros especializados, como, p. ex., no de João Leal, S.J., *Os Evangelhos e a Crítica Moderna* (Pôrto 1945). Eis aí a voz da história:

1) *Orígenes* (185 - ca. 253): Grande figura de exegeta na primeira metade do terceiro século, na época antenicena. Sua obra monumental é a "Hexapla", na qual escreveu em seis colunas o texto comparativo da Bíblia: um texto hebraico com caracteres hebraicos, um texto hebraico com caracteres gregos, o texto grego de Áqüila, o de Símaco, o dos Setenta e o de Teodocião. E note-se que êle conhece *só quatro Evangelhos* e os mesmos que nós possuímos hoje. Escreveu também amplos Comentários sôbre os mesmos Evangelhos, sem conhecer outros, nem falar de outros. E', pois, indiscutível que Orígenes conheceu os nossos quatro Evangelhos e os atribuiu aos mesmos autores que nós. No princípio de seu comentário a S. Mateus afirma saber pela tradição que existem quatro Evangelhos e só êstes. Eis suas palavras: "O primeiro Evangelho que se escreveu foi o de Mateus, publicano ao comêço, depois Apóstolo de Jesus. Publicou-o em língua hebraica para os judeus convertidos ao Cristianismo. O segundo Evangelho é o de Marcos que escreveu segundo a pregação de Pedro... O terceiro, o de Lucas, recomendado por Paulo e escrito para os gentios. O último, o de João".

Eis aí um documento precioso que nos coloca logo no início do século III. Com isso caem por terra tôdas as fantasias, tão freqüentemente repetidas pelos nossos espíritas, segundo as quais ainda no Concílio de Nicéia (no ano 325) não se conheciam os quatro Evangelhos. E a voz de Orígenes não é isolada. Com êle fazem côro seu contemporâneo Amônio, autor duma "Sinopse" dos 4 Evangelhos, S. Cipriano, S. Hipólito Romano e outros do mesmo século. Mas não precisamos ficar no século III:

2) *Clemente de Alexandria* (ca. 150 - 215): Muito erudito, cita quase todos os autores que o precederam. Correu o mundo civilizado à busca das tradições cristãs. Escreveu muitos livros. E' nos "Strômata" que procura expor cientìficamente a revelação cristã. Neste livro tem, muito ocasionalmente, uma afirmação interessante. Contra um certo Cassiano, que se apoiava numas frases falsamente atribuídas a Cristo, exclama Clemente: "Nos quatro Evangelhos que nós recebemos não temos essa sentença" (Strom. 3, 13, 93; PG 8, 1193). E quais eram êstes "quatro Evangelhos"? Exatamente os de Mateus, Marcos, Lucas e João. Êstes, e *só êstes!* No livro "Hipotiposis" (esboços), que é um comentário à S. Escritura, Clemente de Alexandria nos dá a conhecer o exato pensamento dos cristãos de seu tempo. Tertuliano (160 - ca. 240), da mesma época, é igualmente decisivo e claro. Mas os documentos da história nos permitem recuar mais ainda e aproximar-nos cada vez mais da época apostólica:

3) *Fragmento de Muratori*: Neste famoso fragmento descoberto por Muratori na biblioteca Ambrosiana, encontramos até mesmo um autêntico *catálogo* dos livros recebidos pela Igreja de Roma durante todo o século II. O autor do fragmento foi contemporâneo do Papa Pio I (141-155). Em pleno século II afirma-se categòricamente que em tôda a Igreja de Roma se considerava fato inconcusso que Lucas e João eram autores dos Evangelhos. Infelizmente possuímos dêste documento apenas fragmentos. Mas fala de Lucas como autor do *terceiro* e de João como autor do *quarto* Evangelho. Dos dois primeiros não temos os fragmentos.

4) *Santo Ireneu* (130 - ca. 202), bispo de Lião e discípulo de S. Policarpo. Deixou-nos a preciosa obra "Adversus Haereses"

(demonstração e refutação da falsa Gnose), na qual fala dos quatro Evangelhos e dos seus autores como de coisa conhecida e admitida por todos. Eis suas palavras: "Mateus escreveu o seu Evangelho em hebraico, a língua dos judeus, enquanto Pedro e Paulo fundaram e evangelizaram a Igreja de Roma. Depois da saída dêstes, Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, escreveu a pregação de Pedro. Por sua vez, Lucas, companheiro de Paulo, redigiu o seu Evangelho segundo a pregação de Paulo. Depois escreveu João, discípulo do Senhor, que descansou sôbre o seu peito. Escreveu, vivendo em Éfeso na Ásia" (*Adv. Haer.* 3, 1, I; PG 7, 844). Ainda em outras muitas passagens Ireneu nos fala dêstes 4 Evangelhos e *só dêles,* não conhecendo outros. E êle diz que são obras "antigas". Ora, se não dimanassem do I século, não poderiam ser "antigas" para Ireneu do segundo século.

5) *São Justino* (convertido no ano 135): já cristão, peregrinou pelo mundo vestido com o manto de filósofo, impugnando valentemente o paganismo, o judaísmo e as heresias. O testemunho de Justino tem grande importância, porque é da primeira metade do segundo século, destruindo assim por completo a teoria dos críticos que consideram os Evangelhos obras do segundo século. São Justino conhece em suas obras os quatro Evangelhos (os mesmos de hoje) e os encontra em pleno uso da Igreja de seu tempo. Repete várias vêzes que dois Apóstolos e dois discípulos dos Apóstolos escreveram "Memórias", sem, entretanto, dar os nomes. Mas cita muito a Mateus, bastante a Lucas, muito mais a João e raro a Marcos. Por exemplo, de São João cita 15 textos do capítulo I, 4 do III, 3 do IV, etc. Dizem os críticos: "Ainda que se perdesse o Evangelho de S. João, poderíamos reconstituí-lo em parte com os textos que nos conservou São Justino nas suas obras". Isso prova a grande estima em que estava o quarto Evangelho na primeira metade do século II. Recordemo-nos também que Taciano, discípulo de Justino, morto o mestre, incorpora na sua "Concórdia dos quatro Evangelhos" (*Diatessaron*) exatamente os quatro, e só êles, que nós possuímos ainda hoje. E com o testemunho de Justino já atingimos quase o século I. Mas entremos neste século, que é o tempo dos *Apóstolos.*

6) *Pápias de Hierápolis,* discípulo do apóstolo São João e companheiro de Policarpo, homem do tempo apostólico. Eis o

que nos escreve de Mateus: "Mateus escreveu em dialeto hebraico os oráculos do Senhor e cada um os traduziu (para o grego) como pôde". De S. Marcos diz: "Marcos, intérprete de Pedro, escreveu com diligência quanto recordava. Mas não com a ordem por que foram ditos e realizados pelo Senhor. Êle não ouvira o Senhor nem o seguira; mas, mais tarde, como disse, estêve com Pedro, o qual pregava o evangelho segundo as exigências dos ouvintes, sem o propósito de referir com ordem os ditos e atos do Senhor". Pápias conheceu também o quarto Evangelho e dêle nos fala. Não menciona Lucas.

Temos, pois, do século IV ao século I, afirmações claras, sérias, universais e constantes que nos levam até Mateus, Marcos, Lucas e João. Escreve João Leal, S.J., no livro acima mencionado, p. 155: "Participam da nossa fé todos os representantes das Igrejas dos séculos IV, III, e II. A Igreja da África com Tertuliano e S. Cipriano; a Igreja de Alexandria com Orígenes, Clemente e Panteno; a Igreja da Ásia com Justino e Pápias; a Igreja da Síria e Antioquia com Teófilo, Taciano e S. Inácio; a Igreja da Acácia com Dionísio de Corinto e Hegesipo; a Igreja de Lião, no Ocidente, com S. Ireneu; por último a Igreja mãe de tôdas as Igrejas, a Igreja de Roma com o fragmento de Muratori, S. Hipólito, S. Clemente, S. Ireneu e S. Justino".

4) **A genuinidade dos Evangelhos.** — Mostremos agora, por um rápido exame interno, que os livros dos Evangelhos não são espúrios, mas genuínos, isto é: devem ser atribuídos precisamente a Mateus, Marcos, Lucas e João.

a) *São Mateus é o autor do primeiro Evangelho.* Tôda a tradição cristã concorda nisso. Já vimos os testemunhos mais antigos. Mateus escreveu na Palestina, para os judeus. A leitura e a análise interna do primeiro Evangelho corrobora esta opinião. Vê-se logo o espírito palestinense e judaico da obra. O autor conhece muito bem os costumes dos judeus e a topografia da Palestina e supõe o mesmo conhecimento nos seus leitores. Em tôdas as páginas transparecem também as esperanças e as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Quer mesmo mostrar que os vaticínios se cumpriram em Jesus de Nazaré. Expressões como "reino dos céus", "consumação dos séculos", "o Pai que está nos céus", "a carne e o sangue", "jugo da doutrina", "atar e desatar", etc., são do uso corrente da fraseolo-

gia judaica. Êle recolheu os violentos discursos de Jesus contra a hipocrisia das classes dirigentes do judaísmo. Todo êste caráter judaico exige que o livro tenha sido escrito antes do ano 70 (ou antes da destruição de Jerusalém).

b) *São Marcos é o autor do segundo Evangelho.* E' a voz unânime da tradição. E' o Evangelho de São Pedro, como dizem os Santos Padres, segundo vimos. Escrito em Roma, a pedido dos fiéis. A leitura do Evangelho o confirma. Nota-se logo que o autor se fixa especialmente nos fatos e pormenores que se relacionam com São Pedro. Tôda a atuação de São Pedro se reflete muito melhor neste que nos outros Evangelhos, principalmente os aspectos menos honrosos. O fato de explicar sempre as palavras aramaicas e os usos e costumes dos judeus comprova que foi escrito para leitores não familiarizados com o judaísmo. Há também latinismos, têrmos militares, judiciais e comerciais dos romanos. Dá em moeda romana o valor do dinheiro judeu. Não há, pois, razões internas para duvidar da voz da tradição.

c) *São Lucas é o autor do terceiro Evangelho.* Já o prólogo diz que a obra é escrita quando ainda vivem as testemunhas presenciais da vida de Jesus. A tradição apresenta o autor do terceiro evangelho intimamente relacionado com São Paulo, como discípulo e companheiro e diz que é Lucas. A leitura do livro não só não se opõe a isso, mas confirma, mais uma vez, a voz da tradição. Pois a mensagem de Jesus se vê através do prisma paulino. "Paulo foi o iluminador de Lucas" (Tertuliano). Harnack cita 84 têrmos comuns a S. Lucas e a S. Paulo e que não se encontram nos outros evangelhos. Lucas era médico e o autor do terceiro Evangelho emprega têrmos técnicos da medicina do tempo e descreve as curas com precisão. Pela linguagem se percebe também que o autor não é judeu, mas grego e que sabe escrever bem em grego. Também aqui, pois, a análise interna da obra confirma as afirmações da tradição.

d) *São João é o autor do quarto Evangelho.* E' o que nos dizem unânimemente os Santos Padres acima citados. O leitor perceberá logo que a obra é dum judeu da Palestina: tal é o conhecimento das Escrituras, dos usos e costumes judaicos, da geografia, dos partidos e das rivalidades. As circunstâncias e pormenores das narrações provam também que se trata duma testemunha ocular. O autor se apresenta como Apóstolo "a quem

amava Jesus". Êle viu a glória do Verbo e seus olhos contemplaram o peito aberto. O silêncio intencionado do quarto Evangelho sôbre o Apóstolo João e a família de Zebedeu confirma a suspeita. Cita tantas vêzes o "Discípulo Amado", mas nunca lhe revela o nome. Os nomes dos outros Apóstolos aparecem 74 vêzes no quarto Evangelho, mas nenhuma vez o nome de João. Por quê? Porque êle mesmo é o Autor e o "Discípulo Amado".

Não há, pois, motivos internos ou externos para duvidar. Pelo contrário: há numerosas razões externas (o testemunho dos primeiros Santos Padres) e fortes razões internas para afirmar que os quatro Evangelhos foram de fato escritos pelos autores tradicionalmente indicados. Depois das apressadas afirmações dos racionalistas do século passado, os críticos voltaram outra vez a reafirmar que os três primeiros Evangelhos foram escritos certamente antes do ano 70 ou antes da ruína de Jerusalém por Tito. Mateus entre 50 e 60; Marcos também entre 50-60; Lucas entre 60 e 63, depois de Marcos. O Evangelho de S. João, pelo seu caráter complementário, foi certamente o último. No final supõe-se a morte de Pedro e a longevidade do autor. O modo como fala de Jerusalém e dos judeus indica a dispersão. Por outro lado, já surgiam as primeiras heresias no seio do Cristianismo. Tudo isso nos leva ao último decênio do primeiro século. E', porém, inteiramente insustentável a afirmação do Sr. Cavalcanti de Mello de "que nenhuma versão evangélica viu o dia antes do II século" e que "os Apóstolos não escreveram uma só palavra".

5) A veracidade dos Evangelhos. — Diz o nosso treplicista que os Evangelhos estão cheios de contradições, erros históricos e mentiras piedosas (p. 218) e que, portanto, não merecem a nossa fé. Deixaremos a questão da inspiração divina para lá (porque disso o nosso opositor não tem a menor idéia certa) e consideremos o problema do ponto de vista puramente humano e histórico.

A questão é de saber se os evangelistas queriam fazer história e não literatura; se êles sabiam e podiam conhecer a vida, as obras e os ditos de Jesus; se êles não tinham a vontade de nos enganar ou mistificar. Tinham êles conhecimento? Eram êles verazes? O Sr. Cavalcanti de Mello responde negativamente. Nós responderemos afirmativamente. Pois: [3]

[3]) Resumimos a argumentação que se encontra em qualquer manual

a) Os Apóstolos eram *gente sã,* muitos dêles homens do mar, curtidos ao sol, à água e ao vento. Não estavam, pois, propensos a desequilíbrios nervosos.

b) Gente simples, era por isso mesmo *desconfiada.* Êles não engolem milagres. Querem ver, tocar, palpar, assegurar-se bem. Difìcilmente se convenceram da ressurreição de Cristo. Não se nota nêles o prurido de procurar milagres. Se pecaram, foi antes por incredulidade: "Tardios para crer".

c) Narram as maravilhas de Jesus de maneira *sóbria* e *fria.* Sem comentários, sem exclamações subjetivas. Simples objetividade. O cego vê, o surdo ouve, o paralítico anda, o que estava morto vive. Fotógrafos da realidade. Não cantores, nem poetas. Contam também as fraquezas de Jesus na noite da Paixão.

d) Os Evangelistas não têm outras pretensões senão a de *escrever a verdade.* "Pareceu-me a mim também, depois de me informar exatamente de tudo desde a sua origem, escrever-te ordenadamente...", começa o terceiro Evangelista. Reúne dados, estuda a história, escuta-a dos lábios das testemunhas, anota. E o quarto Evangelista termina assim: "E quem viu dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro. Sabe que diz a verdade, a fim de que acrediteis" (Jo 19, 35). E na carta na qual apresenta seu Evangelho proclama solenemente: "O que aconteceu desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, e contemplamos, e as nossas mãos palparam acêrca do Verbo da Vida: Vida que se manifestou e vimos, e testemunhamos, e vos anunciamos, a vida eterna, a qual estava no Pai e se nos manifestou. Isto que vimos e ouvimos vos anunciamos, para que participeis conosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1, 1-3). Portanto, a intenção dêles era fazer história e não literatura, queriam dar testemunho e não fantasiar.

e) *Morrem por confessar o que viram.* "A quem vê o que escreve e depois se deixa matar livremente por manter o que escreveu, bem se pode acreditar". Dizia por isso Pascal: "Aceito de bom grado as histórias cujas testemunhas se deixam enforcar".

f) Mentiras dos Evangelistas? Bem pondera João Leal na p. 258: "Aquêles pescadores, conhecendo apenas os estreitos

---

de Teologia Fundamental. Para um texto português veja-se João Leal, S.J., *Os Evangelhos e a Crítica Moderna,* Pôrto 1945, pp. 252 ss.

horizontes do lago da Galiléia — 208 m. abaixo do nível ordinário do Mediterrâneo — lembram-se um dia de se combinarem acêrca do mito de Jesus e duma nova religião, fundada tôda ela na divindade dum carpinteiro e dum crucificado, sair da sua aldeia, cruzar os mares, correr o mundo e pregar o que para os seus compatriotas será escândalo e para os civilizados gregos e romanos uma loucura. E a esperança e paga dêste ludíbrio e ousadia seria acabar na prisão e na cruz, como de fato sucedeu. A má fé não tem cabida nos Apóstolos, na cabeça de pescadores que abandonam o lago, a barca, a mulher, os filhos, a pátria, a língua e se dedicam a procurar fortuna..." — Não havia, na verdade, motivos para enganar e mistificar; mas havia muitos motivos para não mentir e iludir.

g) E se mentissem, lá estavam os contemporâneos para *desmentir*. Os escribas e os fariseus, principalmente. Narram coisas muitas vêzes bem desfavoráveis ao povo, designam com exatidão o tempo e o lugar e muitos ainda deviam estar vivos para poderem desmascarar (por exemplo a ressurreição do jovem de Naim, de Lázaro ou da filha de Jairo).

h) O *quadro externo,* descrito por êles e no qual enquadram a vida de Jesus, é absolutamente histórico e harmônico com todos os outros documentos da história, da literatura e da arqueologia.

i) "E' um fato histórico que os nossos Evangelhos foram aceitados pela Igreja primitiva. Aceitados entre outros muitos que ostentavam nomes dos Apóstolos. Os que pertenciam ao Cristianismo reconheceram a fé que se lhes pregara. Os convertidos ao Cristianismo aceitam-nos também como código de fé e de moral superior a qualquer outra filosofia ou ciência sagrada. Todos os aceitam como palavra de Deus, como verdade infalível, pela qual é preciso viver e morrer. Os mártires vão com êles ao suplício, porque morrem para dar testemunho da verdade que êles encerram. Os próprios perseguidores se enraivecem contra os Evangelhos, e arrancam-nos das mãos dos cristãos atirando-os ao fogo. Ninguém duvida que os Evangelhos contêm a palavra de Jesus. Por isso são norma absoluta, indefectível, de fé e de costumes. Por isso se conservam com tão zeloso cuidado e o seu texto chega por tão múltiplas maneiras até nós" (J. Leal, S.J., op. cit., p. 286).

V

O Argumento Patrístico

Exposição do argumento. — O Sr. Campos Vergal, atualmente deputado federal por São Paulo e pelos espíritas, resumiu uma insinuação muito comum entre os reencarnacionistas, quando escreveu: "A Igreja primitiva não repele absolutamente o ensino reencarnacionista. Os primeiros padres e, entre êles, S. Clemente de Alexandria, S. Jerônimo e Rufino, afirmam que êle era ensinado como verdade tradicional a um certo número de iniciados".[1] Infelizmente, seguindo nisso, aliás, um método muito comum entre os autores reencarnacionistas, o Sr. Campos Vergal esqueceu-se de citar os textos ou ao menos indicar exatamente as obras dos três mencionados escritores da Igreja primitiva. Em seguida traz um texto de Orígenes, outro de S. Gregório de Nissa e, saltando por cima de quinze séculos, recorda um bispo francês, Mons. de Montal, que teria falado da realidade das vidas sucessivas numa carta pastoral publicada em 1842. A passagem de S. Gregório de Nissa não recebe nenhuma indicação de fonte. Do texto de Orígenes diz que é tirado do *De Princípiis,* sem indicar nem capítulo, nem edição, nem página. De forma que se torna difícil nosso contrôle.

O Sr. Mário Cavalcanti de Mello, depois de pontificar que, "por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base de fé" (tese que já demonstramos ser criticamente insustentável), num agrupamento imperdoável de nomes, sem ordem cronológica nem lógica, propõe mais a seguinte tese: "Os Caldeus, os Hebreus, Jesus Cristo, e os primeiros cristãos, os Evangelhos, os filósofos gregos, Pitágoras, Esopo, Platão, Aristóteles (sic!), os Pais da Igreja, Orígenes, Clemente de Alexandria a tinham escrito como postulado fundamental da religião do universo. Saiu fora de forma, apenas, o Catolicismo que, para assegurar à Igreja a dominação, substituiu a palingenesia por uma vida única, acrescida da legenda do céu e do inferno para coroamento.

---

[1]) Campos Vergal, *Reencarnação ou Pluralidade das Existências,* São Paulo 1936, p. 41.

Isto se deu no ano de 533, no concílio realizado em Constantinopla. Foi nesta data que a Igreja cometeu essa imprudência".[2] Mais adiante, na p. 216, cita e endossa um passo da teosofista A. Besant, em que se diz o seguinte: "Foi em vão que a Igreja romana tentou apagá-la (isto é: a verdade da reencarnação) do espírito dos fiéis, pois se conservou em várias seitas, voltando a surgir depois de Orígenes e Boaventura, seus advogados na Idade Média".

Estamos diante de muita afirmação e incrível mistifório. O que se diz dos filósofos gregos, dos hebreus, de Jesus Cristo e dos Evangelhos, foi reexaminado criticamente nos dois capítulos precedentes. Já sabe o leitor o que deve reter como verdadeiro e o que há de exagerado, de falso e mesmo de mistificado. No presente capítulo interessa-nos estudar o que nosso reencarnacionista afirma a respeito da Igreja primitiva, dos Pais da Igreja, de Orígenes, de Clemente de Alexandria, do infortunado concílio de Constantinopla em 533 e do tal Boaventura. Que Orígenes e Boaventura tenham sido os advogados da palingenesia na Idade Média, seja apenas anotado aqui a título de curiosidade histórica: Orígenes na Idade Média! Por "Boaventura" deve provàvelmente entender-se o grande franciscano São Boaventura de Balneorégio, falecido em 1274 e posteriormente declarado Doutor da Igreja. E' supérfluo lembrar que, de nenhum dêstes mencionados autores, é citado ao menos um texto, nem se indica uma obra ou algum escrito dêles, que nos facilitasse o contrôle crítico. Em que página dos dez grandes tomos infólio de S. Boaventura defenderia êle a reencarnação? Impossível saber também até que limite devem ser entendidas as duas afirmações genéricas a respeito da "Igreja primitiva" e dos "Pais da Igreja": será reencarnacionista tôda a "Igreja primitiva"? serão todos os "Pais da Igreja" defensores da palinge-

---

[2]) M. Cavalcanti de Mello, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, pp. 202 s. — Na Tréplica o Sr. Mário C. de Mello informa que, no caso de Orígenes houve um êrro tipográfico: não devia ser Orígenes, mas Erigène. O homem só conhece os nomes pelo francês (isto é: por um tal Th. Pascal). Erigène seria o João Scoto Eriúgena. Mas nem na Tréplica nos citou o lugar, livro e capítulo, onde São Boaventura teria defendido a reencarnação. Não citou nem citará. Mas na p. 146 da Tréplica temos uma novidade: Um certo Ruffinus teria escrito uma carta a S. Inácio declarando que a preexistência das almas "era crença comum entre os primeiros Pais"! Sabia lá S. Inácio quem eram "os primeiros Pais"? Ou qual o "S. Inácio" destinatário da desconhecida carta de Ruffinus?

nesia? Para impressionar mais ainda seus leitores, o Sr. Cavalcanti de Mello chega ao auge da generalização, dizendo na p. 218 s. que "não houve, sequer, um só dos missionários do nosso mundo que não pontificasse, com a certeza da fé que nos dá o raciocínio, a doutrina da pluralidade das existências".

Já Leão Denis é mais modesto e também mais concreto. Êle insiste por duas vêzes no argumento patrístico.[3] Em vez de generalizar e dizer simplesmente "a Igreja primitiva" ou "os Pais da Igreja", é mais comedido e sustenta que "entre os padres da Igreja muitos participavam dessas opiniões" [4] e menciona: Orígenes, Tertuliano, São Jerônimo, S. Agostinho, São Clemente de Alexandria, São Gregório de Nissa e mais, passando também por cima de quinze séculos, o Bispo Montal. E' só. De Orígenes cita o *De Princípiis,* livro 1º; [5] de Tertuliano traz um texto do *Apologética,* sem outras indicações; de S. Jerônimo, só afirma, nada comprova; de S. Agostinho lembra as *Confissões,* sem ulterior indicação de livro ou capítulo; de S. Clemente de Alexandria não alega nenhum texto, mas indica o seguinte: *Stromat.* Liv. VIII, Oxford, 1715; de São Gregório de Nissa traz um texto do *Grande Discurso Catequético;* [6] o bispo Montal teria escrito: "Visto não ser proibido acreditar na preexistência das almas, quem saberá o que em épocas vindouras virá a suceder entre as inteligências?".

E' o que os advogados das vidas sucessivas alegam em seu favor.

Passemos agora a examinar o valor do argumento patrístico.

Algumas observações gerais. — A simples análise das afirmações dos reencarnacionistas revela superficialidade, falta de precisão e total ausência de rigor científico no método empregado. Abundam alegações não comprovadas e conclusões generalizadas. Querem impressionar com longa série de nomes.

---

[3]) L. Denis, *Depois da Morte,* 6ª ed., pp. 83-87; *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., pp. 289-292.

[4]) L. Denis, *Depois da Morte,* 6ª ed., p. 83.

[5]) As palavras de Orígenes, citadas por L. Denis, são apenas estas: "A justiça do Criador deve patentear-se em tôdas as coisas".

[6]) O texto citado de S. Gregório é claramente em favor da reencarnação; é o seguinte (assim como foi lembrado por Denis): "A alma imortal deve ser melhorada e purificada; se ela não o foi na existência terrestre, o aperfeiçoamento se opera nas vidas futuras e subseqüentes".

Mas, olhando bem, não custará verificar que a "Igreja primitiva" do Sr. Campos Vergal, os "pais da Igreja" do Sr. Cavalcanti de Mello e os "muitos entre os Padres da Igreja" de Leão Denis, se reduzem a seis nomes apenas. Note, porém, o leitor, desde já, que o total da literatura patrística, grega e latina, não se limita a êstes seis nomes: só na grande edição feita no século passado por Migne, por exemplo, há 382 grossos volumes. Depois desta edição foram descobertos e editados ainda muitos outros livros, como, por exemplo, na grandiosa coleção *Monumenta Germaniae Historica,* no *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum,* na *Bibliotheca Orientalis* e, agora, no novíssimo *Corpus Christianorum,* do qual já foram publicados alguns volumes e que publicará, só na série latina, 175 volumes de 600-800 páginas, contendo ao todo 2348 obras. São, pois, milhares de livros, tratados, opúsculos, cartas e outros documentos epigráficos, de centenas e centenas de autores antigos, em que os estudiosos poderão verificar qual era, de fato, a doutrina de fé na Igreja primitiva. Os livros estão aí, à disposição de todos. A biblioteca dêste nosso Convento Franciscano de Petrópolis possui tôdas as mencionadas coleções. Dizer que a Igreja esconde as fontes, para que não possam ser investigadas, não passa de vil calúnia. No entanto, é essa uma versão muito comum nos meios reencarnacionistas. Dizem que o Cristianismo primitivo era uma perfeita comunidade espírita, com crença explícita nas vidas sucessivas; e que só mais tarde a Igreja introduziu a idéia do inferno, do demônio e outras histórias semelhantes, para poder dominar melhor sôbre as consciências.[7] Eis o que a êste respeito escreve Leão Denis: [8]

Depois de apresentar a Igreja primitiva como comunidade perfeitamente espírita e feliz, continua Leão Denis: "Essa comunhão pouco durou. As paixões terrenas, as ambições, o egoísmo, bem cedo a destruíram. A política se introduziu no sacerdócio. Os bispos, de humildes adeptos, de modestos vigilantes que eram a princípio, tornaram-se poderosos e autoritários. Constituiu-se a teocracia; a esta pareceu de interêsse colocar a luz debaixo do alqueire e a luz se extinguiu. O pensamento profundo desapareceu. Só ficaram os símbolos materiais. Essa obscuridade tornava mais fácil governar as multidões. Preferiram deixar as massas mergulhadas na ignorância, a elevá-las às eminências in-

---

[7]) Leia-se, por exemplo, o que publica o *Mundo Espírita,* de Curitiba, em seu número de 28 de fevereiro de 1955, na apreciação sôbre o livro *A Reencarnação e suas Provas.*

[8]) Em *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., pp. 40 s.

telectuais. Os mistérios cristãos cessaram de ser explicados aos membros da Igreja. Foram mesmo perseguidos como hereges os pensadores, os investigadores sinceros, que se esforçavam por adquirir novamente as verdades perdidas. Fêz-se a noite cada vez mais espêssa sôbre o mundo, depois da dissolução do Império Romano. A crença em Satanás e no inferno adquiriu lugar preponderante na fé cristã. Em vez da religião do amor pregada por Jesus, o que prevaleceu foi a religião do terror". E depois: "Velou-se o ideal divino; o culto se tornou material. Para impressionar a imaginação das multidões, voltou-se às práticas idolátricas, próprias das primeiras épocas da Humanidade. A fim de dominar essas almas e as dirigir pelo temor ou pela esperança, estranhos dogmas foram combinados. Não se tratou mais de realizar no mundo o reino de Deus e de sua justiça, que fôra o ideal dos primeiros cristãos". E neste estilo continua em suas acusações. Mais adiante, na p. 112, diz: "Fêz-se a obscuridade no santuário. Não há um único bispo que pareça conhecer, acêrca das condições da vida de além-túmulo, o que sabia o menor iniciado dos antigos tempos, o diácono mais humilde da primitiva Igreja". Etc.

As calúnias, as aleivosias, as mentiras e as generalizações são evidentes e irritantes. E' preciso ser muito ignorante em questões de história ou inqualificàvelmente mau e perverso, para reduzir a isso o Cristianismo através dos séculos. E Leão Denis, note-se, êle "só quer falar do Catolicismo com moderação".[9]...

No fundo, pois, o grande crime da Igreja se resumiria nisso: para poder dominar melhor sôbre as consciências, ela jamais quis admitir a filosofia da reencarnação; porquanto, se consentisse na teoria da pluralidade das vidas terrestres, do progresso contínuo depois da morte, da conquista da perfeição por méritos e esforços pessoais, cairiam por terra seus dogmas e suas práticas: com a negação do demônio e do inferno, ela perderia o freio que lhe permite governar com ameaças e terrores; com a negação da redenção por Cristo e da conseqüente economia de distribuição das graças divinas, ela perderia o sacerdócio e tôda a hierarquia, os sacramentos e sua administração. Em suma e por tudo: A aceitação da palingenesia significaria a derrocada total e completa da Igreja e de suas instituições. E' esta a razão mais profunda, dizem os reencarnacionistas, por que a Igreja se opõe tão tenazmente à doutrina das vidas sucessivas. E é êste também o motivo por que inventou o dogma do inferno, do demônio, do céu, do pecado original, da redenção, do batismo; essa a razão, também, por que a

---

[9]) L. Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 77.

Igreja teria falsificado a Bíblia, feito tantos cortes, tantas interpolações...

Crassa ignorância ou perversa malícia dos que assim falam ou escrevem. Não é êste o lugar para elaborar uma apologia da história e das doutrinas do Cristianismo. Outros já tomaram a si a defesa contra tão injustos ataques.[10] Nem é êste o lugar para mostrar que a doutrina do inferno, do demônio, do céu, dos anjos, do pecado original, da redenção, da graça divina, do batismo e dos demais sacramentos e meios de santificação têm seu fundamento inabalável não em alguma invenção humana, mas na própria mensagem de Nosso Senhor e Deus. No capítulo em que analisamos o argumento cristão já vimos alguns dêsses elementos claramente ensinados por Jesus. Na nossa *Resposta aos Espíritas* detivemo-nos em outros, respondendo às principais dificuldades levantadas pelos reencarnacionistas.

O Evangelho de S. Mateus fecha com esta ordem soleníssima que Jesus dirigiu aos Apóstolos: "A mim me foi dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo *e ensinando-os a observar tudo o que eu vos tenho mandado.* E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mt 28, 18-20). A missão dos Apóstolos é a mesma missão de Cristo: "Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio" (Jo 20, 21). E mais: "Quem vos ouve a mim me ouve; quem vos despreza a mim me despreza; mas quem me despreza despreza aquêle que me enviou" (Lc 10, 16). E: "Se alguém não ouvir a Igreja, seja para vós um pagão e um publicano" (Mt 18, 17). Como a missão de Cristo não acabou com sua morte, mas continuou nos Apóstolos, assim também não terminou com os Apóstolos o solene encargo que haviam recebido: estendeu-se aos seus sucessores a mesma incumbência sagrada de prolongar através dos séculos a obra de Cristo: "Eis que estou convosco todos os dias, *até a consumação dos séculos*". Para isso os Apóstolos (e seus sucessores) receberiam "a virtude do Espírito Santo, que descerá sôbre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém, em tôda

---

[10]) Recomendamos particularmente a obra de Mons. Dr. Emílio José Salim, *Ciência e Religião* (dois volumes), Editôra Vozes (Caixa Postal 23), Petrópolis, R. J.

a Judéia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1, 8). Munidos por esta misteriosa fôrça do Cristianismo, êles percorreram o mundo e anunciaram por tôda a parte o Evangelho de Cristo. Os *Atos dos Apóstolos,* as epístolas apostólicas, a literatura pós-apostólica, do fim do primeiro século, do segundo século e daí por diante, tudo isso aí está, à disposição dos que queiram investigar sinceramente o que a Igreja primitiva e a posterior, sempre assistida pela "virtude do Espírito Santo", creram e ensinaram. E aí encontrarão, desde o início, aquêles mesmos princípios doutrinários frontalmente opostos aos postulados reencarnacionistas e que já assinalamos no capítulo anterior: unicidade da vida terrestre, redenção dos homens pela paixão e morte de Cristo, possibilidade de condenação definitiva ao inferno e vida eterna num corpo ressuscitado.[11]

Estas considerações gerais sôbre a literatura patrística, mais aquela fúria com que os reencarnacionistas investem contra a doutrina geral da Igreja, provam por si que o invocado argumento patrístico é inconsistente em si mesmo. Não obstante, passemos agora a examinar os nomes mais explorados por êles.

Orígenes (ca. 185-253). — Escreve Leão Denis: "De todos os Padres da Igreja, foi Orígenes que afirmou de modo mais positivo, em numerosas passagens dos seus *Princípios* (livro 1º), a reencarnação ou renascimento das almas".[12]

Orígenes ensinou, de fato, em sua obra *Peri Archon* (De Principiis, "sôbre os princípios") a doutrina da preexistência das almas, tendo-a, todavia, apresentado com bastantes reservas.[13] Segundo êle, todos os espíritos foram criados desde tôda a eternidade e iguais em perfeição inicial. Êle pensa ainda que muitos dêstes espíritos abusaram de sua liberdade e pecaram. E êste pecado, diz, teria sido para Deus a ocasião de criar um mundo material, a fim de servir de lugar de castigo e

---

[11]) A natureza do presente estudo não nos permite desenvolver todos êstes pontos na patrística. Mas já existem interessantíssimas investigações feitas a respeito. Particularmente em relação ao inferno, que os reencarnacionistas querem ver apenas numa literatura muito posterior, lembramos o excelente ensaio do patrólogo Gustave Bardy: *I Padri della Chiesa di fronte ai Problemi posti dall'Inferno,* publicado na coletânea de estudos sob o título *L'Inferno* (Morcelliana, Brescia 1953).

[12]) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 290.

[13]) Leia-se o texto todo na Patrologia Grega de Migne, tom. XI, col. 224.

purificação. Conforme o pecado cometido, cada espírito devia tomar, em castigo, um corpo mais ou menos grosseiro. Os que não se purificassem suficientemente nesta vida deveriam continuá-la depois da morte "num lugar de fogo". Mas no fim, todos os sêres seriam reintegrados na suprema felicidade com Deus. E' a famosíssima doutrina da *apokatástasis ton pánton*. Negou, portanto, também a eternidade do inferno.

E' esta, em suas linhas gerais, a doutrina antropológica, soteriológica e escatológica de Orígenes. Em dois pontos sua doutrina se identifica com a filosofia reencarnacionista de Allan Kardec: em afirmar a preexistência da alma e em negar a eternidade do inferno. Porém, a falar com rigor, nem uma nem outra e nem as duas juntas envolvem necessàriamente a doutrina da palingenesia. Pois contestar a eternidade do inferno não implica uma pluralidade de vidas, e afirmar a preexistência da alma pode significar simplesmente que as almas, antes de se unirem com um corpo, viviam uma vida puramente espiritual. Mas para a doutrina reencarnacionista é imprescindível dizer que as almas devem tornar a viver em sempre novas vidas corpóreas ou aqui sôbre a terra, ou em outros mundos materiais. Há, pois, diferença essencial entre a teoria da reencarnação e a doutrina da preexistência das almas ou a negação da eternidade do inferno.

Aliás, contra um certo Basílides, que pretendera deduzir a idéia da reencarnação das palavras de São Paulo ("vivi outrora sem lei...'"), Orígenes terá oportunidade de pronunciar-se explìcitamente sôbre o problema da pluralidade das vidas terrestres, que êle, então, vai qualificar como "fábulas ineptas e ímpias",[14] manifestando-se, por conseguinte, diretamente contra a metensomatose de certos filósofos de seu tempo.

Todavia, mesmo a afirmação da preexistência das almas e a negação da eternidade do inferno encontraram pronta reação no tempo do notável alexandrino. Ainda trezentos anos depois, em 543, o Papa Virgílio aprovou a condenação da doutrina da preexistência das almas e da reconciliação de todos os sêres. Esta condenação fôra promovida pelos patriarcas Efrém

---

[14]) *In Epist. ad Romanos*, V, PG 14, 1015: "... Sed haec Basilides non advertens de lege naturali debere intelligi, ad ineptas et impias fabulas sermonem apostolicum traxit et in *metasomatoseos* dogma, id est, quod animae in alia atque alia corpora transfundantur, ex hoc Apostolico dicto conatur astruere". Veja também *In Evang. Ioan*, V, PG 14, 220.

de Antioquia e Pedro de Jerusalém e publicada pelo imperador Justiniano I, de Constantinopla.[15] Quando o Sr. M. Cavalcanti de Mello acusa a Igreja de ter substituído a palingenesia por uma vida única, acrescida da lenda do céu e do inferno, e isso no ano de 533, num concílio realizado em Constantinopla,[16] pensamos que êle queria referir-se provàvelmente a esta condenação de Orígenes (feita em 543), pois em 533 não houve nenhum concílio na mencionada cidade; houve um, sim, em 553, mas lemos e relemos as atas dêste concílio e não pudemos encontrar absolutamente nenhum pronunciamento a respeito destas questões escatológicas: só foram ventilados assuntos trinitários e cristológicos.

Clemente de Alexandria (ca. 150-215). — Inevitàvelmente êste ilustre mestre de Orígenes torna a figurar entre os defensores das vidas sucessivas. No entanto, não lhe citam uma só passagem decisiva. E' verdade que Clemente de Alexandria falou da reencarnação, mas apenas para dizer que ela é uma doutrina "arbitrária", porque não se baseia nem nas sugestões de nossa consciência,[17] nem na fé católica: pois, diz êle, nunca é a Igreja quem a professa e sim apenas os hereges e mais especialmente Basílides e os Marcionitas.[18] Assim falava um insigne representante da cultura cristã, que não era nem bispo nem padre, no fim do segundo século! Filho de família pagã, nas-

---

[15]) O texto exato da condenação é êste:

Cân. 1: Si quis dicit aut sentit, *praeexistere hominum animas,* utpote quae antea mentes fuerint et sanctae virtutes, satietatemque cepisse divinae contemplationis, et in deterius conversas esse, atque idcirco refrixisse a Dei caritate, et inde *psychás,* graece, id est, animas esse nuncupatas, demissasque esse in corpora supplicii causa: anathema sit.

Cân. 9: Si quis dicit aut sentit, ad tempus esse daemonum et impiorum hominum supplicium, eiusque finem aliquando futurum, sive restitutionem et redintegrationem fore daemonum aut impiorum hominum: anathema sit.

[16]) Já citamos o texto; êle se encontra em *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), pp. 202 s.

[17]) S. Clemente de Alexandria, *Eclogae ex Scripturis Propheticis,* XVII, PG 9, 705: "Deus quidem nos creavit, cum prius non essemus. Oportuit enim et nos scire ubi eramus, si modo prius fuissemus; et quomodo et quam ob causam hunc in mundum venerimus".

[18]) S. Clemente de Alexandria, *Excerpta ex scriptis Theodoti,* XXVII, PG 9, 674; *Stromatum,* lib. III, c. 3, PG 8, 1114 s; lib. IV, c. 12, PG 8, 1290 s. Cf. P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* S. Paulo 1946, pp. 47 s.

cido em Atenas, pelo ano de 150. Convertido ao Cristianismo, empreendeu longas viagens pela Grécia Magna, Síria, Palestina e pelo Egito, sempre estudando e procurando, como cristão, porfiar com o paganismo no campo das ciências e da literatura.

Tertuliano (160-220), também citado como partidário da pluralidade das existências, rebate a teoria da reencarnação com aquela paixão que lhe é peculiar.[19] Pitágoras, diz êle, que pretende lembrar-se tão bem das existências precedentes, mentiu de modo torpe e temerário.[20] Afirmava ter tomado parte na guerra de Tróia: e como explicar então que êle, depois, se tenha mostrado tão pouco valente? Pois não fugiu da guerra até à Itália? E se foi, como êle afirma, o pescador Pirro em vida anterior, como se lhe justificaria a aversão pelo peixe?[21] E Empédocles? Não pretendeu ter sido peixe numa existência anterior? Deve ser por isso que se atirou na cratera de um vulcão: com certeza quis ser frito.[22] E' tão absurda, escreve êle, a migração das almas para os corpos de animais, que nem os próprios hereges ousaram defendê-la.[23] Mas, continua êle, nem no sentido em que alguns dentre êles apresentam a metensomatose, ela pode ser aceita: porquanto é contrária à justiça divina, a qual exige que a punição vá ferir o próprio corpo que cometeu o

---

[19]) C. P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* S. Paulo 1946, p. 46. Êstes textos, como os demais que adiante citaremos, nós os pedimos ao ilustre jesuíta, que fêz um interessante estudo sôbre a idéia da reencarnação na patrística.

[20]) Tertuliano, *Liber de Anima,* 28, PL 2, 740: "Pythagoras... non turpi modo, verum etiam temerario mendacio incubuit..."; depois: "Quomodo credam non mentiri Pythagoram, qui mentitur, ut credam".

[21]) Ibidem, c. 31, PL 2, 744: "Ecce enim Euphorbum militarem et bellicam animam satis constat vel de ipsa gloria clypeorum consecratorum, Pythagoram vero tam desidem et imbellem, ut praelia tunc Graeciae vitans, Italiae maluerit quietem... alienus studio et affectu Euphorbi. Sed et Pyrrhus ille fallendis piscibus agebat; Pythagoras contra nec edendis, ut animalibus abstinens..." Sabe-se que Pitágoras nunca comia peixe.

[22]) Ibidem, c. 32, PL 2, 745: "Sed et Empedocles, quia se deum delirarat, idcirco, opinor, dedignatus aliquem se heroem recordari: Thamus et piscis fui, inquit, cur non magis et pepo, tam insulsus, et chamaeleon, tam inflatus? Plane ut piscis, ne aliqua sepultura conditiore putesceret, assum se maluit, in Aethnam praecipitando. Atque exinde in illo finita sit metensomatosis, ut aestiva coena post assum".

[23]) Ibidem, c. 34, PL 2, 751: "Nulla quidem in hodiernum dementiae huiusmodi sententia erupit sub nomine haeretico, quae humanas animas refingat in bestias".

pecado e nenhum outro.[24] Além disso, recorda Tertuliano, a palingenesia é inconciliável com a doutrina cristã da ressurreição, que exige a volta da alma ao próprio corpo de que se separou no momento da morte.[25]

S. Gregório de Nissa (m. em 394) simpatizou, de fato, com as idéias de Orígenes. Mas já vimos que êstes conceitos não se identificam sem mais com a reencarnação. E assim como o alexandrino se pronunciou decididamente contra a pluralidade das existências, assim também o insigne capadócio sustenta que a "fábula"[26] da reencarnação é uma doutrina que ofende o gênero humano,[27] porque não leva em conta a dignidade do homem.

S. Jerônimo (ca. 346-420) seria outro reencarnacionista entre os Santos Padres. Mas nenhuma passagem é citada. Nem mesmo é imaginável, na obra do grande dálmata, intrépido defensor da ortodoxia cristã, uma filosofia que negasse a nossa redenção por Cristo e sustentasse que, cada um, através de iteradas vidas difíceis, deveria redimir-se a si mesmo. Nem a tanto chegaram os pelagianos, no tempo de Jerônimo e de seu amigo da África, Agostinho de Hipona, e já o rijo asceta de Belém se levantava contra êles. Mas sabemos de uma passagem, em que falou da metempsicose. E' no comentário ao Evangelho de S. Mateus, precisamente no capítulo explorado pelos modernos reencarnacionistas, em que João é chamado Elias. E Jerônimo comenta: João é Elias não no sentido "de alguns filósofos estúpidos e de certos hereges, que defendem a me-

---

[24]) Ibidem, c. 35, PL 2, 710.

[25]) Tertuliano, *De Ressurrectione Carnis*, c. 1, PL 2, 841.

[26]) S. Gregório de Nissa, *De Hominis Opificio*, c. 28, PG 44, 232: "... qui fabulas quasdam de animorum ex aliis in alia corpora migrationibus commenti sunt... Profecto enim ranarum graculorumque more garriebat, consentaneamque brutae piscium naturae et quercuum sensus expertium doctrinam proferebat, qui unum eumdemque animum in res adeo multas ("virum... feminam... avem... arbustum... piscem...") immigrasse diceret. Est autem absurdae huius opinionis haec causa, quod ante corpora existere animos credebant".

[27]) Ibidem; "Nam nonnuli quidem rem communicando contumelia afficiunt, ac dehonestant humanum genus, eamdem animam censentes invicem tum hominis tum ratione carentis ac bruti fieri animalis, alia post alia subinde corpora induentium..."

tempsicose", mas no sentido de se apresentar na virtude e no espírito de Elias.[28]

S. Agostinho (354-430). E' o último dos seis nomes da patrística, invocados pelos reencarnacionistas. Afirma Allan Kardec que "S. Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo".[29] Justamente Santo Agostinho! O Doutor que, contra os pelagianos, mais defendeu a graça, o pecado original e a redenção. Êle seria reencarnacionista: dos maiores vulgarizadores do Espiritismo... Com efeito, o Bispo de Hipona fala das vidas sucessivas. Êle conhece exatamente as teorias de Platão, Plotino e Porfírio. E escreve: "Se pensamos ser indigno corrigir o pensamento de Platão, por que então Porfírio modificou sua doutrina em mais de um ponto e que são de não poucas conseqüências? E' certíssimo que Platão ensinou que as almas dos homens retornam até mesmo para animar corpos de animais. Esta opinião foi também adotada por Plotino, mestre de Porfírio. Mas não lhe agradou, e com muita razão. E' verdade que Porfírio admitiu que as almas entram em sempre novos corpos. Pois êle sentia vergonha em admitir que sua mãe pudesse algum dia carregar às costas o filho, se lhe acontecesse reencarnar no corpo de uma mula; mas não tinha vergonha de acreditar que a mãe pudesse transformar-se numa jovem e desposar o seu próprio filho! Oh! quanto mais nobre é a fé que os santos e verazes Anjos ensinaram, fé que os Profetas dirigidos pelo espírito de Deus anunciaram, fé que os Apóstolos anunciaram por todo o orbe. Quanto mais nobre é crer que as almas voltam uma só vez aos seus próprios corpos (no momento da ressurreição final), a admitir que elas retornam tantas vêzes para sempre novos corpos".[30]

---

[28]) S. Jerônimo, *In Ev. Matthaei,* lib. II, cap. 11, PL 26, 74: "Elias ergo Ioannes dicitur non secundum stultos philosophos et quosdam haereticos, qui metempsychosim introducunt: sed quod iuxta aliud testimonium Evangelii venerit in spiritu et virtute Eliae, eamdem sancti Spiritus vel gratiam habuerit vel mensuram".

[29]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 48.

[30]) Queremos oferecer também êste texto no original, êle está no cap. 30 do décimo livro do *De Civitate Dei* (PL 41, 109 s). Eis o que escreve "o maior vulgarizador do Espiritismo": "Si post Platonem aliquid emendare existimatur indignum, cur ipse Porphyrius nonnulla et non parva emendavit? Nam Platonem animas hominum post mortem revolvi usque ad corpora bestiarum, scripsisse certissimum est. Hanc sententiam Porphyrii doctor tenuit et Plotinus: Porphyrio tamen iure dis-

Uns capítulos adiante, no mesmo livro, S. Agostinho expõe a teoria de Orígenes e exclama: "Estou muitíssimo admirado que um homem tão douto e versado nas doutrinas da Igreja não tivesse percebido quanto tudo isso é contrário à Sagrada Escritura".[31]

São êstes os seis autores da patrística geralmente apresentados pelos advogados da palingenesia como favoráveis às vidas sucessivas. E verificamos que não só nenhum dêles é decididamente a favor da reencarnação, mas todos êles falam até explìcitamente contra. E assim poderíamos recordar uma longa lista dos nomes mais eminentes e representativos da Igreja primitiva rejeitando formalmente a filosofia da pluralidade das nossas existências terrestres. Eis alguns exemplos:

S. Hipólito, do século segundo, caracteriza bem a atitude da Igreja primitiva quando escreve que os cristãos não esperam a "ensomatosis" (reencarnação) e sim a ressurreição do seu próprio corpo.[32]

Minucius Félix, o primeiro dos cristãos do ocidente a escrever em latim, também do século segundo, sustenta que a idéia da reencarnação não passa de miserável corruptela do dogma da imortalidade da alma.[33]

S. Ireneu (m. em 202) combate a metensomatose em nome da ciência e da fé cristã, porquanto, diz êle, a nossa memória não nos dá nem vestígio de recordações das vidas passadas[34] e a fé cristã na ressurreição não permite reencarnações em novos corpos.[35]

---

plicuit. In hominum sane, non sua quae demiserant, sed alia nova corpora redire humanas animas arbitratus est. Puduit scilicet illud credere, ne mater fortasse filium in mulam revoluta vectaret: et non puduit hoc credere, ubi revoluta mater in puellam filium forsitan nuberet. Quanto creditur honestius quod sancti et veraces angeli docuerunt, quod prophetae Dei Spiritu acti locuti sunt, quod ipse quem venturum Salvatorem praemissi nuntii praedixerunt, quod missi apostoli qui orbem terrarum Evangelio repleverunt? Quanto, inquam, honestius creditur, reverti semel animas ad corpora propria, quam reverti toties ad diversa?"

[31]) S. Agostinho, *De Civitate Dei,* XI, 23, PL 41, 336: "Ubi plus quam dici potest, miror hominem in ecclesiasticis litteris tam doctum et exercitatum, non attendisse primum quam hoc esset contrarium Scripturae huius tantae auctoritatis intentioni..."

[32]) Cf. d'Alès, *La Théologie de Saint Hippolyte,* p. 194, nota 2.

[33]) Minucius Felix, *Octavius,* c. 34, PL 3, 361.

[34]) S. Ireneu, *Contra Haereses,* II, 23, PG 7, 830 s.

[35]) Ibidem, II, 33, PG 7, 833.

S. Justino, o mais insigne de todos os apologetas do segundo século, estudou detidamente as idéias de Pitágoras e Platão e em sua *Apologia,* como também no *Diálogo com o judeu Trifão* condena nìtidamente a doutrina das vidas sucessivas.

E assim por diante. Para S. Gregório de Nazianzo (ca. 362-389) a metensomatose não passa de divagação das "pessoas estúpidas".[36] S. Basílio Magno (330-379) não vê nisso mais do que "delírios de filósofos".[37] O grande S. João Crisóstomo (354-407) pensa que, de tôdas as teorias, é esta "a mais ignóbil".[38] Para S. Cirilo é um "absurdo".[39] S. Ambrósio (339-397) sustenta que ela está em contradição com a ordem natural do mundo e a ordem sobrenatural da graça.[40]

Conclusão: Não há argumento patrístico, como não há argumento cristão, que prove a realidade das vidas sucessivas do homem sôbre a terra. O que há, e em notável superabundância, é exatamente o oposto: doutrinas, declarações, testemunhas que se opõem frontalmente às fantasias reencarnacionistas de Allan Kardec e seus seguidores.

---

[36]) S. Gregório de Naz., *Carmen* VIII, v. 32, PG 37, 449.
[37]) S. Basílio, *Homilia VIII in Hexam.*, 2, PG 29, 167.
[38]) S. João Crisóstomo, *In Ioannem Hom.*, II, PG 59, 31.
[39]) S. Cirilo, *In Ioannis Evang.*, I, 17, PG 73, 142.
[40]) S. Ambrósio, *De Excessu Fratris sui Satyri,* II, n. 130, PL 16, 1412: "Non patitur hoc natura et si pateretur natura, non pateretur gratia".

VI

O Argumento dos Fatos Psicológicos

Vejamos os fatos. — Até agora verificamos o seguinte: Nem as comunicações dos "espíritos", nem o testemunho dos povos, nem a convicção da antiguidade, nem o ensino de Cristo, nem a pregação dos Apóstolos, nem a fé dos primeiros cristãos, nem os escritos dos Santos Padres nos forçam a aceitar a teoria das sucessivas vidas corpóreas.[1] Quanto à doutrina de Cristo e à fé do cristianismo primitivo, temos até com evidência o contrário.

Mas os reencarnacionistas são tenazes, não se dão fàcilmente por vencidos. Apresentam-nos, colhidos dos "anais do psiquismo", inúmeros fatos que, como êles propalam, provariam com tôda a evidência a realidade das nossas sucessivas encarnações. E contra fatos não há argumentos. Calem-se, pois, os cristãos que não suportam ouvir falar em palingenesia; cale-se o próprio Cristo com suas ímpias mensagens sôbre o inferno, o demônio, a ressurreição e a "redenção mecânica" dos homens por sua paixão e morte; envergonhem-se os filósofos e pensadores que ainda continuam tão distantes da filosofia metensomatósica: pois, contra todos êles os partidários e advogados da pluralidade das vidas apresentarão não argumentos, mas *fatos*. E eis os principais:

1) A *restituição da lembrança das vidas passadas*: Albert de Rochas e outros conseguiram provocar a recordação de vá-

---

[1]) Na p. 18 de *Como os Teólogos Refutam* responde o Sr. C. Imbassahy a esta nossa afirmação com os seguintes têrmos: "O bom do frade perdeu um tempo preciosíssimo, porque nenhum espírita, conhecedor da matéria, assenta as suas convicções no testemunho dos povos, ou na Antiguidade, ou na pregação dos Apóstolos, ou na fé dos primeiros cristãos, ou nos escritos dos Santos Padres, e muito menos nestes". — Entretanto, Allan Kardec, Leão Denis, Campos Vergal, Mário Cavalcanti de Mello e outros reencarnacionistas por nós compulsados mostram um empenho muito especial em querer provar que os povos antigos, Cristo, os Apóstolos e a Igreja Primitiva teriam sido pela palingenesia. Vejam-se os textos acima citados, no início de cada capítulo. A não ser que sejam espíritas não conhecedores da matéria... Justamente porque, entre nós, a propaganda reencarnacionista pretende apresentar sua filosofia como "doutrina de Cristo", por isso, ou principalmente por isso, escrevemos o presente livro. Se os reencarnacionistas fôssem mais leais e sinceros na propaganda, então, sim, ter-nos-iam poupado o trabalho.

rias encarnações anteriores por meio de sonos hipnóticos. Pode-se, portanto, demonstrar experimentalmente a existência de outras vidas terrestres no mesmo indivíduo.

2) Os *gênios*: só podem ser o resultado de longa evolução anterior, portanto de muitas existências já vividas por êles mesmos.

3) As *crianças prodigiosas,* que, sem experiência e instrução na vida atual, conhecem matemática, música, etc., fato que seria explicável ùnicamente pela reencarnação.

4) As *reminiscências*: a facilidade com que certas pessoas aprendem provaria que elas estão apenas acordando "recordações" de coisas já conhecidas em vidas anteriores.

5) As *recordações de certas crianças,* ainda pequeninas e sem nenhuma experiência e que, não obstante, contam por vêzes histórias repletas de dramática animação, só são inteligíveis, dizem, se admitimos que elas falam de experiências anteriores à encarnação atual.

6) Os *iniciados*: Pitágoras, Empédocles, Buda, Blavatsky e outros que, em estado de vigília, em plena posse de suas faculdades, se lembravam perfeitamente das vidas anteriores.

7) As *semelhanças*: duas pessoas, uma das quais nasceu algum tempo depois da morte da outra, são impressionantemente semelhantes entre si: prova de que se trata da mesma pessoa em diversas encarnações.

8) Os *sonhos*: certos sonhos seriam absolutamente inexplicáveis a não ser como recordações espontâneas daquilo que já vivemos em outras vidas corpóreas.

9) A *paramnésia*: encontro-me, pela primeira vez, em determinado lugar e, sùbitamente, tenho o estranho sentimento de que "já vi" aquilo; o reencarnacionista mo esclarece fàcilmente: é que vi aquilo em outra encarnação!

10) As *tendências e inclinações*: certas pessoas, desde a infância, sentem forte inclinação para determinada profissão, arte ou ciência; é que, ensinam os reencarnacionistas, elas, em existência anterior, cultivaram a música, o desenho, a matemática, a engenharia, etc.

11) As *simpatias* ou *antipatias*: acontece sentirmos viva simpatia ou antipatia por certas pessoas até então totalmente desconhecidas; os reencarnacionistas justificam isso com facilidade: éramos amigos ou inimigos em vidas anteriores!

12) Os *instintos*: gostamos de alguma coisa ou a repelimos "instintivamente": também isso seria prova de hábitos profundamente arraigados na nossa natureza e que só aos poucos, com a lenta evolução da nossa natureza, se firmaram em nós. Portanto: vidas anteriores!

São êstes os principais fatos psicológicos que dão aos reencarnacionistas inefáveis satisfações intelectuais e abundantes oportunidades para elucubrações filosóficas sôbre nossas pretéritas encarnações. Estamos em plena psicologia. Quem conhece ao menos um pouco da moderna psicologia científica e experimental, estudada hoje nas universidades do mundo inteiro, perceberá sem demora que os reencarnacionistas apresentam uma psicologia totalmente outra, muito menos complicada, é verdade, facílima mesmo, mas com tôdas as características das psicologias pròpriamente primitivas. A afirmação fundamental dos reencarnacionistas diante de todos êstes fatos se resume na seguinte tese: *Só a pluralidade das existências é capaz de explicar satisfatòriamente os mencionados fatos.* Tenhamos, pois, a paciência de acompanhá-los, passo por passo, também nestes argumentos.

E' evidente que uma investigação exaustiva e científica dêstes fatos nos levaria a elaborar um longo tratado de psicologia. Mas não é esta a finalidade da presente brochura. Nem somos nós o primeiro a examinar o assunto. Numerosíssimos psicólogos, das mais diversas correntes filosóficas e religiosas, já analisaram os mesmos fatos. Pois certos acontecimentos, como, por exemplo, o sono hipnótico, a paramnésia, a simpatia ou antipatia à primeira vista, o gênio, o menino-prodígio, o instinto, certas tendências inatas, etc., são interessantes em si e provocam a curiosidade da psicologia independentemente dos postulados reencarnacionistas. A moderna psicologia experimental não surgiu do Espiritismo, mas os fautores de metensomatose se aproveitaram apressadamente do material acumulado pelos psicólogos para explorá-lo em seu favor. A nós, para a nossa finalidade, basta-nos agora perguntar aos psicólogos se é mesmo verdade que aquêles fatos são compreensíveis ùnicamente pela teoria das reencarnações. Aliás, conhecidos psicólogos, como Palmés, Siwek, Poodt e outros, já se deram também ao trabalho de comparar os resultados da psicologia moderna com as primitivas explicações apregoadas pelos defensores da pluralidade das existências.

1) As "provas experimentais" pelos sonos hipnóticos. — O reencarnacionista Mário Cavalcanti de Mello resume o andamento destas demonstrações com as seguintes palavras: "Por meio de certos processos de hipnose, se faz remontar os pacientes às suas vidas anteriores, como veremos adiante, passando pelos estados transitórios no outro mundo, e desta forma obtêm-se os detalhes de tôdas as fases de suas existências passadas".[2] O autor cita em seguida o exemplo do espírita espanhol Fernandes Colavida, comunicado em 1900 ao Congresso de Paris por M. Estevan Marata: "... Um dia, Colavida quis experimentar se podia provocar em um sonâmbulo a lembrança de suas existências passadas. Magnetizou o médium em alto grau e mandou que dissesse o que tinha feito na véspera, uma semana, um mês, um ano antes, levando-o, assim, até à infância, que êle explicou com todos os pormenores. Encaminhando sempre o médium, contou êle sua vida no espaço, a morte de sua última encarnação e chegou a quatro gerações, de que a mais antiga era uma existência inteiramente selvagem. E' preciso notar que, em cada existência, os traços do médium se modificavam completamente. Para conduzi-lo ao estado habitual, o magnetizador tê-lo voltar até à existência presente, e o acordou". Isso já foi feito em 1887. Depois tornaram-se famosas principalmente as experiências de Albert de Rochas, no início dêste século. Por meio de sonos hipnóticos êle teria conseguido reviver onze encarnações numa só pessoa!

Outros fatos semelhantes podem ser encontrados na abundante literatura reencarnacionista. Também Annie W. Besant e Leadbeater, teosofistas, relatam tais casos de "reencarnações comprovadas". Pois os partidários das vidas sucessivas consideram estas experiências como fatos probantes.

Mas serão provas de vidas *realmente vividas?*

Note-se, primeiramente, que, na história do hipnotismo, tôdas estas experiências são muito antigas. Quando as senhoras Blavatsky e Besant escreveram suas obras, o mecanismo intrínseco do sono hipnótico era ainda desconhecido. Também as profundezas do inconsciente e do subconsciente foram desvendadas muitos anos depois. Naquele tempo os autores depositavam grandes esperanças no hipnotismo, mas que posteriormente não foram confirmadas pelos fatos. Deu-se mesmo o contrário, prin-

---

[2]) *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 225.

cipalmente a partir das investigações sistemáticas da escola de Nancy. Pois sabemos hoje que os indivíduos hipnotizados revivem as mais ridículas e mesmo impossíveis sugestões. Basta, por exemplo, sugerir-lhes que são crianças, e já se comportam como crianças, falam como crianças, imitam suas tagarelices e caprichos, tentam mesmo engatinhar, escrevem com letra de criança, etc. Ou então sentem frio ou calor, procedem como reis ou soldados, sempre de acôrdo com o que lhes fôr sugerido. O interessante é que o próprio coronel de Rochas fêz também experiências inversas, sugerindo que o médium havia envelhecido, tentando portanto colocá-lo numa situação que certamente não era real e, no entanto, também então se comportava como ancião! [3] Ora, esta experiência -faz ao menos suspeitar que também as outras situações eram puramente imaginárias, sugeridas consciente ou inconscientemente pelo hipnotizador.[4] Não é necessário que a sugestão seja consciente.

Vale a pena lembrar uma página, interessantíssima para o nosso caso, do conhecido psicólogo Paulo Siwek. Eis suas palavras de advertência: "São de recear semelhantes sugestões, sobretudo em se tratando de sujeitos que no estado de vigília *já acreditam* nas reencarnações. E esta última consideração permite explicar um fato embaraçoso à primeira vista: os espíritos que se manifestam nas sessões dos adeptos da escola de Allan Kardec (Espiritismo Latino) afirmam com muita energia a verdade da reencarnação; mas não menos fortemente a negam os que aparecem nas reuniões dos espíritas anglo-saxões. Essa espécie de cisma (que, bem se compreende, sumamente incomoda os espíritas) explica-se com tôda a naturalidade pelo simples fato de não virem na realidade os defuntos assistir às sessões espíritas: são os médiuns (isto é, pessoas postas no estado segundo) que falam em nome dos espíritos. Falam evidentemente segundo seu próprio pensar e segundo as sugestões que recebem do ambiente. E é por isso que o médium anglo-saxão nega

---

[3]) Veja-se sôbre isso A. da Silva Mello, *Mistérios e Realidades dêste e do outro Mundo,* 2ª ed., Rio (José Olímpio), 1950, p. 384.

[4]) Note-se que Albert de Rochas era espírita. Verdade é que o Sr. Carlos Imbassahy declara que "Albert de Rochas nunca foi espírita e muito menos reencarnacionista" (*A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 141). Mas isso é falso. Aliás, no mesmo livro, p. 217, o Coronel de Rochas figura no rol das pessoas ilustres "que defenderam a doutrina reencarnacionista"...

a reencarnação, mui simplesmente porque o espiritismo anglo-saxão repele a reencarnação, ao passo que o médium latino afirma a reencarnação, porque o espiritismo latino a afirma. Quem conhecer a hipnose, não através de lendas ou de livros, e sim pràticamente, pela observação direta das experiências científicas, nenhuma importância dará aos depoimentos em favor da reencarnação que o coronel de Rochas obteve de seus clientes. Os mais esclarecidos partidários da reencarnação confessam-no hoje. "Em 1911, diz um dêles, o coronel de Rochas publicou um livro ... no qual cita alguns fatos de reminiscência, provocados por meio da sugestão... Entretanto êsses fatos nenhum valor convincente possuem, porque pode ter a sugestão produzido ilusões de acôrdo com o que esperava o hipnotizador" [5]... Contar-nos êste ou aquêle sujeito, hipnotizado por um partidário da reencarnação, pormenores de uma vida anterior, como se ela se lhe representasse na mente, e até tomar atitudes correspondentes à situação descrita, disso não devemos concluir que a memória real dêle está fazendo essa longínqua exploração e na verdade se esteja pondo ao par da vida nesses outros mundos, como desejam fazer crer certos adeptos dessa doutrina".[6] E mais adiante, depois de outras interessantes considerações, Siwek conclui: "As experimentações realizadas pelo coronel de Rochas em sujeitos hipnotizados, fatos êsses que com tanto gôsto relembram os reencarnacionistas, por conseguinte, são inteiramente faltos de valor".

Para que os leitores percebam a facilidade com que a sugestão pode alterar a personalidade dos hipnotizados, vejam, por exemplo, o caso seguinte, experimentado pelo Professor Luys com a Sra. Ester. Estando ainda esta senhora em estado de vigília, o Professor lhe pediu explicar o que era a sugestão. Ester respondeu apenas que a sugestão consistia em dizer alguma coisa a alguém que dorme; mais não soube explicar, mesmo depois de um interrogatório bastante demorado. Em seguida ela foi hipnotizada e o Professor lhe ordenou: "Sois o Professor Luys e deveis agora dar a êstes senhores um curso sôbre a sugestão!" Ela tomou logo a personalidade do Dr. Luys e, com a mesma entoação de voz e os mesmos gestos, repetiu textual-

---

[5]) W. Lutoslawsky, *Preesistenza e Reincarnazione*, p. 47.

[6]) Paulo Siwek, S.J., *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1954, pp. 224 s.

mente o curso que o Professor havia dado no ano anterior, ao qual Ester havia assistido não como estudante, mas como pessoa de experimentação. O Dr. Poodt, que relata êste caso, acrescenta a seguinte consideração: Suponhamos que, depois da morte do Professor Luys, Ester se tivesse colocado por sugestão em um estado parecido e que tivesse dado de novo o curso do Professor com as entonações, os gestos, os têrmos precisos, etc., neste caso se poderia talvez crer que era o espírito de Luys que se havia incorporado na médium Ester. Da mesma maneira, explica Poodt, que os hipnotizadores criam por heterossugestão novas personalidades, assim também os médiuns, por auto-sugestão, podem criar outras personalidades. Mas, e isso é evidente, basta conhecer as leis do sono hipnótico, essas novas personalidades são simples e puríssimas criações da fantasia subconsciente do médium. No tempo de Allan Kardec († 1869) a psicologia, então incipiente, ainda não conhecia as leis do subconsciente, dos reflexos condicionados, dos automatismos, das personificações, das percepções extra-sensoriais, do transe, da psicologia profunda e dinâmica e assim se compreende que êle tentasse explicar tais fenômenos pela intervenção direta dos espíritos desencarnados. Hoje, porém, em vista dos resultados seguros da moderna psicologia experimental, semelhantes explicações manifestam uma mentalidade primitiva e atrasada, que poderá provocar apenas um indulgente sorriso nos lábios dos psicólogos. — No próximo capítulo examinaremos o mais recente e mais famoso caso de regressão da memória: Bridey Murphy.

2) Os gênios. — E' inegável o fato de existirem homens excepcionalmente inteligentes. Sustentam os reencarnacionistas ser a alma do gênio mais evoluída que os espíritos dos homens comuns, o que é para êles prova manifesta de ter passado por numerosas vidas anteriores, nas quais se aperfeiçoou e evoluiu. E a fim de patenteá-lo, costumam recordar geralmente o seguinte princípio filosófico: que Deus não pode criar almas desiguais, mas que tôdas tiveram um início exatamente idêntico. Nesta lei da igualdade inicial de todos insistem muito.[7] Para pôr em evidência a singularidade do gênio, os reencarnacionistas

[7]) Trataremos desta lei no capítulo VIII, quando analisarmos o argumento filosófico.

lembram que o homem genial "não tem pai nem mãe nem posteridade da sua própria espécie": êle aparece de súbito, sem ascendência nem descendência genial.

Que dizer a isso?

A psicologia moderna não deixou de se interessar pelo caso singular dos gênios. E o psicólogo Paulo Siwek já deu convincente resposta aos partidários da palingenesia. As afirmações dos reencarnacionistas, diz êle, "estão longe de ser tão evidentes quanto no-lo querem fazer acreditar". Êle lembra em seguida que será muito difícil provar que o gênio aparece de fato tão súbita e isoladamente como os defensores da preexistência das almas gostariam que fôsse. Pois, observa Siwek, como poderão êles provar que certos gênios não herdaram suas felizes disposições psíquicas dos próprios pais, quando êstes eram pobres ou simples operários que, embora, talvez, fôssem gênios, jamais tiveram oportunidades de manifestar sua genialidade? E como poderão os reencarnacionistas demonstrar experimentalmente que o gênio jamais transmite ou até que nem pode transmitir suas qualidades aos filhos? Pois sabemos pela biologia que a personalidade psíquica não depende apenas do pai, mas também da mãe. E, além disso, bom número de homens verdadeiramente geniais permaneceram solteiros a vida tôda! Santo Anselmo, São Boaventura, Santo Tomás de Aquino, Duns Scotus, Suárez, Descartes, Spinoza, Leibniz, Schopenhauer, etc., não se casaram e esta é a razão por que não tiveram filhos geniais. "Não é necessária a reencarnação para compreendermos que não podiam deixar nenhum descendente genial!".[8]

Aliás, parece que os reencarnacionistas possuem uma noção pouco exata do gênio, como se êste não tivesse nada de comum com os outros mortais, como se tivesse apenas intuições repentinas, como se já nascesse com soluções prontas para problemas até então insolúveis. As chamadas idéias "geniais", pelo contrário, são geralmente o resultado de esforços conscientes, continuados e pacientes. Diremos antes com os entendidos que o gênio é "uma atenção continuada", uma "prolongada paciência" ou a "paciência do bom-senso". O caminho comumente seguido pelo gênio é êste: estudar, pesquisar e prender

---

[8]) Paulo Siwek, S.J., *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, p. 296.

voluntàriamente[9] a atenção de modo constante a um objeto de estudo único, eliminando tôdas as distrações. Isso supõe boa inteligência e vontade decidida; mas não supõe vidas anteriores.

3) As crianças-prodígio. — Pode-se dizer que o argumento científico predileto, sempre relembrado pelos reencarnacionistas, é tirado dos famosos casos de "meninos-prodígio". São crianças que sabem calcular, resolver problemas matemáticos, tocar piano, compor músicas, dirigir orquestras... Para os advogados da metensomatose êstes fatos são provas experimentais, científicas e certas de que as crianças em questão só podem ser a reencarnação de espíritos que em vidas anteriores cultivavam a música, a matemática, etc.

Mas, diz o conhecido psicólogo espanhol, Dr. F. M. Palmés, "aduzir êsses casos como argumento em favor da preexistência das almas, só pode ocorrer a homens que nada sabem da Psicologia".[10]

E note-se, primeiramente, que os reencarnacionistas exageram freqüentemente os feitos extraordinários de seus pequeninos heróis. Um dos exemplos mais citados é o caso de Blásio Pascal que, como êles propalam, "aos doze anos resolveu os teoremas da Geometria"; pelo que deve ser a reencarnação do próprio Euclides! Entretanto, um estudo objetivo da biografia de Pascal reduz notàvelmente as fantasias reencarnacionistas em tôrno daquele menino de 12 anos. O pai de Pascal era engenheiro e matemático. E' Madame Perrier, irmã de Blásio, quem nos conta que certo dia o pai surpreendeu o filho ocupado em um estudo sôbre a tese 32 do primeiro livro de Euclides. Tratava-se do teorema que afirma que a soma dos ângulos de um triângulo é de 180 graus; portanto um dos primeiros e mais fáceis teoremas da Geometria plana e não, simplesmente, "os teoremas da Geometria". Para um menino naquela idade era isso sem dúvida excelente sinal de boa inteligência. Mas não era um fato pròpriamente anormal e de todo extraordinário ver um filho de engenheiro absorvido em tais problemas, quando êle via muitas vêzes o pai preocupado com teoremas da Geometria.

Outra observação notável a respeito das crianças-prodígio

---

[9]) Dizemos "voluntàriamente", para distinguir nìtidamente o gênio das pessoas que costumam dirigir suas atenções "espontâneamente" para certos objetos: são as vítimas das chamadas "idéias fixas".

[10]) F. M. Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo,* Barcelona 1950, p. 455.

é a seguinte: depois de certo tempo a absoluta maioria delas perde a genialidade! A êste respeito escreve Wilhelm Stekel, especialista em doenças nervosas: "A criança nervosa realiza a maior maravilha dêste mundo: aprende a andar, a ler, a pensar mais fàcilmente que as crianças normais. E' precoce, surpreendentemente espirituosa, faz perguntas inteligentes e dá respostas certas que deixam os de casa admirados, é tão sensível que consegue exprimir todos os afetos belos e feios dos adultos. Sua inteligência surpreende a todos. Quase sempre aprende com uma rapidez espantosa. Essas crianças nervosas são, muitas vêzes, o tipo dos meninos-prodígio. *De milhares de meninos-prodígio é raro obter-se um talento.* Pedagogos experimentados mostram com razão que os melhores alunos, os chamados meninos-prodígio, cujas notas eram o orgulho da família, só muito raramente se tornam grandes homens, enquanto que crianças aparentemente não talentosas, às quais uma natureza calma permitiu um lento desenvolvimento do cérebro, chegam a ser homens de importância e mesmo geniais".[11]

E mais uma terceira observação interessante que visa diretamente aos mais extraordinários meninos-calculadores e meninos-músicos de que há memória e que, diga-se de passagem, são extraordinàriamente raros. O Dr. Antônio da Silva Mello coligiu boa série dêstes casos interessantes. Em todos êles repara-se o seguinte: as ditas crianças se distinguem apenas em bem determinado ramo, como se nêle fôssem especializadas, mas nas outras atividades prosseguem como as demais crianças daquela idade, infantis, sem saber conversar, mesmo sôbre banalidades. E mais: em todos os casos indicados trata-se de processos mentais, operando automàticamente, fora da alçada da consciência como tal (matemática, música). Porquanto, observa Silva Mello, "em relação aos prodígios de cálculo, é preciso considerar que o mecanismo de tais operações deve ser extremamente simples, pois as próprias máquinas de calcular podem realizá-las, sem qualquer raciocínio! Já Schopenhauer havia afirmado que a atividade mental mais baixa era a aritmética, pois é a única que pode ser executada por meio de máquinas. A matemática e os números podem conservar-se alheios à inteligência, como tem sido demonstrado pelo aparecimento de extraordi-

---

[11]) Citado por A. d'Almeida Moraes Júnior, *Evolução e Espiritismo*, Taubaté 1944, p. 129.

nárias capacidades de cálculo, por vêzes em indivíduos inferiores ou mesmo imbecis".[12] Silva Mello pensa que coisa semelhante se poderia, talvez, dizer da música: "E' provável que a música dependa de dados semelhantes aos da matemática, no sentido de trabalhar com valores e grandezas que guardam entre si relações precisas e que se traduzem pelo ritmo, a harmonia, a melodia".[13]

4) As reminiscências. — Algumas pessoas aprendem com rara facilidade, de forma que dão a impressão de estarem apenas "acordando conhecimentos latentes". Isso seria prova de vida anterior. O argumento é velho. Vem de Platão que, como já vimos em capítulo anterior, também defendeu a metensomatose (a palavra, aliás, vem dêle). E' o célebre processo da "maiêutica", que Platão atribui a Sócrates. No *Ménon* refere Platão um caso típico dêste gênero. Mediante uma série de perguntas apropriadas êle consegue arrancar do escravo de Ménon respostas que revelavam (assim julgava o filósofo), a aquisição de conhecimentos numa vida anterior à união da alma com o corpo. E assim todos nós teríamos múltiplos conhecimentos em estado latente e que não foram adquiridos na presente encarnação; nascemos com êles e, portanto, devem ter sido adquiridos numa vida precedente.

Já Santo Agostinho criticou severamente esta argumentação do velho filósofo grego. Se Platão, diz êle, pôde obter de um homem sem instrução respostas tão acertadas, foi ùnicamente porque lhas sugeria pelo próprio modo por que o interrogava. "À proporção que lhe faziam perguntas bem graduadas e bem coordenadas, o escravo via o que lhe apontavam e contava o que via", explica S. Agostinho.[14]

Por outro lado, a maior ou menor facilidade com que costumamos aprender depende inteiramente das disposições psí-

---

[12]) A. da Silva Mello, *Mistérios e Realidades dêste e do outro Mundo,* 2ª ed., (Rio 1950), p. 375.

[13]) Idem, ibidem, p. 378.

[14]) *De Trinitate,* XII, 15; PL 42, 1011. E o Santo acrescenta: Se as respostas certas que do escravo se obtinham provassem realmente um "conhecimento da matemática" que em existência anterior tivesse possuído êste escravo, seria preciso supor que todos os homens, sem exceção ou quase, em outras eras foram matemáticos, porquanto todos os homens, ou quase todos, são capazes de responder satisfatòriamente às perguntas de Sócrates. Mas "são tão raros os matemáticos, que é difícil achar um!", remata o sábio bispo de Hipona. Cf. P. Siwek, op, cit., pp. 188 s.

quicas que regulam as relações entre alma e corpo. A idiotia, a imbecilidade, a debilidade mental e outras formas de psicopatias lesionais, orgânicas e toxi-infecciosas, são o resultado de lesões do organismo. O defeito não está na alma como tal. Nem pressupõe necessàriamente um espírito defeituoso, atrasado ou pouco evoluído. Qualquer manual de psicologia experimental esclarece fàcilmente êste ponto. O mesmo pode dar-se com os espíritos aparentemente mais "evoluídos": há nêles disposições orgânicas e fisiológicas que tornam a apreensão mais fácil, mais imediata e intuitiva.

5) **As recordações das crianças.** — Há crianças que, ainda sem nenhuma experiência na vida atual, começam a contar histórias repletas de dramática animação. "São recordações do passado imediato", repetem com Annie Besant os defensores da reencarnação.

Forçoso é reconhecer que os adeptos da doutrina reencarnacionista são de fato pouco exigentes. Pouco exigentes e muito primitivos. Quem não ouviu uma criança relatar acontecimentos a que ela mesma assistiu! E' conhecida a liberdade com que elas enfeitam suas històriazinhas e alteram os fatos. A fantasia das crianças não pode ser argumento sério para provar qualquer coisa.

6) **Os iniciados.** — Mas, retrucarão os reencarnacionistas, se não podemos basear-nos nas fantasias das crianças, então vejamos gente adulta e ponderada: Pitágoras, Empédocles, Buda, Blavatsky, Besant e outros, todos êles são pessoas respeitáveis, que em pleno estado consciente se recordam de suas vidas passadas. São os famosos "iniciados", seguidamente apresentados pelos fautores da palingenesia. Também aqui no Brasil temos dêsses "iniciados": no Rio de Janeiro, Avenida Getúlio Vargas, instalou-se o Sr. Oceano de Sá, persuadido de ser a reencarnação de João Batista. Por isso faz questão de ser chamado "Mestre Yokaanam"; em São Vicente (Santos) mora atualmente o escritor italiano Pietro Ubaldi, a reencarnação de São Pedro Apóstolo; em Uberaba (MG) está Chico Xavier, reencarnação do Apóstolo S. André; no Rio Grande do Sul descobrimos outra reencarnação importante: a de São João Evangelista... Na verdade, os espíritas têm razão quando dizem que o Brasil é "o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho"! Há pouco, um dos mais conhecidos espíritas patrícios nos escrevia uma carta em que revelava sermos a reencarnação do Papa

Inocêncio I. Em julho de 1954 falávamos em Santos, quando certa senhora mui distinta nos meios espíritas daquela praça, presidente de um grupo de 54 centros, comunicava, pela Rádio Cultura São Vicente, aos seus fiéis e crédulos seguidores ter recebido notícia certa (do além, naturalmente) de que Frei Boaventura seria a reencarnação do Imperador Nero... Hão de conceder que Nero já fêz progressos notáveis em sua nova encarnação: para fazer penitência, fêz-se frade menor e já não persegue a ferro e fogo; mas sempre continua com a mania de perseguir... Num outro centro espírita, do Rio, fizeram baixar o espírito de Frei Rogério que revelou minha terceira reencarnação: numa fui o Papa Silvestre, noutra Domingos de Gusmão e agora esta miséria. Os umbandistas anunciaram em grandes letras de seu jornal que, numa encarnação anterior, fôra Torquemada... Enfim, sempre gente importante...

Aliás, surge aqui uma nova e curiosa forma de *megalomania*: todos aquêles que declararam lembrar-se de vidas anteriores foram sempre personagens importantes. Donglas Home garante que já teve a honra de encontrar ao menos doze Marias-Antonietas, seis ou sete Marias Stuart, uma multidão de São Luíses e outros reis, uns vinte Alexandres e Césares, — mas nunca um simples João Ninguém...

Senão, basta entrar em qualquer manicômio para ter muita probabilidade de dar com mais meia dúzia de personagens importantes...

Em vez de analisarmos o valor das recordações dos "iniciados" [15] (e que encontram sua explicação cabal nas enfermidades da memória, nos fenômenos da sugestão e auto-sugestão e sobretudo na doença da megalomania), queremos apenas citar uma passagem do distinto espírita e reencarnacionista Leão Denis, na qual êle nos mostra o caminho pelo qual chegou a conhecer suas vidas anteriores:

"Pelo que me concerne pessoalmente, já pude colhêr algumas provas de minhas vidas anteriores. Consistem essas provas nas revelações que me foram feitas em lugares diferentes, por meio de médiuns que se não conheciam e que jamais tiveram relações entre si. Tais revelações são concordes e idênticas. Além disso, logrei verificar-lhes a exatidão pela introspecção, isto é, por um estudo analítico e atento do meu caráter e da minha natureza psíquica. Êsse exame me fêz descobrir muito

---

[15]) Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, pp. 238-258, estuda-os um por um.

acentuados em mim, os dois principais tipos dos homens que realizei no curso das idades e que dominam todo o meu passado: o monge estudioso e o guerreiro. Ser-me-ia possível ajuntar numerosas impressões e sensações que me permitiram reconhecer, nesta vida, sêres já encontrados anteriormente. Creio que muitos homens, observando-se com atenção, conseguiriam constituir seu passado prenatalício, se não nas minúcias, pelo menos nas grandes linhas".[16]

Eis aí um método "científico" para reconstituir nosso passado...

Na verdade: pouco exigentes e muito primitivos, os reencarnacionistas.

7) As semelhanças. — Eis novo argumento: Morre certa pessoa; tempos depois nasce outra, extraordinàriamente semelhante à falecida: sinal de que estamos diante da mesma pessoa em duas encarnações diferentes!

Não se admiram os reencarnacionistas que um filho seja semelhante ao pai ou à mãe; acham que isso é muito natural e perfeitamente explicável, sem precisar recorrer à metensomatose. Mas nasce uma criança parecida com o falecido avô ou bisavô ou algum outro parente, e logo o reencarnacionista fica assombrado e pensa que "só a pluralidade das existências estará em condições de explicar coisa tão extraordinária"! A êste respeito escreve Siwek: "O argumento a favor da reencarnação que se vai buscar numa semelhança acidental entre duas pessoas, uma das quais nasce após a morte da outra, revela ignorância total de certos estudos sôbre a questão da hereditariedade recentemente publicados. Não só as qualidades estritamente físicas (côr, as feições, altura, etc.) como também as propriedades psíquicas podem transmitir-se pela hereditariedade".[17]

Mas nem mesmo é necessário serem consangüíneos, para que

---

[16]) Leão Denis, *O Além;* texto citado por Mário Cavalcanti de Mello em *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 228.

[17]) Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, p. 177. Em *O Livro dos Espíritos* (21ª ed., p. 132) pergunta Allan Kardec aos "espíritos superiores": "Freqüentemente os pais transmitem aos filhos a parecença física. Transmitirão também alguma parecença moral?" Resposta dos espíritos: "Não, que diferentes são as almas ou Espíritos de uns e de outros. O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade". Vê-se que também no além a psicologia anda um tanto atrasada. Fariam muito bem os espíritos desencarnados tomar umas aulas nas universidades dos encarnados. E muitas outras coisas poderiam aprender...

duas pessoas possam parecer extraordinàriamente semelhantes. Quando o reencarnacionista vê o sósia de seu amigo, ambos simultâneamente vivos, êle não vê nisso nenhum mistério inexplicável, nem sente necessidade nenhuma de recordar a doutrina da reencarnação para esclarecer a existência do sósia. Mas basta-lhe encontrar dois indivíduos semelhantes um após a morte do outro, e logo proclamará que fora da reencarnação não há justificação para o caso...

8) Os sonhos. — Para os partidários da preexistência da alma, os sonhos, ou ao menos alguns dêles, não teriam explicação, a não ser como "recordações inconscientes de outras existências".

Allan Kardec expõe no capítulo VII de *O Livro dos Espíritos* (que é a obra básica da codificação kardequiana) a teoria espírita sôbre o sono e os sonhos. Não fôsse tão longo êsse tratado (pp. 213-221), e o transladaríamos todo para estas páginas. Pois basta tê-lo lido, para têrmos sua refutação. O primitivismo, no caso, é flagrante. Demos algumas amostras:

No n. 401 pergunta Kardec: "Durante o sono, a alma repousa com o corpo?" Como sempre, a interrogação é dirigida diretamente aos "espíritos superiores", do além, com os quais estava Allan Kardec em quase constante comunicação. Eis a resposta: "Não, o Espírito (a alma da pessoa que está dormindo) jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando êste então de sua presença, êle se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos".

Kardec continua seu interrogatório no n. 402: "Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?" Resposta do além: "Pelos *sonhos*. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito (a alma) mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vêzes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, *quer dêste mundo, quer do outro*. Dizes freqüentemente: Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. Enganas-te. E' amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás *em outra existência* ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar

no passado ou no futuro... O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonhos inteligentes os Espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Êsses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos sêres que lhe são superiores. Com êstes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando volvem, morrendo na Terra, ao mundo espiritual... Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos Superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós". E assim continuam os esclarecimentos dos "espíritos" ainda através de longas páginas. Chegam mesmo a nos ensinar ser possível visitar durante o sono pessoas vivas e conversar com elas (que, naturalmente, também dormem). Pois Allan Kardec pergunta no n. 414: "Podem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono?" A resposta é clara: "Certo e muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se. Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país. E' tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase tôdas as noites fazeis essas visitas".

Em suas *Obras Póstumas* Allan Kardec é mais preciso e resume assim suas teorias: "Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, êsse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que sua presença não é necessária para atuar isoladamente e *ir aonde quiser,* no gôzo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades. Durante a encarnação, o Espírito jamais se acha completamente separado do corpo; qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se prêso sempre àquele por um laço fluídico que serve para fazê-lo voltar à prisão corpórea, desde que a sua presença ali se torne necessária. Êsse laço só a morte o rompe".[18]

Particularmente interessante é essa alusão ao "laço fluídico", ou "cordão fluídico" que liga a alma com o corpo. Em outra obra assim escreve o mestre espírita: "Durante a vida, qualquer que seja a distância a que se transporte, o Espírito

[18]) Allan Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 46.

fica sempre prêso ao corpo por um cordão fluídico, que serve para chamá-lo, quando a sua presença se torna necessária".[19] Afiança-nos Kardec que "êsse laço fluídico há sido muitas vêzes percebido por médiuns videntes. E' uma espécie de cauda fosforescente que se perde no espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos hão dito que por aí é que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corporal".[20] Devem ser enormes, êsses laços fluídicos...

Na verdade, a psicologia do além é positiva, clara, simples, — primitiva.

9) A paramnésia. — Não é raro o seguinte fenômeno: encontramo-nos pela primeira vez em determinado lugar; somos plenamente consciente de que nunca estivemos aqui. De repente, porém, paramos e temos então a nítida impressão de que "já vimos aquilo"! E ficamos a parafusar quando foi que vimos isso. Eis senão quando se aproxima de nós um reencarnacionista, ao qual expomos nossa perplexidade; e êle, com extraordinária desenvoltura, resolve fàcilmente nosso problema: "O Senhor viu isso numa encarnação anterior"!

Eis o novo argumento.

Os psicólogos dão a êste fenômeno a designação de paramnésia. Ainda não está suficientemente esclarecido. Mas algumas observações nos facilitarão sua elucidação:

Nem sempre podemos ter plena certeza que de fato nunca estivemos no tal lugar. E' conhecido o caso contado por Th. Ribot: "Certo cavaleiro, de temperamento muito artístico, faz uma excursão pelos arredores do castelo do condado de Sussex. Chega ao portão e, súbito, sente a impressão vivíssima de já o ter visto; mais ainda, parece-lhe ter visto também as pessoas que nesse momento estão no caminho da ronda e os jumentos estacionados diante da porta principal. Em extremo surpreendido, pede esclarecimento à mãe. Conta-lhe esta: quando êle tinha dezesseis meses, fôra levado àquele mesmo lugar; haviam-no transportado num cêsto às costas de um jumento e tinham-no deixado em baixo, com os animais e os guias, enquanto os excursionistas subiam pela escada para cima do portão".[21]

---

[19]) Allan Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 155.

[20]) Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, 20ª ed., p. 309.

[21]) Citado por P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, pp. 261 s. — Note-se que dizemos no texto: "nem sempre" po-

Outra advertência a não esquecer: há muitas coisas parecidas e pode, portanto, bem ser que aquilo que vimos não era precisamente o mesmo, mas apenas coisa semelhante.

Acontece também que a coisa vista já foi descrita em algum livro que lemos ou num cinema que dela tratava, ou já tivemos alguma fotografia daquilo ou ainda (e o caso não é raro) já sonhamos alguma vez com coisa semelhante.

Aliás, nos casos de paramnésia, não temos apenas a impressão de já têrmos visto certo lugar ou determinada região, mas também certas pessoas, certas circunstâncias, certas casas, etc. E isso se dá mesmo quando as tais casas, circunstâncias ou pessoas ainda são bastante novas ou recentes e, portanto, quando elas ainda não existiam antes da nossa atual encarnação. Ao menos nestes casos os reencarnacionistas não poderão, de jeito nenhum, apelar a vidas anteriores. Só isso basta para mostrar que o problema da paramnésia não pode ser solucionado satisfatòriamente pela reencarnação. E que, por conseguinte, também não pode ser considerado argumento em favor da palingenesia.

10) As tendências e inclinações. — Algumas crianças sentem forte inclinação para determinada profissão ou arte: querem ser soldados, aviadores, engenheiros, marceneiros; outras querem estudar para padre, para médico, advogado ou para outra profissão qualquer, mas sempre bem determinada. São fatos indiscutíveis. Como explicá-los? "Pela reencarnação!", respondem apressadamente os partidários das vidas sucessivas; "não há outra explicação possível".

Para que os reencarnacionistas possam sustentar semelhante conclusão, deverão forçosamente defender que tais tendências e inclinações são tôdas *inatas,* no sentido próprio desta palavra. Ora, será bem difícil provar esta tese. Quando, por exemplo, a criança declara que quer ser aviador, artista de cinema ou de televisão, locutor de rádio, será penoso sustentar que se trata verdadeiramente de inclinações inatas ou congênitas. Pois

---

demos ter plena certeza do fato. Não dizemos que esta incerteza explica todos os fenômenos de paramnésia. Assim, p. ex., tenho absoluta certeza de que nunca estive na China e, não obstante, se fôsse algum dia à China, poderia dar-se o fenômeno da paramnésia. O Sr. C. Imbassahy (*Como os Teólogos Refutam,* p. 37) fala como se quiséssemos solucionar todos os fenômenos paramnésicos por essa via. Dizemos apenas que é uma das soluções possíveis.

o reencarnacionista, para ser conseqüente em sua tese, deveria conceder que a criança em questão era aviador, artista de cinema ou de televisão, locutor de rádio, etc., em vida anterior. Ora, a aviação, o cinema, a televisão, o rádio, etc., são invenções recentes, não existiam no tempo das vidas anteriores destas crianças... No caso, o absurdo da explicação reencarnacionista é manifesto. Deve, pois, haver outros fatôres psicológicos que esclareçam as tendências e inclinações em questão. A psicologia, com efeito, não vê nisso nenhuma dificuldade especial: "Se uma pessoa ouvir, desde a infância, elogiar certa arte ou certa ciência, terá provàvelmente opinião muito lisonjeira dessa arte ou dessa ciência que para ela assim se tornará uma espécie de ideal. Uma vez concebido êsse ideal, naturalmente a criança trabalhará para realizá-lo; e tanto mais que um talento particular lhe granjeia a admiração dos companheiros. Despertando nêle as fôrças latentes da ambição, concentrando em tôrno de um fim único as aspirações e as energias do espírito, êsse primeiro êxito prepara novos progressos; e assim o talento se desenvolverá de modo notável".[22]

11) As simpatias e antipatias. — Duas pessoas se encontram pela primeira vez; uma nunca ouviu falar da outra; mas logo ao primeiro encontro sentem singular simpatia mútua. Isso acontece com muita freqüência. E' o conhecido amor à primeira vista. E enquanto estão a filosofar sôbre o problema que daí surge, aparece um reencarnacionista, para apresentar sua solução, habitualmente apressada: "Vocês eram amigos em vida anterior!" — Outras duas, que também nunca ouviram falar de si, logo ao primeiro encontro, sentem estranha antipatia mútua. Vai o nosso reencarnacionista resolver-lhes a dificuldade: "Vocês eram inimigos em alguma encarnação anterior!"

Não há dúvida que a psicologia dos reencarnacionistas resolve seus problemas com extrema facilidade e simplicidade. Infelizmente, nem a facilidade, nem a simplicidade são critérios da verdade.

A maioria das simpatias ou antipatias à primeira vista têm mui simplesmente sua origem naquilo que os psicólogos denominam "recordação traumática". Para isso não precisamos de

---

[22]) Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, p. 279.

acontecimentos pré-natalícios, mas bastam geralmente insignificantes e inocentes ocorrências da infância. Assim pode, por exemplo, alguém sentir viva repulsão por animais de pêlo comprido, só porque um dêles lhe causou na infância uma emoção viva e desagradável. Mesmo que já não se recorde conscientemente dêste fato, não obstante, sempre que está diante dum dêstes animais, sente viva repulsão. E' a "recordação traumática". Assim se explica o horror que algumas pessoas têm perante certos animais, como por exemplo gatos, cachorros, sapos, etc. Mas o mesmo pode dar-se também com pessoas. Basta por vêzes um nome. Conhecemos uma pessoa que, quando freqüentava o grupo escolar, voltava quase diàriamente para casa com uma turma de crianças, entre as quais uma menina de nome Hildegarda, que era grandona e mexeriqueira. Bastou isso para que mais tarde sentisse viva antipatia por qualquer mulher de nome Hildegarda. Conta-se do filósofo Descartes que êle "teve sempre simpatia pelos olhos vesgos porque a primeira mulher que êle amou tinha êste defeito". A psicologia e a psiquiatria registam um sem-número de casos em que a "emoção-choque" já há muito desapareceu e no entanto persiste o que se chama "estado emocional", uma espécie de tenção dinâmica, como que um colorido especial da vida psíquica, ao qual às vêzes se dá o nome de "atitude mental".[23]

Os psicólogos falam ainda da "lei da individualidade dos instintos", que ocupa lugar preponderante para tôdas as tendências psicotraumáticas (entre as quais as simpatias ou antipatias à primeira vista). Siwek enuncia esta lei com as seguintes palavras: "Assim que se satisfaz plenamente com determinado objeto, o instinto perde ipso facto a fôrça do impulso que o levara para todos os objetos da mesma espécie. Daí provêm nossas simpatias irrefletidas para com certos lugares e certas pessoas, como se só êsses lugares e essas pessoas fôssem capazes de nos dar a felicidade".[24]

Também as leis psicológicas das "associações" (comuníssimas na vida cotidiana de todos nós) explicam perfeitamente numerosos casos de simpatia e antipatia à primeira vista: as pessoas com que nos encontramos pela primeira vez nos lembram (por sua semelhança nas feições, no olhar, no modo de

---

[23]) Siwek, op. cit., p. 280.
[24]) Ib., p. 280.

falar, nos gestos, etc.) outras pessoas com que convivemos e que nos são caras ou contrárias. Daí as simpatias ou antipatias que sentimos. Aliás, convém notar também que o primeiro sentimento de simpatia ou antipatia é muitas vêzes corrigido posteriormente, de tal modo que podem mesmo chegar a inverter-se.

Outras vêzes os sentimentos de simpatia ou antipatia têm um fundo de ordem puramente sexual ("sex-appeal"). Também êste caso não é raro, nem precisa tomar logo feições perversas. São coisas da própria natureza humana. Em tudo isso não entra absolutamente a reencarnação. Nem precisamos de outras vidas para explicá-lo.

Em não poucas ocasiões entra nos nossos sentimentos de simpatia e antipatia também a questão do gôsto, tão diferente de indivíduo para indivíduo. Assim uma mesma pessoa pode ser simpática a um e antipática a outro por mera questão de gôsto. Por isso escreve muito bem Paulo Siwek: "Perguntar por que êste nos é simpático e aquêle indiferente é mais ou menos o mesmo que perguntar por que não têm para nós o mesmo gôsto todos os alimentos". Pois, "não só em assunto de gastronomia existem os caprichos da natureza!".[25]

12) Os instintos. — Ainda precisamos falar dos instintos: Sentimos "instintivamente" inclinação para algum objeto ou aversão de alguma coisa. Já que êstes instintos são indubitàvelmente inatos e não adquiridos na nossa existência atual, argumentam os advogados da reencarnação, são também provas incontestáveis de encarnações anteriores. "O homem que revela talento musical talvez tenha sido rouxinol; o que possui grandes capacidades para arquiteto talvez anteriormente tenha vivido sob forma de castor", escreve o espírita L. Figuier.[26]

Se os instintos são aceitáveis apenas como hábitos adquiridos lentamente em vidas anteriores, como querem à viva fôrça os reencarnacionistas, êles deverão também admitir que os primeiros indivíduos de cada espécie não possuíam absolutamente nenhum instinto.[27] Mas esta suposição, além de ser gratuita, é de todo inadmissível. Porquanto, um animal (ou homem) sem

---

[25]) Ib., p. 289.
[26]) L. Figuier, *Dopo Morte*, p. 336.
[27]) Cf. Siwek, *Psychologia Metaphysica*, pp. 170 s.

instinto nenhum não sabe nem alimentar-se nem defender-se e sucumbirá fatalmente. Por isso é necessário admitir que o instinto (ou certas tendências fundamentais) é natural, pertence à própria estrutura dinâmica de qualquer organismo vivo. Não é possível nem mesmo imaginar um ser orgânico destinado a viver, e a perpetuar-se sem instinto de espécie nenhuma. Por conseguinte, o instinto não pressupõe existências anteriores. E', aliás, o que até os próprios "espíritos" ensinam. Pois a uma pergunta de A. Kardec sôbre o início dos espíritos, no n. 189 de *O Livro dos Espíritos,* os mestres do além-túmulo responderam: "... Em sua origem, a vida do Espírito é apenas instintiva..." Assim temos que nem mesmo segundo a doutrina oficial dos "espíritos" os instintos pressupõem vidas anteriores e por isso mesmo também não são provas de existências passadas.

O problema do esquecimento. — Se é verdadeira a teoria reencarnacionista, temos que absolutamente todos os homens atualmente existentes são espíritos reencarnados, que já passaram por incontáveis vidas passadas. E o que nos contam êles destas suas vidas? Verificamos aqui um fato singularmente surpreendente: Entre tantos sêres reencarnados, não descobrimos um só que, se fôr sincero, se não estiver louco, mesmo que seja espírita, mas que seja normal e são, nos possa revelar algo de suas vidas passadas. A consciência universal da humanidade ignora de todo em todo suas existências anteriores! Verdade é que não falta quem, ou mentindo descaradamente, ou alucinado por sua imaginação tomada pelas preconcebidas fantasias da doutrina espírita ou teosófica, ou desvairado e desequilibrado em sua mente, ou colocado num incontrolável sono hipnótico em que a fantasia revive as mais ridículas e impossíveis sugestões, ou pôsto num estado anormal de transe em que nos escapa a possibilidade de controlar a ação do subconsciente, pretende recordar-se de suas vidas anteriores. Quem poderá controlar a veracidade dum "mestre Yokaanam", quando alega ser a reencarnação de São João Batista ou dum senhor Hipólito Denizard Rivail, que se dizia a reencarnação do ignoto poeta celta Allan Kardec?

Objetam os reencarnacionistas que esta falta de provas experimentais conscientes se justifica perfeitamente pelo fato de que os espíritos, quando tornam a reencarnar, perdem as recor-

dações do passado. Porém esta objeção não só não é nenhuma resposta, mas é a confissão duma nova e insolúvel dificuldade contra a fantasia da pluralidade das existências. Porque a ignorância universal, total e absoluta das vidas anteriores, na hipótese reencarnacionista, deveria ser por êles explicada e justificada. E não apresentam para isso nenhum esclarecimento psicológico satisfatório. Pois recorrer ao conhecido fenômeno anormal e patológico da amnésia parcial ou total não elucida o fato universal de que nenhum homem adulto e com pleno uso da razão, normal e isento de qualquer perturbação patológica, não pode recordar-se de coisa nenhuma do que lhe aconteceu em suas numerosas existências passadas, e implica em reconhecer que a humanidade inteira é anormal e sofre de amnésia total e incurável.

Porém a maior dificuldade contra êste pretendido esquecimento total não é de ordem psicológica. Sustentam os partidários da reencarnação que a finalidade das reiteradas vidas terrestres é o lento mas contínuo progresso dos espíritos. Mas justamente êste progresso seria enormemente facilitado não pelo esquecimento, mas precisamente pela clara lembrança das vidas passadas. Imagine-se um sábio ou um inventor, se em nova vida pudesse continuar seus estudos e investigações do ponto em que os deixou no último "desencarne"! Mas a realidade é bem outra e muito mais cruel: todos voltam a aprender, de novo, o alfabeto e a formar as sílabas com o trabalho fatigante de costume... Cremos sinceramente que o próprio senhor Leão Denis não acreditava em suas palavras, quando escrevia: "O esquecimento do passado é a condição indispensável de tôda a prova e de todo o progresso".[28] Oh!

A ineficácia da sanção reencarnacionista. — Devemos recordar ainda outra dificuldade psicológica contra a doutrina da reencarnação. Pretende-se que as vidas sucessivas ajudem o homem no lento mas constante aperfeiçoamento moral. Mas de fato, em vez de favorecer a perfeição, a idéia da pluralidade das existências facilita e estimula as paixões. Pois dizer que haverá ainda muitas reencarnações, em que nos poderemos aperfeiçoar, é ensinar que a nossa eternidade não depende desta nossa vida que levamos atualmente e se atualmente não nos decidirmos a

---

[28]) Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 154.

viver bem, mas quisermos continuar a má vida que tanto nos agrada no momento, nem por isso deixaremos de chegar um dia à perfeição: será apenas questão de tempo. E é justamente êste o mais pernicioso pensamento que a doutrina reencarnacionista pode instilar na mente do homem fraco por natureza e fortemente inclinado ao pecado e ao vício. O ensinamento reencarnacionista incrementa por isso o mal, anima o vício, condescende com o êrro, a iniqüidade, a negligência. O maior celerado, os bandidos impenitentes, mais cedo ou mais tarde alcançarão a perfeição. — Para que, pois, esforços, sacrifícios, mortificações, duras penitências, dolorosas renúncias, heroísmos supremos? A lei fatal da evolução garante a salvação. E' só reencarnar! E o mais interessante é que uma reencarnação esquece as agruras da outra. O maior castigo que me pode acontecer é não progredir, encarnar mais uma vez na mesma condição: castigo de ter sido devasso: tornar a sê-lo em nova existência! Mas onde o homem vicioso que não goste de tornar a viver a mesma vida de paixões desregradas? Tais idéias surgirão fàcilmente, basta incutir-lhes os princípios da reencarnação.

Portanto, o pensamento das vidas sucessivas pode levar-nos perigosamente a protelar conscientemente, calculadamente, a salvação. Sim, é questão de cálculo: Desprezo a lei de Deus, furto-me aos rigores da virtude, deixando-as propositadamente para outras, futuras existências; quero gozar ainda os prazeres da sensualidade nesta vida breve, os da animalidade voluptuosa, os do orgulho, os da usura, o sadismo dos crimes ignominiosos... O bem, a virtude, o sacrifício é adiado para outra vida... De qualquer jeito, tenho a salvação garantida.

Por outro lado: não nos agrada a existência atual? Emaranhamo-nos em mil dificuldades financeiras ou escandalosas? Estamos em eminente perigo de difamação? Ao reencarnacionista convicto virá imperiosamente a idéia do *suicídio*: inferno não existe; a salvação está garantida: o melhor é acabar ràpidamente com esta situação sem saída honrosa.

E' a absoluta ineficácia ou melhor inexistência da sanção moral, do freio moral, que despenha o homem em todos os abismos.

VII

A "Reencarnação" de Bridey Murphy

Em princípios de janeiro de 1956 os editôres Doubleday and Company lançaram o livro de Morey Bernstein: *The Search for Bridey Murphy* (Em busca de Bridey Murphy), com 256 páginas. Seu autor é um honrado comerciante de Pueblo, no Colorado (U.S.A.), de 36 anos de idade e que se dedica ao hipnotismo por passatempo, sem contudo ser especialista. Em poucas semanas venderam-se 170.500 exemplares do livro. Jornais, revistas, rádio e televisão encarregaram-se de hipnotizar tôda uma nação. E o caso se tornou internacional.

O vespertino carioca *O Globo,* em 16 sensacionais reportagens, publicadas de 3 a 18 de setembro do mesmo ano, incumbiu-se de difundir o caso entre nós. Um sentimento de triunfo, alegria e satisfação invadiu os ânimos dos espíritas, umbandistas, teosofistas, esoteristas, rosacrucianos e de outros movimentos afins (pertencentes ao grupo das seitas ocultistas) e que fizeram da teoria da pluralidade das existências ou da reencarnação o ponto central de sua filosofia. Êles completarão a propaganda e transportarão aos últimos recantos do Brasil a grande descoberta. A Editôra "O Pensamento", de São Paulo, publicou o livro em tradução vernácula, sob o título "O Caso de Bridey Murphy".

E o que foi que se descobriu?

As experiências de Bernstein. — Bernstein hipnotizou a senhora Virgínia Tighe — apresentada por êle, no livro, sob o pseudônimo de "Ruth Simmons" — e, mediante o conhecido processo da regressão da memória, conseguiu a revelação de dados minuciosos sôbre uma sua pretensa vida anterior, vivida no século passado na Irlanda com o nome de Bridey Murphy. Teria nascido no dia 20 de dezembro de 1789 em Cork, Irlanda, como filha do advogado Duncan Murphy e de Kathleen. Moravam numa casa de madeira. Aos 15 anos estuda. Com 17 anos conhece Brian MacCarthy, filho de John MacCarthy, também advogado de Cork. Bridey e Brian se casam e vão morar em

Belfast. Vive aí numa casinha perto de Dooley Road, onde recebe a freqüente visita do Padre John Goran, da igreja de Santa Teresa. Bridey se diverte tocando a lira e dançando a Jiga. Compra sua roupa no Cadenns House. Seu espôso ensina Direito na Queen's University daquela cidade e de quando em vez escreve artigos para o *News-Letter* de Belfast. Bridey revela também que morreu num domingo de 1864 e que sua morte foi ocasionada por uma queda. Descreve seus funerais e sua vida póstuma, ressaltando particularmente que não passou pelo purgatório, contràriamente ao que lhe havia ensinado o Padre John. Afinal fala em têrmos vagos sôbre sua nova e atual encarnação, nos Estados Unidos, em 1923.

As numerosas e espontâneas minúcias do enrêdo, o sotaque irlandês com que falava em estado de transe, o uso de algumas expressões regionais da Irlanda, a dança da Jiga e outras particularidades absolutamente verossímeis pareciam confirmar a veracidade das revelações. Para muitíssimas pessoas o fenômeno Murphy passou a ser considerado como fato real e comprovado, ùnicamente explicável pela teoria da reencarnação.

Estava, pois, demonstrada cientìficamente e experimentalmente a reencarnação! — Eis a grande descoberta e o segrêdo do êxito do livro de Bernstein.

Reação nos Estados Unidos. — Os americanos passaram a querer conhecer, cada um, a sua própria vida ou encarnação precedente. A revista *Life* (edição espanhola), de 9 de abril de 1956, anunciava que, então, as sessões de hipnotismo para conhecer as encarnações anteriores estavam se popularizando tanto como, há uma geração, as sessões espíritas com as mesas girantes para explorar o mundo espiritual. Em jornais apareciam anúncios de hipnotizadores que se prontificavam a rememorar as vidas passadas do cliente, a 25 dólares por cada existência desvendada. E surgiram as mais interessantes histórias. Na Califórnia Mr. Hypnosis fêz "retroceder" uma mulher que foi cavalo em 1800. Em Shreveport, Luisiana, já se estabeleceu um certo recorde quando um rapaz de 17 anos hipnotizou uma môça que "regressou" nada menos de dez mil anos. Um senhor, depois de ler o livro de Bernstein, modificou imediatamente seu testamento, nomeando-se a si mesmo herdeiro universal... Mas o auge das reações provocadas por Bridey Murphy deu-se no

mês de fevereiro em Shawnee, Oklahoma, onde um jovem de 19 anos, chamado Richard Swink, redigiu uma mensagem que dizia: "Sinto muita curiosidade acêrca do relato Bridey Murphy e portanto quero ir investigá-lo pessoalmente"; e suicidou-se com um tiro...

Outros, no entanto, foram menos entusiastas na aceitação do discutido livro. Para os entendidos em psicologia e hipnotismo a experiência não era novidade. Os próprios reencarnacionistas, há mais de meio século, vêm apresentando fatos semelhantes de regressão da memória como "provas experimentais" para sua filosofia. São conhecidíssimas as experiências do coronel Albert de Rochas, no início dêste século, que, por meio do sono hipnótico, teria feito reviver onze encarnações num só paciente. Já em 1887 o espírita espanhol Fernandes Colavida "magnetizou" um médium que, como afirmam, retrocedeu quatro encarnações. Também os teosofistas Annie W. Besant e Leadbeater relatam numerosas experiências do mesmo tipo.

Mas entre todos os casos apresentados, êste de Bridey Murphy é talvez o mais bem comprovado e certamente o mais famoso. E estamos certo que passará a figurar com particular destaque na literatura reencarnacionista dos nossos espíritas, teosofistas, esoteristas e das demais seitas ocultistas, que florescem por aqui num clima de ignorância e credulidade que lhes é particularmente favorável, para difundir as fantasias da reencarnação. Eis por que vale a pena conhecer também o resto da história, continuação que os jornais e revistas inexplicàvelmente ou maliciosamente não publicaram ou não quiseram publicar.

Comprovações na Irlanda? — O autor e os editôres do livro decidiram apurar os fatos na Irlanda antes da publicação. Mas o cotejo por êles feito foi muito superficial. Resolveram por isso os repórteres do *Post* de Denver, do *Daily News* de Chicago e do *Life* fazer uma investigação rigorosa e "in loco". A edição espanhola do *Life,* de 9-4-56, nas pp. 16-17, oferecia uma expressiva síntese dos principais resultados e que reproduziremos na seguinte ordem:

1) *Bridey*: Nasceu, segundo ela, em Cork, no dia 20 de dezembro de 1798; e morreu em Belfast, num domingo do ano de 1864. — *Realidade*: Os registos irlandeses, salvo os de algumas igrejas, só remontam até 1864. Em nenhum dêles aparece

nem o nascimento nem a morte de Bridey. Nenhum diretório da cidade de Cork (que são quase completos, desde 1820 até a data) menciona sua família. Seria de supor que, como espôsa de um advogado, tivesse deixado um testamento, mas nada foi encontrado. Os jornais de Belfast não publicaram a notícia da morte de Mrs. Bridget MacCarthy, em 1864.

2) *Bridey*: Viveu, como ela dizia, "numa bonita casa... de madeira... branca... de dois andares... chamada The Meadows". — *Realidade*: Na Irlanda há pouquíssimas casas de madeira, pois êste material é muito raro naquele país. Quase tôdas as casas de Cork são de pedra. Nos registos de propriedade não se conhece casa chamada "The Meadows".

3) *Bridey*: Freqüentou a "escola diurna de Mrs. Strayne". — *Realidade*: Não há vestígio desta escola.

4) *Bridey*: "Raspei tôda a pintura de minha cama... de metal", quando tinha 4 anos (1802). — *Realidade*: Antes de 1850 não havia camas de metal na Irlanda.

5) *Bridey*: "Saquinhos de arroz... foram cosidos ao redor de minha perna... como sinal de pureza". — *Realidade*: O folclorista Richard Hayward disse: "Desatino. O arroz jamais figurou no folclore irlandês".

6) *Bridey*: Em criança fiz uma excursão a Antrim. "Aí há alcantis. A água corre, as águas dos riachos correm rápidas e formam redemoinhos... quando chegam ao mar... Os alcantis são realmente brancos". — *Realidade*: Esta descrição é notàvelmente exata.

7) *Bridey*: Aos 8 anos sua mãe leu para ela um livro, "The Sorrows of Deirdre". Também mencionou um livro do século XIX, "The Green Bay". — *Realidade*: Segundo "The English Catalogue", lista completa dos livros publicados desde 1800 até a época atual, a primeira vez que se menciona Deirdre num título foi na comédia "The Sorrows of Deirdre", de J. M. Synge, publicada em 1905. O "The Green Bay" não está no catálogo.

8) *Bridey*: Casou-se com Sean Brian MacCarthy. — *Realidade*: Brian, como o chama, é o segundo nome do espôso real e atual de Virgínia Tighe (ou "Ruth Simmons").

9) *Bridey*: Mudou-se depois do casamento de Cork para Belfast, passando por Bayling's Crossing e detendo-se em Doby para comprar tortas. — *Realidade*: Verificou-se a existência

de um sítio chamado Doby e de outro conhecido com o nome de Baillies Castle ou Bailles Cross, no condado de Cavan. O caso da torta pode passar. Mas é muitíssimo estranho que tenham passado pelo condado de Cavan para ir de Cork e Belfast.

10) *Bridey*: Brian foi professor de Direito na Queen's University de Belfast e escreveu alguns artigos para o "News-Letter" desta cidade. — *Realidade*: Naquele tempo não havia faculdade de Direito em Belfast. O Queen's College foi fundado em 1849; e a Queen's University em 1908. O "News-Letter" de Belfast existiu de fato, mas em seus arquivos não aparece artigo algum de Brian.

11) *Bridey*: Muitas vêzes preparava para Brian "um bom prato irlandês": um preparado de carne de vaca e cebolas. — *Realidade*: Êste prato só nos últimos 50 anos é irlandês; a comida típica era toucinho e couve.

12) *Bridey*: Sua casa ficava perto de Dooley Road. "Eu treqüentava a igreja de Santa Teresa... na rua principal... quase na esquina de Dooley Road". — *Realidade*: Segundo John Bebbington, bibliotecário de Belfast, nunca existiu nesta cidade uma rua chamada Dooley Road; e a igreja de Santa Teresa data de 1911.

13) *Bridey*: Comprava sua roupa no Caddens House. Recorda que uma vez pagou aproximadamente uma libra e seis pences por uma camisola. — *Realidade*: Não se descobriu vestígio do Caddens House; naquela época não havia camisolas com preço tão elevado.

14) *Bridey*: Interrogada acêrca de seus conhecimentos musicais, disse que "tocava a lira". — *Realidade*: Richard Hayward, um virtuoso harpista irlandês, assegura que a lira nunca foi conhecida na Irlanda.

15) *Bridey*: Quando lhe pediram mencionasse outros professôres da Queen's University, citou os nomes de William McGlone, "um tal Fitzhug e um tal Fitzmaurice". — *Realidade*: Nenhum dêles aparece nas atas da faculdade, correspondentes àquela época.

16) *Bridey*: Perguntada sôbre os nomes de algumas companhias de Belfast, disse: "Havia uma grande companhia de tecelagem. Sim, uma tabacaria..." — *Realidade*: Aqui acertou. Uma das mais importantes fábricas de cigarros de Belfast,

Murray Sons and Company, foi fundada em 1805; e a Belfast Ropework Company, constituída embora em 1876, formou-se de pequenas companhias que já tinham muitos anos de existência.

O que pensam os cientistas. — *Life* fêz ainda um inquérito entre especialistas e profissionais em psicoterapia e hipnotismo. O parecer dêstes ilustres peritos no assunto pode ser resumido nos seguintes pontos:

1) Morey Bernstein, apesar de sua absoluta sinceridade, carece de suficientes conhecimentos científicos que lhe permitam avaliar corretamente os resultados por êle obtidos.

2) Até a pessoa mais normal é anormalmente sugestionável quando está em estado de profundo sono hipnótico e aceita muitas vêzes como ordem a mais leve insinuação. Quando lhe dizemos que é poeta, pode começar a rimar numa forma que jamais será capaz de repetir em estado normal. Freqüentemente os hipnotizados se empenham em oferecer ao hipnotizador tudo o que êles pensam que êste deseje. Verificou-se isto de modo notável em Shreveport, Luisiana, onde um hipnotizador muito entusiasmado pelo caso Bridey levou várias pessoas a vidas passadas, tôdas elas pitorescas. Ao encarar-se com o quarto paciente o hipnotizador descuidou-se e cometeu um ligeiro êrro. Em vez de dizer: "Quero que retroceda... mais... e mais... através do tempo... até outro lugar...", disse: "... mais... e mais até outro *mundo*". E o paciente anunciou imediatamente que era um ser estranho chamado "C", que vivia na Lua e que realizava viagens interplanetárias num disco voador...

3) O hipnotizado pode desenvolver uma imaginação misteriosa para subministrar tudo quanto se peça ou queira, porque êle dispõe dos amplos recursos do subconsciente. Se é um adulto, quiçá fale um idioma estranho jamais escutado desde sua infância e que, na realidade, nunca entendeu. Também poderá recitar fielmente partes de um livro que lhe leram aos 3 anos e que nunca viu. "Entre o segundo e o terceiro ano de sua infância o ser humano aprende tôda uma estrutura lingüística. Não surpreende que possa aprender, portanto, outras muitas coisas ao mesmo tempo". Mas não se deve supor que o paciente, pelo fato de estar hipnotizado, diga sempre a verdade. Êle inventa muitas vêzes.

4) O anterior se aplica de modo especialíssimo aos sonâmbulos — uma de cada quatro pessoas, aproximadamente — que são muito susceptíveis à hipnose profunda. E entre êstes, alguns — um entre dez — respondem tão ansiosamente ao que imaginam que dêles se espere, que mesmo o hipnotizador mais experimentado será incapaz de determinar se os resultados são fingidos ou reais. Isto só poderá ser esclarecido após várias sessões de hipnotismo. No caso, Bernstein descreveu à paciente suas reações e ela mesma escutou as gravações. Isto bastava para que nas próximas experiências ela reafirmasse as mesmas histórias. E Bernstein, longe de manter uma reserva científica, sugeria claramente a "Ruth Simmons" o que dela esperava. No princípio das experiências, depois de levá-la à primeira infância, sugeriu-lhe entre outras coisas: "Quero que sua mente retroceda mais e mais... Há outras cenas, de terras distantes e lugares longínquos, em sua memória. Você poderá falar-me delas e responder às minhas perguntas". — Foi imediatamente depois desta ordem que Mrs. Simmons se converteu em Bridey Murphy, de Cork, na Irlanda.

Em vez de examinar na Irlanda a veracidade das afirmações de Bridey, havia outro processo muito menos dispendioso e mais simples e seguro: examinar cuidadosamente a infância de Ruth, seu desenvolvimento, sua conduta para com os pais, suas relações com outras pessoas, as histórias que lhe contaram, os livros que leu ou ouviu ler, etc.

Solução definitiva do caso. — A edição inglêsa do *Life*, de 6-8-56, nas pp. 78-79, surpreendeu-nos com a solução definitiva do caso. O texto é lacônico mas decisivo:

"A procura de Bridey Murphy terminou com uma série de artigos no jornal *American*, de Chicago. Teve início com um livro de enorme tiragem, escrito por Morey Bernstein. Êste hipnotizara "Ruth Simmons", uma dona de casa do Colorado (cujo nome autêntico é Virgínia Tighe) e dela conseguira dados verossímeis sôbre uma sua eventual existência no século XIX na Irlanda. Bernstein considerou isto como prova da reencarnação. Em Chicago, porém, o Rev. Wally White, pastor de uma igreja que a jovem Virgínia Tighe outrora freqüentava, começou a controlar as reminiscências de Bridey. Com o auxílio de repórteres, escreveu seus artigos. — Revelaram que, como criança, Virgínia vi-

via do outro lado da rua em que morava Bridie (não Bridey) Murphy Corkell. No seu livro Bernstein se mostrou impressionado pelo sotaque irlandês que Ruth Simmons tomava quando hipnotizada; ora, o Sr. White verificou que a jovem Virgínia fizera declamações em irlandês. No livro Bridey falava de ter raspado a pintura de sua cama de criança; ora, Virgínia o fêz aos sete anos e apanhou por isto. Conforme o livro, Bridey casou-se com um Sean (forma irlandesa do nome João) McCarthy; ora, em tenra idade Virgínia estava enamorada do filho João, de Bridie Murphy Corkell. Assim pormenores sôbre pormenores da vida de Virgínia vieram coincidir com os pormenores do enrêdo do livro, reforçando a afirmação de *Life* (de 16 de abril): "Se Ruth Simmons pudesse revelar por completo a sua vida anterior", estas revelações "poriam fim abrupto à procura de Bridey Murphy".

Não se compreende que, depois de tôdas estas descobertas, divulgadas pela *Life* e também pelas *Seleções*, o livro do Sr. Bernstein tenha sido traduzido para o português sem nenhuma retificação. Se o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, que divulgou a tradução quando êstes novos fatos já eram conhecidos, quisesse mesmo fazer trabalho sério e científico (como alega), tinha obrigação de apresentar o livro com as necessárias retificações.

VIII

O Argumento Filosófico

O problema das desigualdades. — Os reencarnacionistas cantam vitórias e lançam os mais valentes desafios quando chegam a discorrer sôbre as desigualdades individuais e sociais entre os homens e sôbre os males físicos que atormentam a humanidade. Segundo êles não haveria sistema filosófico ou religioso capaz de justificar as desigualdades e os sofrimentos a que estamos sujeitos: A reencarnação e só ela poderia desvendar tantos mistérios. E como êles insistem muito neste ponto, não podemos deixar de tomar posição. Vejamos primeiramente algumas afirmações típicas da literatura reencarnacionista:

"Se não fôsse a reencarnação — argumentam êles — as almas seriam criadas ao nascer. Deus, então, seria um artista imperfeito. Nos seus caprichos teria lançado na vida, pela primeira vez, crianças com aptidões desiguais; teria criado sêres felizes e infelizes, raças inferiores e superiores".[1] E perguntam: "Por que faria Deus uns com o privilégio do talento, outros apagados?".[2] E concluem, não sem irreverências: "Em vez, portanto, de atribuir nossa capacidade mental ao acaso, aos caprichos de Deus, ao pistolão divino, a uma hereditariedade indemonstrável, a causas fortuitas ou a um dislate qualquer, muito mais justo, lógico, consoante às leis superiores, é ver ali o resultado do esfôrço próprio; não há privilégios, nem filhotismos, nem cartuchos. Todos passam pelos mesmos trâmites, e o prêmio de cada um é filho do merecimento".[3]

E' isso, mais ou menos, que se pode encontrar em todos os escritos espíritas e reencarnacionistas. E' uma herança de Allan Kardec. Para êste mestre espírita, como para todos os seus seguidores, é coisa demonstrada e certa, é princípio indiscutível e inatacável, que Deus devia criar todos os espíritos iguaizinhos.

---

[1]) Pedro Granja, em *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 15.

[2]) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 35.

[3]) Ibidem, p. 35.

que o Criador seria injusto se criasse algum espírito mais inteligente, mais belo ou mais adiantado. Qualquer preferência ou privilégio ou graça ou desigualdade inicial seria clamorosa injustiça;[4] ou, como diria o irreverente autor supra mencionado, seria escandaloso "filhotismo", um autêntico "pistolão divino". Todos os espíritos foram por isso criados "simples e ignorantes", "com igual aptidão para tudo".[5] Para que fique bem evidente o pensamento do mestre reencarnacionista, vejamos algumas palavras textuais suas:

"Como pode Deus — pergunta êle — dar a uns a ciência sem trabalho, quando outros só a adquirem com muito custo?" E' por isso que vai estabelecer como princípio que a desigualdade inicial dos espíritos "seria a negação da justiça de Deus".[6] "Sendo soberanamente justo, Deus tem que distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça".[7] Por êste motivo a soberana justiça exige: "que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo de perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho impôsto aos demais para atingirem a meta".[8]

E qual é êste princípio igual para todos? "As almas são criadas simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo";[9] "a alma é criada simples e ignorante, isto é, nem boa nem má".[10]

---

[4]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 147; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 76; *A Gênese*, ed. de 1949, p. 197; etc.

[5]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 147.

[6]) Ibidem, p. 147; *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 144: "Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas mais ou menos perfeitas".

[7]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 76.

[8]) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 197.

[9]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 147.

[10]) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 152; cf. *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 99; *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 108; *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 32.

"Em sua origem, a vida do Espírito é apenas instintiva": [11] "A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Êle passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, percorrendo sucessivos períodos, ao do adulto, que é o da perfeição"; [12] mas para isso "imenso tempo lhe é necessário".[13]

O preconceito da igualdade inicial. — Estamos aí diante de um dos preconceitos fundamentais da filosofia reencarnacionista de Allan Kardec. E dizemos propositadamente "preconceito", porque se trata de uma simples afirmação que êle nunca provou, nem será capaz de demonstrar. O propalado princípio da doutrina espírita também não se apresenta com uma evidência intrínseca e imediata. Desafiamos a qualquer reencarnacionista a que nos prove a necessidade intrínseca dêste enunciado, ou seja que a desigualdade inicial é de fato uma tão criminosa injustiça como êles querem fazer crer. Falando contra aquêles que "saltam em fúria, só com o pensarem que tenham de voltar à Terra", Kardec pondera: "Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou os gostos, para regular o Universo".[14] Ora, poderíamos fazer idêntica pergunta aos reencarnacionistas... Poderíamos perguntar-lhes se imaginam que Deus lhes pediu o parecer ou consultou os gostos para poder saber como, com que qualidades, em que tamanho, com quanta sabedoria ou ignorância, com que fealdade ou formosura devia criar os Espíritos. Pois, a ser verdade o que o supremo mestre do Espiritismo põe como fundamento de seu sistema reencarnacionista, Deus precisava, antes de tudo, andar com muito jeito, para não ser injusto: a mínima diferença traria consigo injustiça; "Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça"! [15] À hora em que Deus quisesse dar o ser a um anjo, a um ente superior, erguer-se-ia diante dêle Allan Kardec, acolitado por Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Mello, e lhe diria, de braço erguido: "Alto lá! não pode! Igualdade e Fraternidade! Uma vez que se lembrou de criar-nos a nós tão imperfeitos e sujeitos a tantas calamidades, também não pode

---

[11]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 124.
[12]) Ibidem, p. 125.
[13]) Ibidem, p. 125.
[14]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 22ª ed., p. 139.
[15]) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 76.

criar sêres em melhores condições sob pena de injustiça. Não podemos consentir em tal coisa!".[16]

"O' homem! Quem és tu, para pedires contas a Deus? Poderá acaso o artefato dizer ao artífice: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro o direito de fazer um vaso precioso, ou um vaso de uso ordinário? Pois, se Deus, para mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade, os vasos de ira, maduros para a perdição, e, ao contrário, quis fazer conhecer a riqueza da sua glória sôbre os vasos de misericórdia, que Êle preparou para a glória..." (Rom 9, 20-24). Bem escreveu Allan Kardec: Para fazer alguma coisa "Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos".[17]

Considerando o mundo material, verificamos uma maravilhosa variedade e custa encontrar dois sêres ou ao menos duas fôlhas absolutamente iguais. E por que não poderia o Criador manifestar esta mesma sabedoria e onipotência no mundo espiritual? Seria o caso de repetir aqui uma picante observação do médium Anatole Barthe:

"Quoi! c'est pour résoudre le problème des inégalités intelectuelles que le spirite enseigne le système des réincarnations! Mais il ne sait donc pas qu'il n'y a pas deux êtres, deux choses semblables dans la nature, et que vous ne sauriez en trouver dans l'immensité de l'espace, pas plus que dans la durée du temps. Pense-t-il pour cela que le grain de blé, que le brin d'herbe se réincarnent? N'est-ce pas de cette diversité même que naît l'harmonie de l'univers? Un tout harmonique est-il jamais résulté de parties semblables?" [18]

Ora, admitida a possibilidade duma criação de almas desiguais, desaparece o problema que os reencarnacionistas se comprazem em pintar com as côres mais carregadas e já não há nenhuma necessidade de pluralidade de vidas terrestres, conforme, aliás, confessa o próprio Allan Kardec.[19] E então, em vez de nos servir das desrespeitosas expressões "capricho de Deus", "pistolão divino", "filhotismo", etc., usaremos as palavras cristãs que nos falam da liberdade, da sabedoria de Deus, do poder do Criador e da graça divina. O Deus dos cristãos não é um mero presidente de uma república democrática ou socialista, mas

---

[16]) Cf. Justino Mendes, *Tolices de Allan Kardec*, 1960, p. 193.

[17]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed., p. 142.

[18]) *Le livre des Esprits*, ou *Recueil de communications obtenues par divers Médiuns*, Paris 1863, p. 21.

[19]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed., p. 143; *A Gênese*, ed. de 1949, p. 209.

é um Senhor Todo-Poderoso, Senhor Absoluto do Universo, do qual é também o Criador imediato e tudo quanto Êle concede às criaturas, muito ou pouco, grande ou pequeno, assume invariàvelmente o caráter de dádiva ou graça, fruto não de uma necessidade matemática, mas da bondade e do amor, que é uma fôrça criadora e inesgotávelmente original. Êle não precisa de pedir nossos pareceres ou consultar nossos gostos, nem tem necessidade de ligar-se a um tipo único ou a um padrão universal.

Mas também a mesma razão nos diz que o preconceito espírita da igualdade inicial de todos os espíritos é em si contraditório. Pois os próprios espíritas não se cansam em apontar e denunciar a realidade (portanto: fatos inegáveis) das atuais desigualdades: Se, pois, na suposição reencarnacionista, todos os espíritos tiveram um início inteiramente idêntico em qualidades e possibilidades, devemos forçosamente admitir algum momento em que começaram as desigualdades que atualmente são inegáveis e é necessário ainda conceder que estas atuais diferenças tiveram uma causa. Se os reencarnacionistas nos dizem que esta causa está nos atos bons ou maus anteriormente efetuados pelos espíritos, êles deverão esclarecer por que foi que os espíritos puderam comportar-se tão diversamente antes que começassem as desigualdades. E isso será inexplicável para êles, porque, segundo seus princípios, os espíritos eram antes sob todos os aspectos iguais, tendo idênticas qualidades e as mesmas possibilidades. Devem, portanto, admitir ao menos que os espíritos tinham a possibilidade de se desenvolver de modo desigual e isto é suficiente para dizer que êles foram constituídos desiguais, ao menos em potência. E isso basta para nós e tira aos reencarnacionistas um indispensável ponto de apoio. Pois com isso cai o propalado princípio da igualdade inicial.

O problema do mal. — O último raciocínio já nos leva a um outro problema: o do mal, porque êle está ìntimamente conexo com a questão da liberdade. Ouçamos, primeiramente, alguns típicos gritos de vitória dos reencarnacionistas: "Não há doutrina, absolutamente nenhuma, que justifique as desigualdades sociais, as diferenças humanas, os golpes da adversidade, as dores constantes que nos atacam, as desgraças que nos asso-

berbam, fora da palingenesia, voltamos a insistir".[20] Sem a reencarnação, acrescenta o mesmo reencarnacionista na página seguinte, Deus seria um "tirano colérico, intratável, parcial, sectarista, vingativo, mau e cruel como no-lo apresenta a Bíblia".

Leão Denis canta no mesmo tom de vitória completa: "Só a pluralidade das existências pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, enfim tôdas as desigualdades que ferem a nossa vista. Fora dessa lei, se indagaria inùtilmente por que certos homens possuem talentos, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram em partilha tolice, paixões vis e instintos grosseiros. Que pensar de um Deus que, estabelecendo uma só vida corporal, nos houvesse dotado tão desigualmente, e, do selvagem ao civilizado tivesse reservado aos homens bens tão desproporcionados e tão diferente nível moral? Se não fôsse a lei das reencarnações, a iniqüidade é que governaria o mundo".[21]

Não iremos, agora, remexer em todos os pontos aqui rememorados. Pois alguns dêles já foram ponderados no capítulo VI. Já dissemos também o suficiente sôbre as decantadas desigualdades entre os espíritos. Fixemos agora apenas os pontos referentes às misérias, às dores, aos sofrimentos, às adversidades, em suma: ao mal. E' o magno problema. E antes de expormos as linhas gerais da solução cristã do problema do mal, precisamos insistir mais um pouco na solução reencarnacionista.

Crueldades e injustiças na solução reencarnacionista. — Para os partidários das vidas sucessivas o mal teria sua explicação perfeita e cabal como castigo e expiação de culpas cometidas em vidas anteriores. "Tôda falta cometida — ensina Kardec — todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não fôr em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes".[22] Pois "o arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a expiação e a reparação".[23] Assim, pois, se alguém nasce cego ou coxo, surdo ou mudo, etc., é porque sofre justos cas-

---

[20]) Pedro Granja, em *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba 1953, p. 24.
[21]) Leão Denis, *Depois da Morte,* 6ª ed., pp. 141 s.
[22]) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 88.
[23]) Ibidem, p. 90.

tigos de pecados cometidos em vida anterior. E' esta, invariàvelmente, a solução apresentada pelos reencarnacionistas.

Mas, poderíamos perguntar, e não sem um sentimento de justa revolta: Castigos de que crimes? Por que motivos, meu Deus, sou assim tão duramente punido? qual é o pecado que devo expiar?

E ficamos a sofrer castigos e mais castigos, em longas e intermináveis séries de reencarnações, sem ao menos saber por quê! Pois vejam o que os reencarnacionistas nos prometem: "A reencarnação é a perda dessa vida de liberdade (do espírito, no espaço), é um apoucamento de si mesmo, a passagem dos claros espaços para a região obscura, a descida para um abismo de sangue, de lama, de miséria, onde o ser vai ficar sujeito a necessidades tirânicas e inumeráveis. Por isso é mais penível, mais doloroso renascer que morrer; e o desgôsto, o terror, o abatimento profundo do espírito, ao entrar neste mundo tenebroso, são fáceis de conceber-se".[24] E tudo isso, ensina o mesmo Leão Denis, através de um "número incalculável de vidas, de mortes, de renascimentos, de quedas e de ascensões",[25] e através de "milhares de mundos",[26] sempre "escorregando e levantando-se, chorando e enxugando as lágrimas"[27]...

E para que tudo isso? Para expiar pecados ou crimes que teríamos cometido em vidas anteriores, sem têrmos disso a mais leve recordação...

Tirania sem nome!

A elementar justiça humana exige que o réu castigado saiba por que é punido. O bom-senso se revolta contra uma punição que nos é infligida sem têrmos a menor idéia de alguma culpa cometida. Já o velho Enéias Gazaeus, discípulo de Hiérocles, justamente observava: "Eu, quando tenho de castigar meu filho ou meu servo... começo por admoestá-los a fim de se lembrarem bem para o futuro e assim poderem evitar o recair no mesmo êrro. Não deveria Deus, quando envia as mais terríveis punições, instruir aquêles que a sofrem acêrca do motivo dêsses castigos? Poderia êle tirar-nos de todo a recordação

---

[24]) Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., pp. 267 s.
[25]) Ibidem, p. 146.
[26]) Ibidem, p. 143.
[27]) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 35.

de nossos crimes?... Que proveito se há de esperar da punição se ninguém nos mostra qual foi a nossa culpa? Em verdade, semelhante castigo vai contra o que pretende: irrita e leva à revolta".[28]

O método reencarnacionista de castigar, por mais que êles apelem precisamente à razão e à justiça divina, é irracional, indigno do homem, cruel e clamorosamente injusto. Nem mesmo os sêres irracionais são punidos assim, porque também nêles procura-se associar quanto possível o castigo ao êrro cometido.

Não custava a Allan Kardec prever esta objeção e no n. 391 de *O Livro dos Espíritos* êle a formula efetivamente; mas na resposta sai-se com esta estranha pergunta: "Onde o mérito se se lembrasse de todo o passado?" Só um enorme ponto de exclamação que ocupasse tôda esta página poderia exprimir a admiração com que lemos semelhantes palavras. A expiação não seria meritória com a recordação da culpa?

Primitivos, na verdade, os reencarnacionistas. Primitivos e cruéis. Cruéis e injustos.

A origem do mal. — Donde vem, pois, o mal? Já Santo Agostinho, o maior dos pensadores do primeiro milênio cristão, que em sua juventude abraçara o Maniqueísmo (que propugnava um princípio eterno do Mal ao lado do Princípio Eterno do Bem), dedicou grande parte de seu gênio especulativo à questão da origem do mal. E porque tinha como certo que o mal tem sua origem no livre arbítrio da criatura, nesta traiçoeira possibilidade de pecar, êle deu à obra em que ex professo examina o presente problema, o título: *De Libero Arbitrio.*[29]

Ouve-se freqüentemente dizer: "Se houvesse Deus, não haveria guerras". Mas a frase, para ser exata, devia transformar-se nesta outra: "Se as leis de Deus se cumprissem, não haveria guerras". Nem guerras, nem ódios, nem más vontades, nem outros males, procedentes do alcoolismo, das incontinências, etc. E também não haveria crimes. Todos êstes males provêm do mau uso da liberdade.[30]

Todavia, dizer que o mal vem da liberdade, ou melhor do abuso da liberdade, ainda não nos dá a última solução, pois

---

[28]) *Theophrastes,* PG 85, 302.
[29]) Cf. *Retractationes,* I, 9; PL 32, 195.
[30]) Cf. *Deus, o Homem e o Universo,* Pôrto 1955, p. 706.

podemos muito bem imaginar uma vontade libérrima (como a de Cristo e do próprio Deus) e que não pode pecar. Em vista disso poderíamos continuar a indagação perguntando: E por que permite Deus, em sua bondosa onisciência, que a vontade de sua criatura racional possa decidir-se desgraçadamente para o pecado? A Teologia Católica, que não tem a pretensão de querer penetrar em todos os desígnios da Sabedoria Infinita, confessa nessa altura sua insuficiência e proclama o mistério. Mas os espíritas e reencarnacionistas, para os quais "absolutamente não há mistérios",[31] não podem conseqüentemente dar-se por satisfeitos. Todavia, o mesmo problema existe também para êles, apesar da reencarnação. Por isso pergunta Allan Kardec: "Por que há Deus permitido que os Espíritos possam tomar o caminho do mal?" [32] Como sempre, a interrogação é dirigida aos espíritos superiores, com os quais Kardec julgava manter constantes relações. E qual a resposta "do alto"? Ei-la, sem tirar nem pôr: "Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios? Podeis, todavia, dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que êle deixa a cada um, porquanto, assim, cada um tem o mérito de suas obras". Conclusão: Frente ao problema do mal também os reencarnacionistas confessam o mistério. E ao menos neste ponto são racionais...

Mas não precisamos colocar aqui o ponto final. A mensagem cristã ainda nos tem a lembrar uma verdade de fundamental importância:

A terra não é um paraíso! — Todos sentimos em nós uma insaciável ânsia pela felicidade e alegria. A nossa própria natureza humana nos diz constantemente que fomos criados para a felicidade e não para a dor e o sofrimento. E no entanto, sofremos. Esta é a grande tragédia de nossa vida: que nós, criados para a alegria, devemos enfrentar-nos, dia por dia, com a dor e o sofrimento. Daí surge um conflito. Daí podem brotar também revoltas contra o próprio Criador. Não são poucos os que levantam, ameaçadores, seus punhos ao alto, em sinal de protesto contra Deus que os criou.

---

[31]) A. Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 201.
[32]) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 22ª ed., p. 94, n. 123.

Mas êstes estão longe de compreender a mensagem cristã. Não sabem, na verdade, o que é o Cristianismo. Nem entenderam o convite de Cristo: "Quem quiser ser meu discípulo renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz, dia por dia, e siga-me" (Lc 9, 23); "quem não carregar a sua cruz e me seguir não pode ser meu discípulo" (Lc 14, 27); "não pode nenhum de vós ser meu discípulo, se não renunciar a tudo quanto possui" (Lc 14, 33); "quem não tomar a sua cruz e me seguir não é digno de mim" (Mt 10, 38); etc.

Vivem profundamente equivocados aquêles que se revoltam contra a dor.

O primeiro equívoco dêles está em pensar que esta terra deve ser um paraíso. E não o é. Nem Deus quer assim. Fomos criados para a felicidade, sim, sem dúvida; mas para uma felicidade sem fim, eterna. Fomos criados para o céu! A vida terrestre é passageira, é uma peregrinação apenas. Pensar que a terra deve ser um paraíso é uma ilusão pagã. Segundo a vontade de Deus, vontade que consta de abundantes páginas da Sagrada Escritura, a vida humana sôbre a terra é e deve ser essencialmente uma vida de *provação*. E não haveria provação, se não houvesse contrariedade. Deus poderia ter-nos criado e colocado imediatamente no céu. Mas não quis dar-nos o céu inteiramente de graça. Quis que ao menos de algum modo o merecêssemos, que nos mostrássemos dignos da eterna felicidade. "Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os destróem, onde os ladrões penetram e os roubam. Acumulai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os destróem, onde os ladrões não penetram, nem os roubam" (Mt 6, 19 s). São Paulo recorda aos coríntios que "a leve aflição do momento presente prepara-nos, acima de tôda a medida, um pêso eterno de glória, desde que nosso olhar se volte, não para as coisas visíveis, mas para as invisíveis" (2 Cor 4, 17).

O segundo equívoco daqueles que se revoltam contra a dor está em pensar que são sem pecados e por isso não merecem castigos. "Quem disser que está sem pecado é um mentiroso" (1 Jo 1, 10). Somos todos pecadores. E' a revolta contra Deus, é o abuso contra a natureza, é a entrega aos pecados que provoca o justo castigo divino.

O terceiro equívoco daqueles que se revoltam contra a dor está em pensar que a dor deve ser sempre pena de pecado. Pode ser e muitas vêzes é castigo de fato. Mas outras vêzes é apenas provação. Deus quer provar a sinceridade de nossa virtude. E' fácil ser virtuoso, quando tudo corre à vontade. Mas pode ser uma virtude ilusória. Por isso deve passar pelo cadinho da provação. "A virtude se aperfeiçoa na fraqueza", respondeu Deus ao Apóstolo das Gentes, quando êste lhe pediu afastasse as tentações que o atormentavam. Isso, aliás, é essencial à nossa condição de peregrinos. O arcanjo Rafael revela ao velho Tobias a verdadeira razão de seus sofrimentos, quando lhe esclarece: "Por que tu eras agradável a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse" (Tob 12, 13).

O quarto equívoco daqueles que se revoltam contra a dor está em pensar que a dor é inútil, que não é recompensada por Deus. E', pelo contrário, a dor a mais rica mina para a glória eterna. "Os padecimentos do tempo presente não se comparam com a glória futura, que se há de revelar em nós" (Rom 8, 18). O próprio Cristo explicou aos dois discípulos de Emaús o sentido mais profundo de todos os padecimentos pelos quais passara: "Não era necessário que o Cristo padecesse aquilo para *assim* entrar em sua glória?" (Lc 24, 26).

A lei do Karma. — Modernamente os espíritas mencionam muito o "Karma" como mais um argumento de ordem filosófica em seu favor. Também a recente literatura kardecista fala constantemente desta "lei", muito embora a palavra "Karma" não se encontre nas obras do codificador da Doutrina Espírita. E' uma inovação posterior, recebida da Teosofia. Também os teosofistas defendem a reencarnação. Na terminologia dêles o estado intermediário entre as várias encarnações (e que teria, segundo êles, uma duração de 1.500 anos) é chamado "Devachan" (é o estado da "erraticidade" dos kardecistas). Neste tempo, dizem êles, a alma assimila as experiências da vida terrestre imediatamente anterior: é então que ela colhe o que semeou na encarnação precedente. Cada ação do espírito encarnado é como que uma causa que terá inevitàvelmente seu efeito. E' a rigorosa aplicação da lei da causalidade física para o mundo moral. A isso dão o nome de *Karma*. O Karma é, pois, "a lei sem exceção, que rege o universo inteiro, desde o átomo invisível

e imponderável até os astros; e esta lei consiste em que tôda causa produz seu efeito, sem que nada possa impedir ou desviar o efeito, uma vez posta a causa".[33] A lei do Karma é "cega, automática e não inteligente", exatamente como as leis físicas. O que se faz está feito e terá inevitàvelmente suas conseqüências, sem possibilidade de perdão, nem de redenção, nem de indulgência. Para que os leitores percebam o jôgo das reações Kármicas, vamos ilustrá-las com um exemplo considerado clássico e dado pela própria *Revue Spirite*.[34] Eis sua tradução:

"Uma certa Eva viveu 100 anos depois de Jesus Cristo, no Cáucaso, como ama-sêca. Depois foi empregada de um proprietário viúvo, que fêz dela sua nova mulher. As sucessivas maternidades de Eva foram causas de descontentamentos; por isso a mãe envenenou vários de seus filhos. Foi êste o motivo por que foi repelida pelo companheiro.

Eva se reencarnou, depois disso, nove vêzes e morreu tôdas as vêzes na infância e sempre de morte violenta, permanecendo cada vez apenas alguns anos no além.

No ano de 900, Eva se reencarna em Marselha; é educada na piedade cristã; socorre os pobres. Aos 18 anos contrai matrimônio com um marinheiro, do qual tem cinco filhos (cinco, dos nove que ela envenenara em outro tempo), aos quais ama ternamente. Um dêles, feito médium, descreve à mãe sua vida anterior, e isto lhe causa uma tão forte impressão, que chega a perder o uso da razão.

Em 1200, Eva torna a reencarnar-se na Itália e se casa com negociante de sêdas. Tiveram onze filhos (quatro dos quais eram os restantes dos nove que haviam sido envenenados no Cáucaso). O negociante se enamora loucamente por sua filha mais velha e querendo defendê-la contra um persa que queria arrebatar-lha, lhe vazou um ôlho durante a contenda.

Na encarnação seguinte Eva e seu marido se encontram como irmão e irmã na Escócia. Êle se faz monge e num ataque armado contra o mosteiro uma flecha lhe atravessa um ôlho.

---

[33]) Veja-se sôbre isso F. M. Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo*, Barcelona 1950, p. 482. — E' muito significativa a inscrição que os espíritas mandaram esculpir no mármore da tumba de Allan Kardec, no cemitério de Père Lachaise (Paris):

Allan Kardec
Fondateur de la Philosophie spirite.
Tout effet a une cause.
Tout effet intelligent
a une cause intelligente.
La puissance de la cause
est en raison de la grandeur de l'effet.
3 octobre 1804 — 31 mars 1869.

[34]) *Revue Spirite*, maio de 1929, p. 208.

No século XV Eva é a espôsa de um conde. Havendo-se êste entregue à libertinagem, introduz na casa cantoras e bailarinas. Eva, fora de si por causa dos ciúmes e, desesperada, tenta apunhalar o conde, mas não teve sorte... (se assim se pode falar), pois êle consegue escapar, graças aos atos por ela praticados como pecadora arrependida. Viúva aos 35 anos, casa-se com outro conde, do qual tem um filho e uma filha (os que já teve no Cáucaso) e depois mais um filho (a reencarnação do próprio conde, espôso anterior). Êste último, desde a mais tenra idade, dá mostras de um gôsto pronunciado pela carreira das armas; e numa brincadeira de criança, fere mortalmente a mãe. Esta se reencarna como filha dêste guerreiro 23 anos depois e uma antipatia instintiva e inexplicável reina entre pai e filha. Antipatia que cresce ainda por causa das reminiscências da vida anterior, verificadas como exatas".

Êste exemplo é apresentado pelos espíritas como um caso ideal da aplicação prática da lei do Karma.

Crítica da lei do Karma. — Contentar-nos-emos com apenas algumas considerações críticas em tôrno desta lei:

1) *A lei do Karma é inteiramente arbitrária.* Veremos logo mais que não há razões internas que exijam semelhante lei. Nem há experiência que a comprove. Pois os mesmos argumentos aduzidos até agora em favor da reencarnação são citados também em favor da lei do Karma. Ora, já vimos que as provas apresentadas de fato não são probantes. A experiência e a consciência universal, normal e sã dos homens nos diz exatamente o contrário. Não há quem se recorde de suas vidas anteriores. E em fantasias de crianças, sonhos ou sonos hipnóticos não podemos confiar. Já insistimos nisso. Se, portanto, a experiência é contra a reencarnação, é também contra o Karma.

2) *A lei do Karma leva a absurdos.* E' um fato universal, em que os próprios reencarnacionistas insistem, que não há pessoa sem seus sofrimentos e dores, sem aflições e contrariedades; quase todos somos vítimas de ingratidão e traição, de injustiças e calúnias, etc.: Deveriam, pois, os defensores do Karma sustentar que todos, absolutamente todos, fomos, em vidas anteriores, homens ingratos e traidores, injustos e ladrões, criminosos e tiranos, porquanto tôdas estas calamidades, que agora sofremos, seriam apenas reações exata e matemàticamente equivalentes à conduta da nossa vida anterior. O absurdo será mais evidente ainda se considerarmos a vida de Cristo, de Maria Santíssima, dos Apóstolos, dos grandes Mártires e dos Santos em

geral que, todos êles, à imitação de Cristo, sofreram em grau heróico. De acôrdo com as inevitáveis leis do Karma, teríamos que Cristo, o Rei dos Mártires, e Maria, a Rainha das Dores, devem ter sido dos maiores criminosos em vidas anteriores de que há memória... Absurdos inadmissíveis.

3) *A lei do Karma é injusta*: Ela nos faz sofrer por culpas de que não temos a menor idéia. Já desenvolvemos êste ponto.

4) *A lei do Karma à fatalista*: Uma vez praticada a ação, não há mais remédio. E' esperar a reação do efeito inevitável. E' impossível fugir. Não haverá nem arrependimento, nem esfôrço que possa contornar o feito. E' fatal.

5) *A lei do Karma nega a bondade e a misericórdia de Deus.* A fundadora da Teosofia Sra. Blavatsky é conseqüente quando escreve em sua *Introdução à Teosofia* o seguinte: "Nós não cremos nem num sacrifício propiciatório, nem na possibilidade do perdão do mais insignificante pecado, por meio de qualquer Deus... Nós cremos numa justiça rigorosa, imparcial... que não pode sentir nem ira nem compaixão, mas que age com eqüidade absoluta, deixando que cada coisa, grande ou pequena, produza suas conseqüências inevitáveis". Allan Kardec endossa idéias semelhantes,[35] razão por que os espíritas negam a doutrina cristã da redenção e a possibilidade do perdão das culpas sem que lhes preceda expiação rigorosamente própria. Isso vale para todos os reencarnacionistas. O Sr. Caio Miranda, em *A Libertação pelo Yoga* (Rio 1960, p. 239) é bem explícito quando escreve: "O Karma de um indivíduo só pode ser resgatado por êle mesmo. Não há oração, magia, amuleto ou ritual capazes de suspender ou anular a responsabilidade adquirida pelo exercício do nosso livre-arbítrio. Nem a morte ou o ascetismo têm poder suficiente para nos eximir das dívidas contraídas para com a Lei Divina". Mais adiante, p. 262, torna a insistir: "Não há sacerdote ou ritual que tenha o poder de nos salvar". Insiste na "auto-superação", na "atuação redentora de si mesmo", etc. E' sempre e claramente a negação da nossa Redenção pela Paixão e Morte de Jesus Cristo.

6) *A lei do Karma nega a liberdade do homem.* No sistema kármico a liberdade é apenas aparente. Na realidade o homem é impelido pela fôrça cega e inexorável do Karma. Pedi-

---

[35]) Recorde o leitor o que expusemos no primeiro capítulo.

mos aqui vênia ao Sr. Justino Mendes para transcrever uma passagem muito interessante de seu *Tolices de Allan Kardec,* em que, de modo popular, mas incisivo, mostra as conseqüências funestas da lei do Karma:

"Então, quando um homem mau persegue o seu semelhante, quando um ladrão furta, quando o capanga mata, é sempre instrumento da justiça divina... Segue-se que, se matarmos, se roubarmos, se torturarmos o próximo, não fazemos nada de mal. E' apenas porque êle o mereceu noutras encarnações!... Daí resulta que não há mal nenhum em matar, que é uma boa obra o furtar, que há merecimento em martirizar os outros... Quando um sujeito dá um tapa a outro, êste devia tirar o chapéu até o chão e dizer àquele: "Mil vêzes agradecido; eternamente grato!" O outro ajudou a pagar o que devia. Quando um amigo atraiçoa outro, rouba-o, deixa-o na miséria, devia ser abraçado por êste com lágrimas de gratidão. Não lhe podia fazer um bem maior. E depois, êle já tinha mesmo de passar por essa... Estava escrito!... Êle o tinha merecido em outra encarnação... Que mal haverá em suprimir alguém do número dos vivos? Dir-lhe-emos simplesmente: "Vai, parte para o outro mundo, que é puro benefício teu, e nós praticamos uma obra de misericórdia..."

7) *A lei do Karma de fato não nos faz progredir na virtude.* E' um jôgo constante de vaivém. Pode-se verificar isto com tôda nitidez no citado caso clássico da protagonista Eva.[36] Apesar de ter passado por tantas encarnações, Eva não apresenta nenhum progresso moral. Dá-se até o contrário: cada crime traz como conseqüência necessária outros crimes, numa progressão verdadeiramente geométrica. Só porque Eva, na primeira encarnação mencionada, envenenou nove de seus filhos, ela teve que reencarnar-se nove vêzes para morrer outras tantas vêzes de morte violenta na infância. Por conseguinte nove vêzes outras pessoas tiveram de cometer o mesmo crime que, por sua vez, irão exigir novas reações kármicas, e assim por diante, sem parar na linha das reações, em progressão e aumento constante e fantástico. Mas Eva nem assim havia expiado seus crimes cometidos no Cáucaso: seus filhos envenenados por ela aparecem de novo como filhos seus em reencarnações muito posteriores, depois de 1.100 anos, quando tornou a viver na Itália no ano de 1200. Em outra de suas existências Eva, justamente indignada, num acesso de fúria, tenta apunhalar seu marido. Bastou isso para ter em

[36]) A análise que a seguir apresentamos é de Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo,* Barcelona 1950, p. 492.

vida posterior um filho que lhe dará também um golpe mortal. Êste filho, por sua vez, deverá sofrer inexoràvelmente as conseqüências kármicas do pavoroso matricídio... A ação produz reação; a reação reclama nova ação; a nova ação nova reação; e assim indefinidamente ou melhor infinitamente. E a isso chamam de progresso. Progresso, sim; mas horroroso progresso na senda do crime.

Misericórdia e Justiça de Deus. — Devemos, no entanto, assinalar que a lei do Karma contém um grão de verdade. Pois é sem dúvida certo que a virtude deve ser premiada e o pecado deve ser castigado. E' uma exigência fundamental da justiça. Entretanto, não se pode dizer que todo e qualquer ato do homem será premiado ou castigado. Devemos manter clara distinção entre os atos moralmente imputáveis e responsáveis, praticados consciente e livremente e os atos pelos quais não podemos, de maneira nenhuma, ser responsabilizados. Seria injustiça clamorosa castigar um cidadão por uma ação involuntária e inevitável. Qualquer criança do primeiro Catecismo conhece perfeitamente as três condições essenciais para um pecado mortal: matéria grave, plena advertência do entendimento e consentimento livre da vontade. Não se pode falar em pecado, onde falta o consentimento livre da vontade. O cristão reconhece que Deus é e deve ser justo, tanto para premiar a virtude, como para castigar o pecado. Mas o Deus infinitamente santo e justo é também infinitamente misericordioso e longânime. Pode-se dizer que, enquanto o homem vive neste transitório estado de provação terrestre, êle é primàriamente objeto da misericórdia e da longanimidade divinas: Deus está sempre pronto a intervir com sua misericórdia, a perdoar todos e quaisquer pecados, por mais numerosos e graves que tenham sido, sob a única condição de que o pecador peça o perdão divino com sincero arrependimento e leal propósito de emenda. Por isso o divino Mestre nos ensinou a rezar: "Pai nosso... perdoai-nos as nossas dívidas". Por isso deu Cristo aos Apóstolos e seus sucessores o poder de perdoar os pecados em nome de Deus: "A quem vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; a quem vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 23). Sustentar, com os defensores da lei do Karma, que Deus não perdoa nem pode perdoar os pecados, é das mais graves injúrias que se podem proferir contra a in-

finita bondade e misericórdia de Deus. Quantas vêzes surpreendemos Cristo, no Evangelho, a perdoar e a dizer: "Teus pecados te são perdoados; vai e não peques mais!" A pecadora de Mágdala, a pobre adúltera, o ladrão do lado direito na cruz, etc., são exemplos que de modo eloqüentíssimo desmentem as descabidas fantasmagorias dos reencarnacionistas. A mentalidade kármica está infinitamente distante da verdadeira mensagem de Cristo. Querem justiça, mas escandalizam-se com a misericórdia. Referindo-se à doutrina cristã da redenção dos homens pela sagrada paixão e morte de Cristo, escrevem asim: "A nós, espíritas, nos estarrece que a divindade tenha podido encarnar e morrer para resgatar uma humanidade tão pouco digna de tamanho benefício. Não compreendemos uma tamanha solicitude para com os habitantes de uma esfera das menos importantes do universo".[37]

Mas, de outro lado, Deus é também infinitamente justo. Passado o tempo da misericórdia e da longanimidade divina, logo depois da morte, o homem deve comparecer perante o tribunal da justiça de Deus. Medite-se na parábola do pobre Lázaro e do rico epulão. "Está decretado que o homem morra uma só vez, e depois disto é o julgamento" (Heb 9, 27). Já então Deus é o Santo e Justo: premeia a virtude e castiga o pecado: "A cada um de nós, no dia de sua morte, o Senhor retribuirá conforme as suas obras" (Ecle 11, 28). O pecador que, durante o tempo da vida terrestre, zombou da misericórdia de Deus, já então não terá desculpas: será objeto da infinita justiça e santidade. "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno!", lhes dirá o próprio Jesus (cf. Mt 25, 41). Cristo é claro, muito claro a êste respeito. Não nos iludamos! Em outra brochura já falamos sôbre isso e respondemos também às principais dificuldades que os reencarnacionistas levantam contra a doutrina cristã do inferno.[38] Então Deus lhes dirá, repitamos o texto: "Mas, visto que eu vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me; visto que estendi a mão, e não houve quem olhasse para mim; visto que desprezastes todos os meus conselhos, e não fizestes caso das minhas repreensões, também eu me rirei de vossa ruína e zombarei de vós, quando vos suceder o que temíeis. Quando vos assaltar a calami-

---

[37]) *Revista Internacional do Espiritismo,* Matão, SP, Janeiro de 1954, p. 257.

[38]) Veja *Resposta aos Espíritas,* Editôra Vozes.

dade repentina e colhêr a morte como um temporal; quando vier sôbre vós a tribulação e a angústia, então me invocarão (os ímpios) e eu não os ouvirei; levantar-se-ão de madrugada, e não me encontrarão; porque êles aborreceram as minhas instruções e não abraçaram o temor de Deus, nem se submeteram ao meu conselho e desprezaram tôdas as minhas repreensões. Comerão, pois, os frutos do seu mau proceder e fartar-se-ão dos seus conselhos..." (Prov 1, 24 ss).

IX

O Sentido Cristão do Sofrimento

Vivemos num "vale de lágrimas". — Não é necessário demonstrar a existência do sofrimento no mundo. Todos sentimos sua presença na forma da doença, adversidade, injustiça, calamidade ou em qualquer outro tipo de contratempo. Chora a inocente criança que mal acaba de nascer. Sofre o ancião que suportou o pêso duma longa vida. O justo que em tudo procura agradar a Deus parece perseguido pela infelicidade. E o pecador e o homem mau, ao contrário, se apresenta rodeado de alegria e satisfação. Foi o que verificou o Eclesiastes: "Eu também vi isto nos dias da minha vaidade: O justo perece na sua justiça e o ímpio vive muito tempo na sua malícia" (7, 16). E o profeta Jeremias pergunta: "Por que motivo é próspero o caminho dos ímpios e sucede bem a todos os que prevaricam e fazem mal?" (12, 1).

Num inquérito feito em 1959 pelo Instituto Francês de Opinião Pública sôbre o fenômeno da descristianização da França, verificou-se que os motivos com mais freqüência invocados pelos que negam a existência de Deus são "as injustiças, as guerras, as calamidades". Até o salmista confessa que suas convicções religiosas quase se abalaram diante dêste problema: "Os meus pés por pouco não vacilaram; por pouco se não transviaram os meus passos: Porque tive inveja dos ímpios, ao observar a prosperidade dos pecadores. Porque êles não têm sofrimentos, são e gordo anda seu corpo. Não participam dos trabalhos dos mortais, nem com os outros homens serão flagelados. Pelo que os cinge a soberba como um colar e envolve-os a violência como um vestido... Zombam e falam com maldade, altivos ameaçam opressões. Abrem sua bôca contra o céu e a sua língua desmanda-se pela terra. Por isso o meu povo se voltará para êles e sorverá das suas chagas abundantes. E chegam a dizer: Porventura Deus sabe disto, e tem disto notícia o Altíssimo? Eis que tais são os pecadores e, sempre tranqüilos, aumentam a sua fortuna. Foi, portanto, inùtilmente que conservei puro o meu coração e lavei na inocência as minhas mãos? Pois sou flagelado a tôda hora e castigado todo o dia... Refletia, pois, para compreender isto; pareceu-me, porém, coisa bastante difícil..." (Sl 72, 1 ss).

Eis o problema do sofrimento.

Os reencarnacionistas pretendem resolvê-lo fàcilmente: sofremos agora porque pecamos em vidas anteriores. Para êles o sofrimento só tem sentido enquanto é castigo (efeito) do pecado (causa). E' a "lei do Karma". Resolve-se uma incógnita por outra incógnita ainda maior. Pois o próprio fato das vidas anteriores é, pelo menos, problemático também. Querer esclarecer um problema (o do sofrimento) por meio de outro (o das vidas anteriores) nada resolve. Por outro lado, nós cristãos sabemos positivamente que não há reencarnação. "Está decretado que o homem morra uma só vez, e depois disto é o julgamento" (Heb 9, 27). Teremos que tentar dar uma resposta cristã ao problema da dor e do mal. Precisamos encontrar um sentido cristão no sofrimento e na cruz.

Não falta, na realidade, esta resposta. A Revelação Divina e Cristã conhece o problema e indica a solução. Tentaremos resumir numa visão de conjunto os dados dispersos através das páginas do Antigo e do Novo Testamento.

1) A origem do sofrimento. — O Cristianismo rejeita tôda e qualquer forma de Dualismo. Tudo quanto existe provém de um só princípio puro e bom.

E Deus é em si mesmo a santidade substancial e, portanto, tudo quanto vem desta fonte deve estar necessàriamente, em si mesmo, sem sombra do mal. Por isso tôdas as criaturas são boas em si mesmas e aptas para os propósitos do Criador. "Viditque Deus quae fecerat et erant valde bona" (Gên 1, 31). O Eclesiástico exclama com santo entusiasmo: "Tôdas as obras do Senhor são boas e cada uma delas, chegada a sua hora, fará o seu serviço" (39, 39). O Livro da Sabedoria é explícito na afirmação: "Deus não fêz a morte, nem se alegra com a perdição dos vivos. Porquanto Êle criou tôdas as coisas para que subsistissem e não havia nelas nenhum veneno mortífero, nem o domínio da morte existia sôbre a terra" (Sab 1, 13-14). O sofrimento, a miséria e a morte entraram na vida da criatura pela porta do pecado. "Da mulher nasceu o princípio do pecado e por causa dela é que todos morremos", sustenta o Eclesiástico (25, 33). E o inspirado Autor do Gênese, depois de narrar a história da primeira desobediência, nos lembra as palavras que o Criador dirigiu ao primeiro homem: "Porque deste ouvidos à voz de tua

mulher e comeste da árvore de que eu te tinha ordenado que não comesses, a terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos..." (Gên 3, 17-18).

2) O sofrimento como castigo do pecado. — Chora o autor do Salmo 37 e lamenta suas adversidades: "Deprimido, extremamente encurvado, todo o dia ando oprimido de tristeza. Porque as minhas entranhas estão cheias de inflamação e não há parte alguma sã na minha carne. Estou esgotado e grandemente abatido, o gemido do meu coração arranca-me rugidos...".

Mas êle não se revolta contra o Criador: "Confesso a minha culpa e estou aflito por causa do meu pecado". Na legislação mosaica encontramos numerosas e minuciosas determinações de penas e castigos por crimes perpetrados. Nem faltam os exemplos: a mulher de Lot foi surpreendida pelo desastre no caminho para a salvação por causa duma desobediência (Gên 19, 15-26). Míriam, a irmã de Moisés, é castigada por suas palavras de orgulho e rebeldia (Num 12, 1-15). Quando Ozias teve a temeridade de usurpar funções sacerdotais foi castigado com a lepra diante de todos e permaneceu leproso todos os dias de sua vida (2 Par 26, 16-21). Também no Novo Testamento temos dêsses exemplos: Zacarias foi castigado com afonia total porque não quis acreditar nas palavras do anjo (Lc 1, 20). Herodes Agripa, perseguidor de São Tiago e São Pedro, foi "ferido pelo anjo do Senhor e comido de vermes" (At 12, 23). Da mesma forma Elimas, que "torcia os retos caminhos do Senhor", foi castigado com a cegueira (At 13, 10 s). Há, pois, inegàvelmente, males, doenças e adversidades diretamente intencionados ou permitidos por Deus para castigar o pecador.

Entretanto, a antiga idéia de que todos os sofrimentos e calamidades seriam castigo de pecados foi expressamente repudiada por Cristo. Quando lhe contaram o caso dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com o dos sacrifícios, respondeu: "Pensais que êsses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por haverem padecido tudo isso? Digo-vos que não; e que, se não fizerdes penitência, todos vós igualmente perecereis. Aquêles dezoito sôbre os quais caiu a tôrre de Siloé e os matou, credes que eram mais culpados do que todos os homens que moravam em Jerusalém? Digo-vos que não, e que,

se não fizerdes penitência, todos igualmente perecereis" (Lc 13, 1-5). Com tão insistente ensinamento o Divino Mestre nega redondamente uma das idéias básicas do reencarnacionismo espírita e esoterista. A rigorosa "lei do Karma", imaginada pelos teosofistas e entusiàsticamente endossada pelos nossos espíritas, não só não encontra nenhum apoio nas palavras de Cristo, mas é frontalmente ferida com a enérgica explicação dada por Jesus ao grave desastre com a tôrre de Siloé, quando morreram 18 pessoas.

Em mais outra oportunidade o Divino Mestre repudiou a falsa doutrina segundo a qual todos os males seriam apenas efeitos (castigos) de crimes ou pecados anteriores. "Passando Êle, viu um homem cego de nascença. E seus discípulos perguntaram-lhe, dizendo: Rabbi, quem pecou, êste ou seus pais, para que êle nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem pecou êste nem seus pais, mas foi para que se manifestem nêle as obras de Deus" (Jo 9, 1-3). Para os nossos reencarnacionistas não teria havido dúvidas: Se a criança nasceu cega foi porque na vida anterior cometeu algum crime. Esta é a doutrina firme que propagam por aí. No entanto Nosso Senhor ensina com clareza: Êste homem não nasceu cego nem por causa de algum pecado dêle, nem por causa de algum crime dos pais; mas foi para manifestar as obras de Deus. Ao falar da enfermidade de Lázaro dirá coisa semelhante: "Essa doença não é de morte, mas sim para a glória de Deus, a fim de que por ela o Filho de Deus seja glorificado" (Jo 11, 4).

Nos Atos dos Apóstolos temos outro caso interessante que nos mostra a inexistência de uma relação necessária entre o infortúnio e o pecado. Depois de ter naufragado na costa de Malta, "Paulo juntou um montão de ramagem e, ao lançá-lo ao fogo, uma víbora que fugia do calor mordeu-o na mão. Quando os bárbaros viram o réptil pendurado da mão dêle, disseram uns aos outros: Sem dúvida êste é um homicida, pois tendo escapado do mar, persegue-o a justiça. Porém êle sacudiu o réptil no fogo e não lhe adveio mal algum" (At 28, 3-5).

E', pois, necessário ver no sofrimento outros motivos. O pecado só não é causa adequada e suficiente. A Revelação Divina reconhece certamente uma relação entre a origem do sofrimento e o pecado; admite mesmo que, em determinados casos, o infortúnio é diretamente intencionado como castigo; mas re-

jeita uma relação necessária, intrínseca e constante, como entre o efeito e a causa, tal como é imaginada pelos defensores da lei do Karma. Vejamos êstes outros motivos que justificam o sofrimento no homem, mesmo no inocente.

3) O sofrimento como prova da virtude. — O "Adversário" ("Satã") declarou um dia a Deus que a virtude de Job era muito superficial e pura conseqüência de sua riqueza e bem-estar material; e que tudo mudaria, apenas topasse com o sofrimento: "Estende tu um pouco a tua mão e toca em tudo o que êle possui e verás se êle não te amaldiçoa na tua cara".

Disse, pois, o Senhor a Satanás: "Pois bem, tudo o que êle tem está em teu poder; sòmente não estendas a tua mão contra êle". E Satanás saiu da presença do Senhor (Job 1, 11-12). E a calamidade caiu de rijo sôbre a casa de Job: a morte lhe arrebatou os filhos, os rebanhos foram destruídos e os bens roubados. Com uma nova licença expressamente implorada por Satã, repugnante enfermidade prostrou a pessoa de Job. Mas Job era *inocente,* "homem sincero e reto, que temia a Deus e fugia do mal" (1, 1. 8). Nada fêz para merecer o castigo ou atrair sôbre si tantas calamidades. Em sinceridade e retidão "não há semelhante a êle na terra", testemunha o próprio Deus (Job 1, 8). A finalidade única de suas aflições e sofrimentos era experimentar a firmeza de sua virtude. Isso consta claramente do capítulo introdutório.

As disputas entre Job e seus amigos se limitam quase exclusivamente à questão de saber qual poderia ser o motivo ou a causa remota de tantas desgraças. Os amigos e pretendidos consoladores sustentam a opinião de que a desgraça é sinal certo e prova irrefutável de culpa. Elifaz de Temã inicia sua acusação no quarto capítulo e a certa altura pergunta: "Lembra-te, te peço: que inocente pereceu jamais? Ou quando foram os justos destruídos? Antes tenho visto que os que praticam a iniqüidade e semeiam dores e as segam pereceram a um sôpro de Deus" (4, 7-9). Mais adiante insiste Elifaz na increpação: "... Desterraste o temor e as orações diante de Deus. A tua iniqüidade ensinou a tua língua e tu imitas a linguagem dos blasfemadores" (15, 4-5).

Também os outros dois viam na vida pecaminosa de Job a única justificação para tantos sofrimentos, chegando ao ex-

tremo de acusá-lo culpável de grandes pecados mantidos em segrêdo. Mas Job persiste em afirmar que é inocente. "Falarei ao Onipotente e com Deus desejo conversar, mostrando que vós sois uns forjadores de mentiras e sequazes de máximas perversas... Ainda que Êle me matasse, n'Êle esperarei: mas defenderei na sua presença o meu proceder... Se eu fôr julgado sei que hei de ser julgado justo... Quantas iniqüidades e pecados tenho eu? Mostra-me as minhas maldades e delitos. Por que escondes Tu de mim o Teu rosto e por que me consideras Teu inimigo?..." (cap. 13). No capítulo 31 Job pode declarar com tranqüila consciência: "Fiz pacto com os meus olhos de nem sequer olhar a uma virgem... Porventura não considera Êle os meus caminhos e não conta todos os meus passos? Se caminhei na vaidade e se meu pé se apressou para o engano, pese-me Deus em sua balança justa e conheça a minha simplicidade. Se os meus pés se desviaram do caminho e se o meu coração seguiu os meus olhos e se às minhas mãos se pegou qualquer mácula, semeie eu e outro o coma e seja a minha descendência arrancada até a raiz. Se o meu coração foi seduzido por causa de mulher e se armei traições à porta do meu amigo, seja minha mulher desonrada por outro e prostitua-se à paixão dos outros. ... Se a terra que eu possuo clama contra mim e se os seus sulcos choram com ela; se comi seus frutos sem pagamento e se afligi o coração dos que a cultivaram: ela me produza abrolhos em lugar de trigo e espinhos em lugar de cevada..."

Termina assim a disputa. Os amigos se calam. Até o fim sustentaram a culpabilidade de Job e até o fim mantém Job sua inocência. O leitor se convence que o sofrimento não é demonstração de culpa e que Deus permite que a virtude do homem justo seja provada do modo mais severo. Afinal intervém Deus numa maravilhosa teofania para mostrar o seu poder e a impotência do homem, sua sabedoria e a ignorância de Job. "Onde estavas tu quando eu lancei os fundamentos da terra? Sabes quem deu as medidas para ela? e quem estendeu sôbre ela a régua? Sôbre que foram firmadas as suas bases? ou quem assentou a sua pedra angular, quando os astros da manhã me louvavam juntos e quando todos os filnos de Deus estavam transportados de júbilo? Quem pôs diques ao mar quando êle transbordava, como que saindo do seio materno?" (cap. 38). Se o homem é tão impotente e tão ignorante das coisas que pode

ver e tocar, como poderá imaginar-se capaz de sentar-se e julgar o govêrno moral que Deus exerce sôbre o universo? Seguem capítulos, dos mais belos da Bíblia, para levar Job a reconhecer humildemente sua própria incompetência e a colocar absoluta e incondicional confiança em Deus e em suas disposições sábias, justas e boas. No fim Deus repreende os três amigos "por que vós não falastes diante de mim o que era reto, como falou o meu servo Job" (42, 7-8).

Esta é, pois, a grande lição do Livro de Job: que o sofrimento pode sobrevir a um homem justo para provar a realidade de sua virtude; que a virtude não é necessàriamente coextensiva com a prosperidade; e que a desgraça não é indício seguro de ter obrado mal. Por isso pôde escrever São Paulo aos Romanos que "nos gloriamos até nas tribulações, sabedores de que a tribulação produz a paciência; a paciência, a virtude comprovada; e a virtude comprovada, a esperança. E a esperança não será confundida, pois o amor de Deus se derramou em nossos corações..." (Rom 5, 3-4). E São Tiago repete o mesmo pensamento: "Por suma alegria tende, meus irmãos, se cairdes em diversas provações. Pois sabeis que a vossa prova da fé produz a paciência; a paciência, porém, apresenta obra perfeita, para que sejais perfeitos e íntegros, sem faltardes em coisa alguma" (1, 2-4).

4) O sofrimento como medicina na fraqueza. — O próprio Elifaz, aquêle estranho "amigo" de Job, reconhece: "Bem-aventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes, pois, a correção do Senhor, porque êle fere e sara; dá o golpe e as suas mãos curam" (Job 5, 17-18).

Na Epístola aos Hebreus recebemos a admoestação: "Estais esquecidos da exortação que a vós, como a filhos, se dirige: Meu filho, não menosprezes a correção do Senhor e não desfaleças quando repreendido por Êle. Pois a quem ama o Senhor Êle o castiga, açoita Êle todo aquêle a quem recebe como filho (Prov 3, 11 s). E' para a correção que surportais provações. Deus convosco se porta como para com seus filhos. Pois qual o filho a quem o pai não corrija? Se, porém, fôsseis educados sem correção — de que todos têm a sua parte — vós seríeis bastardos e não filhos legítimos. Ainda mais: nós respeitávamos os nossos pais segundo a carne que tivemos para nos corrigir;

quanto mais não devemos submeter ao Pai dos espíritos, para alcançarmos a vida? Com efeito, aquêles, segundo bem lhes parecia, nos educaram corrigindo para nos proporcionar uma felicidade de poucos dias; mas Êste, não olhando senão para o nosso proveito, nos corrige a fim de têrmos parte na sua santificação. Nenhuma correção parece, de momento, agradável, mas sim dolorosa; mais tarde, porém, oferece frutos amenos de justiça aos que por ela foram exercitados" (Heb 12, 5-11). Esta é, no fundo, a razão dada pelo anjo a Tobias para explicar o verdadeiro sentido de seus sofrimentos: "Porque tu eras agradável a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse" (Tob 12, 13).

5) O sofrimento como meio de santificação. — Jesus declara audazmente que o estado de pobreza é um estado de felicidade (Mt 5, 3; Lc 6, 20) e que os ricos são dignos de compaixão (Lc 6, 24). Êle mesmo, Cristo, "sendo rico, se fêz pobre por nosso amor, para que fôsseis ricos por sua pobreza" (2 Cor 8, 9).

Jesus convida seus seguidores para uma vida de penalidades e sofrimentos. Poderíamos lembrar aqui inúmeras passagens recolhidas da bôca do Divino Mestre. "Quem quiser ser meu discípulo renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz, dia por dia, e siga-me" (Lc 9, 23; Mt 10, 38). Não há, certamente, em tudo isso, nenhum menosprêzo do valor das coisas terrestres em si e como tais. Mas o dinheiro, o prazer e a vida satisfeita podem afastar fàcilmente de Deus. As riquezas e o bem-estar material apartam a alma das coisas do espírito. Quanto mais nos entregamos a elas, mais tendemos a perder de vista a Deus. Na parábola da semente encontramos uma boa explicação: "O que cai entre espinhos são aquêles que, ouvindo, vão e se afogam nos cuidados, na riqueza e nos prazeres da vida e não chegam à madureza" (Lc 8, 14). Por isso "é difícil que um rico entre no reino dos céus" (Mt 19, 23).

Esta ordem de considerações levou os cristãos até mesmo à busca de sofrimentos voluntários. O exemplo de Cristo, jejuando Êle mesmo durante "quarenta dias e quarenta noites" (Mt 4, 2), sempre foi imitado pelos melhores cristãos. São Paulo dá aos Coríntios a razão: "Quem se prepara para a luta abstém-se de tudo e isso para alcançar uma coroa corruptível; porém nós, para alcançarmos uma incorruptível. E eu corro,

não como à toa; assim luto, não como quem açoita o ar. Porém castigo o meu corpo e o submeto à servidão" (1 Cor 9, 25-27).

6) O sofrimento como preço de redenção. — A idéia já está no Antigo Testamento. Os sete irmãos macabeus ofereceram seu martírio pelo bem da nação. "Quanto a mim — disse o mais jovem ao tirano — de boa mente, assim como fizeram meus irmãos, entrego a minha vida e o corpo em defesa das leis de meus pais, rogando a Deus que, quanto antes, se mostre propício à nossa nação..." (2 Mac 7, 37).

O servo de Javé, cantado por Isaías, mostra mais vivamente esta doutrina. "Não há nêle beleza nem formosura... Êle era desprezado e o último dos homens, um homem de dores e experimentado nos sofrimentos; e o seu rosto estava encoberto; era desprezado e por isso nenhum caso fizeram dêle. Verdadeiramente êle foi o que tomou sôbre si as nossas fraquezas e êle mesmo carregou com as nossas dores; e nós o reputamos como leproso e como um homem ferido por Deus e humilhado. Mas foi ferido por causa das *nossas* iniqüidades, foi despedaçado por causa dos *nossos* crimes; o castigo que nos devia trazer a paz caiu sôbre êle e nós fomos sarados com as suas pisaduras. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se extraviou por seu caminho; e o Senhor carregou *sôbre êle* a iniqüidade de todos *nós*. Foi oferecido porque êle mesmo quis e não abriu a sua bôca; como uma ovelha que é levada ao matadouro e como um cordeiro diante do que o tosquia, guardou silêncio e não abriu sequer a sua bôca... E o Senhor quis consumi-lo com sofrimentos, mas quando tiver oferecido a sua vida pelo pecado, verá uma descendência perdurável e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. Verá o fruto do que a sua alma trabalhou e ficará satisfeito..." (Is 53, 2-11).

O Novo Testamento identifica êste Servo de Javé com Nosso Senhor Jesus Cristo. Êle veio, segundo sua própria expressão, "para dar a vida em redenção de muitos" (Mt 20, 28). Êle entrou na nova aliança e derramou seu sangue em expiação dos pecados dos homens: "Êste é meu sangue do Novo Testamento que será derramado por muitos para remissão dos pecados" (Mt 26, 28). Foi por isso "contado entre os malfeitores"

(Lc 22, 37). E, no entanto, era inocente, sem pecado e sem fraqueza.

Mas São Paulo tem a consciência de dever ajudar na obra redentora de Cristo, como que completá-la na sua própria carne: "Agora me alegro dos meus padecimentos por vós e supro em minha carne o que falta às tribulações de Cristo por seu Corpo que é a Igreja" (Col 1, 24). Êste dever se estende a todos nós, cristãos: Também os nossos padecimentos podem ter um valor de redenção.

7) O sofrimento como exigência da solidariedade. — O homem não é um ser isolado. Vivemos em sociedade. E todo um grupo social pode sofrer por causa de um ou outro do grupo.

A família tôda sofre as conseqüências dos desatinos do pai. Isso é inevitável e exigido pelos laços sociais que unem os membros da família, da cidade, da nação, da humanidade. Fala-se hoje do pecado coletivo, da responsabilidade coletiva e da pena coletiva. A história do povo de Israel mostra com particular evidência as exigências da solidariedade. Por que os pais murmuraram no deserto, os filhos não haveriam de entrar na terra prometida (Num 14, 26-35). Cristo disse que cairia sôbre a geração então vivente em Jerusalém "todo o sangue inocente derramado sôbre a terra" (Mt 23, 35-36).

No Novo Testamento temos ainda uma solidariedade especial com Cristo que padeceu e morreu por nós. Aos Filipenses recorda o Apóstolo que lhes foi outorgado não apenas crer em Cristo, "mas também padecer com Êle" (Filip 1, 29). E São Pedro vê até uma graça especial em sofrer injustamente: "Se, por terdes feito o bem, padeceis, e o suportais com paciência, isto é graça junto de Deus. Sim, para isto fôstes chamados, já que também Cristo padeceu por vós e vos deixou exemplo para que lhe sigais as pisadas" (1 Ped 2, 19-21).

E há ainda a solidariedade especial no Corpo Místico de Cristo: "Se um membro padece, todos os membros padecem com êle" (1 Cor 12, 26).

8) O sofrimento como causa de prêmio eterno. — Vale a pena sofrer. Já o Livro da Sabedoria o diz: "Pareceu aos olhos dos insensatos que [os justos] morriam; e sua saída dêste mundo foi considerada como uma aflição e a sua separação de nós

como um extermínio; mas êles estão na paz. E, se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. Depois duma leve tribulação, receberão uma grande recompensa..." (Sab 3, 2-4; cf. 5, 1-7).

S. Paulo lembra aos Romanos que, como filhos de Deus, são também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, "suposto que padeçamos com Êle, para sermos com Êle glorificados. Porque tenho por certo que os padecimentos do tempo presente nada são em comparação com a glória que há de manifestar-se em nós" (Rom 8, 17-18). "Pela momentânea e leve tribulação Êle nos prepara um pêso eterno de glória incalculável" (2 Cor 4, 17). "Se com Êle padecermos, com Êle viveremos; se com Êle sofrermos, com Êle reinaremos" (2 Tim 2, 11-12).

O vidente do Apocalipse olhou e viu uma grande multidão, "que ninguém podia contar". E então um dos velhos tomou a palavra e perguntou: "E êstes, vestidos de túnicas brancas, quem são e de onde vieram?" E veio a resposta: "Êstes são os que vêm da grande tribulação, e lavaram suas túnicas e as alvejaram no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem dia e noite em seu templo, e o que está sentado estende sôbre êles o seu tabernáculo. Êles não mais terão fome, nem mais terão sêde, nem cairá sôbre êles o sol, nem ardor algum. Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os apascentará, e os guiará às fontes de águas de vida, e Deus lhes enxugará tôda lágrima dos olhos" (Apoc 7, 13-17).

"E ouvi uma voz do céu que dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor, desde agora. Sim — diz o Espírito — para que descansem dos seus trabalhos, pois suas obras os seguem" (Apoc 14, 13).

X

Tetráplica à Tréplica

Temos diante de nós um livro de 4 cm de grossura. Seu autor: Mário Cavalcanti de Mello. O título: *"Como os Teólogos Refutam..."* O subtítulo: "Tréplica à réplica do Livro *Reencarnação, Exposição e Crítica,* de Frei Boaventura Kloppenburg, ao livro *A Reencarnação e suas Provas,* de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Mello". Com prefácio de Carlos Imbassahy. Edição da Livraria da Federação Espírita do Paraná, Curitiba. Sem indicação de data.

Como é apresentada a tréplica. — Carlos Imbassahy apresenta-a num prefácio que termina na p. 43. E o autor fecha sua Introdução na p. 78. Logo na primeira página o Sr. C. Imbassahy nos fala do autor: "Mário Cavalcanti se nos afigura um dêsses indivíduos, que, sòzinho, espalha as cartas numa mesa, e fica a manejá-las, sem parceiros visíveis, num jôgo que êle chama de paciência. E quando se lhe pergunta o que é aquilo, responde: Estou-me divertindo... Estou matando o tempo... Mário matava o tempo consultando os velhos pensadores, e o seu jôgo de paciência consistia em tirar livros, abrir livros e espalhar aquilo tudo, numa desordem incrível, o que fazia que sua mãe e irmãs passassem pelo quarto, sem coragem de espiar para dentro, horrorizadas com aquêle cataclismo duplamente bíblico, por ser da Bíblia e por ser de livros. Deve-se a Frei Boaventura vermo-lo arrancado daquele pélago, exumado daquele gabinete, salvo daquele torvelinho, e atirado na arena".

E eis que, depois de tirar e abrir e espalhar tanto livro, o estudioso Sr. Mário Cavalcanti de Mello apresenta ao público os resultados de suas noites em claro. Para darmos uma amostra do "modus scribendi" dêste ilustre Senhor, havemos de transcrever as três primeiras páginas da Introdução e, em notas ao pé da página, faremos nossos comentários. Eis como inicia o Sr. Mário C. de Mello sua tréplica:

"Quando escrevemos "A Reencarnação e suas Provas", de parceria com Carlos Imbassahy, tivemos em mira propagar uma doutrina que é condizente com a justiça divina. Divulgando-a, a ela nos cingimos, sem

fazermos paralelo com as doutrinas do "Pecado Original" e das "Graças", verdadeiras irreverências que tanto aviltam as qualidades infinitas do Criador Supremo.[1] Assim, não esperávamos uma réplica da Igreja de Roma, na pessoa de Frei Boaventura Kloppenburg,[2] homem que se tem especializado no ingrato mister de pretender destruir as crenças alheias,[3] como se êsse processo pouco inteligente servisse para enaltecer ou valorizar a sua.[4]

Só o fanatismo é capaz de apresentar, de forma ousada, razões tão contraditórias, impondo uma doutrina que, se fôsse real, poria por terra tôda e qualquer concepção com fundamento no espírito.[5] Desta forma, para combater a palingenesia, o ilustre teólogo nos apresenta as doutrinas das "Graças" ou da "Predestinação",[6] demolidora do livre arbítrio, profundamente materialista, pois o seu significado se confunde

---

[1]) Entretanto, aquêle livro não era de simples e serena exposição positiva da filosofia reencarnacionista. Há, através de tôda a obra, forte investida contra a Bíblia, que é apresentada como um livro "eivado de incoerências, de contradições e erros sem número" (p. 159; cf. pp. 29-32; 43-52, etc.). Fala-se das "perversidades do Deus bíblico" (p. 159), dos sofistas do clero" (p. 171), da "fé cega dos beatos" (p. 171), do "Cristianismo degenerado pelos Papas" (p. 173). Jesus Cristo, os primeiros cristãos, os Pais da Igreja são apresentados como reencarnacionistas (p. 202), o Catolicismo como falsificador (p. 203), etc.

[2]) Nunca nos veio a idéia de escrever uma réplica ao livro *A Reencarnação e suas Provas*. Citamos êste livro, como citamos muitos outros, principalmente os de Allan Kardec e Leão Denis. Nossa intenção estava muito clara no fim da Introdução: em vista da grande propaganda reencarnacionista entre os católicos do Brasil, queríamos submeter esta filosofia à luz da lógica, da história, da ciência e, sobretudo, da mensagem cristã. Era simplesmente um estudo crítico.

[3]) Não é exato: pretendemos ajudar no trabalho de orientação dos católicos que estão sendo sistemàticamente confundidos pela propaganda nem sempre sincera e leal de uma enorme babel de seitas religiosas.

[4]) Não se tratava de enaltecer ou valorizar a Igreja, mas de defender os fiéis contra o grande perigo da confusão religiosa. Para enaltecer e exaltar a Igreja há outros livros, em grande número, bons e positivos.

[5]) Se as razões apresentadas neste livro são ou não contraditórias, deixamo-lo ao critério do leitor que o tem em mãos.

[6]) Muitas vêzes volta o Sr. Mário C. de Mello ao "Pecado Original" e à "Graça", como se fôssem êsses os grandes argumentos apresentados neste livro contra a reencarnação. Assim, p. ex., na p. 58: "O nosso antagonista se esforça em tornar ridícula a palingenesia, antepondo à sua concepção as doutrinas absurdas do Pecado Original e das Graças". Mas não argumentamos *nem uma única vez* nesta base. Certamente, aceitamos a doutrina da Graça e do Pecado (não no sentido torcido e ridículo em que Mario Cavalcanti a apresenta), mas o fato é que em parte nenhuma argumentamos com esta doutrina contra a reencarnação. Não compreendemos, por isso, francamente, a razão por que o Sr. Cavalcanti torna, sempre de novo, a êstes dois pontos que êle, aliás, não chegou a compreender ou não quis entender. Mais adiante daremos umas amostras da desastrada caritologia do advogado das vidas sucessivas.

com o fatalismo [7] e destrói, no homem, aquêle valor que se consegue com o esfôrço próprio, na luta cotidiana pelo nosso aprimoramento intelectual, moral e espiritual.

Para defender a sua tese, isto é, a de uma vida "única", Frei Boaventura não titubeia em emprestar ao Criador os piores defeitos humanos, de ódio, de cólera, de injustiça, de capricho,[8] e baseado em palavras de Paulo, afirma que Deus cria homens destinados à salvação e outros à perdição.[9]

Qual sociedade humana, eivada de imperfeições, que não se revoltaria contra um pai terreno que distinguisse seus filhos, no sentido de conceder privilégios a uns em detrimento de outros? A teologia católica, entretanto, não vacila, para defender uma doutrina caduca, em emprestar a Deus aquilo que não seria aceito pelo pior dos homens! [10]

A prevalecer a concepção de Paulo, que compara Deus a um oleiro que fabrica vasos de argila, uns para uso digno, outros para uso vergonhoso, ou melhor, que cria homens para a glória eterna, a fim de mostrar sua misericórdia, e outros para a condenação, a fim de mostrar o poder de sua cólera,[11] Jesus seria um farsante, pois nos teria enganado, quando afirmou e nos advertiu que seu Pai, dentro de sua infinita justiça, recompensava a cada um de acôrdo com as suas obras.[12]

---

[7]) Puríssima fantasia do Sr. Mário Cavalcanti de Mello. Precisamente a Igreja Católica defendeu sempre, contra tôdas as tendências fatalistas, a liberdade do homem.

[8]) Meu Deus! Mas onde foi, em que página, diga, por favor, Sr. Mário Cavalcanti, onde escrevemos tão blasfemas palavras contra o Criador?

[9]) Não podia o Sr. Cavalcanti de Mello, com tôda a sua pujante fantasia, excogitar maior ofensa contra o autor destas linhas do que dizer que nós afirmamos que "Deus cria homens *destinados* à perdição". E' inútil pedir a página na qual teríamos estabelecido tão absurda heresia. Tivéssemos a certeza de que o Sr. Mário C. de Mello quis mesmo falar sério, pedir-lhe-íamos satisfação. Mas quiséssemos analisar todo o livro assim, teríamos muitas satisfações a exigir. Folheie o leitor o livro que tem em mãos, torne a ler as páginas do princípio ao fim, recorra eventualmente a edições anteriores, e veja se é capaz de encontrar uma só frase na qual sustentamos que Deus cria homens "destinados à perdição". Tivéssemos dinheiro e lhe prometeríamos uma fortuna como prêmio do esfôrço. O estudioso defensor da reencarnação fantasiou, mentiu, caluniou. Tão habituado está êle a êsses processos, tantas vêzes os repete, que já nem se dá conta das invenções.

[10]) Poderia o Sr. Mário indicar um só manual de Teologia Católica que não vacila em atribuir a Deus tais sentimentos? Vamos, indique: nome do autor (católico e aprovado pela Igreja), título do livro, lugar e ano de publicação, página da obra...

[11]) Eis aí um exemplo frisante da exegese do nosso reencarnacionista! Como se São Paulo tivesse feito a comparação para esta finalidade...

[12]) Mas também São Paulo ensina o mesmo. Veja-se, por exemplo, Rom 2, 6-8: Deus "dará a cada um *segundo as suas obras*: aos que, com perseverança na prática do bem, procuram a glória, a honra e a

Qual das doutrinas deve prevalecer, a de Paulo ou a de Jesus?[13]

Preferimos ficar com a do Nazareno, pois, para nós, espíritas, é êle a figura central do Cristianismo. Depois, Paulo é contraditório, como Frei Boaventura.[14] Se não, vejamos. Na "Epístola a Timóteo", II, 4 e IV, 10, está escrito: "Deus quer que todos os homens sejam salvos e que cheguem ao conhecimento da verdade"; "Porque para isto trabalhamos e lutamos, pois esperamos em Deus, que é salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis".[15]

Representarão êstes dois versículos uma confirmação da doutrina das "Graças", ou constituem êles uma formal contradição aos argumentos teológicos?[16] E' claro, é concludente, mesmo, que se Deus quer que todos os homens sejam salvos, Êle não pode ser comparado ao oleiro que fabrica vasos de argila, uns para uso digno e outros para uso vergonhoso, e nem cria homens para a glória eterna, a fim de mostrar sua misericórdia, e outros para a condenação, a fim de mostrar o poder de sua cólera.[17]

O conceito que o espírita forma de Deus é muito elevado para que possa aceitar êsse Deus mau, perverso, vingativo, odiento e caprichoso, como no-lo apresenta o ilustre professor de Teologia Dogmática.[18] E será crime pensar como pensam os espíritas, com relação a nosso Criador, que consideramos infinito em tôdas as suas perfeições,[19] só pelo simples fato de não nos contradizermos, aceitando uma doutrina perfeitamente oposta aos ensinamentos de Cristo?[20]

Sempre vivemos silencioso dentro de nossa concepção filosófica. Nunca, até bem pouco, procuramos sequer defender-nos dos ataques isolados feitos à nossa filosofia. E só saímos à liça,[21] depois daquele

---

incorrupção, dará a vida eterna; mas, aos contumazes e rebeldes à verdade, que obedecem à injustiça, dará a ira e indignação". Cf. ainda 1 Ped 1, 17; Apoc 2, 23; 22, 12.

[13]) Não há contradição entre os dois; só na fantasia do Sr. Mário, perturbado pela leitura das obras de Voltaire.

[14]) Obrigado!

[15]) Não há contradição nenhuma entre as duas passagens de São Paulo. Deus quer, de fato e sinceramente, que todos se salvem e Deus tudo fêz para que todos possam salvar-se. Mas a realidade é que numerosos homens vivem como se não quisessem salvar-se e fazem tudo para perder-se.

[16]) As palavras do Apóstolo confirmam plenamente a doutrina católica tal como é de fato ensinada pela Igreja e não tal como é fantasiada pelos discípulos de Voltaire.

[17]) E não há autor católico que ensine isso. O Sr. Cavalcanti é um autêntico Dom Quixote a batalhar contra moinhos de vento imaginados por sua intoxicada fantasia.

[18]) Onde? Em que página? De que livro?

[19]) E' o conceito que os espíritas herdaram dos católicos. Qualquer catecismo católico, mesmo antes de Kardec, fala assim.

[20]) Segundo as fantasias do Sr. Mário Cavalcanti de Mello.

[21]) Mas o livro *A Reencarnação e suas Provas* foi o resultado de desentendimentos internos entre os espíritas de Niterói. Não foi, absolutamente, provocado pelos Bispos em Belém. Não é, pois, verdade o que o autor sustenta no texto.

célebre congresso eucarístico, realizado em Belém do Pará, quando os maiorais da Igreja de Roma arquitetaram planos quixotescos para investir e destruir os credos alheios, com especialidade o Espiritismo.[22] Desta data em diante, vivendo em um país que, pelo menos dentro de sua Magna Carta, nos concede a liberdade de pensamento e de crença,[23] firmamos o propósito de tornar realidade esta concessão, combatendo os entravadores das conquistas humanas,[24] os enfatuados, arrogantes e intolerantes pretensos donos das "verdades divinas".[25] Assim, não podemos furtar-nos a uma resposta ao Frei que, no afã de destruir, se desmanda em afirmativas vazias e sem consistência, fora dos limites da Lógica, da Ciência, da Filosofia e da História.[26] E' o caso da réplica que fêz a nosso livro o teólogo, publicando com êste fito *Reencarnação, Exposição e Crítica.*[27] Esta réplica merece, sem dúvida, uma resposta que vai sob o título: "Como os Teólogos Refutam...".

E' assim o livro. A constante suposição, em tôdas as páginas, é de que os homens que dirigem a Igreja Católica e, sobretudo os teólogos, são os adversários sistemáticos da lógica e do bom-senso. Os maiores absurdos, as afirmações mais grosseiras, as doutrinas mais insustentáveis são atribuídas à Igreja Católica. Não é ela, a Igreja, que vai definir seus pontos de doutrina, é o Sr. Mário Cavalcanti de Mello, orientado e iluminado por Voltaire, seu autor predileto e mais citado, quem vai determinar qual é, exatamente, a posição da Igreja. Imagina-se uma

---

[22]) Não é verdade que os Srs. Bispos tomaram aquelas resoluções no Congresso Eucarístico de Belém, nem é verdade que decidiram "investir e destruir os credos alheios". O que os Bispos decidiram foi apenas esclarecer os católicos, pelos quais são responsáveis, que o Espiritismo, como doutrina e prática, é inconciliável com os ensinamentos pregados por Cristo e que, por conseguinte, ninguém pode ser católico e espírita ao mesmo tempo, coisa que a propaganda espírita vive a repetir. Escreve, por exemplo, Allan Kardec em *Le Spiritisme à sa plus simple expression* (150e mille, p. 15): "Pode-se, portanto, ser católico, ortodoxo ou romano... e espírita". Diante de semelhantes afirmações era necessário dizer aos católicos que isso não é possível e que os católicos não se deixem iludir por tão desleal propaganda. A melhor prova da total impossibilidade de ser ao mesmo tempo católico e espírita é o próprio Sr. Mário Cavalcanti de Mello. Os Bispos tinham o direito e o dever de falar assim. Não havia ataque aos outros, mas defesa contra os ataques da propaganda espírita.

[23]) Há outras liberdades ainda, usadas e abusadas: liberdade de mentir, de roubar e de matar.

[24]) Quem são êles e onde estão?

[25]) E não nos venha dizer que "respeita tôdas as religiões" e "não ataca ninguém"...

[26]) O leitor será o juiz.

[27]) Pura fantasia. Não foi réplica, nem jamais foi êste o nosso pensamento. Entretanto, já que houve tréplica, terá que haver tetráplica. E Rui Barbosa nos perdoe se o têrmo não existe.

suposição absurda, levanta-se sôbre ela uma construção fantástica, e investe-se de rijo contra ela, para, triunfante, proclamar a vitória da razão contra o dogma. Veremos logo mais alguns exemplos. Mas a coisa mais notável da tréplica é que ela nem sequer analisa a obra em questão. Depois dum prefácio de 40 páginas e de uma introdução de outras 40 páginas (e não se descobre sua razão de ser), segue um estudo sôbre o argumento histórico (pp. 79-142). E' antes uma compilação de numerosos textos conhecidos sôbre o reencarnacionismo na Índia, no Egito, na Pérsia, Roma, Grécia, etc., sem novidade alguma e sem nenhuma refutação particular do que havíamos afirmado. Pois concedêramos a realidade desta doutrina nos citados povos, com as restrições assinaladas. Seguem as pp. 143-155 sôbre o argumento patrístico, também sem novidades. Nas pp. 156-181 temos outra vez citações e mais citações de "filósofos modernos" favoráveis à palingenesia (Paracelso, Jacob Boehme, Giordano Bruno, "o maior filósofo da Renascença", Campanela, Voltaire, Martínez Pasqualis...), coisa que não havemos de contestar. Poder-se-ia, apenas, apresentar uma lista de outros filósofos (e talvez muito mais "filósofos") com idéias opostas. Mas deixaremos o jôgo para quem gostar dessas compilações. Vêm então longos capítulos sôbre assuntos inteiramente estranhos ao tema em discussão: O pecado original (pp. 182-198), a graça (pp. 199-211), uma digressão sôbre parábolas e lendas na Bíblia (pp. 212-220), uma diatribe sôbre o inferno, até certo ponto relacionado com o assunto em foco (pp. 221-230), sôbre o diabo (pp. 231-242), o purgatório (pp. 243-254), sôbre a idolatria (pp. 255-267), a virgindade de Maria (pp. 268-278), a divindade de Jesus (pp. 279-293) e a Ssma. Trindade (pp. 294-319). O livro remata com mais meia dúzia de diatribes que receberam o título de "conclusões" (pp. 320-330). Mas o assunto mesmo, a reencarnação e nossa crítica, foge constantemente das mãos do autor. Não se diz se a doutrina foi ou não fielmente exposta por nós, se silenciamos algum argumento importante em favor da filosofia palingenésica, se o método foi correto, etc. Nada de positivo sôbre a crítica de cada argumento em particular. Nem uma palavra sequer sôbre a crítica do argumento especìficamente espírita. Coisas insignificantes sôbre a crítica do argumento histórico, cristão e patrístico. Sôbre a crítica do argumento baseado nos fatos psicológicos temos algumas anota-

ções sumárias no prefácio do Sr. Carlos Imbassahy. E nada sôbre a crítica do argumento filosófico. E é só.

Mas tudo isso é denominado "tréplica" e intitulado "Como os Teólogos Refutam..." e escrito "para restabelecer a verdade". O jornal *Mundo Espírita* de 30-9-1959 apresenta êste livro como coisa "brilhante e irrespondível" e agradece à Divina Providência ter-nos encaminhado uma fôrça positiva "do quilate de Cavalcanti de Mello". E o articulista exclama: "Quem diria que um senhor Mário Cavalcanti de Mello, de modéstia natural e ainda por cima espírita, fôsse conhecer mais a respeito da doutrina das graças e do pecado original; das parábolas e lendas; do diabo e do purgatório, da idolatria e da virgindade de Maria; da divindade de Jesus e da trindade, do que denota entender o próprio Frei Boaventura, arrogante professor de Teologia!!!" — Vejamos, pois, ainda que sumàriamente, o que foi que o Sr. Mário "pesquisou com centenas de olhos".

As descobertas do Sr. Cavalcanti de Mello. — Os leitores que pegaram neste livro para ver algumas considerações sôbre o problema da reencarnação, poderão saltar sem mais êste parágrafo. Pois não é o assunto e sim a tréplica que nos força a tratar ràpidamente destas outras questões à margem da palingenesia.

1) *O Pecado Original.* — O capítulo sôbre o pecado original abre com uma falsa afirmação: "O eminente teólogo que nos combate, com tôdas as armas a seu alcance, procura refutar os argumentos espíritas a respeito da doutrina dos Renascimentos com as doutrinas do pecado original e das graças. E iremos anotar que os seus argumentos não são originais, mas têm graça" (p. 182). A frase valeu pelo trocadilho. O Sr. Mário deve ter adquirido um exemplar interpolado do nosso livro. Pois os que daqui saíram, sob nossa responsabilidade, não insistem nem no pecado original nem na graça. Mas fazemos questão de afirmar que aceitamos consciente e convictamente a doutrina do pecado e da graça assim como é proposta pelo Magistério Eclesiástico, mas não como foi fantasiada pelo reencarnacionista de Niterói. Vejam como êle expõe a doutrina da Igreja:

"Deus cria Adão e Eva e os torna incapazes de resistir à tentação; conseqüentemente, êles são tentados por um ofídio e caem. E nós, que não temos nada com isso, que não contribuímos em nada para

êsse pecado, somos levados no arrastão para um sofrimento terrível na Terra e, conforme uns tantos rituais, para o sofrimento terribilíssimo e eterno no reino de Satã.

E tudo isso, há de se pensar, é feito por um odioso tirano. Pois não é; o autor é o Pai de eterna bondade!

Mas, Frei Boaventura, estamos em pleno século XX, em um século em que tôdas as coisas são pesadas e medidas; o raciocínio humano evolveu consideràvelmente e não admite mais as frivolidades de uma narrativa lendária, mal construída e pèssimamente sustentada" (p. 191-192).

Pois é, Mário, o Sr. tem razão, não há dúvida... E êle continua: "Infelizes criaturas essas a quem deram o nome de Adão e Eva. Estavam condenados ao dilema de pecarem de qualquer maneira. Se não crescessem e se multiplicassem desobedeceriam a Jeová; se, ao contrário, procurassem crescer e multiplicar-se desobedeceriam da mesma maneira". — Sr. Mário! Estamos no século XX! Vivemos num século em que tôdas as coisas são pesadas e medidas! O raciocínio humano evolveu consideràvelmente! Não admitimos mais as frivolidades de uma narrativa lendária! Quem foi que lhe disse que Adão e Eva pecariam se crescessem e se multiplicassem? Vamos, diga! Cite o nome do autor, o título do livro, lugar e data da edição, a página exata. Veja se é autoridade para falar em nome da Igreja para expor fielmente sua doutrina. Estamos no século XX... Já abandonamos os cueiros do século XIX...

O Sr. Mário faz duas suposições:

"Um homem é justo durante tôda a sua vida, sofre resignadamente os maiores padecimentos, sofre fome, sêde, infâmias, vê um a um, seus filhos morrerem à míngua. Êsse homem, porém, não é católico, não crê no batismo, nem em confissão, nem na doutrina das graças. Morre. Pela doutrina da Igreja, êle não é digno dos favores de Deus.

Um outro, assassino, ladrão, perverso durante tôda a existência, favorecido pela saúde e pela fortuna, é batizado, e na hora da morte se confessa. A êsse homem, para evitar o fogo do Inferno, bastará um arrependimento imperfeito ou atrição, isto é, o receio dos castigos da outra vida. E se considerarmos, ainda, que êsse salafrário deixou na Terra uma quantidade de amigos, entre êles pessoas católicas praticantes que se interessam por sua alma, êsse indivíduo ficará livre, em pouco tempo, das chamas do Purgatório, em virtude do número de missas que serão rezadas e pagas em sua intenção (p. 196).

Tranqüilize-se o Sr. Mário. O primeiro homem, nas condições descritas, será digno dos favores de Deus e poderá, sem dúvida, salvar-se. O Papa Pio IX, numa encíclica de 10-8-1863,

ensina expressamente: "Aquêles que, ignorando, invencìvelmente, a nossa santa religião, observam a lei natural e os mandamentos por Deus inscritos no coração de todo o homem, e estão prontos a obedecer a Deus e vivem honestamente, todos êles podem, sob a ação da luz sobrenatural e da graça divina, alcançar a Vida eterna. Porque Deus, que perscruta as almas, e vê claramente e conhece os sentimentos e os pensamentos e as disposições de todos, de modo nenhum consente que, sem falta voluntária, alguém se perca eternamente". — Esta é a doutrina da Igreja acêrca dêste ponto, Sr. Mário; o resto, aquilo o Sr. fantasiou "pela doutrina da Igreja", é conversa.

Quanto ao segundo, o salafrário, êle só se salvará se o arrependimento fôr realmente interno, isto é: se tiver sincera dor da alma, verdadeira detestação dos pecados cometidos, e firme propósito de nunca mais pecar. Sem isso, nem o batismo, nem a confissão, nem o mêdo do inferno, nem os sufrágios dos vivos, nem as missas, "rezadas e pagas", do padre, nem os amigos católicos praticantes o salvarão. Entretanto, a confissão na hora da morte, baseada numa sincera contrição ou atrição pelos pecados, o colocará numa situação bastante parecida com a do "bom ladrão", crucificado ao lado de Cristo no alto do Calvário: poderá, mesmo, salvar-se. Tão grande é a misericórdia de Deus! E tão abundantes os frutos da redenção. Mas o Sr. Cavalcanti de Mello não entende nada disso. Não o leu em Voltaire...

2) *A Doutrina das Graças.* — No seguinte capítulo o Sr. Mário começa assim:

> "Frei Boaventura Kloppenburg, em seu desejo incontido de esmagar a doutrina dos Renascimentos, além do pecado original, apresenta-nos, ainda, a doutrina das graças ou da predestinação. Analisemos esta doutrina compressora e vejamos se ela é compatível com a justiça de Deus. Podemos defini-la do seguinte modo: Decisão soberana pela qual Deus dispôs irrevogàvelmente do destino de tôdas as criaturas, elegendo uns pela graça, pela fé, à salvação e à felicidade eterna, e relegando outros ao pecado e às suas conseqüências fatais; impotência para o verdadeiro bem; rejeição e condenação" (p. 199).

Em 1956, devidamente patrocinado pela Editôra Vozes, de Petrópolis, RJ, colocamos à disposição dos maçons a importância de 50.000 cruzeiros por prova que nos exibissem de um documento devidamente autenticado. Até hoje não vieram os maçons buscar o dinheiro. Nem virão, porque o documento que pedimos é inexistente. Esta mesma quantia, sob o mesmo alto patrocínio,

está agora à disposição do Sr. Mário Cavalcanti de Mello, a partir do momento em que êle nos mostrar a página de um exemplar não interpolado (pois o Sr. Mário é vaqueano em identificar interpolações) do nosso livro ou de qualquer outra publicação nossa que contenha a horrorosa doutrina que nos é atribuída no texto acima transcrito e em outras muitas passagens de sua "brilhante e irrespondível" tréplica. Mais: o mesmo prêmio estará à sua disposição desde o instante em que, perante a Diretoria da Editôra Vozes, apresentar um livro de autor católico, devidamente aprovado ("imprimatur"), dêste século, do século passado ou de qualquer outro dos vinte séculos de Catolicismo e no qual se apresente a doutrina da predestinação ao Inferno como doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana. Vamos, Mário! Coragem! E' tão fácil: suas prateleiras... Se não tiver, talvez na Biblioteca Nacional. Se não encontrar, procure na Biblioteca do Vaticano, ou na biblioteca particular do "Padre" Alta, de Th. Pascal, de Voltaire... Deve haver nalgum lugar. Depois volte, nós lhe pagaremos as despesas da viagem e tudo o mais; e, além disso, os 50.000 cruzeiros...

Na p. 209 o Sr. Mário formula ainda mais claramente sua importante descoberta da verdadeira doutrina da Igreja. Diz que a predestinação se faria "sem nenhuma consideração pelos atos cometidos nesta vida". E então exclama, vitorioso, com três pontos de interrogação: "O que dizer da inconseqüência de uma doutrina que, sem negar a liberdade, e por conseguinte o mérito e o demérito nos atos morais da vida do homem, o predestina arbitràriamente à recompensa ou ao castigo eternos, sem levar em conta suas virtudes ou seus vícios??? Não há maneira de explicar esta singularidade".

Não há mesmo, Sr. Cavalcanti de Mello. E não há jeito também de explicar como é que um homem inteligente pode supor que tôda a multidão de pensadores e teólogos católicos, de tantos séculos, seja tão imbecil e idiota, a ponto de manter uma doutrina evidentemente contraditória, blasfema e anticristã. Tôdas as muitas páginas que o Sr. Mário encheu para refutar esta doutrina estão certas, mas erraram o alvo. Grandes passos fora do caminho. Perdeu o latim (que é bem pouco) e o tempo.

3) *O Inferno.* — Depois de mexer e remexer livros e documentos, naquele seu "dilúvio duplamente bíblico", a fim de deixar definitivamente clara a questão do inferno, o estudioso

Sr. M. Cavalcanti chegou a uma conclusão clara: Mt 5, 22 é um texto "interpolado com muito pouca habilidade" (p. 224). Interpolado, por quê? O Sr. Mário descobriu algum manuscrito dos primeiros séculos sem o texto ou com a interpolação à vista? Nada disso! Interpolado, simplesmente porque o Sr. Mário pensa que é. A razão está na vontade do Sr. Cavalcanti de Mello. Duas páginas adiante fala de modo mais opinativo e escreve: "A nossa opinião, sujeita, naturalmente, a discordâncias, é que os textos que os evangelistas põem na bôca do Mestre, sôbre o Inferno, é, pura e simplesmente, uma interpolação das mais grosseiras" (p. 226). Aliás, o Sr. Mário descobriu muitas outras interpolações. Assim no caso da pergunta dos Apóstolos acêrca do cego de nascença, "a resposta de Jesus é, com tôda a certeza (sic!), uma interpolação" (p. 216). E por quê? Simplesmente porque o nosso reencarnacionista esperava que Jesus fôsse apelar à encarnação anterior do cego de nascença e ficou, assim, decepcionado com a resposta. Daí a "absoluta certeza" da interpolação. Para que buscar manuscritos antigos, dos primeiros séculos, e ver se o texto está? Tempo perdido: a interpolação é certa! O resto é história, é escolástica. Atraso! Estamos no século vinte...

4) *Outras do Sr. Mário.* — Não analisaremos o livro todo. Pois são assuntos inteiramente distanciados da questão em foco (a reencarnação). Daremos apenas mais alguns exemplos:

a) O Sr. Mário leu e releu a Bíblia para ver se topava com a Santíssima Trindade. Nada! "Debalde o temos procurado entre as páginas do Velho e do Novo Testamento e nelas não vemos um só vestígio, por pequeno que seja, dêste mistério incompreensível. Se o Catolicismo Romano se baseia na Bíblia e nos Evangelhos, e nada se encontra nesses livros que nos adiante qualquer coisa de positivo, qualquer indício, por insignificante que seja, da SS. Trindade, é que o Catolicismo está, ao que tudo indica, distanciando-se do Cristianismo primitivo, ou pelo menos, das Escrituras que tem como sagradas" (p. 294). Foi certamente por causa do maravilhoso e fácil sistema das interpolações que o Sr. Mário não descobriu nem vestígio, nem indício do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Também, com êsse método...

b) Aliás, o Sr. Mário descobriu tôda uma nova metodologia. Interessantíssimo, novo e raro é, por exemplo, seu modo de

citar. Tomemos a êsmo algumas amostras. Na p. 187 descobriu que foi Tomás de Aquino quem por primeiro tratou de encontrar o limbo para as crianças não batizadas, e cita o lugar: "V. 5. XXII". Garantimos, pelo único botão de nosso burel, que nem êle, o Sr. Mário, será capaz de identificar o lugar. Aliás, teria êle, alguma vez, ao menos de leve, aberto a Suma Teológica? Mas na p. 196 vai citar mais uma vez o Anjo das Escolas, desta vez assim: "II, ou 254, art. 12". Onde estará isso? Na mesma página zomba do "latim escolástico", mas vê-se forçado a transcrever um texto em latim, pois no vernáculo seria excessivamente pornográfico para seus pudicos leitores; na transcrição do pequeno trecho ocorrem quatro erros de latim. Há outros. "Consumatus est!" exclama êle na p. 315, para fechar um relatório sôbre as brigas entre os teólogos. E uma vez arrisca-se mesmo a citar uma palavra em grego: "Eoniennes" (p. 228)... Originais são também as citações das obras dos Santos Padres. Alguns exemplos: Clemente de Alexandria: "Exhortation au Païens"; S. Ambrósio: "Bien de la Mort"; S. Agostinho: "Confession"; Synésius (sic!): "Traité des Songes"; S. Gregório de Nisse: "Grand Discours Catéchétique" (aliás o "Nisse" é também traduzido por "Nicéia" e assim temos o "S. Gregório de Nicéia", pp. 187 e 230). Na p. 208 Lutero e Calvino pertencem aos reformadores do século VIº...

c) Versadíssimo, sobretudo, na Exegese, cita por exemplo a carta do Apóstolo "Jaques" (pp. 204 e 320). Outras vêzes, quando seria altamente desejável uma citação explícita, nada encontramos. Na p. 254 declara que êles, os espíritas, aceitam o conselho de Paulo: "E não será melhor provar tôdas as coisas e seguirmos o que é bom?" Mas não diz nem poderá revelar onde, em que epístola foi que São Paulo disse isto. Na p. 290 declara que o Espiritismo pensa como Cristo: "Muitos caminhos nos levam à casa do Pai". E nunca citará o capítulo e versículo onde se encontram estas palavras. Há de estar nalguma edição não interpolada. Baseado nesta edição pura e purificada, que êle deve de estar preparando, assevera na p. 290: "Nunca Jesus, segundo a exegese lógica, pronunciou a palavra condenação para os que desconhecessem ou não seguissem as suas idéias". Pois nas nossas edições encontramos muitas passagens nas quais Jesus condena os que não querem crer em suas palavras: Jo 3, 18; Jo 8, 12 ss; Jo 8, 24; Jo 12, 48; Mc 16, 16, etc. E' só ver e ler.

Mas isso não seria "exegese lógica". Lógico mesmo é declarar que tudo aquilo foi interpolado.

d) O Sr. Mário Cavalcanti descobriu também um novo "filósofo", um "genial filósofo". Quando S. Tomás e os Escolásticos em geral citam "o filósofo", já sabemos que é Aristóteles. Também o autor da tréplica fala muitas vêzes do "filósofo", sem lhe dizer o nome. Quereis saber quem é? Voltaire! Êle volta sempre de novo através das páginas dêste livro de quatro centímetros. Para saber o que é a graça, procura Voltaire (p. 205 ss); para orientar-se sôbre o inferno, venha Voltaire (pp. 222, 227); para expor a doutrina católica sôbre o purgatório, Voltaire (pp. 210 s); para conhecer o sentido do culto das imagens: Voltaire (p. 256); a divindade de Cristo: ainda Voltaire; a Santíssima Trindade: sempre Voltaire. "O grande filósofo francês, que tanto auxílio nos vem prestando, diz..." (p. 227). Voltaire e a tal Enciclopédia: eis os principais instrumentos que ajudaram o Sr. Cavalcanti de Mello a fazer tão importantes descobrimentos.

e) Descobertas, sim, porque o Autor é perspicaz. Descobriu "o plágio incontestável da Igreja de Roma das lendas bramânicas" (p. 58); encontrou que Eusébio e Ireneu foram os fundadores do Cristianismo esotérico (p. 105); viu que "os verdadeiros ensinamentos do Cristo foram perdidos com a exterminação dos gnósticos" (p. 105); descortinou que "o Cristianismo é filho direto do Paganismo" (p. 219); avistou que os Evangelhos são livros "adulterados, interpolados, històricamente errados em alguns pontos e cheios de contradições"; verificou que o Ritual Romano é a reprodução do ritual cabalista. E muitas outras coisas. Tantas que resolveu escrever mais um livro. "Já estamos com o livro pronto, em que procuramos estudar os Evangelhos, as suas lendas, os seus erros históricos e as suas contradições, acentuando o que há de verdadeiro no Grande Livro. Iremos, entretanto, apontar com o dedo as interpolações contidas naqueles livros sagrados e, então, Frei Boaventura ficará sabendo a razão de nossa descrença..." (p. 320).

Veremos, então, as novas descobertas do "providencial" Sr. Cavalcanti de Mello. Porque isto, que temos em mão, é triste documento de uma lamentável mentalidade obscurantista e atrasada.

Conclusão

Os princípios, as pressuposições e as conseqüências práticas da doutrina reencarnacionista são, por natureza, tais que modificam radicalmente não apenas todo o nosso modo de ver, de filosofar, de encarar a vida e os acontecimentos, mas devem alterar também, e profundamente, essencialmente, tôdas as nossas atitudes práticas perante os problemas concretos da vida e do modo de viver. A idéia do progresso constante através de sucessivas vidas terrestres, a garantia absoluta de que todos alcançarão a perfeição, a certeza inabalável de que não haverá reprovação definitiva, tudo isso, meditado e aprofundado, não poderá não influir decisivamente na orientação do nosso pensamento e da nossa ação. Nessa perspectiva, a vida que presentemente levamos sôbre a terra, no conjunto total das encarnações pelas quais haveremos de passar inevitàvelmente, se reduz a uma fase insignificante de nossa existência total. Com isso a vida atual deixa de ter aquêle valor culminante, aquela importância fundamental, aquêle momento decisivo que lhe davam os cristãos. Cada encarnação, é verdade, também dentro da filosofia palingenésica, tem seu valor, possui seu significado, reclama seu aproveitamento. Mas não é decisivo, não é irreparável, não exige execução pronta e imediata: pode ser procrastinado, adiado, diferido para outra existência. Tais princípios, todavia, têm repercussões sôbre a lei moral, abalam a rigidez de seus princípios e modificam o modo de sua aplicação.

E', pois, a reencarnação um sistema próprio de filosofia, de vida e de moral. Ela traz inovações radicais. Ela interessa, por isso, diretamente, imediatamente, a todo indivíduo, a cada um de nós em particular.

Ora, um sistema assim, com tão decisivas repercussões filosóficas, vitais e morais, precisa, antes de tudo, de ser fundamentado, provado, demonstrado. E isso com argumentos peremptórios, formais, que não permitam dúvidas sérias nem tergiversações.

Pois bem, não há dúvida, os reencarnacionistas apresentam seus argumentos. Estudamo-los, um a um: o argumento espírita,

o histórico, o cristão, o patrístico, o psicológico e o filosófico. E vimos que não resistem a um minucioso exame crítico. Verificamos que, de fato, a teoria espírita ou teosófica da reencarnação não é postulada pelos raciocínios da filosofia, não é exigida pelos fatos da experiência e ciência, não é ensinada pela tradição dos melhores e mais sábios cristãos de vinte séculos, não é imposta pela convicção unânime dos povos de todos os tempos, não está contida na evangélica mensagem de Nosso Senhor e Deus Jesus Cristo, não nos foi legada pelo cristianismo primitivo e nem mesmo resulta concorde e universal das próprias mensagens espíritas. Vimos até o contrário: as comunicações espíritas neste ponto são consideradas insuficientes pelo próprio senhor Allan Kardec e mesmo diretamente negativas nos centros espíritas anglo-saxões; não só nem todos os povos eram reencarnacionistas, mas a mais antiga literatura mundial, particularmente a egípcia, grega, chinesa e hindu, desconhecem semelhantes fantasias; a doutrina de Cristo apresenta numerosos elementos fundamentais totalmente inconciliáveis com a idéia de reiteradas vidas terrestres e de contínuo progresso espiritual após a morte; a Igreja primitiva, na voz de seus mais destacados representantes, não só não propugna êstes mesmos elementos frontalmente opostos à pluralidade das existências, mas rejeita ainda de modo explícito e expresso a arbitrária ilusão de sempre novas vidas; a universal experiência dos homens normais e sãos ignora de todo em todo qualquer recordação de existências anteriores; os vagos indícios de alguns fatos psicológicos, patológicos ou extraordinários encontram satisfatória explicação na psicologia moderna; e o raciocínio da mente do filósofo não só não postula vidas anteriores para explicar as desigualdades, os sofrimentos e as misérias, mas descobre na solução reencarnacionista contradições, impossibilidades, absurdos, crueldades e injustiças que a tornam inaceitável, irracional e extremamente primitiva.

ÍNDICE

Introdução 5
A palavra Reencarnação 7
O Reencarnacionismo no Brasil 7

I. Exposição da Doutrina da Reencarnação 13
A autoridade e competência doutrinária de Allan Kardec 15
O famoso epitáfio 16
"Vivemo-las em diferentes mundos" 17
"... desde o minério até o homem..." 18
E' o evolucionismo em sua formação mais extrema 19
Reencarnação e metempsicose 21
Impelido pela lei do progresso 22
O inferno não existe 23
A perfeição final 24
Finalidade dos espíritos perfeitos 26
O espírito perfeito não tem corpo 27
O espírito alcança a perfeição por mérito próprio 27
Imediatamente depois da morte 30
As divergências entre os reencarnacionistas 31
Os argumentos em favor da Reencarnação 32

II. O Argumento Especificamente Espírita 35
Em que consiste 37
Princípios para uma sã crítica 38
A falta de unanimidade entre os espíritas 41
O próprio A. Kardec recebeu mensagens contrárias à Reencarnação 45
A. K. julga-se superior aos espíritos 47

III. O Argumento Histórico 51
Exposição do argumento 53
O testemunho dos Vedas 55
O Budismo 56
No Egito 56
Na Grécia 58
Em Roma 59
Na Pérsia 59
Conclusão 59

IV. O Argumento Cristão 63
Em que consiste 65
Conspecto dos pontos essenciais da doutrina reencarnacionista .. 67

Ensinou Cristo a pluralidade das vidas terrestres? 68
Ensinou Jesus a lei do progresos irreprimível e universal para a perfeição? 72
Ensinou Cristo a necessidade de conquistar a perfeição final por esforços e méritos pessoais? 76
Ensinou Jesus uma vida definitivamente independente do corpo? 80
Mas João Batista seria a Reencarnação do profeta Elias! 83
Mas Jesus disse a Nicodemos 85
Conclusão 86

Excursus: O Valor dos Evangelhos 91
1) As dificuldades dos reencarnacionistas 91
2) A integridade dos textos evangélicos 93
3) A autenticidade dos Evangelhos 99
4) A genuinidade dos Evangelhos 102
5) A veracidade dos Evangelhos 104

V. O Argumento Patrístico 107
Exposição do argumento 109
Algumas observações gerais 111
Orígenes 115
Clemente de Alexandria 117
Tertuliano 118
S. Gregório de Nissa 119
S. Jerônimo 119
S. Agostinho 120
S. Hipólito 121
Minucius Félix 121
S. Ireneu 121
S. Justino 122
Conclusão 122

VI. O Argumento dos Fatos Psicológicos 123
Vejamos os fatos 125
1) As "provas experimentais" pelos sonos hipnóticos 128
2) Os gênios 131
3) As crianças-prodígio 123
4) As reminiscências 135
5) As recordações das crianças 136
6) Os iniciados 136
7) As semelhanças 138
8) Os sonhos 139
9) A paramnésia 141
10) As tendências e inclinações 142
11) As simpatias e antipatias 143
12) Os instintos 145
O problema do esquecimento 146
A ineficácia da sanção reencarnacionista 147

VII. A "Reencarnação" de Bridey Murphy 149
As experiências de Bernstein 151
Reação nos Estados Unidos 152
Comprovações na Irlanda? 153
O que pensam os cientistas 156
Solução definitiva do caso 157

VIII. O Argumento Filosófico 159
O problema das desigualdades 161
O preconceito da igualdade inicial 163
O problema do mal 165
Crueldades e injustiças na solução reencarnacionista 166
A origem do mal 168
A terra não é um paraíso! 169
A lei do Karma 171
Crítica da lei do Karma 173
Misericórdia e justiça de Deus 176

IX. O Sentido Cristão do Sofrimento 179
Vivemos num vale de lágrimas" 181
1) A origem do sofrimento 182
2) O sofrimento como castigo do pecado 183
3) O sofrimento como prova da virtude 185
4) O sofrimento como medicina na fraqueza 187
5) O sofrimento como meio de santificação 188
6) O sofrimento como preço de redenção 189
7) O sofrimento como exigência da solidariedade 190
8) O sofrimento como causa de prêmio eterno 190

X. Tetráplica à Tréplica 193
Como é apresentada a tréplica 195
As descobertas do Sr. Cavalcanti de Mello 201

Conclusão 209

57507TD FS
10-14-93 32100
110 LBC

nista são, por sua natureza, tais que modificam radicalmente não apenas nosso modo de ver, de filosofar, de encarar a vida e os acontecimentos, mas devem alterar também, e profundamente, tôdas as nossas atitudes práticas perante os problemas concretos da vida e do modo de viver. A idéia do progresso constante através de sucessivas vidas terrestres, a garantia absoluta de que todos alcançarão a perfeição, a certeza inabalável de que não haverá reprovação definitiva, tudo isso, meditado e aprofundado, não poderá não influir decisivamente na orientação do nosso pensamento e da nossa ação. O problema da reencarnação interessa, por isso, diretamente, a cada um de nós em particular. E não há dúvida, os reencarnacionistas apresentam seus argumentos. Mas serão êles perentórios e probantes? Frei Boaventura os estuda, um a um: o argumento espírita, o histórico, o cristão, o patrístico, o psicológico e o filosófico. E verifica que a teoria da reencarnação não é postulada pelos raciocínios da filosofia, nem é exigida pelos fatos da experiência e da ciência, não é ensinada pela tradição dos melhores e mais sábios cristãos de vinte séculos, não é imposta pela convicção unânime dos povos de todos os tempos, não está contida na evangélica mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, não nos foi legada pelo cristianismo primitivo e nem mesmo resulta concorde e universal das próprias "mensagens" espíritas.

VOZES EM DEFESA DA FÉ

Série II: Cadernos

1. Por que a Igreja condenou o Espiritismo
2. Ou Católico ou Maçon
3. A LBV de Alziro Zarur
4. A Psicografia e Chico Xavier
5. Liberdade de Ensino
6. Livro Negro da Evocação dos Espíritos
7. Galileu Galilei à Luz da História e Astronomia
8. Resposta aos Espíritas
9. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
10. O Rosacrucianismo no Brasil
11. As Sociedades Teosóficas
12. Martinho Lutero
13. A Reforma Luterana
14. Os Presbiterianos
15. Os Congregacionalistas
16. Os episcopalianos
17. Os Batistas
18. Os Metodistas
19. Os Adventistas
20. O Exército da Salvação
21. A Associação Cristã de Moços
22. As Testemunhas de Jeová
23. "Assembléias de Deus" e outras "Igrejas Pentecostais"
24. Os Mormons ou Santos dos últimos Dias
25. A "Ciência Cristã"
26. Os Católicos e o Rearmamento Moral
27. A Teoria de "A Bíblia sòmente"
28. A Teoria da "Justificação pela Fé sòmente"
29. Só os Católicos se salvam?
30. Cristo voltará em breve?
31. A Imortalidade da Alma
32. Cristo é realmente Deus?
33. A Inquisição
34. Nossas Superstições
35. Astrologia, Quiromancia e Quejandos
36. Por que Escolas Católicas?
37. Joana d'Arc, a Donzela de Orléans.
38. Deus existe?

Na mesma coleção seguirão ainda dezenas de outros títulos, já em preparo

---

Palavra telegráfica dêste volume: **CANA** — Broch.

EDITÔRA VOZES LTDA.

PETRÓPOLIS *R.J.*

INFORMATION
ICI
3
CONSERVATION, INC.